

A romantic silhouette of a man and a woman embracing and about to kiss. They are positioned in the foreground, with the man on the left and the woman on the right. The background features a sunset or sunrise over a body of water, with a sky filled with soft, wispy clouds. The overall mood is intimate and tender.

A.G. CLARK

*Amor sem
fronteiras*
Volume I

Pode o amor vencer as barreiras do
preconceito e da distância?



Contents

[Title Page](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Capítulo XXV](#)

[Capítulo XXVI](#)

[Capítulo XXVII](#)

[Capítulo XXVIII](#)

[Capítulo XXIX](#)

[Capítulo XXX](#)

[Capítulo XXXI](#)

[Capítulo XXXII](#)
[Capítulo XXXIII](#)
[EPÍLOGO](#)
[Title Page](#)
[CAPÍTULO I](#)
[CAPÍTULO II](#)

AMOR SEM FRONTEIRAS

VOLUME I

A.G.CLARK
2019

PUBLICAÇÃO INDEPENDENTE PELA AMAZON

Esta é uma obra de ficção, alguns lugares citados existem na realidade, mas os personagens e situações descritas são frutos da imaginação deste autor, qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, total ou em partes, através de quaisquer meios. Os direitos autorais e morais do autor são protegidos por lei e foram contemplados.

Prólogo

O estrondo de uma explosão abalou o prédio fazendo com que as luzes que iluminavam o local piscassem como vaga-lumes em uma noite de verão. Na sala de cirurgia o traumatologista conhecido como Mack olhou para o teto preocupado enquanto farelos de reboco caíam em cima da mesa cirúrgica, nela, um homem estava com o tórax aberto para a retirada de vários estilhaços de metal, produzidos pela deflagração de uma granada de artilharia de 155mm durante um bombardeio.

Mack aguardou a luz se estabilizar enquanto mantinha a pinça que prendia uma agulha com fio cirúrgico suspensa em sua mão direita, sua mão esquerda encontrava-se no interior do paciente. Sua colega Elizabeth, uma cirurgiã cardíaca, o encarou com olhar preocupado por detrás dos óculos de proteção.

Junto à mesa, uma enfermeira utilizando um reanimador pulmonar manual, preso ao rosto do paciente, apertava-o ritmicamente, fazendo com que oxigênio chegasse à vítima.

Outros três enfermeiros estavam ao lado da mesa, um passando os instrumentos, outro cuidando do velho monitor cardíaco onde se observava os batimentos fracos e irregulares do paciente, enquanto o terceiro manuseava o equipamento de sucção.

A sala era precária, com paredes pintadas de branco que descascavam em vários lugares, os equipamentos eram velhos e improvisados, mas nada disso importava no momento, a não ser os vários estilhaços de metal espalhados no interior do corpo do jovem que não deveria ter completado dezoito anos ainda.

- "Mas"^[1] - ordenou Mack com um forte sotaque.

A comunicação no hospital era algo complexo, os voluntários estrangeiros conversavam entre si em inglês ou francês, mas com os sírios

utilizavam uma mistura de inglês recheado com frases em árabe, ou em último caso apelavam para os sírios que sabiam inglês utilizando-os como intérpretes.

O enfermeiro passou a cânula no tórax aberto sugando o excesso de sangue que se esparramava pelos órgãos internos.

- Mack, preciso retirar o estilhaço que está próximo do coração - disse suavemente Elizabeth.

- Preciso estancar o sangramento da aorta abdominal ou ele vai morrer de hemorragia - respondeu voltando sua atenção ao corpo aberto.

Com movimentos rápidos e precisos passou a fina agulha pela aorta que estava aberta costurando-a, satisfeito percebeu que o sangramento cessara.

- Precisamos de mais sangue - disse Elizabeth observando que o saco de plasma sanguíneo que alimentava o paciente através da artéria do braço direito estava quase no fim.

- Não temos mais - disse o enfermeiro encarregado da monitoração cardíaca.

- Deus! Mande um dos companheiros dele entrar, ele é receptor universal - ordenou Mack, referindo-se ao tipo de sangue AB+ do paciente.

O enfermeiro saiu no mesmo instante que outra explosão foi ouvida fazendo as luzes piscarem com mais força.

- Está cada vez mais perto - murmurou Elizabeth aproximando lentamente sua mão direita que segurava uma pinça do corpo aberto na mesa.

O enfermeiro retornou com um soldado vestindo um uniforme de camuflagem verde, mas que estava quase cinza de poeira. O rosto do jovem era barbado e estava com pesadas olheiras em volta dos olhos negros carregados de medo e preocupação.

Com movimentos rápidos Mack ergueu a manga do blusão do jovem

e com agilidade introduziu uma agulha em sua artéria colocando a outra ponta no saco plástico de plasma quase vazio.

- "Musafaha"^[2] - orientou mostrando o movimento.

Mack voltou sua atenção para o paciente, Elizabeth calmamente retirava o pedaço de metal que por nano milímetros não atingira o coração. O cirurgião observou a médica de vinte e seis anos com admiração, ela era inglesa, criada em Londres. Possuía olhos negros expressivos, da mesma cor de seus cabelos lisos cortados na altura dos ombros, mas que agora estavam presos em um coque apertado embaixo da bandana verde que cobria sua cabeça. Ela era alta, com cerca de um metro e setenta e oito, tinha um corpo esbelto e curvilíneo que mantinha em forma graças à corrida matinal de quinze quilômetros que fazia em uma esteira em seu pequeno quarto.

Elizabeth era filha adotiva de Catherine e Brian, um casal de cirurgiões. Ela fora encontrada por eles em um abrigo para refugiados da guerra civil da Iugoslávia, na cidade de Jenesice, perto da fronteira de Áustria, quando serviram como voluntários no local com os Médicos Sem Fronteiras. Sua mãe biológica falecera e ela não tinha mais nenhum parente vivo, assim, o casal de médicos resolvera adotá-la, uma vez que Catherine era infértil.

Fora o casal que incutira nela o amor pela medicina e a paixão de ser voluntária. Quando ela se formara em medicina, com especialização em cirurgia cardíaca, resolvera atuar como voluntária na mesma organização que seus pais trabalharam.

- Consegui - disse Elizabeth, tirando-o de seus devaneios.

- Vamos fechar rapidamente - afirmou o médico preparando-se para suturar o tórax aberto.

Outra explosão, dessa vez mais violenta fez as luzes se apagarem definitivamente, sinal que o gerador movido à diesel parara de vez.

- "Misbah ydwy"^[3]! - ordenou Mack. Imediatamente o enfermeiro que cuidava do monitor, agora inútil, acendeu uma pequena lanterna iluminando o tórax do paciente.

Rapidamente Mack suturou o tórax aberto.

- Levem para a recuperação - ordenou ao se dar por satisfeito com os pontos.

Os enfermeiros se retiraram da sala de cirurgia, empurrando a maca, seguindo a fraca iluminação produzida pela lanterna de um deles. Mack e Elizabeth ficaram sozinhos na escuridão.

- Temos que ir embora, o comboio de evacuação vai partir em uma hora - murmurou Elisabeth.

Mack se aproximou da voz até que sentiu a médica à sua frente, enlaçou-a pela cintura puxando-a de encontro a seu corpo. Elizabeth passou seus braços em volta do pescoço do médico puxando seu rosto em direção ao dela.

Seus lábios se encontraram em um demorado beijo, até que Elizabeth se afastou colocando as mãos no peito de Mack.

- Você vai mesmo viajar para o Brasil? – perguntou acariciando em seguida o rosto do médico.

- Tenho que voltar, minha mãe está muito doente – respondeu lembrando-se de sua idosa mãe.

Recebera um telefonema via satélite informando que sua mãe sofrera um acidente vascular cerebral. Após diversas ligações conseguira marcar sua partida. Em dois dias ele partiria de Alepo, com passaporte da Cruz Vermelha, até Damasco, de lá voaria para a França onde embarcaria em outro avião com destino a São Paulo.

Voltar, nunca imaginei que retornaria tão cedo para minha cidade natal, pensou com amargura.

- Temos que ir - murmurou Elizabeth sentindo a tensão no médico.

- Sim vamos - respondeu puxando-a pela mão em direção à saída.

Ao saírem da sala de cirurgia perceberam o caos no qual o hospital estava mergulhado. Os corredores, iluminados por lampiões, estavam lotados de feridos, muitos estendidos no chão já que não existia macas suficientes para todos.

Homens, mulheres e crianças olhavam-nos com olhos apáticos de medo e resignação. Enfermeiros e enfermeiras, todos voluntários, tentavam confortar os pacientes, e quando cruzavam com os médicos sorriam em agradecimento.

Elisabeth fez menção de parar para conversar com os pacientes e enfermeiros, sentia-se culpada por abandoná-los, mas Mack a puxou pela mão com firmeza.

Enquanto andavam rapidamente pelos corredores escuros, Elisabeth observou as costas do médico que abria passagem. Ele retirara a bandana deixando seus cabelos pretos e cortados rentes no estilo militar livres. Seus olhos eram castanhos escuros, seu nariz era ligeiramente arrebitado, lábios não muito carnudos e um queixo forte. Ele tinha vinte e sete anos, um metro e oitenta e um, corpo musculoso, mas sem excesso, mantido em forma com exercícios físicos matinais praticados com os soldados que protegiam o hospital.

Há cerca de um ano e meio ele se juntara aos Médicos Sem Fronteiras^[4], vindo do Brasil. Fora isso nunca contara muito de sua vida em seu país natal, a não ser que tinha uma mãe que residia em uma casa de repouso em uma cidade do interior. Às vezes ele tinha sonhos agitados, e ao menos uma vez ela ouvira um nome de mulher sendo murmurado, mas não entendera e não ousara perguntar.

Fazia seis meses que eram amantes. Naquela manhã foram avisados que todos os voluntários seriam evacuados do hospital da cidade de Aleppo, o motivo eram os violentos ataques do exército Sírio que, aparentemente, estavam lançando uma ofensiva.

Ao saírem do hospital Al Quds se depararam com o caos em volta dele, centenas de pessoas estavam esparramadas em volta das calçadas e ruas, agora destruídas pelos bombardeios ininterruptos, algumas fogueiras ardiam iluminando precariamente o entorno do local. Há muito tempo não

existia mais iluminação pública.

A noite estava quente e abafada, os odores desagradáveis de pólvora e sangue, misturados com a poeira dos prédios atingidos permeava todo o entorno. A cidade era bombardeada há anos, mas naquela noite, os ataques estavam mais intensos, disparos de artilharia e bombardeios da aviação síria e russa ocorriam desde as primeiras horas da manhã.

No momento em que ganharam as ruas em direção ao conjunto de residências onde o pessoal do MSF se hospedava, Mack ouviu o som de aviões à jato se aproximando com um estrondo, em seguida ouviu um zumbido agudo, sua reação instintiva foi empurrar Elizabeth para frente e se jogar por cima de seu corpo.

O deslocamento de ar produzido pela violenta explosão tirou o ar dos pulmões de ambos atordoando-os.

Mack auxiliou Elisabeth a se levantar e verificou rapidamente se ela estava bem, um zumbido agudo dificultava sua audição, mas pode perceber que ela dizia que estava sem ferimentos. Ao olharem para trás ficaram em choque, o hospital ardia em chamas.

Gritos de feridos se elevavam ao ar misturando-se com o estrondo de bombas e o rugido de aviões que sobrevoavam a cidade. Alguns pacientes corriam de dentro do hospital com os corpos em chamas, idosos, mulheres e crianças choravam caídas no chão, permeado de crateras, do que fora a calçada e a rua, enquanto outras corriam sem rumo aparente, gritando e levando as mãos à cabeça, claramente em estado de choque.

Algumas pessoas com sangue frio o suficiente passaram a socorrer as vítimas com a ajuda do casal de médicos. Enquanto ajudava a socorrer uma menina com queimaduras de terceiro grau, a cena final do filme *Apocalypse Now*^[5], de Francis Ford Coppola, cruzou sua mente, nela o major Kurtz exclama: "O horror, o horror!" em seu último suspiro.

Era o que Mack sentia no momento: "horror".

Dois dias depois os dirigentes do MSF lançaram uma nota à imprensa.

"É com profunda tristeza que a organização humanitária internacional Médicos Sem Fronteiras (MSF) confirma, até o momento, a morte de mais de 50 pessoas – incluindo pacientes e ao menos seis profissionais médicos – após os ataques aéreos contra o hospital Al Quds apoiado por MSF em Aleppo, na Síria. A instalação e áreas ao seu redor foram atingidas na noite do dia 27 de abril por bombardeios que não poupavam nenhuma parte da cidade."

"O céu está caindo em Aleppo. A cidade, onde têm se instalado consistentemente as frentes de batalha desse conflito brutal, agora está sob o risco de sofrer uma ofensiva completa, sem que lugar algum seja poupado."

"Ataques contra hospitais e profissionais médicos são um indicador devastador de como a guerra na Síria está sendo travada, uma das inúmeras maneiras brutais por meio das quais os civis estão sendo alvejados."

Nesse mesmo dia Mack embarcou para Paris e de lá para São Paulo.

Capítulo I

Nos anos noventa a comunidade de Paraisópolis na zona sul de São Paulo era considerada uma ilha de miséria cercada de luxo.

Localizada em uma das regiões mais ricas da cidade paulistana, a comunidade era limitada por luxuosos condomínios, sua população era mais de trinta mil pessoas, e apenas vinte e cinco por cento moravam em residências abastecidas pela rede de esgoto, metade das ruas não eram asfaltadas e sessenta por cento moradores utilizava meios irregulares para obtenção de energia elétrica.

As piores escolas da cidade situavam-se no bairro. Essa realidade contrasta com os colégios particulares presentes ao redor do bairro, como a Graded School, escola estadunidense e o Colégio Visconde de Porto Seguro, onde os filhos da elite da zona sul estudavam.

O jovem Marcos poderia se considerar um afortunado, como dizia sua mãe, Dona Mirtes. Moravam em um pequeno apartamento no andar superior de um bar, onde havia energia elétrica e água encanada.

Marcos era caçula, possuía um irmão, dois anos mais velho, de nome Rafael, batizado, segundo sua mãe em homenagem ao anjo com o mesmo nome. Quanto ao pai, ele não conhecia, possuía algumas vagas lembranças de um homem alegre que sorria para ele, e quando teve idade suficiente perguntou para sua mãe sobre ele, mas de forma seca ela respondera que ele os abandonara quando Marcos tinha cerca de cinco anos.

A infância dele não fora fácil, sua mãe sempre exigira que os filhos estudassem, e o jovem sempre se dedicara aos estudos, ao contrário de seu irmão. Rafael sempre fora rebelde se envolvendo em confusões e pequenos furtos desde os oito anos, recusando-se a frequentar a escola, até que a abandonou na oitava série, para desgosto de dona Mirtes.

Marcos, entretanto, era diferente, tímido, quieto e introspectivo, não

ousava seguir o irmão mais velho, no que ele chamava de "aventuras", mas apesar disso o jovem o idolatrava. Rafael era extrovertido e alegre, conhecia os becos e ruelas da comunidade como ninguém.

Em razão de seu temperamento calmo, Dona Mirtes costumava levá-lo para o trabalho, quando ele não tinha aula, e na parte da tarde e aos sábados.

Sua mãe trabalhava na mansão do Doutor Junqueira, no bairro do Morumbi, não muito distante da comunidade onde moravam. Sócrates Junqueira era um renomado cirurgião plástico que morava sozinho.

O jovem gostava de acompanhar sua mãe ao trabalho. Ele ficava sentado em um canto da cozinha tentando passar despercebido, mergulhado em seus livros de escola, enquanto sua mãe, cuidava da casa de seu patrão.

Com cinquenta anos, o Doutor Junqueira era divorciado e tinha dois filhos já adultos, que estudavam e moravam na Inglaterra com a mãe deles. Dona Mirtes trabalhava para ele como cozinheira e governanta informal, já que era ela que orientava a faxineira e o jardineiro.

Às vezes o Doutor Junqueira encontrava-o e conversava com a criança tímida que vivia escondida dentro da cozinha, embora ele já houvesse autorizado que o jovem utilizasse a piscina ou brincasse no gramado do jardim, ele teimava em ficar no seu cantinho.

Marcos preferia ficar na cozinha, pois sabia que sua mãe não gostava que ele abusasse da bondade de seu patrão. A única concessão que fizera, fora permitir que ele ficasse na biblioteca da mansão, após insistência do médico.

E assim, a infância dele foi passada mergulhada em livros da extensa biblioteca, onde passava horas entretido em leituras, o que compensava o fraco ensino a que era submetido na escola da comunidade.

Fora lá que ele lera pela primeira vez livros de medicina e, embora não entendesse a maior parte do que lia, ficara fascinado, principalmente pelas figuras dos livros de anatomia e cirurgia.

O Doutor Junqueira percebera o interesse do jovem pelo assunto e, talvez decepcionado pelos dois filhos que não quiseram cursar medicina e gastavam o dinheiro que ele enviava em festas na noite londrina, incentivava o jovem,

permitindo que ele levasse o livro que quisesse para casa.

Isso causara um sério problema para o jovem quando ele tinha doze anos. Ele levava um volumoso livro de cirurgia em inglês e, embora não soubesse a língua, com a ajuda de um dicionário tentava ao menos entender o que as figuras mostravam.

O livro era ricamente ilustrado e sem sua mãe perceber o levava para a escola onde estudava, pois sabia que geralmente faltava professor e, ao invés de se juntar as outras crianças no pátio, preferia ficar na sala de aula, pois não tinha nenhum amigo, em razão de sua fama de "cdf"^[6].

Ao sair da escola, enquanto caminhava para casa com o livro debaixo do braço, sentiu uma pancada no ombro que o fez deixar cair o volume no chão sujo da viela. Ao se virar percebeu que quatro colegas de classe o cercavam.

- E aí cu de ferro - disse um menino ruivo, com o rosto cheio de sardas, que se chamava Alexandre e era o líder da turma.

- Tem dinheiro aí? - perguntou outro, um menino moreno franzino.

Marcos movimentou a cabeça negativamente, sabia que o melhor que fazia era não revidar. Não que ele fosse covarde, mas sua mãe não gostava que seus filhos brigassem e, ao contrário de seu irmão mais velho, ele sempre evitava magoá-la.

- Puxa saco de professor - disse Alexandre o empurrando com força no peito.

- Bundão - ganiu outro menino magricela.

Os moleques continuaram as ofensas empurrando-o de um lado para o outro, enquanto ele apenas abaixava a cabeça resignado, esperando que a turma se cansasse.

- Vamos na "biqueira" ver se eles tem algum serviço pra gente - disse Alexandre cansando-se da brincadeira.

Os jovens começaram a se afastar, mas o menino moreno percebeu o volumoso livro no chão e o pegou, para desespero de Marcos.

- É meu! - afirmou indignado fazendo menção de tomar o livro.

- Perdeu pivete - disse Alexandre pegando o livro e folheando.

Agora os três moleques cercavam-no após perceber seu interesse no livro.

- Se eu fizer isso, o que você vai fazer? - perguntou Alexandre com um sorriso malicioso enquanto rasgava uma folha do livro lentamente.

Com um grito de raiva que surpreendeu os meninos, Marcos avançou contra Alexandre acertando um soco em seu nariz, fazendo-o sangrar.

Os outros meninos avançaram e logo os quatro estavam engalfinhados lutando. Marcos lutava com a força do ódio e da indignação. Aquele livro não era dele, havia sido autorizado a trazê-lo para casa e agora temia devolvê-lo destruído.

A luta durou alguns minutos, até que um homem que morava em frente ao local, ao ouvir a gritaria saiu na porta para ver o que estava acontecendo.

- Seus moleques, vão fazer bagunça em outro lugar! - gritou enquanto jogava um balde de água neles, fazendo-os se disperçarem.

Marcos aproveitou a chance e pegou o livro e seus cadernos de escola e saiu correndo. Ao chegar em casa esperou até às quatorze horas, que era o horário que sua mãe chegava para almoçar e depois levá-lo com ela para o serviço.

- Mãe! Três moleques tentaram rasgar o livro do Doutor Junqueira e eu briguei com eles! Acredita que soquei todos eles? - disse orgulhoso de seu feito, correndo até ela.

- Você brigou na rua? - disse sua mãe indignada dando um tapa em seu rosto. - Já não basta seu irmão? É para isso que me mato de trabalhar?

Marcos sentiu a face arder, mais de vergonha do que de dor, era a primeira vez que sua mãe lhe batia. Não chegara a conhecer o pai, sua mãe fizera o papel dele, sempre fora firme, mas nunca chegara a castigá-lo fisicamente, aquele tapa doera fundo em sua alma.

Correndo ele saiu de casa enquanto ouvia sua mãe chamando-o.

O jovem vagou pelas ruas a tarde inteira sem ter onde ir, imaginava que sua mãe houvesse retornado ao trabalho, mas não queria voltar para casa. Caminhando lentamente, enquanto chutava pedrinhas que achava pelo chão, chegou até o topo de uma ladeira, onde existia uma torre de energia, rapidamente escalou-a alguns metros. Pendurando-se em uma trave observou a comunidade por um longo tempo, perdido em seus pensamentos.

Ele lutara e sentira orgulho do que fizera, fora a primeira vez que entrara em uma luta corporal. Conhecera um novo lado de sua personalidade, ele não era apenas o menino comportado e estudioso, dentro dele existia alguém que gostava de lutar e se revoltava com tudo o que via, ele vivia entre os dois mundos: o dos que tinham tudo e o dos que nada tinham.

Quando começou a escurecer ele desceu da torre, tomara uma decisão: seria um médico.



Rafael estava observando o irmão há algum tempo, não queria incomodá-lo, finalmente ele começou a descer e quando alcançou o solo ficou surpreso ao encontrá-lo esperando-o.

Rafael era corpulento para a idade, mantinha os cabelos negros compridos e revoltos. Usava uma bermuda e uma camisa aberta, na cintura uma pistola, ele percebeu o olhar de seu irmão para a coronha da arma que estava visível.

- Você só sabe aprontar moleque! - exclamou Rafael dando-lhe um cascudo - O patrão mandou eu te levar para trocar uma ideia.

Rafael fora chamado pelo chefe do tráfico da comunidade, ele afirmara que seu irmão agredira outro moleque, o problema era que o menino era filho de um bandido.

Sem esperar pela pergunta, Marcos contou o que ocorrera enquanto caminhavam, subindo outra ladeira da comunidade.

- Que mancada “parça”, mamãe deve tá magoada, Porra você é cabeça,

tem inteligência, você tem que estudar e não entrar em paradas erradas com eu - disse Rafael encarando o irmão enquanto caminhavam.

- Eu sei, mas eles que começaram, eu tinha que fazer o que? Baixar a cabeça? - resmungou.

- Não, você agiu certo, só não tinha que contar pra velha, já basta eu de ovelha negra - respondeu desalinhando o cabelo do irmão com as mãos.

Enquanto caminhavam em silêncio Rafael observou o irmão mais novo, ele era inteligente e tinha futuro, ao contrário dele, que abandonara a escola e se envolvera com o tráfico de drogas.

No começo atuara como olheiro na entrada da comunidade, pronto para avisar a chegada da polícia. Depois virara aviãozinho, vendendo drogas para os playboys na avenida que passava em frente à favela.

Apesar de não frequentar a escola Rafael era inteligente e sabia fazer contas. Agora, com quatorze anos, era dono de uma "biqueira", como era conhecido o local onde vendiam e distribuíam drogas para os aviãozinhos.

Agora tinha que levar seu irmão para o "patrão", como era conhecido o chefe do tráfico na comunidade, que agia como um poder paralelo em razão da ausência do Estado.

O pai de um dos moleque com quem seu irmão brigara reclamara que o filho chegara em casa com o nariz quebrado, como o homem era "157", uma referência ao artigo do Código Penal que tratava do crime de roubo, o patrão mandou levar todos para conversarem. Mas Rafael decidira que não permitiria que seu irmão mais novo fosse injustiçado.

Ao chegarem ao topo de uma ladeira entraram em um sobrado de alvenaria com três andares. O local era vigiado por jovens armados de fuzis e pistolas.

- E aí mané - disse um deles.

- Fala parça - respondeu Rafael cumprimentando os jovens - O patrão tá me esperando pra desembolar uma fita.

- Vai na fé - disse o jovem permitindo a entrada na casa.

Dirigiram-se até a laje do sobrado, de onde se descortinava a vista da cidade. Ao lado da comunidade viam-se os prédios de luxo do bairro nobre do Morumbi.

Além do pai do menino que reclamara, estavam no local também alguns jovens entre quinze e vinte anos, todos em pé, com exceção de um homem, sentado em uma cadeira de praia debaixo de um guarda sol verde aberto, apesar de já ser noite. Era o patrão da comunidade que chamava a si mesmo de Fininho. Era um homem de cerca de trinta anos, alto e magro com cabelo raspado. Usava bermuda sem camiseta e na cintura uma pistola. Ao lado dele dois jovens estavam com pistolas nas mãos.

- Rafa meu chegado, esse que é seu irmão? - perguntou Fininho observando Marcos com olhar penetrante.

- É meu mano mais novo - respondeu desalinhando os cabelos dele, que observava tudo atentamente.

- O moleque tamo aqui pra ver qual foi teu proceder, parece que você quebrou o nariz do filho de um chegado meu - disse Fininho para Marcus que sustentou o olhar do homem.

- Aí patrão meu mano só reagiu, ele não é do crime é estudante e tem cabeça - interveio Rafael.

- Então moleque conta aí como foi a treta - ordenou Fininho ignorando Rafael.

Marcos tomando coragem contou o que acontecera, narrou que o livro era emprestado e de que queria ser médico no futuro.

O pai do menino deu um tapa na cabeça de seu filho.

- É verdade? Porra você e mais três não deram conta do moleque e ainda me faz passar vergonha? Porra isso não é proceder de homem - rosnou o homem, irritado.

- Porra, pivete, que mancada - disse Fininho para o menino, depois se

voltou para Marcos - Então qualé, o moleque pisou na bola, se quiser pode descer a porrada nele.

- Não quero nada não, só voltar pra casa - respondeu o jovem olhando de soslaio para Alexandre.

- Vai na fé irmãozinho, ninguém mais vai implicar com você não - ordenou Fininho.

Rafael e Marcos desceram da laje, ao chegarem à rua o irmão mais velho se despediu.

- Vai lá mano, a velha deve tá preocupada - afirmou Rafael.

- E você? Não vem pra casa? - perguntou o irmão, mesmo sabendo a resposta.

- Não, tenho umas paradas aí pra resolver - respondeu deixando o irmão sozinho.

Rafael observou o irmão caminhando pela rua, o moleque tinha cabeça, pensou consigo mesmo, e se Deus permitisse um dia ele seria médico e sairia da comunidade.



Marcos ao chegar em casa encontrou sua mãe preocupada, ao ver o filho ela o abraçou e beijou arrependida.

No dia seguinte o jovem se dedicou com mais afinco aos estudos.

Capítulo II

Sthefany Xavier Avelar estava acostumada a ser o centro de atenção desde a infância. Filha de Jefferson Avelar Xavier, um rico magnata da indústria farmacêutica e proprietário do hospital mais prestigiado da América Latina, o qual era sua maior paixão.

A jovem nascera em berço de ouro, mas não escapara da tragédia.

Sua mãe, Domênica Xavier, fora assassinada em uma tentativa de roubo quando a jovem tinha cinco anos. Por ser filha única, fora mimada por seu pai que atendia a todos seus caprichos e vontades.

Como forma de protegê-la providenciou para que sua infância e adolescência fosse passada nos melhores internatos da Suíça, ele a visitava semanalmente e, nas férias escolares, viajavam conhecendo várias partes do mundo.

Desde cedo, a jovem percebera que tudo girava em torno do dinheiro e poder, seu pai fazia todas suas vontades, talvez como forma de compensar a morte da mãe e sua ausência constante. Além de rica e bela a jovem era inteligente, se sobressaindo nos estudos sem esforço aparente.

Os mimos de seu pai a transformaram em uma adolescente voluntariosa e segura de si. Aos quinze anos resolvera perder a virgindade, mas não era algo fácil em um internato no qual havia separação de sexos. E, mesmo na folga dominical, seus horários eram controlados.

Era fora matriculada no Instituto Le Rosey, o maior e mais antigo colégio interno da Suíça., perto do lago Léman, era conhecida como a "escola dos Reis", pois era comum príncipes e princesas de várias monarquias mundiais estudarem naquele local. Durante o inverno a escola se mudava para um resort nos Alpes Suíços, para escapar da névoa do inverno que cobria constantemente a região em volta do lago.

As meninas viviam em prédios separados e somente se encontravam com os meninos nos ofícios religiosos aos domingos de manhã, quando então podiam passear até às dezoito horas.

Mas a pequena cidade não era o melhor lugar para jovens cheio de hormônios. Existia pouquíssimos lugares para um encontro amoroso e, geralmente, os jovens utilizavam as dependências do internato esgueirando-se furtivamente para encontros apressados na lavanderia ou depósito.

A melhor amiga da jovem, era uma americana desbocada de nome Candy, uma ruiva com corpo curvilíneo e seios fartos, filha de um magnata da indústria de cigarros, a qual achava que tinha que apoiar seu pai fumando cigarros escondidos.

A americana arrumara um namorado belga, que encontrava escondido quase toda noite. Sthefany ouvia extasiada as aventuras sexuais da amiga o que provocava um calor que subia por entre suas coxas.

A noite, em seu leito, ela se tocava, experimentando sensações inebriantes, ou então, durante o banho, no banheiro do quarto que dividia com Candy, quando então deslizava a esponja macia por todo seu corpo, imaginando ser as mãos ou boca de um amante imaginário.

Em uma noite de temporal, quando raios cruzavam o céu e trovões faziam as paredes reverberarem, Candy pulou para sua cama totalmente nua.

- Tenho medo de tempestade - disse a americana com um sorriso maroto.

Sthefany, com o coração disparado, abriu um espaço para a amiga. que se enfiou debaixo das cobertas.

A jovem sabia que muitas garotas mantinham relacionamentos mais fortes do que simples amizade. Era algo até natural, em um ambiente em que, adolescentes com hormônios à flor da pele, se viam separadas dos rapazes.

Candy se ajeitou junto ao corpo de Sthefany colocando com displicência sua mão direita em cima da coxa da amiga que não esboçou reação.

Sthefany prendeu a respiração quando a mão da amiga deslizou por sua coxa. Ela usava apenas uma camiseta larga por cima do corpo e mordeu os

lábios, abafando um gemido, quando os dedos da americana roçaram suavemente seus pelos pubianos.

Candy a encarou sorrindo, seus olhos verdes brilhando na penumbra, enquanto sua mão subia lentamente pelo abdômen de Sthefany detendo-se em seu seio direito onde, com a ponta dos dedos, passou a massagear o mamilo, repetindo a carícia no outro.

Sthefany fechou os olhos, com o coração disparado ela segurou a mão da americana e a guiou novamente por seu abdômen, descendo até que a deteve entre suas penas. Os dedos de sua amiga começaram a acariciar seus pelos pubianos até que tocaram sua vagina, brincando com os grandes lábios.

Quando Candy tocou suavemente seu clitóris ela arqueou o corpo com um gemido alto. A americana experiente introduziu um dedo no interior molhado da vulva movimentando-o lentamente, enquanto Sthefany se contorcia.

A jovem abriu os olhos, quando sentiu que Candy colava seu belo corpo em cima do dela, em seguida permitiu que a americana a beijasse longa e demoradamente. A boca dela desceu lentamente, acariciando o corpo da brasileira com os lábios carnudos e a ponta da língua, concentrando-se então nos seios, alternando-se entre eles, sugando e mordiscando, às vezes delicadamente, às vezes com força.

Os lábios da americana desceram ainda mais, alcançando a vagina de Sthefany, que soltou um longo gemido quando sentiu a língua quente sugando e brincando com seu clitóris, ao mesmo tempo em que o dedo da americana continuava movimentando-se em seu interior encharcado, aumentando o ritmo conforme os gemidos da brasileira se tornavam mais altos.

Uma sensação como o de um formigamento começou a se espalhar e Sthefany apertou a cabeça da americana contra sua vagina, de repente, ela mordeu os lábios para impedir um grito de prazer ao sentir o gozo profundo que fez estremecer seus músculos, enquanto ondas e mais ondas de prazer percorriam seu belo corpo.

Candy ergueu-se encarando Sthefany com um sorriso largo nos lábios.

- Gostou? - perguntou a americana.

Sthefany respondeu com um sorriso, colocando-se por cima da americana. Em seguida beijou-a e repetiu os movimentos ensinados, concentrando-se nos seios da americana por um longo tempo, sentindo o gosto, a textura e a maciez deles.

Roçando os lábios desceu pelo ventre até alcançar a vagina, onde ficou por um instante apreciando-a, em seguida abocanhou-a e passou a acariciar com força o clitóris e os grandes lábios, sua língua movia-se em todas as direções, quando a introduziu no interior da americana esta soltou um pequeno grito.

Sthefany continuou sugando e lambendo o clitóris de Candy enquanto introduzia dois dedos, passando a acariciar seu interior molhado, tateando as pequenas rugas internas.

A americana contorcia-se de prazer, e passou a murmurar palavras desconexas em inglês, quando Sthefany, utilizando a outra mão que estivera acariciando o seio de Candy introduziu um dedo em seu ânus sincronizando os movimentos de ambas as mãos.

- Oh my God...delicious....you're a bitch...eat my pussy!^[7]

Sthefany continuou até que sentiu os músculos internos da americana se contraírem, ao mesmo tempo em que ela apertava a cabeça da brasileira contra sua vagina.

- Ahhhh my God! I'm coming...^[8]

Minutos depois as duas estavam deitadas na cama tentando acalmar seus batimentos cardíacos.

- Tem certeza que você é virgem? - perguntou Candy com um sorriso maroto.

- Sou - respondeu sorrindo de volta.

Ao menos na prática, já que na teoria ela era bem experiente, pois gostava de ler literatura proibida no internato.

Enquanto Sthefany observava Candy risonhar suavemente ao seu lado, analisou seus sentimentos, não havia dúvida que fora imensamente prazeroso,

muito melhor do que os momentos solitários debaixo dos lençóis em sua cama, ou no chuveiro. Mas ela não se imaginava mantendo um relacionamento duradouro com uma mulher.

Desejava perder a virgindade sim, mas com um homem. E com a ajuda de Candy em breve ela conseguiria.

Uma semana depois, Candy avisou que combinara com seu namorado um encontro no qual ele traria um amigo. No domingo à noite as jovens se esgueiraram até a lavanderia onde poderiam desfrutar de privacidade por uma hora. Existia um complexo sistema de rodízio do local o qual era controlado por um aluno do último ano que cobrava pelo uso.

Ao entrarem no local o namorado de Candy apresentou um rapaz loiro, de olhos verdes. Sthefany avaliou o jovem e o considerou atraente.

A americana e seu namorado saíram em busca de privacidade em meio às pilhas de roupas. O jovem que se chamava Bert, era filho de um magnata do aço alemão, tinha dezessete anos, estava em seu último ano no internato e em breve retornaria para Berlim, onde sua família residia.

Durante dez minutos Sthefany ouviu entediada a conversa do alemão sobre as empresas de seu pai, e como ele, no próximo ano, começaria a ser treinado para um dia assumir a presidência.

A jovem resolveu agir, abraçando o jovem pelo pescoço lhe deu um demorado beijo, ao mesmo tempo em que apalpava o membro agora ereto dele.

Puxando o rapaz pela mão o levou até uma pilha de roupas e ajudou-o a se despir. Atrapalhadamente Bert despiu a blusa e saia da jovem, parando por um momento para apreciar o conjunto de lingerie rosa que ela usava.

Em seguida deitou Sthefany em um monte de roupas e passou a beijar seu pescoço, enquanto suas mãos nervosas tateavam por seus seios e coxas.

A jovem sentia a excitação do momento, quando ele despiu sua cueca, deixando à mostra um pênis ainda mais branco quanto o resto de seu corpo, ereto em meio a um punhado de pelos pubianos, ela teve que se esforçar para não rir enquanto o jovem atrapalhadamente colocava uma camisinha.

Após conseguir colocá-la, ele se deitou por cima de Sthefany encaixando seu membro na entrada de sua vagina. Com um movimento brusco penetrou-a, provocando-lhe um gemido de dor, que o rapaz entendeu como prazer, estocando ainda mais fundo.

O rompimento do hímen causou uma sensação dolorosa, mesmo sua vagina estando molhada de excitação. A jovem fechou os olhos e abraçou com força Bert. Este arremeteu cinco vezes em seu interior gemendo alto e de repente caiu por cima dela.

Sthefany abriu os olhos incrédula, terminara? Era somente aquilo? Sentira mais prazer com Candy do que com o jovem que agora parecia esmagá-la com seu peso.

Irritada empurrou o alemão para o lado e, após se limpar com lenços umedecidos que trouxera, rapidamente se vestiu e saiu do local deixando o rapaz para trás com fisionomia surpresa.

Mais tarde naquela noite conversara com Candy que lhe dissera que homens mais velhos eram melhores.

Nos últimos três anos no internato Sthefany entendeu o que sua amiga dissera e se relacionou apenas com os veteranos do último ano. Alguns eram bons amantes e a fizeram gozar algumas vezes, outros nem tanto, mas nenhum deles passara de uma simples distração.

Quando completara dezessete anos fora morar em Boston com uma tia. Decidira cursar medicina, não porque sentisse inclinação pela profissão, mas para tentar se conectar com sua mãe, ao menos era isto que seu caríssimo analista afirmava.

Formara-se nos Estados Unidos, mas resolvera voltar ao Brasil. Queria conviver mais com seu pai, a quem idolatrava.

Não desejava fazer residência, mas ele insistira e ela aceitara se especializar em obstetrícia, embora seu desejo fosse administrar o hospital da família.

O hospital Domênica Xavier fora presente de casamento de seu pai para sua mãe, que cederá o nome para batizar o local. Ela o modernizara, tornando-o

um centro de referência e atendimento para àqueles que pudessem pagar pelo tratamento.

E agora, enquanto estacionava sua Ferrari 458, recém-importada da Itália, uma das poucas que existiam no Brasil, olhou para seu relógio Cartier cravejado de diamantes.

Era seu primeiro dia de residência e chegara atrasa.

Capítulo III

Os dias correram e se transformaram em semanas, que se seguiram à meses e depois anos. Rafael continuou envolvido com o tráfico de drogas, enquanto Marcos se dedicava aos estudos. Ele percebia como a população da comunidade lutava para sobreviver de forma honesta e digna e observava como a sociedade abastada vivia nos bairros de alto padrão.

O Doutor Junqueira era gentil e atencioso com ele e um excelente patrão para sua mãe. O médico incentivava o jovem a estudar, inclusive pagando cursos de informática, inglês e espanhol. Marcos constrangido não queria aceitar, mas sua mãe o obrigara.

- Aceitar ajuda de alguém que quer seu bem não é pecado, pecado é ser orgulhoso. Somos pobres e não temos que ter orgulho de quem nos quer bem. Você quer sair da comunidade? Quer ser alguém na vida? Então estude e aceite as chances que a vida te dá - dizia sua mãe.

E assim ele seguira o caminho que traçara.

Ao entrar no ensino médio começara a estudar à noite. Ele queria trabalhar para ajudar sua mãe, mas ela o proibira, entretanto, após muita insistência e com a ajuda do Doutor Junqueira, mãe e filho entraram em um acordo. Durante a manhã o jovem ficaria na mansão estudando, enquanto sua mãe trabalhava e, durante a tarde, trabalharia como office-boy na clínica de cirurgia plástica do médico.

Entretanto, seu irmão passava cada vez menos tempo em casa, às vezes ele aparecia com produtos caros, como televisão, celulares e outros eletroeletrônicos, mas sua mãe, apesar das dificuldades, não aceitava, nem mesmo dinheiro.

Certa noite, durante o jantar, Rafael retirou de uma mochila um notebook de última geração e quis presentear o irmão.

- Não quero coisa roubada em casa, nem dinheiro sujo - disse dona Mirtes de cara amarrada.

- Caraca velha! Deixa o mano ficar com o notebook pra estudar - insistiu Rafael.

- Não! E não se fala mais nisso - disse levantando-se da mesa e colocando o prato na pia.

No quarto que dividia com seu irmão mais velho, após o jantar, Rafael ainda tentara fazer que Marcos aceitasse o presente.

- Porra mano, se a velha não quer nada pelo menos você pega o notebook pra estudar - disse colocando o aparelho em cima da cama.

Marcos olhou o notebook, era um aparelho de ultima geração e caríssimo. Ela sabia que seu irmão não o comprara.

- De onde ele veio? - perguntou desconfiado.

- E isso importa? - respondeu Rafael com um sorriso torto.

- Pra mim importa, desculpa mano, mas não posso aceitar - afirmou com um último olhar de cobiça para o notebook.

Rafael deu de ombros e guardou o aparelho em uma mochila que sempre carregava, enquanto ele guardava-o, Marcos percebeu o cabo de uma pistola no interior dela.

Rafael seguiu o olhar do irmão e fechou a mochila.

- Cara, tenho mó orgulho de você. Eu já tou perdido na vida, mas você vai longe. Se você entrar nas paradas erradas vou te cobrir de porrada - disse desalinhando o cabelo do irmão em um gesto que ele odiava, saindo em seguida para a rua.

Marcos observou o irmão partir, sabia que ele era um criminoso, um traficante de drogas, mas ainda assim idolatrava-o. Desde criança Rafael o protegia.

Ouvira muitas vezes, escondido, sua mãe conversando com uma comadre de como Rafael era parecido com o pai que nunca conhecera.

Uma semana depois dona Mirtes presenteou o filho com um notebook comprado no crediário.



Quando Marcos completara dezesseis anos Rafael resolvera fazer uma festa para o irmão. Levou um bolo para casa que comeram na companhia de dona Mirtes apos cantarem parabéns.

Depois do jantar enquanto ela sentava-se para assistir televisão Rafael puxou o irmão de canto.

- Vai se trocar que hoje vou te levar em um baile funk - disse animado.

- Ah mano, tenho que estudar - disse. Agora além do colegial o jovem fazia cursinho preparatório, pago pelo Doutor Junqueira.

- Porra mano, hoje é sábado. Caraio véio, vamos se divertir um pouco, pegar umas minas - disse Rafael desalinhando o cabelo do irmão mais novo.

O jovem corou violentamente, constrangido com a proposta do irmão, que percebendo sorriu.

- Cacete, cê é virgem? - perguntou espantado.

Marcos sentiu o rosto corar ainda mais. Ele se dedicava tanto ao estudo que nunca namorara alguém. Beijara algumas meninas da escola, ou ficara, como elas diziam, mas não passara disso.

No cursinho ele se sentia deslocado, um morador de uma comunidade estudando com os playboys, como diziam seus colegas da comunidade.

- Porra mano, hoje você perde o cabaço - afirmou gargalhando Rafael.

Sem ter como dizer não, acompanhou o irmão. Caminharam pelas ruas escuras da comunidade até uma quadra aberta. A noite estava quente e a lua brilhava no céu por entre as nuvens.

O local era iluminado por diversas lâmpadas presas por fios que a cruzavam de lado a lado. No lado direito, em um tablado alto, um “DJ” mixava músicas funk, para delírio dos presentes. Marcos calculou em quase mil pessoas no local.

Rafael abriu caminho na multidão, que dançava freneticamente, em direção aos camarotes montados em tablados de madeira. Muitos ao verem-no abriram passagem, temerosos da pistola à vista em sua cintura, outros o cumprimentavam alegremente.

Finalmente chegaram ao camarote onde Fininho estava sentado tendo dois rapazes armados de fuzis ao seu lado.

- Rafael, meu parça, trouxe seu mano hoje, vai chover! - gargalhou o chefe do tráfico da comunidade.

- Pois é patrão, é o niver dele - respondeu Rafael alegremente servindo-se de um copo de cerveja e passando outro ao irmão.

Algumas mulheres trajando roupas apertadas e curtas, deixando entrever generosas curvas e seios empinados cumprimentaram Rafael e Marcos com beijos.

Uma delas, uma estonteante loira de um metro e oitenta, olhos castanhos, corpo curvilíneo e com nádegas firmes, presas em uma micro bermuda vermelha de tecido fino se aproximou. Marcos ficou hipnotizado pelos seios fartos contidos em um top preto apertado. A mulher beijou Rafael rapidamente na boca, que depois cochichou algo em seu ouvido.

A loira encarou Marcos de cima a baixo com um sorriso maroto, e aproximando-se do jovem com um andar sensual pegou seu copo e tomou um gole.

- Oi gatinho! Tu é irmão do Rafa? Nem parece - disse abraçando-o e beijando-o levemente na boca, o que o fez corar violentamente - Que graça! Ele é tímido!

O jovem corou ainda mais e a loira o puxou pela mão até a quadra.

- Vamos dançar! Meu nome é Tamires! - disse a loira roçando seu corpo

no do jovem.

- Prazer - murmurou Marcos constrangido.

A música alta parecia que ia explodir seus tímpanos, essa era sua primeira vez em um baile funk. A loira dançava como se possuída por demônios, requebrando o corpo de uma forma que ele pensou que ela fosse partir sua coluna ao meio.

Tamires dançava roçando as nádegas no jovem, enquanto este movimentava parcamente os braços e pernas em um arremedo de dança. Com um sorriso de satisfação ela percebeu que o jovem estava com uma ereção, o volume se sobressaindo na bermuda que usava.

A jovem tinha vinte anos e era experiente em matéria de sexo, trabalhava como garota de programa em uma boate e às vezes saía com Rafael. Ele cochichara que seu irmão era virgem e queria pagar um programa para que ela tirasse sua virgindade, mas agora a jovem faria de graça, achara a timidez do jovem encantadora.

Tamires encaixou suas nádegas no jovem sentindo seu membro espetando-a por dentro da bermuda, a jovem pegou suas mãos, que estavam caídas imóveis rente ao corpo e, com as dela, fez com que ele percorresse suas coxas, subindo pelo abdômen até que as colocou em seus seios, obrigando-o a apertá-los, o que lhe causou uma sensação indescritível de prazer.

Marcos arfou quando sentiu os seios de Tamires em suas mãos, ao mesmo tempo em que ela apertava as nádegas de encontro a seu membro que parecia que explodiria de tão duro. A loira guiou sua mão direita descendo pelo abdômen firme até entre o meio de suas coxas, apertando seus dedos de encontro ao seu sexo. Ele percebeu que a micro bermuda que ela usava estava úmido no local.

Após acariciá-la com seus dedos, guiados pela mão dela, ela se virou abraçando-o pelo pescoço.

- Você é muito gostoso - murmurou por cima do som estridente das caixas acústicas.

Em seguida a loira beijou-o na boca demoradamente, suas línguas enroscando-se em uma dança frenética.

Marcos apertou ainda mais o corpo de Tamires junto a seu, suas mãos apertando as nádegas dela com força, fazendo com que seu membro enrijecido, por detrás dos tecidos da cueca e bermuda que usava, se esfregasse na vagina dela, escondida atrás de seu traje minúsculo.

Tamires gemeu dentro da boca dele, enquanto seus dedos puxavam os cabelos da nuca do jovem mantendo duas bocas unidas. Seus seios doíam de uma forma prazerosa com o contato dos mamilos pressionados contra o peito do rapaz.

- Vem comigo - sussurrou no ouvido dele, puxando-o em seguida pela mão.

A loira levou-o para fora da quadra, percorreram algumas ruelas até que pararam em um beco escuro.

- Vem gostoso, vamos sarrar um pouco - convidou jogando-se novamente nos braços do jovem.

Ficaram alguns minutos se beijando enquanto suas mãos percorriam o corpo um do outro. Tatiana percebeu que a iniciativa teria que ser dela.

Mantendo as bocas unidas no beijo, a loira desceu a mão direita até o membro endurecido apertando-o por cima da bermuda, sentindo sua dureza e tamanho, até que o jovem gemeu em sua boca.

Sorrindo mentalmente a loira lentamente abriu a braguilha da bermuda e com habilidade livrou o membro ereto da cueca, deixando-o solto. Envolvendo-o com sua mão passou então a massageá-lo com movimentos lentos e rítmicos, para frente e para trás.

Para Marcos a sensação era inebriante, era a primeira vez que uma mulher massageava seu membro e ele teve que fazer um esforço indescritível para não gozar na mão dela.

Tamires sentiu que a cabeça do membro já estava úmida e passou a espalhar o sêmen pré-ejaculatório em toda extensão dele, fazendo com que sua mão deslizasse mais facilmente.

A jovem se afastou meio passo para observá-lo à sua frente, mas o beco

estava escuro. Desceu então lentamente, passando suas mãos pelo peito dele, ajoelhando-se à sua frente. Com delicadeza pegou o pênis que pulsava prenunciando o gozo e passou a ponta da língua na glândula, sentindo o gosto salgado na boca.

Segurando a base do membro Tamires abocanhou-o fazendo com que o jovem arfasse alto e se contorcesse. Com movimentos para frente e para trás acariciou-o com sua boca e língua, às vezes lentamente, às vezes rapidamente, enquanto ele segurava sua cabeça, como se quisesse impedir que ela desfizesse o contato.

Marcos se concentrava no prazer que Tamires o presenteava, quando ela colocou seu membro na boca ele quase gozou, mas conseguiu se controlar, entretanto, o prazer se tornara insuportável e sentia que não resistiria por mais tempo.

Tamires percebeu, pois seus movimentos se tornaram mais rápidos, até que com um gemido alto ele gozou no interior da boca dela, enquanto apertava-lhe a cabeça de encontro a sua pélvis, sentindo as ondas de prazer fazerem seu membro saltar expelindo sua semente e deixando suas pernas trêmulas.

Após alguns segundos, que pareceram horas, a loira ergueu-se colando seu corpo ao dele.

- Vem seu gostoso, vamos pro meu barraco – murmurou.

Obedientemente Marcos se deixou levar por Tamires até que, após percorrerem várias ruas, chegaram a uma pequena casa de alvenaria, pintada de branco e rosa.

Rapidamente ela abriu a porta e entraram em uma sala. O aposento era simples e pequeno, um sofá preto, um tapete colorido e uma televisão em cima de um rack eram os únicos móveis no local.

- Quer beber alguma coisa? - perguntou Tamires após acender a luz.

Marcos fez que não com a cabeça, como se hipnotizado pela loira. Esta por sua vez retirou o apertado top deixando livres um par de belos seios com mamilos rosados e turgidos.

Marcos apressadamente retirou sua camisa o que provocou um riso na loira. O jovem se aproximou e apanhou ambos os seios, um em cada mão, passando a apertá-los e massageá-los, como se fossem massas de modelar.

Encarando-os fixamente aproximou sua boca do seio direito e passou a lambê-lo lentamente com a ponta da língua, fazendo círculos no mamilo turgido, enquanto que com a outra mão massageava o outro seio apertando-o e, às vezes, torcendo o mamilo delicadamente entre dois dedos.

Tamires com um suspiro deteve as carícias e puxou Marcos pela mão até um pequeno quarto onde existia uma cama de casal, um guarda roupa e uma cômoda. Acendeu então, um abajur que estava em um criado mudo ao lado do leito deixando o ambiente em uma agradável penumbra.

A jovem sentou-se puxando Marcos para frente de si, com um sorriso maroto ela desabotoou a bermuda dele que caiu aos seus pés, assim como a cueca, deixando livre o membro duro que pulsava novemente.

Tamires passou a língua nos lábios enquanto encarava Marcos e massageava o membro com ambas as mãos. Sorrindo ela abocanhava-o sugando-o com volúpia fazendo Marcos gemer alto.

Após alguns minutos a loira retirou o membro da boca e deitou na cama, com um gesto chamou-o, enquanto a observava extasiado.

Marcos subiu no leito e deitou-se por cima encaixando seu corpo ao dela, seu membro ereto pressionando a vagina.

Ao mesmo tempo beijava a boca de Tamires que correspondia com volúpia, enquanto suas mãos passeavam pelas coxas, cintura e seios da bela mulher que tinha sob si.

Marcos estava extasiado, era a primeira vez para ele e, ao contrário de sentir medo, sentia-se confiante, talvez por estar se deixando conduzir.

Lentamente desceu roçando os lábios pelo pescoço de Tamires até alcançar seus seios, onde ficou concentrado beijando-os, sugando-os e mordiscando-os fazendo com que ela gemesse alto e arqueasse o tronco.

Vagarosamente desceu ainda mais, acariciando com seus lábios e língua o

ventre dela até que alcançou sua bermuda. Com um movimento rápido retirou-a e começou então a sugar e lambe o tecido fino da calcinha preta, como se quisesse rompe-lo, com satisfação ouviu a loira murmurar palavras desconexas.

- Aii, gostoso...assim... tesudo.. - sussurrava enquanto pressionava a cabeça do jovem de encontro a sua vagina.

Com a ponta dos dedos Marcos retirou-a.

O jovem observou por um momento a vagina de Tamires, ela possuía pelos escuros e cortado rente. Com os dedos ele separou os grandes lábios, a pele era rosada e estava úmida. Marcos aproximou seu rosto colando-o as partes íntimas da jovem e aspirou profundamente sentindo o doce cheiro almiscarado que emanava do local.

Tamires arquejou o corpo e gemeu alto. Marcos começou a passar a língua de fora para dentro, em movimentos circulares até que alcançou o clitóris onde ficou ora acariciando-o com os lábios, ora lambendo-o, e por fim, mordiscando-o e sugando-o com vontade.

A loira estava em êxtase, não imaginava que aquele jovem virgem soubesse agradar tanto uma mulher. Quando ele mergulhou a língua no interior de sua vagina ela se contorceu segurando-se para não gozar.

- Vem meu gostoso, quero você dentro de mim - murmurou puxando Marcos para cima dela.

O jovem se encaixou em cima da loira que, delicadamente, colocou seu membro na entrada da vagina. Lentamente introduziu seu pênis na vulva encharcada deslizando facilmente até o final.

Tamires passou suas pernas pela cintura dele prendendo-o de encontro ao seu corpo, enquanto arranhava e apertava-lhe os músculos de suas costas. Sentia-se preenchida pelo membro ereto do jovem e, quando ele começou a se movimentar lentamente em um vai e vem, ela sentiu a mente e o corpo afogueado de prazer passando a murmurar palavras desconexas, ao mesmo tempo em que mordida delicadamente, ora os lábios, ora os ombros fortes do rapaz.

Marcos movimentava-se dentro da jovem cada vez mais rápido, sentia que

não aguentaria o ritmo por muito mais tempo.

- Vou gozar! - murmurou em meio a um gemido no ouvido de Tatiana

- Vem gostoso, vem, enfia tudo, me faz gozar - pediu abraçando-o com mais força, ao mesmo tempo em que contraía seus músculos internos, apertando o membro que a estocava cada vez mais rápido.

- Deus! - quase gritou Marcos quando sentiu os músculos vaginais apertarem seu pênis fazendo-o gozar de forma prolongada e profunda, bem diferente das vezes em que se masturbara na solidão de sua cama.

Tamires sentiu o pênis aumentar de tamanho e expelir o sêmen em seu interior fazendo-a gozar. Ondas de prazer percorreram seu corpo, deixando seus músculos trêmulos e respiração ofegante.

Exaustos os jovens deixaram-se ficar na mesma posição, os corpos ainda colados, enquanto seus corações se acalmavam. Uma suave lassidão envolveu ambos e, antes de cair em um sono agradável, Tamires fez uma nota mental para tomar uma pílula do dia seguinte.

Fora irresponsável em transar sem usar preservativo, algo que nunca fazia. Mas seus exames para doenças venéreas estavam em dia e Rafael dissera que seu irmão era virgem, mas ainda assim ela deveria ter se precavido.

A partir daquele dia Tamires e Marcos começaram uma amizade que envolvia encontros sexuais. A experiente loira ensinou tudo que sabia ao jovem, até que, anos depois, se casou com um fazendeiro, um antigo cliente que se apaixonara por ela, partindo, então da comunidade.



Marcos concluiu o ensino fundamental e para orgulho de sua mãe, seu irmão e o Doutor Junqueira, ele foi aprovado entre os primeiros colocados no vestibular da Fuvest para o curso de medicina.

Durante o curso Marcos se dedicou mais ainda aos estudos. Ele continuava residindo com sua mãe e tinha o apoio do Doutor Junqueira que se transformara em seu mentor.

O jovem aspirante à médico tivera alguns encontros durante o curso, mas nunca sentira mais do que desejo sexual, não encontrara uma mulher por quem se apaixonasse e, sabia que a culpa era dele também, pois colocava seus estudos como prioridade absoluta.

Nesse ínterim, seu irmão Rafael acabou assumindo o comando do tráfico de drogas na comunidade, após a morte de Fininho em uma troca de tiros com a polícia, para desgosto da mãe e de Marcos que tentara de tudo para que o irmão mais velho não se envolvesse com o crime.

- Você é o cabeça da casa Marcos, tu é inteligente e vai longe, eu sou burrão, não tenho saco pra estudar, sou "vida loca" - afirmava Rafael quando era questionado pelo irmão.

Dona Mirtes sentia-se dividida, amava os filhos igualmente, mas enquanto um era seu orgulho, o outro era causa de vergonha.

Infelizmente, no terceiro ano do curso, ela fora diagnosticada com o "mal de Alzheimer", começara com alguns "esquecimentos". Doutor Junqueira desconfiara e a submetera à alguns exames e testes.

- Infelizmente a perda de memória recente é apenas o primeiro sintoma, logo ela poderá sofrer com problemas emocionais, de motivação e de linguagem, chegando, infelizmente à um quadro de demência - explicou um arrasado Doutor Junqueira.

Marcos fez o possível para tratar sua mãe, mas a doença se mostrou agressiva e antes do término do curso ele teve que aceitar a ajuda de seu mentor, que a internou em uma clínica, uma vez que ela passou a não reconhecer os próprios filhos.

Ela não presenciara sua formatura, e agora, raramente o reconhecia.

Marcos se formara com louvor como primeiro da turma, e decidira se especializar em traumatologia.

Com a ajuda do Doutor Junqueira, que o recomendara ao diretor do Hospital Memorial Domênica Xavier, conseguira uma chance para disputar uma vaga no programa de residência do prestigioso hospital, sendo aprovado por sua capacidade.

E em um dia de verão, do mês de janeiro, Marcos entrou pelas portas duplas do hospital Memorial Domênica Xavier, localizado no bairro nobre do Morumbi.

Embora estivesse nervoso por dentro, sentia-se animado, sempre desejara se tornar médico e após se formar com louvor na Universidade de São Paulo, agora iniciaria sua residência na área de traumatologia.

O hospital era considerado um dos melhores da América Latina, atendia a elite dos ricos e poderosos. Conseguir uma vaga para fazer a residência nele não dependia apenas de ter se formado com as melhores notas, dependia de indicação de médicos conceituados e, ainda assim, os candidatos eram submetidos há uma bateria de exames teóricos e práticos que durava uma semana.

Agora, juntamente com outros dez colegas médicos, estavam reunidos no auditório do hospital, que consistia em um grande salão oval, com fileiras de cadeiras estofadas individuais, elevando-se gradualmente, ficando no centro, um tablado onde existia apenas um microfone preso em um suporte.

Marcos observou seus futuros colegas, havia cinco homens e quatro mulheres, a maioria eram brancos como ele, com exceção de um oriental e um casal de negros.

O médico negro, que era alto e atlético, se aproximou de onde ele estava sentado e perguntou.

- Posso? - disse apontando para uma cadeira ao lado da dele.

- À vontade - respondeu Marcos sorrindo.

- Paulo - disse o rapaz estendendo a mão.

- Prazer, Marcos - respondeu.

Enquanto aguardavam a palestra inicial, que seria ministrada pelo diretor, Marcos ficara sabendo que Paulo era filho de um arquiteto e que sua mãe era proprietária de uma boutique na Rua Oscar Freire, uma local famoso pelas lojas requintadas. Se formara seis meses antes dele.

Marcos por sua vez fora reticente sobre sua família, nem mesmo na faculdade contara sobre sua origem, não que tivesse vergonha, mas não desejava ser menosprezado pelos colegas.

O diretor que estivera sentado em uma cadeira, tendo ao seu lados outros médicos, levantou-se e começou o discurso de boas vindas, mal havia dito algumas palavras quando uma jovem, vestindo um conjunto de saia e terninho de cor creme e saltos altos, entrou no auditório.

Ela era a mulher mais linda que Marcos já vira, pelo menos esse fora o pensamento que atravessara sua mente. Loira com longos cabelos até a altura dos ombros, os quais estavam soltos, usava uma maquiagem discreta e possuía olhos verdes, sua vestimenta deixava entrever um corpo curvilíneo e pernas bem torneadas, que ele observou de soslaio quando ela sentou-se ao seu lado.

- Que prazer termos a senhorita conosco - disse o diretor de forma respeitosa.

- Desculpe o atraso Doutor - disse a jovem com voz melodiosa.

- Bem vinda Doutora Sthefany - respondeu o diretor.

A jovem médica encarou Marcos e Paulo e ofereceu um belo sorriso a ambos, que deixou à mostra dentes brancos e perfeitos.

Marcos nunca acreditara em amor à primeira vista, mas agora mudara de ideia.

Capítulo IV

No primeiro dia de residência Sthefany conhecera seus colegas e logo os impressionara, afinal ela era a filha do proprietário do hospital mais conceituado da América Latina, seu pai possuía uma fortuna em fábrica de medicamentos e outros negócios. O hospital era a "joia da coroa" como ele falava, mas a jovem sabia que seu pai dava atenção especial ao local por causa de sua falecida mãe.

Apenas um único residente parecia não ter se impressionado com ela, um jovem médico que queria se tornar traumatologista. O rapaz de aproximadamente um metro e oitenta, possuía cabelos negros e olhos castanhos escuros e profundos, lábios não muito carnudos e um nariz ligeiramente arrebitado, além de um queixo forte. Aparentava ter um corpo atlético embaixo do uniforme de residente.

Ele era calado e sério e raramente puxava assunto com ela, embora tivesse quase certeza que ele a observava às vezes, com olhos sonhadores.

Sthefany estava acostumada a ter qualquer homem à seus pés, desde cedo aprendera a usá-los e descartá-los. Sentia-se entediada com seus casos, não tinha namorado fixo e os homens com quem se relacionava estavam interessados mais em seu corpo e sua fortuna do que no que ela pensava e desejava. Assim ela saía, se divertia, e os usava, quando cansava dispensava-os como meros objetos.

Mas agora estava intrigada e um pouco irritada, fazia três meses que a residência começara, ela se tornara o centro da atenção do grupo, não só por ser a filha do dono do hospital, por ser linda e rica, mas também pelo seu jeito extrovertido. Era ela quem agitava as baladas de fim de semana e nas folgas, muitas vezes, oferecia pequenas festas na piscina da mansão onde residia.

Entretanto, àquele jovem parecia ser imune ao seu charme e não gravitava à sua volta como seus demais colegas. Será que ele era homossexual? Não que ela fosse preconceituosa, alguns de seus amigos eram, mas ela pensava que seria um desperdício, afinal Marcos era bonito, embora não fosse de sorrir muito, mas quando o fazia ela achava-o lindo. Seu ar sempre sério dava-lhe um charme

especial e misterioso, e sabia que mais de uma enfermeira estava interessada nele.

Mas o jovem era um enigma para Sthefany, ao contrário dos demais residentes e funcionários ele não frequentava os barzinhos próximos ao hospital após o turno de trabalho. Até mesmo as festas que dera em sua casa ele agradecera gentilmente o convite, mas não aparecera, deixando-a frustrada e irritada durante todo o final de semana.

No hospital trabalhavam muitas vezes juntos e ela percebera como ele era eficiente e inteligente, tanto quanto ela, e possuía uma habilidade extraordinária para cirurgia.

Acabara descobrindo também, uma faceta nova na personalidade dele após uma discussão, o que a impressionara ainda mais.

Ocorreria quando estavam no hospital acompanhando a ronda médica dos pacientes, assistidos pelo chefe geral da cirurgia, quando o Doutor Fernando, chefe da traumatologia, passou correndo em direção aos elevadores ordenando que Marcos e Sthefany os seguissem.

Enquanto o elevador subia ao heliporto localizado no telhado, Doutor Fernando colocou-os à par da situação.

- Acidente de trânsito, o paciente estava embriagado e colidiu seu carro contra uma motocicleta, em seguida ele perdeu o controle e se chocou contra um poste. Provável trauma interno e fraturas nos membros e costelas - conclui enquanto saíam pela porta dupla que se abria para o heliporto localizado no teto do prédio.

- E a vítima da moto? - perguntou Marcos.

- Ela não veio para cá - respondeu o médico observando o helicóptero de resgate do hospital manobrando para pousar.

- Mas por que não? - insistiu Marcos elevando o tom de voz para se fazer ouvir por entre o ruído dos motores e hélices, mesmo sabendo a resposta.

- Por que ele não tem convênio conosco - respondeu Sthefany segura de si, tentando ajeitar os fios de cabelo que voavam em razão do vento produzido

pelas hélices da aeronave.

- Vamos lá - cortou o chefe do trauma enquanto corria para perto do helicóptero que abria as portas, acompanhado de dois enfermeiros que já aguardavam no heliporto.

Uma maca dobrável desceu do helicóptero, enquanto um dos enfermeiros a pegava e empurrava em direção ao elevador o outro caminhava ao lado segurando um saco de plasma sanguíneo e outro de solução fisiológica.

O paramédico desceu e dirigiu-se ao Doutor Fernando.

- Homem, quarenta e cinco anos, acidente automobilístico. Aparenta sinais de embriaguez, fratura exposta na tíbia esquerda que foi recolocada e imobilizada no local. Provável trauma interno, com fratura de costelas e sangramento nasal - concluiu.

- Leve ele direto para sala de raios-X e se não houver nenhuma prótese metálica para a ressonância. Confirmem a lesão interna e as fraturas, em seguida levem-no para a cirurgia, peçam exame de sangue completo - ordenou o chefe do trauma a ambos.

Rapidamente desceram pelo elevador até o andar cirúrgico onde existia uma sala com uma moderna máquina de raios-X e outra de tomografia 3D.

Doutor Fernando se dirigiu para a sala de cirurgia para preparar a equipe, enquanto Marcos, Sthefany, o paramédico e os enfermeiros entravam na sala de exames.

- Para onde o motociclista foi? - perguntou Marcos para o paramédico enquanto observava os enfermeiros preparando o paciente na mesa de raios-X.

- Acho que algum hospital público, quando chegamos ao heliporto de um prédio perto do local do acidente o paciente já estava esperando a gente - respondeu de forma displicente.

- É um absurdo, ele deveria ter vindo para cá, afinal não foi o causador do acidente - resmungou Marcos.

- Por que você se importa tanto? O paciente é nosso conveniado e pronto,

ele paga caro e tem direito ao melhor - interveio Sthefany.

- Muito fácil pra ele, avisaram a polícia? Ele claramente está embriagado, da pra sentir o cheio de longe - afirmou Marcos ignorando Sthefany.

- Não sei - respondeu o paramédico dando de ombros.

- Está pronto, podem levar pra ressonância, sem sinal de metal no corpo, mas parece mesmo que tá com hemorragia e fratura na tíbia - afirmou o técnico - O exame já está disponível no sistema.

- Você não vai avisar a polícia - afirmou Sthefany encarando Marcos ao mesmo tempo em que segurava seu braço.

Marcos sustentou o olhar e em seguida olhou para a mão que o segurava erguendo uma sobrancelha, fazendo com que Sthefany o soltasse.

- Vou cumprir com minha obrigação, o que ele fez é crime - afirmou afastando-se em direção à sala de ressonância onde o paciente aguardava.

A sala possuía uma moderna máquina de ressonância 3D, ao lado uma saleta com grossos vidros de proteção que permitiam ver o paciente na máquina. No local, dois técnicos analisavam as imagens.

Marcos se aproximou da tela que brilhava com as imagens em 3D do interior do corpo do paciente.

- Ali, o fígado está rompido, duas costelas estão fraturadas, por pouco não perfuraram o pulmão. A tíbia está fraturada também. Levem direto pra sala de cirurgia - ordenou Marcos aos enfermeiros.

- É pra já - respondeu um dos enfermeiros.

- Bom aqui termina meu serviço, todas as informações do pré-atendimento já estão "on line" - disse o paramédico se referindo ao sistema no qual as informações do paciente e exames eram armazenadas podendo ser acessada do tablet que cada médico possuía ou serem vistas em grandes monitores das salas de consulta e cirurgia.

- Pedro, só te peço mais um favor, me descobre o nome do motociclista e

para onde ele foi - pediu Marcos.

O paramédico o encarou indeciso, gostava do médico, ele era atencioso com a equipe de socorristas ao contrário da maioria dos médicos que se achavam Deus e um e outro que tinham certeza de serem.

- Não prometo nada, mas vou ver o que consigo fazer - respondeu o paramédico dirigindo-se em direção aos elevadores.

- Você vai se encrascar, não pode ligar pra polícia e prejudicar um cliente - afirmou irritada em voz baixa Sthefany.

- Vou cumprir minha obrigação. Você devia saber que temos que avisar sobre crimes e suspeita de crimes - respondeu de fisionomia fechada - Você acha justo ele se safar? Ter o melhor atendimento e a vítima dele não?

Sthefany se preparou para responder, mas nesse momento entraram na antessala de cirurgia onde vestiram as toucas cirúrgicas, luvas e aventais após esterilizarem as mãos.

Doutor Fernando aguardava com a equipe composta de anestesista e enfermeiros. O paciente estava sendo anestesiado e preparado.

- Muito bem vamos começar. Doutor Marcos faça a incisão abdominal - ordenou o chefe do trauma.

- Lâmina dez - ordenou Marcos estendendo a mão para a instrumentalista.

Marcos fez a incisão abdominal sob o olhar atento do Doutor Fernando e dos demais presentes.

- Afastador - ordenou Marcos e um enfermeiro encaixou o instrumento para manter o corte aberto.

- O que você vê Doutora Sthefany? - perguntou o chefe do trauma.

- Fígado lacerado com hemorragia.

- Muito bem, Doutor Marcos faça o procedimento descrevendo antes, passo a passo o que irá fazer - ordenou.



A cirurgia demorou duas horas para suturar fígado, ajeitar duas costelas fraturadas e colocar um pino na tíbia, esta sob a supervisão do chefe da ortopedia, um médico de cinquenta anos, baixo com uma barriga saliente e totalmente careca.

Marcos se sentia realizado nesses momentos, nada mais existia no mundo a não ser o paciente com o corpo aberto na mesa de cirurgia e o desafio de salvar uma vida. Nesse momento único ele se sentia livre de todas as pressões e preocupações do mundo, não era mais o menino pobre da comunidade carente, que precisava provar seu valor, mas sim um médico lutando contra a morte.

Com eficiência e calma Marcos concluiu o procedimento cirúrgico.

- Excelente trabalho Doutor Marcos, parabéns, pode suturar o abdômen - disse o chefe do trauma que acompanhara o procedimento de perto.

Após a cirurgia Marcos e Sthefany se dirigiram para o vestiário dos médicos residentes, onde costumavam guardar suas roupas e objetos pessoais. A sala estava vazia no momento, enquanto ele tirava seu avental e jogava no recipiente de roupas sujas, observou de soslaio Sthefany que sem nenhum pudor retirou seu avental e o jaleco médico, em seguida tirou a camiseta que usava ficando apenas de sutiã. Marcos percebeu se tratar de uma lingerie rendada preta de uma marca internacional famosa e cara.

Nesse momento o celular do médico tocou.

- Doutor Marcos - identificou-se atendendo.

- Doutor aqui é o Pedro, o motociclista foi encaminhado para o hospital regional do Tucuruvi, infelizmente ele veio a falecer - disse a voz do outro lado da linha.

- Obrigado Pedro, lhe devo uma - respondeu o jovem desligando e encarando a bela mulher à sua frente.

- O que aconteceu? - perguntou Sthefany despidoradamente retirando a calça azul claro do uniforme de residente deixando a mostra a calcinha negra e

rendada que usava.

Marcos engoliu em seco tentando não olhar.

- O motociclista faleceu - resmungou irritado pensando que se ele tivesse sido socorrido para o mesmo hospital do causador do acidente talvez estivesse vivo.

- O que você vai fazer? - perguntou Sthefany dando um passo na direção do médico.

- O que a lei diz, vou avisar as autoridades que o responsável pelo acidente estava embriagado - respondeu virando as costas para a jovem e com movimentos rápidos retirou seu uniforme de residente ficando apenas de cueca e irritado jogou-as na cesta.

- Você vai prejudicar um cliente importante do hospital, eu li a ficha dele, é um grande empresário de uma multinacional - afirmou Sthefany se aproximando ainda mais do jovem.

Vê-lo apenas de cuecas impressionou a jovem. Marcos não era musculoso como muitos homens que conhecera que passavam horas em uma academia, mas ele tinha tronco largo e pernas fortes, além de uma nádega firme. Quando o jovem se virou irritado para jogar o uniforme na cesta Sthefany lançou um olhar para o volume na cueca e gostou do que viu.

Foi surpreendida pelo olhar duro dele que se vestiu com movimentos bruscos.

- Eu vou procurar a Delegacia do local do acidente e avisar que o motorista estava bêbado, caso você não saiba isso é crime, acessei os exames dele e o resultado de alcoolemia foi positivo - respondeu Marcos.

- A única coisa que você vai conseguir é ser dispensado do programa - afirmou Sthefany irritada virando-se para pegar suas roupas, ao se voltar ele já saía do vestiário.

Idiota! Pensou consigo mesma, mas não podia negar que ele tinha coragem, o que a fez gostar ainda mais dele.

Capítulo V

Marcos saiu do hospital e em sua motocicleta e dirigiu-se até a Delegacia da área do acidente. Após esperar quase uma hora, um escrivão com cara de cansado o atendeu. Após explicar que o autor do acidente estava embriagado, o policial garantiu que falaria com o Delegado e este enviaria uma equipe de investigadores até o hospital para verificar a ficha médica do causador do acidente.

Quando saiu da delegacia já era noite, dirigiu-se então para sua casa, ainda residia na comunidade, mas agora morava sozinho. Seu irmão Rafael se tornara o chefe do tráfico após a morte de Fininho e residia no sobrado que pertencera a este.

Sua mãe estava internada em uma cara clínica especializada, ele a visitava sempre, mas a doença avançara rapidamente, chegando ao nível de não reconhecê-lo na maioria das vezes.

Apesar de desejar cuidar de sua mãe, a quem devia tudo, ele não tinha como, ela necessitava de cuidados especiais e após insistência do Doutor Junqueira, permitira que ela fosse internada em uma clínica de repouso especializada à custa de seu mentor que fizera questão de arcar com os gastos.

- Sua mãe cuidou de mim e de minha casa por anos, é o mínimo que posso fazer - afirmara o Doutor Junqueira encerrando a discussão.

Agora Marcos residia sozinho na pequena casa, gostava da comunidade e, aos sábados, clinicava em um ambulatório mantido por voluntários, não se recusava nem mesmo a atender pessoas que seu irmão enviava.

Era uma vida solitária, na faculdade não fizera amigos, uma vez trouxera alguns colegas de turma para trabalhar na clínica de voluntários, nas semanas seguintes o grupo diminuira até que nenhum deles aparecera mais, ouvira calado os comentários depreciativos e se odiara por ser covarde e não ter dito que morava no local. O que seus colegas diriam se soubessem que seu irmão era um

traficante?

Agora fazia sua residência no hospital mais prestigiado do Brasil, no primeiro dia ficara impressionado com Sthefany, era a mulher mais linda que conhecera, quase um metro e setenta e cinco, loira, olhos verdes, um corpo curvilíneo e seios proporcionais que pareciam firmes.

Era extrovertida e charmosa e Marcos, como seus colegas, ficara encantado com ela, mas no mesmo dia soubera que ela era a filha do proprietário do hospital, um homem que fizera fortuna no ramo de medicamentos e saúde.

Ele tentara abafar seus sentimentos tentando encontrar defeitos nela. Pensara que ela fosse uma menina mimada, que conquistara a vaga de residência por ser filha do dono, mas nos primeiros dias se surpreendera, a jovem era inteligente e hábil.

Ouvira os comentários dos colegas e a própria Sthefany não escondia que estudara em um internato na Suíça e se formara em medicina nos Estados Unidos. Durante os almoços e lanches no refeitório do hospital ela narrava suas aventuras, viagens e noites nas casas mais badaladas de São Paulo e do mundo.

Marcos se sentia atraído pela jovem, seus olhos verdes, o perfume que usava, o jeito que ela jogava os volumosos cabelos para o lado, tudo o atraía, ela tinha um magnetismo quase animal que o excitava de uma forma que nunca experimentara.

Mas toda vez que ele pensava em convidá-la para sair ele se retraía, observara os homens que às vezes iam buscá-la após os turnos, jovens que vestiam roupas que valiam seu salário de residente, com carros importados que ele nunca dirigiria.

O que uma garota como ela iria querer com um rapaz que morava em uma comunidade carente, conhecida popularmente como favela? Ambos pertenciam a mundos diferentes, não desejava ser mais um brinquedo nas mãos dela. Observara os joguinhos que Sthefany fazia, mantendo vários pretendentes à sua volta, como mariposas em volta da luz, e ele tinha medo de se queimar.

Agora na solidão de sua sala, enquanto tomava uma lata de cerveja e observava a televisão sem se concentrar no que passava, imaginou que talvez

nunca mais fosse ver a médica, com certeza seria desligado do programa e teria que procurar outro local, mas ao menos sairia com a consciência tranquila, cumprira sua obrigação.

O fato de uma pessoa ser rica não lhe dava o direito de ficar acima da lei, o paciente embriagado causara o acidente que levava à morte um inocente e ele tinha que pagar, assim como sabia que seu irmão um dia teria que pagar por seus atos.

Cansado Marcos acabou dormindo no sofá e acordou às cinco da manhã, pronto para, talvez, seu último dia no Hospital Domênica Xavier.



Na mesma hora em que Marcos divagava em frente à sua televisão, Sthefany jantava com seu pai na mansão Avelar, na luxuosa sala de jantar de pé direito duplo.

O ambiente era sofisticado e elegante, tapetes persas cobriam o chão e quadros originais de artistas famosos as paredes. No centro da sala havia uma enorme mesa de madeira nobre que comportava tranquilamente dezesseis pessoas. Um caríssimo candelabro de cristal estava suspenso no teto, espalhando uma luz suave no ambiente.

Sthefany sentava-se do lado direito da mesa enquanto seu pai ocupava a cabeceira. O mordomo da família aguardava pacientemente. Era um homem idoso que estudara em uma prestigiosa academia inglesa, começara a trabalhar com a família vinte anos antes.

- Pode servir o jantar Josué - ordenou Avelar.

Sthefany observou seu pai em silêncio, com sessenta e cinco anos Jefferson Avelar Xavier tinha ainda a energia de um homem de trinta. Comandava o conglomerado de empresas do ramo farmacêutico com mãos de ferro, mas sua "menina dos olhos" era o hospital que construía para sua falecida esposa. A jovem sabia que seu pai nunca superara a morte violenta da esposa em um assalto quando ela saía do hospital.

Duas jovens empregadas, usando um uniforme preto e branco,

diligentemente serviram os pratos sob o olhar atento do mordomo.

Após servirem os pratos Josué verificou que tudo estava de acordo.

- Se precisar é só chamar milorde - disse de forma austera e se retirou.

- Obrigado Josué - disse seu pai servindo-se de um grande pedaço de filé mignon importado.

Sthefany sorriu, apesar dos protestos de seu pai, o mordomo insistia em chama-lo de milorde, um hábito que adquirira na Inglaterra.

A jovem se serviu de salada, estava sem apetite e preocupada com as consequências da atitude de Marcos.

Soubera que no começo da noite um investigador de polícia fora até o hospital com uma intimação para que apresentassem o relatório médico do paciente que causara o acidente. O diretor ligara imediatamente para seu pai.

- O que vão fazer quanto ao relatório médico? - perguntou tentando demonstrar desinteresse.

- É óbvio que não vamos entregar, o Senhor Jonas é um empresário importante e um excelente cliente. Entregar a ficha vai passar a mensagem de que não prezamos pela intimidade de nossos clientes - respondeu cortando com força um pedaço de carne.

- Pai, ele estava embriagado, o nível de álcool no sangue estava altíssimo - disse Sthefany mordiscando um tomate cereja.

- Não importa, se a polícia não trabalhou direito não é problema nosso, mas não se preocupe já tomei as providências necessárias, mandei deletar o exame de alcoolemia sanguínea e demitir aquele medicozinho que nos entregou. A partir de amanhã ele não vai encontrar nenhum hospital para trabalhar nesse país - rosnou Avelar apontando para Sthefany um garfo com um pedaço de carne espetado.

- Pai, cuidado com a pressão - murmurou a jovem preocupada. Ela conhecia o gênio temperamental do pai.

- Onde já se viu, um residente nosso nos entregando - bufou mastigando com força.

- Pai, o Doutor Marcos só cumpriu a lei - murmurou com doçura - Se demiti-lo e isso chegar à imprensa o prejuízo será maior. Ele é um excelente médico e vai ser um grande traumatologista, peço que o senhor não o mande embora, faça isso por mim paizinho.

Avelar observou a filha atentamente, ela tinha certa razão, o hospital era a empresa mais importante para ele, fora um presente para sua amada esposa.

A filha era tudo que lhe importava, sabia que a mimara, nunca recusara um pedido seu por mais estranho que fosse, e esse era bem estranho, ela nunca se importara com a demissão de criados da casa, mas agora parecia se preocupar com a demissão de um colega de residência.

- Muito bem, não vou demiti-lo, mas ele vai ouvir poucas e boas - resmungou irritado.

Sthefany suspirou aliviada, se preocupava com Marcos, sentia por ele algo que nunca sentira por nenhum homem. Talvez fosse apenas desejo enrustido, pensou e um sorriso aflorou em seus lábios, depois que dormisse com ele com certeza o encanto sumiria.

Mais tarde, após se recolher à seu espaçoso quarto, vestiu uma camisola rosa diáfana que deixava transparecer seu belo corpo. A jovem deitou-se em sua cama "king size" deixando apenas a luz difusa de um abajur no criado mudo ligada. Em seguida com o controle remoto de seu aparelho de som colocou uma musica suave e deitou-se.

Ficou pensando no jovem médico, não desejava que ele fosse desligado do programa de residência, não ao menos até ela ter dormido com ele. Imaginou-o ali, ao seu lado, em seu espaçoso leito, a boca dele descendo por seu corpo, descendo pelos seus seios até alcançar sua vagina.

A jovem fechou os olhos imaginando, ao mesmo tempo em que descia sua mão esquerda parando em seus seios os quais passou a massagear e apertar, sentindo os mamilos turgidos de excitação. Sua mão direita desceu por seu ventre e tocou sua vulva, seus dedos se enroscaram brincando em seus pelos pubianos, os quais mantinha aparados.

Em seguida deslizou um dedo até a entrada de sua vagina sentindo o local umedecido. Lentamente subiu o dedo, agora molhado, até seu clitóris, com um suspiro o tocou acariciando-o, espalhando seu próprio líquido nele.

Às vezes introduzia dois dedos em sua vagina movimentando-os lentamente em um vai e vem delicioso, retirando-os encharcados quando então voltava a acariciar seu clitóris em movimentos circulares.

As caricias continuaram por minutos, Sthefany mantinha os olhos fechados, imaginando que era Marcos quem a acariciava, até que o prazer chegou a um nível insuportável e a jovem introduziu os dedos novamente movimentando-os de forma rápida em seu interior até que explodiu em um gozo profundo que estremeceu seu corpo enquanto murmurava:

- Marcos...Marcos...

Satisfeita, foi dormir decidida a seduzir o jovem médico.

Capítulo VI

No dia seguinte, durante o café matinal, seu pai a surpreendera avisando que a acompanharia até o hospital. Tentara dissuadi-lo, mas sem sucesso.

- Posso até não desliga-lo do programa, mas ele vai ouvir, ah se vai! - rosnou Avelar.

- Pai, tenha calma, por favor - murmurou tentando apaziguá-lo.

Marcos chegou ao hospital e ao passar pela portaria foi avisado para se dirigir até a sala do diretor geral, no último andar.

A chegar a secretária pediu que ele aguardasse, passado quase quarenta minutos entrou na sala Avelar seguido de sua filha Sthefany, ela lhe dirigiu um olhar e um sorriso tenso.

Apos cinco minutos o telefone tocou, ela atendeu e logo em seguida, após desligar pediu que ele entrasse. No interior do espaçoso escritório, uma grande mesa de carvalho estava colocada quase no centro, havia uma estante repleta de livros em uma das paredes. O velho Avelar estava sentado na luxuosa poltrona de couro escuro atrás da mesa. O diretor estava sentado em uma das duas poltronas em frente à mesa, enquanto Sthefany em pé observava a cidade pela janela.

- Então é você que ligou pra polícia? - perguntou Avelar com um esgar ecanrando-o.

- Sim - respondeu secamente Marcos sustentando o olhar duro do velho.

- Estou vendo que você é um excelente médico, com um futuro brilhante, mas se você voltar a trair esse hospital, juro que você não vai conseguir emprego de médico nem no pior hospital do SUS! - ameaçou elevando o tom de voz.

- Cumpri a lei, o paciente que atendemos estava embriagado e causou um acidente com vítima fatal - respondeu friamente.

- Foda-se a lei! Ele é nosso conveniado, um paciente importante, se a polícia não fez o trabalho dela não é problema nosso! - rugiu Avelar batendo as mãos na mesa.

- Pai! - interveio Sthefany virando-se.

- Agradeça minha filha por eu não expulsa-lo aos pontapés de meu hospital! Agora suma daqui! - ordenou Avelar.

- Por favor, doutor, creio que você já deva estar atrasado para seu turno, gostaria que fosse cumprir suas obrigações, depois conversamos - orientou o diretor com voz apaziguadora.

Marcos encarou Avelar, mas este já virara a poltrona para o outro lado e falava ao telefone.

- Eu o acompanho - sugeriu Sthefany.

Marcos fechou as mãos com força, sua vontade era pular em cima de Avelar e soca-lo até sair sangue.

- Venha Marcos, por favor - murmurou Sthefany puxando-o gentilmente pelo braço.

De forma brusca Marcos retirou a mão de Sthefany e saiu da sala pisando duro. Dirigiu-se até a sala dos residentes e após colocar seu uniforme se encaminhou até a ala gastrointestinal onde estava escalado para trabalhar.

Ao pegar seu tablete pesquisou os exames do paciente embriagado e surpreso constatou que o exame de alcoolemia não constava mais nos registros. Pensou em ligar para a delegacia, mas nesse momento, a doutora Suzana o bipou, havia uma cirurgia de desobstrução de intestino e ele fora convocado para participar.

A cirurgia complexa durou quatro horas, após o término conseguiu ligar e falar com o delegado responsável pelo caso.

O delegado informou que os tios da vítima se recusaram a depor no inquérito policial que ele instaurara, seus investigadores descobriram que eles receberam uma vultosa quantia da noite para o dia.

- Sinto muito doutor, aprecio sua ajuda, mas se não há registro do exame de alcoolemia não tenho como provar a embriaguez - afirmou o delegado.

- Mas e o testemunho dos policiais que atenderam a ocorrência? - perguntou.

- Eles vieram depor e disseram que não tinham como afirmar, já que o homem estava inconsciente e foi socorrido em estado grave - suspirou o delegado do outro lado da linha.

- E meu depoimento? - insistiu o médico.

- Não é suficiente, se ninguém mais confirmar, é sua palavra contra a dele, acredito que seus colegas não queiram depor, estou certo? - perguntou o policial.

- Se eu conseguir mais uma testemunha temos chance? - perguntou Marcos.

- Sim, aí a história muda de figura, se conseguir mais testemunhas me avise - concluiu o delegado.

- Obrigado doutor - disse Marcos desligando o celular.

Marcos conversou com o paramédico que atendera o acidente, mas ele se recusou a depor.

- Porra cara, eu tenho mulher e filhos, se eu depor perco meu emprego, sinto muito - respondera o paramédico.

Não adiantava conversar com o Doutor Fernando, responsável pela cirurgia, ele como chefe do trauma jamais deporaria contra o hospital.

Restava apenas Sthefany que também lera o exame de alcoolemia. Durante um intervalo das rondas, na parte da tarde Marcos encontrou-a na sala do café.

- Preciso falar com você em particular - murmurou.

Sthefany concordou meneando a cabeça e seguiu o médico até o heliporto no último andar.

O vento estava forte, apesar do sol que brilhava entre nuvens, fazendo com que os cabelos da médica escapassem do coque que usava quando estava usando seu uniforme de residente.

- Você viu o exame de alcoolemia, preciso que você vá depor comigo na delegacia - disparou Marcos encarando-a.

Sthefany corou sob a força do olhar do médico, entendia a revolta dele, também não gostara do que seu pai fizera, mas ela não podia ir contra ele, o amava mais do que tudo, apesar de todos seus defeitos era seu pai.

- É meu pai! Não posso traí-lo! - respondeu Sthefany.

- Uma pessoa foi morta e o criminoso está livre! Sabia que já pagaram uma indenização para os tios do rapaz que morreu ficarem calados? Você acha isso justo? - perguntou Marcos irritado aproximando-se dois passos da jovem.

Sthefany abaixou os olhos, não tinha coragem de encarar o olhar indignado dele.

- Sinto muito Marcos, não posso depor, meu pai poderia ser acusado de algum crime - respondeu com voz baixa.

- Com certeza! Obstrução da justiça, destruição de provas, ou algo do gênero, mas pelo jeito ele vai escapar, assim como o responsável pelo acidente - resmungou saindo com passos rápidos do heliporto, sem olhar para trás.

Marcos passou o resto do dia sentindo-se irado. Aquilo era uma amostra do sistema, o mesmo sistema que explorava milhões pelo mundo inteiro, que mantinha pessoas em condições degradantes em comunidades carentes. Que empurrava jovens para a criminalidade, assim como seu irmão, não que fosse

inocente a ponto de acreditar que a culpa de seu irmão ter se transformado em um traficante fosse totalmente do sistema, seu irmão tivera a mesma educação que ele, mas a falta de estruturas como educação de qualidade, lazer e oportunidades de empregos decentes com certeza tivera uma parcela de

culpa.

Um jovem perdera a vida e o culpado pelo crime, com a ajuda de Jefferson Avelar escapara ileso. O exame de alcoolemia fora deletado, os tios do jovem receberam uma vultosa indenização, e o Delegado ficara de mãos amarradas.

O dinheiro e o poder descartaram uma vida como se fosse lixo. O empresário continuaria gozando de seus privilégios e o jovem motociclista estaria apodrecendo no caixão em um cemitério de periferia.

Por isso estava furioso e, mais furioso ainda consigo mesmo, seguira a lei e fizera todo o possível para que o culpado fosse responsabilizado, mas, moralmente sentia-se um lixo, devia ter pedido desligamento do programa de residência, fora humilhado por Avelar e ficara calado.

Mas se fizesse isso não teria outra chance igual, uma residência no Memorial Domênica Xavier abriria as portas para a contratação nos melhores hospitais do Brasil, somente conseguira essa chance por influência de seu mentor, se abandonasse tudo estaria traindo-o.

Odiava-se em ter que engolir o orgulho e sentia-se furioso por isso, lutara toda sua vida para se tornar médico e não podia desistir agora.

Finalmente dera meia noite, o turno de dezoito horas se encerrara, agora ele teria doze horas para digerir o ódio que sentia.

Esperou que seus colegas saíssem da sala dos residentes, um vestiário/dormitório onde havia algumas camas, chuveiros, e um longo banco de madeira em frente aos armários onde guardavam seus objetos pessoais.

Marcos retirou o uniforme e jogou com raiva dentro do cesto de roupas, ficando apenas de cueca que a retirou guardando em sua mochila, em seguida amarrou a toalha em volta da cintura. Ao se erguer para ir para ducha apoiou-se em uma pia e olhou-se no espelho odiando-se mais um pouco.

Nesse momento a porta se abriu e Sthefany entrou, ainda usava seu uniforme de residente. A jovem observou-o defronte a pia, ele usava uma toalha em volta da cintura seu peito forte tinha músculos definidos e um pouco de pelo nos peitorais e abdômen. Sem saber por que a médica virou a chave da porta

trancando a sala por dentro.

- Marcos, sinto muito - afirmou enquanto se aproximava dele.

Marcos encarou a jovem, ela era filha do homem que representava o sistema que ele tanto odiava e se recusara a ajudá-lo.

- Sente mesmo? - rosnou - Seu pai adulterou exames e ajudou a encobrir um crime e você ainda o defende?

- Ele é meu pai - murmurou Sthefany abaixando o olhar.

- Eu devia me desligar desse maldito programa - rosnou abaixando a cabeça em direção a pia, onde suas mãos apertavam com força as laterais dela fazendo seus dedos ficarem brancos com o esforço.

Sthefany se aproximou e colocou a mão em seus ombros. Uma eletricidade estática percorreu ambos, mas Marcos resistiu voltando o ódio que sentia por si mesmo, contra ela.

Em um movimento brusco ele agarrou Sthefany pelos ombros empurrando-a contra a parede ao lado da pia.

- O que você quer de mim? - rosnou entredentes, encarando-a.

Sthefany sustentou o olhar e percebeu que nele não havia ódio, apenas dor e desespero, tomando o rosto dele entre as mãos e beijou-lhe os lábios.

Marcos retribuiu o beijo com violência enquanto prensava o corpo da jovem contra a parede, qualquer débil tentativa de pensar racionalmente se evaporou ao sentir o corpo firme dela de encontro ao seu.

Sthefany correu suas unhas pelas costas dele até alcançar a toalha em sua cintura. Com um puxão o tecido se soltou escorregando até o chão. Estava excitada com a situação, sua vagina parecia encharcada e pulsava dolorosamente. Desejava ele e hoje satisfaria sua vontade.

Ele parou de beijá-la e encarou-a surpreso, em seguida ajudou-a a retirar a parte de cima do uniforme enquanto a jovem retirava a calça ficando apenas de lingerie preta.

Em seguida ainda se beijando caminharam, quase tropeçando no comprido banco, até uma das camas no fundo do aposento. Marcos deitou a jovem no leito ainda beijando-a, pressionando seu pênis de encontro ao corpo dela, que se contorcia debaixo de seu peso, tentando encaixá-lo entre suas pernas.

Com urgência Marcos desceu seus lábios pelo pescoço de Sthefany que apertava e arranhava suas costas, com um movimento brusco, retirou o sutiã rendado deixando à mostra dois belos pares de seios com mamilos túrgidos de excitação.

Por um momento ficou observando-os enquanto os apertava suavemente e às vezes com força, fazendo com que Sthefany gemesse de prazer. Em seguida desceu sua boca até eles sugando-os e mordiscando-os, ora um ora outro, enquanto uma das mãos os massageava e a outra descia até a coxa da jovem apertando-a com força.

Sentiu a mão dela procurar seu membro ereto e afastou-se um pouco do corpo dela permitindo que ela o segurasse e massageasse. Em seguida ela guiou-o por entre a lateral da calcinha até sua vagina, quando a cabeça de seu pênis encostou na entrada, Marcos percebeu que ela estava quente e encharcada. Com um movimento brusco ele penetrou-a, e embora ela fosse apertada, deslizou até o fim em razão da umidade em seu interior.

Sthefany gemeu alto e arqueou o corpo querendo sentir a totalidade do pênis em seu interior, enlaçou-o pela cintura com suas pernas prendendo-o a seu corpo, enquanto o abraçava fortemente, suas bocas coladas em um beijo que beirava a violência.

Marcos aumentou o ritmo com estocadas firmes e profundas, a cada penetrada Sthefany soltava um gemido, o que o fazia aumentar ainda mais o ritmo penetrando-a com mais força nela, como se a quisesse punir pelos pecados do pai.

- Deus! Ahhhh, vou gozar! - disse em voz alta Sthefany.

A jovem nunca sentira tanto prazer, uma parte de sua mente estava surpresa, era exigente em matéria de sexo e seus parceiros tinham que se desdobrar para lhe propiciar prazer levando-a ao clímax. Mas ali, naquele vestiário, estava sentindo que iria ter um orgasmo, talvez o mais rápido de sua vida. Sentindo o fogo do prazer percorrer seu corpo e sua mente se entregou.

Marcos enfiou-se com mais força entre as pernas dela puxando-a pela cintura, até que não aguentou e explodiu em um orgasmo profundo, ao mesmo tempo em que sentia que os músculos internos da jovem contraíam-se em volta de seu pênis.

- Deus! - murmurou em voz baixa cerrando os lábios, controlando-se, uma parte de sua mente avisando-o que estavam em um local de trabalho.

Sthefany atingiu um orgasmo intenso, ondas de prazer se espalhavam por todo seu corpo fazendo-o tremer, sua respiração ficou ofegante e abraçou com mais força o jovem que estava sobre si, prendendo-o de encontro a seu corpo, como se quisesse fundi-lo à si.

Por alguns minutos ficaram em silêncio naquela posição, até que Sthefany percebeu que Marcos relaxava, deixando seu peso cair sobre ela. Ela descruzou as pernas libertando-o. Sentia-se leve e satisfeita e uma prazerosa lassidão tomou conta de seu corpo e deixou-se ficar onde estava, sentindo Marcos sobre si, aspirando seu perfume natural enquanto acariciava seus cabelos.

Após alguns minutos Marcos se levantou em silêncio deixando Sthefany deitada na cama, e caminhou até o chuveiro onde ligou a água gelada. Enquanto a ducha caía sobre suas costas pensou no que ocorrera, não sabia o que pensar. Se deixara levar pelo impulso e estava arrependido, agira quase como um animal, sem se importar com ela.

Não queria ser um brinquedo nas mãos da bela médica, ainda existia o fato de ela ser a filha do proprietário do hospital.

Sentiu que alguém entrava na ducha abraçando-o pelas costas.

- Cabe mais um nessa ducha? - murmurou Sthefany enquanto suas mãos deslizavam pelo abdômen de Marcos até que alcançou seu membro passando a acariciá-lo lentamente até que ele começou ficar ereto. Não estava satisfeita e queria mais, muito mais, pensou consigo mesma, enquanto sentia seu sexo novamente encharcado.

A jovem manipulou-o até que Marcos, não resistindo, virou-se de frente e segurou suas nádegas apertando-as com força, puxando-a de encontro a ele, seu pênis duro como pedra pressionado contra a maciez de sua carne dela. Ela ergueu uma das coxas passando-a pela cintura dele, enquanto ele puxou a outra a

elevando do chão.

Ambos se encararam, com satisfação ela percebeu o olhar de puro desejo dele, quase selvagem. Ele penetrou-a lentamente, fazendo-a gemer de prazer, o membro deslizou até o fim em seu interior molhado, enquanto ela o enlaçava pelo pescoço, mordendo levemente seus ombros fortes e cruzando suas pernas na cintura dele com mais força, prendendo-se firmemente.

Marcos segurou o peso de Sthefany apoiando as costas dela na parede, passou então movimentar-se dentro dela. Durante minutos manteve um ritmo lento, mas firme, enquanto ouvia os gemidos dela e sentia suas unhas arranhando-o suavemente nas costas. Ora ela o beijava com ardor na boca, ora o mordiscava no pescoço e ombros, às vezes até mesmo com força. Seus músculos das coxas e braços começaram a queimar com o esforço de mantê-la suspensa no ar.

Sthefany sentia a água fria caindo por seu corpo, mas ele estava quente, como se estivesse com febre. Marcos se introduzia com vigor em seu interior, arrancando-lhe gemidos cada vez mais altos, até que ele, ainda encaixado em seu interior, deitou-a no chão gelado, a água caindo forte sobre os dois. Durante minutos ficaram naquela posição, sem se mover, olhos se fitando fixamente, até que ele saiu de dentro de seu interior e a virou de costas, abraçando-a por trás.

Enquanto Marcos segurava seus seios com ambas as mãos, Sthefany o sentiu encaixando a ponta do pênis na entrada de sua vagina e com uma estocada firme a penetrou fazendo-a gemer. A posição favorecia uma penetração profunda, sentir o peso do corpo dele sobre suas costas, pressionando-a contra o chão, misturado à ducha que caía sobre ambos, aumentou seu prazer até se tornar quase insuportável. Sentia a respiração ofegante dele em sua orelha e pescoço, e passou a rebolar de encontro ao seu corpo, sincronizando com suas estocadas que se tornaram mais rápidas.

- Ahhh, gostoso! Me come - murmurava com a mente afogueada de prazer.

Quando Marcos passou a manipular seu clitóris com a ponta dos dedos, Sthefany mordeu os lábios para não gritar de prazer, a sensação de ser penetrada e ser acariciada ao mesmo tempo, a fez atingir o orgasmo novamente, seu corpo começou a tremer involuntariamente, enquanto ondas de prazer se espalhavam, mas ao invés de cessarem elas continuaram, pois ele não cessou a carícia e

passou a penetrá-la com mais força.

Sthefany apertou seus músculos internos em volta do membro, como se o quisesse esmagar, até ouviu Marcos arfar e grunhir algo ininteligível, ele apertou-a de encontro a si com mais força e após mais duas estocadas violentas ela sentiu que ele gozava em seu interior, fazendo com que ela atingisse um novo orgasmo.

Exaustos deixaram-se cair no chão frio, enquanto a água gelada continuava a cair sobre os dois.

Após alguns minutos saíram da ducha, em silêncio se enxugaram e vestiram suas roupas. Marcos sentia-se agora incomodado com a situação, agira movido pelo puro instinto, ele que se orgulhava de ser sempre centrado e controlado, perdera o rumo duas vezes. Sthefany era filha do proprietário do hospital, um dos homens mais ricos do Brasil, e ele era apenas um médico em formação, nascido e criado em uma comunidade carente, o que ambos pensariam sobre isso?

- O que foi, está arrependido? - perguntou Sthefany observando-o se trocando com uma fisionomia séria

Ele deveria estar feliz, pensou consigo mesma, afinal fizeram um sexo maravilhoso, talvez o melhor que ela já fizera, e com certeza ele também deveria pensar assim.

- Não é nada, na verdade acho que não deveríamos ter feito o que fizemos - respondeu encarando-a enquanto vestia sua camiseta.

- E o que fizemos aqui? - perguntou Sthefany de modo insinuante aproximando-se de Marcos e roçando seus lábios em seu rosto e boca.

- Você é filha do dono do hospital, e não sabe nada sobre mim - respondeu tentando resistir à vontade de beijar aqueles lábios rubros.

- Meu pai não importa, eu tenho minha própria vida, e sei tudo que preciso, você é gostoso e muito bom de sexo - disse mordiscando os lábios do jovem.

Marcos afastou Sthefany encarando-a ressentido, era isso que ele era

afinal? Apenas um parceiro de sexo? Mais um brinquedo em suas mãos?

- Preciso ir - afirmou pegando sua mochila e saindo da sala dos residentes.

- Mas que merda - murmurou Sthefany. Elogiara Marcos, não entendia sua atitude.

Marcos saiu rapidamente, deixando o hospital em sua motocicleta velha. Ele estava irritado, não gostava de ser usado, ainda mais por uma menina mimada. Se deixara levar pelo instinto, Sthefany possuía algo que o fazia perder o controle, seu cheiro, seu magnetismo quase animal o desconcertava, mas estava decidido que aquilo não se repetiria, não seria brinquedo da filha de um homem que acreditava estar acima da lei.·.

Capítulo VII

Nos dias que se seguiram Sthefany tentara puxar conversa com Marcos, mas ele parecia ainda mais introspectivo do que o costume e a evitara. Ela reparara que um dos poucos residentes com quem ele falava era Paulo.

Dias depois estava na companhia de Paulo sob a supervisão do chefe da unidade coronária, após a ronda médica, aproveitara o descanso na sala de café e perguntara, como quem não queria nada, sobre Marcos, mas este não dera muitos detalhes.

- Ele é gente boa, mas muito fechado, nunca me disse onde mora ou sobre sua família - desconversou Paulo.

Sthefany estava decidida a ser direta, sentia-se atraída pelo jovem médico, ele não era como os outros que conhecera, interessados em seu corpo ou sua fortuna. A forma como arriscara sua residência denunciando um paciente importante a impressionara. E mesmo após o encontro que tiveram ele não a procurara mais, algo que nunca acontecera antes, era ela quem terminava seus casos e não o contrário.

A aparente indiferença dele somente a deixava ainda mais atraída. Quando trabalhavam na mesma equipe a jovem ficava excitada com a proximidade, as lembranças da noite na sala dos residentes a desconcentravam, o que fora motivo de uma sutil advertência do chefe do trauma.

Ela desejava novamente sentir o toque das mãos dele em sua pele, seus lábios percorrendo seu corpo, e por duas vezes nesses dias, fora obrigada a se trancar no banheiro do hospital para se masturbar pensando nele. Algo que ela costumava fazer quando estava em casa.

Finalmente decidira ser direta, sempre tivera o que desejava e agora não seria diferente, desejava-o e ele seria dela.

Durante o intervalo do almoço observou que Marcos se dirigia até o

refeitório, onde se sentou sozinho, tendo ao lado um grosso volume de um livro sobre cirurgia. Sabia que pela escala ele terminaria seu turno às dezoito horas.

Sthefany se olhou rapidamente no reflexo da janela de vidro fumê, na parte da tarde ela participaria de um simpósio de obstetrícia e não estava usando o uniforme de residente. Trajava um pulôver preto que moldava suas curvas e uma saia um pouco acima de seus joelhos, seus volumosos cabelos loiros estavam soltos caindo por seus ombros e em sua frente um arquinho de prata impedia que caíssem sobre seus olhos.

Com passos decididos a jovem caminhou até a mesa e sentou-se em frente a ele.

- Pois não? - perguntou o jovem sem tirar os olhos do livro.

Irritada, Sthefany fechou o livro de forma brusca.

- Ei! - disse Marcos irritado encarando-a fixamente.

- Hoje à noite você e eu vamos sair para conversar! - afirmou em um tom que não admitia contestação.

Sem esperar uma resposta a jovem saiu batendo os saltos altos que usava, deixando Marcos observando-a boquiaberto.

Ele não era cego e reconhecia que Sthefany era a mulher mais bonita que já conhecera e o sexo que fizeram fora algo incrível. Mas sabia também que ela era milionária e nascera em berço de ouro, além disso, era inteligentíssima, não entendia como não demonstrava interesse na residência.

Ela vivia falando de festas e viagens, restaurantes e eventos da alta sociedade. Seu carro era um conversível vermelho importado da Itália, pesquisara por curiosidade e soubera que no Brasil apenas seis pessoas tinham um idêntico.

O que uma mulher como ela iria querer com um homem que morava em uma comunidade carente, conhecida popularmente como favela? Ambos pertenciam à mundos diferentes, não desejava ser mais um brinquedo em suas mãos. Observara os joguinhos que Sthefany fazia mantendo vários pretendentes à sua volta, como luas orbitando em volta de um planeta.

Resignado tentou voltar à leitura, mas logo desistiu, perdera a concentração.

No final do turno o jovem dirigiu-se até o estacionamento, enquanto guardava seus livros no bagageiro de sua motocicleta ouviu o guincho do freio de um veículo, ao olhar para trás surpreendeu-se com o conversível vermelho parado e Sthefany no volante.

- Suba! - ordenou de forma imperiosa.

Marcos ficou indeciso, olhou para a motocicleta, não gostava de circular tarde da noite pelas ruas da comunidade, depois olhou para a jovem que o encarava com aqueles profundos olhos verdes, olhou em volta e percebeu à distância um carro preto que constantemente a seguia, sabia que em seu interior, três seguranças armados, acompanhavam atentamente os movimentos dela.

Dando de ombros ele guardou seus livros e saltou para dentro do veículo que imediatamente acelerou cantando pneus, fazendo ele se segurar fortemente no banco.

- Aonde vamos? - perguntou curioso.

- Você vai ver - respondeu Sthefany com um sorriso enquanto trocava de marcha e acelerava ultrapassando dois veículos.

Cortaram as ruas da cidade em uma velocidade espantosa. Marcos olhou pelo retrovisor, o veículo preto, tão potente quanto a Ferrari, seguia colado a eles.

- Você está sendo seguida – resmungou com um sorriso irônico.

Sthefany apenas sorriu e engatou a quarta e depois a quinta marcha, fazendo o potente motor rugir e com uma manobra arriscada, cortou por entre dois veículos ultrapassando um sinal vermelho de uma grande avenida.

Marcos se agarrou à porta lateral e olhou por cima dos ombros, o veículo preto parara no cruzamento, buzinas eram ouvidas cada vez mais distante.

- Acho que você foi multada várias vezes - quase gritou Marcos para se fazer ouvir acima do ronco potente do motor, do vento, e da música alta de um

rock que fazia vibrar os alto falantes.

Sthefany apenas gargalhou e acelerou tomando uma saída que levava ao pico do Jaraguá. Deus! Essa mulher é louca, pensou consigo mesmo, se segurando com a mão direita na porta do conversível com ainda mais força.

Saíram da rodovia e entraram em uma estrada vicinal que subia em direção ao pico, logo estavam em uma estrada de terra, os potentes faróis iluminando as árvores em volta. O ar frio da montanha atingiu-o, de soslaio observou Sthefany, havia um meio sorriso em seus lábios maquiados de vermelho.

De repente o carro deu uma guinada e após alguns metros freou bruscamente. Sthefany desligou o veículo e saiu. Marcos observou-a caminhar e resolveu segui-la.

Ao alcançar a jovem ele se surpreendeu, ela estava parada na beira de um precipício, ao longe as luzes da cidade brilhavam, tal como as milhares de estrelas que eram vistas no céu, algo difícil de ver na cidade em razão da poluição.

- Linda, não acha? - perguntou Sthefany observando a cidade ao longe.

- Sim, muito linda - respondeu observando-a, ela trajava uma calça jeans rasgada nas coxas e uma camiseta branca decotada e folgada, que deixava entrever uma lingerie vermelha. Seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo.

Sthefany sorriu ao perceber o jogo de palavras, afinal ele não era todo imune ao seu charme e beleza, pensou consigo mesma.

Virando aproximou-se até ficar a milímetros dele, aspirando seu sutil perfume que lembrava madeira e limão.

- O que você quer de mim? - perguntou Marcos engolindo seco, sentindo que sua determinação fraquejava.

- Você! - murmurou enlaçando-o Marcos pelo pescoço.

- Eu não sou um brinquedo pra você usar - afirmou sentindo o perfume

almiscarado dela.

- E quem disse que eu quero um brinquedo? Se eu quisesse um, teria escolhido algum dos muitos que se jogam à meus pés - respondeu passando as unhas bem feitas, pintadas de vermelho, pelo peito dele.

- Você não sabe nada sobre mim - disse Marcos em um último esforço.

- Então me conte - pediu a jovem acariciando-o nos lábios.

Marcos contraiu o maxilar, sentia seu membro ereto de excitação, sua resistência ruíra, não tinha forças para afastá-la. Sua única chance era contar a verdade, afinal não estava escrito na bíblia que "A verdade vos libertará"? Mas se contasse sua origem e que tinha um irmão criminoso, o que ela diria?

- Não pertenço ao seu mundo, não sou de família rica e nada tenho pra te oferecer - afirmou optando pelo meio termo. Não poderia dizer que estava mentindo, pensou consigo mesmo.

- Não me importo, se eu quisesse alguém do meu mundo, como você diz, eu não estaria aqui - respondeu beijando-o.

Sua determinação ruiu e ele correspondeu com ardor, correndo sua mão esquerda pelas costas dela, descendo até as nádegas, apertando-as por cima do jeans justo, enquanto sua outra mão apertava-lhe o seio esquerdo por cima da camiseta.

Sthefany gemeu dentro da boca de Marcos e apertou-lhe o membro duro por cima da calça que ele usava. Afastando-se lentamente, sempre mantendo os lábios colados em um longo beijo, ela levou-o até o capô dianteiro do conversível, onde se sentou com as pernas afastadas.

Marcos colocou-se entre elas pressionando seu pênis de encontro a vagina dela. Sthefany se deitou no capô. Em seguida ele desceu beijando o pescoço e os seios dela cima da camiseta, até que em um movimento rápido ele retirou-a, e em seguida a sua própria camiseta, sentindo o ar noturno tentando esfriar sem sucesso o calor que sentia desprender de sua pele.

A lingerie vermelha era macia nas mãos dele, que massageava os seios que ela escondia com ambas as mãos, enquanto Sthefany acompanhava a carícia

segurando suas mãos, como se quisesse impedir que ele as afastasse. Passou então a acaricia-los com a boca, ora sugando, ora mordiscando-os por cima do tecido macio, e com satisfação ouviu um gemido profundo.

Lentamente libertou os seios de sua prisão de grife, admirando-os novamente. Não resistindo passou a suga-los concentrando-se nos mamilos túrgidos, fazendo com que Sthefany soltasse um gemido ainda mais alto do que o anterior.

- Vem gostoso, quero você dentro de mim - murmurou segurando seus cabelos com força.

Ele desceu lentamente passando a ponta da língua pelo abdômen dela até que chegou entre suas pernas. Com rapidez e eficiência desabotoou a calça retirando-a, após tirar seus tênis.

Por um momento admirou a lingerie, também vermelha. Passou então a acariciar a vagina dela por cima do tecido.

Sthefany se contorcia, sentindo a língua de Marcos passear por cima da calcinha, ele sugava seu clitóris, depois forçava a língua tentando introduzi-la em seu interior, a fricção dela e do tecido a levavam a loucura, que aumentava quando a língua passeava pelas laterais da calcinha e adentrava por baixo do tecido, acariciando seus grandes lábios.

Essa deliciosa tortura durou por longos minutos, suas pernas tremiam e ela sentia que orgasmo não tardaria a chegar.

- Vem, vem - murmurava com os olhos fechados enquanto contorcia seu quadril com as carícias.

Marcos se ergueu e rapidamente tirou sua calça, a jovem admirou o membro ereto. Quando ele roçou o pênis na entrada de sua vagina ela quase teve um orgasmo.

- Você quer? - perguntou roçando o membro em seu clitóris.

- Ahhhh, sim, vem, vem - murmurava desesperada em senti-lo.

Marcos estocou seu membro afundando no interior molhado

dela, fazendo-a gemer alto, ela enlaçou-o pela cintura com suas pernas. Lentamente ele se movimentou ritmicamente, retirando quase todo o pênis e voltando a introduzi-lo com força, seu escroto batendo contra as nádegas dela.

Sthefany sentia-se preenchida, a sensação era dolorosamente prazerosa. Abraçou-o puxando-o para cima de si, suas unhas arranhando as costas dele. Seus lábios colados em um beijo ardente.

Os movimentos se tornaram mais rápidos e urgentes, Sthefany prendeu com mais força a cintura dele de encontro a seu corpo. Ele suava pelo esforço, apesar do frio noturno.

- Ah Deus! Como você é gostosa - murmurou penetrando-a com mais força.

- Vem gostoso, me faz gozar - sussurou com voz rouca.

- Não vou aguentar - grunhiu aumentando a velocidade das estocadas

- Vem, vem, assim! - explodiu Sthefany contraindo seus músculos internos, apertando o membro em seu interior.

- Ahhhhhh! - gemeu gozando no interior dela quando sentiu os músculos apertando seu membro, enquanto ele a penetrava com toda força.

- Ahhhh! Não para, não para, assim, assim - gritou Sthefany sentindo um orgasmo intenso que espalhou ondas de prazer por todo seu corpo, quase a desfalecendo.

Exausto Marcos desabou seu peso em cima de Sthefany. Ambos deixaram-se ficar imóveis sobre o capô, arfando pelo esforço, enquanto seus corações voltavam ao ritmo normal.

Após alguns minutos Marcos se ergueu e começou a se vestir, enquanto observava-a, ainda com os olhos fechados e um sorriso nos lábios.

- O que você está pensando? - perguntou curioso.

- Que você é muito bom - respondeu Sthefany abrindo os olhos.

- É melhor se vestir - afirmou corando enquanto estendia à ela seu sutiã e camiseta.

Sthefany ainda com um sorriso nos lábios se vestiu rapidamente enquanto Marcos observava. Após ajeitar o cabelo a jovem se aproximou abraçando-o pelo pescoço.

- E então? - perguntou com um sorriso zombeteiro.

- E então? - repetiu Marcos.

- Sem mais fugas? - perguntou.

- Sem fugas - respondeu beijando-a longamente.

Tarde da noite Sthefany deixou Marcos no estacionamento do hospital onde ele deixara sua motocicleta. O carro dos seguranças estava ao lado dela, mas os vidros escuros não foram baixados.

- Até amanhã - disse Marcos beijando-a na boca após se debruçar na porta do conversível.

- Sentirei saudades - respondeu Sthefany, em seguida acelerou o carro e saiu em disparada deixando Marcos observando-a partir.

O veículo preto acelerou seguindo-a.

Onde diabos estou me metendo? Pensou consigo mesmo, antes de pegar sua motocicleta.

Capítulo VIII

No dia seguinte se encontraram no vestiário dos residentes, Marcos imaginou que em razão da presença dos outros colegas Sthefany apenas o cumprimentaria como um colega comum, mas a jovem o surpreendera aproximando-se e dando-lhe um longo beijo na boca.

- Hoje estou escalada na obstetrícia e você? - perguntou sem se importar com os demais residentes que os encaravam surpresos.

- É...eu...ah...ortopedia - respondeu gaguejando.

- Nos vemos no almoço? - perguntou Sthefany dando um sorriso.

- Sim, se não houver nenhuma emergência - respondeu corando como um adolescente.

Sthefany saiu e Marcos teve que suportar as pilhérias de seus colegas.

- Rapaz, quem diria, você e a filha do dono do hospital - disse Paulo rindo e batendo em seu ombro de forma amistosa.

- Pois é - respondeu Marcos constrangido enquanto se levantava - Deixa eu ir, não gosto de me atrasar - concluiu saindo da sala.

A manhã passou voando em meio à rondas de pacientes e uma cirurgia para corrigir um braço fraturado. Por volta das treze horas Marcos entrou no refeitório quase vazio e não viu Sthefany. Almoçou rapidamente e quando saía do salão foi surpreendido por ela.

- Oi gato, já almoçou? - perguntou sorrindo.

- Sim, dentro de uma hora tenho outra cirurgia - respondeu sorrindo.

- Tempo suficiente - murmurou roçando seus lábios em seu ouvido.

Em seguida puxou-o pela mão percorrendo os corredores até que o fez entrar com ela por uma porta, fechando-a em seguida. Era um quarto de material de limpeza, esfregões, panos, e baldes estavam organizados em estantes nas três paredes deixando apenas um vão livre no centro.

- Mas o que... - começou Marcos.

- Shhhh, eu quero você! - murmurou Sthefany colocando seus dedos nos lábios dele.

Em seguida jogou-se nos braços de Marcos beijando-o com sofreguidão. A jovem passara a noite em claro, após deixá-lo, fora para sua casa e depois de um banho demorado em sua banheira tentara dormir, mas as lembranças da noite não saíam de sua mente, admitia que eles tinham uma química perfeita, nunca atingira o orgasmo com tanta facilidade.

Havia algo nele que mexia com seus instintos e emoções, e não era apenas sexual. Ele era diferente dos rapazes ricos com que estava acostumada e dos colegas de faculdade que tivera nos Estados Unidos.

Sthefany era experiente em matéria de sexo, mas com Marcos agia como uma adolescente, esquecera até mesmo de usar camisinha, algo que nunca acontecera antes, não que ela temesse engravidar, pois usava pílulas anticoncepcionais, mas sempre existia o risco de uma doença venérea, e fez uma anotação mental para conversar sobre isso com Marcos.

Pensara em disfarçar o que ocorrera, seus colegas e os médicos mais velhos poderiam comentar, seu pai poderia não aceitar, mas antes de dormir decidira: não se importava com que os outros pensassem. E foi assim que, no dia seguinte, decidira "sequestrar" o jovem médico, não aguentaria esperar até a próxima folga.

Sthefany rapidamente retirou a parte de cima do uniforme médico dele, em seguida, diante de seu olhar atônito, retirou sua própria roupa deixando a mostra seu conjunto de lingerie branca. Abraçou-o novamente colando seus lábios ao dele, enquanto corria suas unhas por suas costas, sentindo o membro ereto pressionando-a.

Durante alguns minutos ficaram nesse jogo de carícias, as mãos dele apertavam seus seios e suas nádegas, parecendo se multiplicar, roçando sua

vagina e clitóris, para no momento seguinte acariciá-la em outro ponto. Não aguentando mais ela virou-se de costas empurrando suas nádegas contra o pênis do jovem.

Percebeu que ele descia rapidamente a calça e a cueca, o que a fez fechar os olhos de antecipação.

Marcos aspirou o perfume delicioso dela, enquanto beijava seu pescoço e percebeu que pele se arrepiando com seu toque. Sentia-a rebolando de encontro a ele em um movimento provocativo.

Ajoelhou-se então, descendo pelas costas dela, roçando seus lábios e a ponta de sua língua pela pele suave até alcançar as nádegas firmes, rapidamente desceu a calcinha branca até o chão.

Em seguida, ainda apertando-as, afastou-as um pouco enquanto beijava-as, até que alcançou a vagina dela por trás e introduziu sua língua o mais profundamente possível, acariciando-a com movimentos circulares. Ouviu-a jovem gemer alto e empurrar as nádegas para trás, como se desejasse que a língua dele se enfiasse mais fundo.

Ele subiu novamente, percorrendo o caminho inverso, roçando seus lábios e língua pela pele dela, não sem antes passar levemente a língua por seu ânus, o que a fez gemer ainda mais alto. Ergueu-se e encaixou-se nela, segurando suas mãos acima da cabeça, prendendo-as na parede com sua mão esquerda.

Com a outra mão livre encaixou seu pênis na entrada da vagina dela, que empinou as nádegas para facilitar o encaixe. Com um movimento suave penetrou-a lentamente, sentindo-a encharcada.

Sthefany arquejou e mordeu os lábios para conter um gemido alto, passando então a rebolar suavemente. Com satisfação ela ouviu Marcos gemer enquanto ele mordiscava seu pescoço.

- Vem gostoso! - murmurou fechando os olhos.

- Você é louca - respondeu entre um arquejo e outro, imaginando o que aconteceria se fossem flagrados, mas tão rápido como o pensamento viera e se fora.

Marcos penetrou-a mais rapidamente, usando uma das mãos para manter a cintura dela presa à sua para que o encaixe não se desfizesse. Após alguns minutos ela começou a rebolar com mais intensidade.

- Vem, vem, vou gozar! Ahhhhhh! - gemeu Stehfany alto, enquanto ondas de prazer espalhavam-se por seu corpo.

- Deus! - murmurou Marcos entredentes, ejaculando no interior molhado de Sthefany, enquanto a apertava contra si com força.

Ficaram parados por alguns segundos, até que rindo, Marcos desfez o encaixe.

- Você é louca, onde está com a cabeça? Se alguém nos pegar eu perco minha residência - afirmou sorrindo.

- Ninguém vai te dispensar, esqueceu que sou a filha do dono? - gracejou de volta.

- Tenho que voltar, tenho uma cirurgia daqui a pouco - afirmou agora sério.

- Nos vemos mais tarde? - perguntou - Poderíamos sair para jantar, queria te levar em um local especial.

- Jantar? - perguntou Marcos imaginando quanto custaria um jantar em um restaurante caro.

- Sim, estou na oncologia a tarde toda, a hora que você sair me procura lá - pediu enquanto ajeitava os cabelos em um coque, após terminar de vestir seu uniforme de residente.

- Tudo bem, mas eu tenho que ir em casa trocar de roupa, só estou com um jeans surrado e a camiseta que vim pro hospital hoje - afirmou enquanto ajeitava seu uniforme.

- OK, você passa em casa então, vou deixar meu endereço no seu whatsapp - disse Sthefany digitando rapidamente em seu celular.

- Deixa ver se tá tudo livre - pediu abrindo uma fresta da porta, o corredor

estava vazio e abriu a porta a que Sthefany saísse.

Ela ainda parou na porta e o beijou rapidamente na boca.

- Vai logo, antes que alguém nos veja - ordenou sorrindo.

- Está bem, só mais um beijo - disse Sthefany beijando rapidamente Marcos na boca saindo em seguida rindo pelo corredor.

Marcos esperou mais alguns minutos e depois saiu na direção contrária. Se fossem pego, ele seria bem capaz de perder a residência, o velho Avelar não o perdoaria dessa vez, mas valera o risco, pensou sorrindo mentalmente enquanto caminhava. Ele nunca teria iniciativa para praticar àquele tipo de loucura.

No final do turno ele foi até a ala de oncologia, uma enfermeira o informara que a Doutora Sthefany estava na pediatria oncológica. Ele caminhou até o local, passando por médicos e enfermeiras que cuidavam de seus afazeres.

A ala pediátrica tinha paredes coloridas com desenhos e quadros com motivos infantis, dando um ar alegre ao ambiente, embora a quantidade equipamentos nos corredores e quartos denunciassem a gravidade da doença que ali era tratada.

Marcos encontrou Sthefany em uma sala de lazer, onde as crianças brincavam e se distraíam do tratamento médico a que eram submetidas. Encostou-se no batente da porta observando-a, ela brincava sorridente com quatro crianças, enquanto uma menina penteava seus cabelos que estavam soltos.

Ele ficou admirado, não imaginara que ela gostasse de crianças, os pequenos faziam várias estripulias, tentando chamar a atenção dela, que ria e se divertia com eles. Seu sorriso era franco e contagiante e parecia entregue à diversão dos pequenos.

Após alguns minutos Sthefany olhou para trás e o viu observando-a, rindo ela brincou mais um pouco com as crianças e se despediu delas, deixando-as aos cuidados de duas enfermeiras.

- Que energia que elas têm - afirmou se aproximando, enquanto prendia os cabelos em um coque.

- Não sabia que você gostava de crianças - disse rindo Marcos.

- E por que não? - respondeu rindo - As crianças não mentem e nada querem em troca.

- É verdade - disse, pensando que ainda não contara sobre sua origem e de sua família.

- Vamos então? - perguntou Sthefany roçando sua mão discretamente na mão dele.

- Claro, vamos - respondeu rindo.

Após se trocarem se dirigiram ao estacionamento onde Marcos acompanhou-a até seu conversível, que estava com a capota abaixada. O carro preto estava afastado alguns metros, mas logo ligou o motor. Após se despedirem ele pegou sua motocicleta e foi para casa se trocar.

Duas horas e meia depois ele chegou ao endereço que Sthefany enviara pelo celular, um condomínio de luxo.

O jovem ficou impressionado, após se identificar na portaria, onde dois vigilantes armados de pistolas na cintura o encararam fixamente, um terceiro efetuou uma ligação e depois de um minuto conversando ao telefone abriram os pesados portões.

- Acompanhe nosso vigilante naquela moto - ordenou um deles apontando para uma moto de pequena cilindrada onde um vigilante armado aguardava.

Marcos concordou e seguiu a outra motocicleta por várias ruas arborizadas, luxuosas mansões estavam em ambos os lados. Finalmente pararam em frente a um muro longo, coberto por trepadeiras.

- É aqui, estacione a motocicleta na calçada e se anuncie pelo interfone - ordenou o vigilante apontando para o pesado portão de cor verde, onde havia um pequeno comunicador no muro.

Marcos desceu da motocicleta e apertou o botão do interfone, uma voz com sotaque inglês atendeu:

- Pois não?

- Ah, é Marcos, para falar com Sthefany - respondeu indeciso sobre o que dizer.

- Um momento ...

Marcos ouviu algumas vozes e de repente o interfone soou novamente.

- Estou saindo Marcos - disse Sthefany apressadamente.

Ele aguardou por alguns minutos até que os pesados portões se abriram e dois indivíduos vestindo ternos pretos saíram na porta, Marcos entreviu na cintura deles pistolas semiautomáticas. Em seguida o ronco do motor do conversível vermelho foi ouvido e o veículo freou bruscamente na porta.

- Sobe Marcos, deixa a motocicleta aí - pediu rindo Sthefany.

- Mas... - começou a argumentar.

- Não estou vestida para andar de moto - disse Sthefany sorrindo e apontando para o tubinho vermelho que usava, suas coxas estavam à vista, bem como o colo dos seios, apertados na vestimenta "tomara que caia".

- Tudo bem - decidiu, deixando ambos os capacetes na motocicleta, não acreditava que alguém ousaria furtá-los naquele local.

Após subir no veículo Sthefany acelerou e saiu cantando pneu, como sempre a jovem médica dirigiu em alta velocidade pelas ruas da cidade até o bairro nobre de Pinheiros, onde entraram em uma rua arborizada com vários restaurantes. O veículo preto novamente seguia a Ferrari à distância.

- Seus seguranças? – perguntou apontando para o veículo.

- São, mas ignore-os, eles ficam à distância e não vão nos incomodar, uma exigência de meu pai para que eu pudesse utilizar a Ferrari – respondeu de um jeito displicente.

Sthefany estacionou no meio fio em frente a um grande prédio com vidros de vidro, de onde se podia ver várias mesas com cadeiras em volta, clientes bem

vestidos desfrutavam do jantar nelas. Um valete se aproximou do lado do motorista abrindo a porta para Sthefany que lhe entregou as chaves.

Marcos desceu e observou-a, o tubinho vermelho chegava até suas coxas e marcava suas curvas, um decote apertado deixava ver o colo dos seios que pareciam espremidos naquela roupa, ela carregava uma bolsinha, também vermelha, da mesma cor do sapato de salto alto. Uma maquiagem discreta com batom vermelho e sombra nos olhos se harmonizava com seus cabelos sedosos que se espalhavam pelos ombros, a franja caía em frente ao rosto, fazendo com que a jovem a afastasse com um movimento elegante.

Ainda bem que colocara seu blazer preto, que usava aberto, e uma camisa branca, que comprara recentemente, além de sapatos já usados, mas bem engraxados, pensou consigo mesmo, caso contrário se sentiria mais deslocado do que já estava.

- Vamos? - perguntou Sthefany com um sorriso encantador dando o braço para Marcos segurar.

Entraram na portaria onde um maître os atendeu com um sorriso solícito.

- Senhorita Avelar, que prazer revê-la? Seu pai a acompanha hoje? - perguntou com ar afetado.

- Hoje não, gostaria de uma mesa para dois - respondeu com um sorriso.

- Certamente senhorita, me acompanhem, por favor - disse o maître fazendo um sinal para que entrassem no restaurante.

Caminharam por entre as mesas até uma grande porta de vidro que dava acesso a um pátio, em seu centro uma enorme figueira espalhava seus troncos pelo espaço aberto, em volta dela mesas pequenas para no máximo duas pessoas, sobre elas uma espécie de lampião pequeno ardia com uma chama diminuta. As mesas eram bem afastadas entre si, o que garantia privacidade aos clientes.

Marcos antecipou-se puxando a cadeira para que Sthefany se sentasse, em seguida fez o mesmo, enquanto o maître entregava a ambos os cardápios. O jovem passou os olhos rapidamente pelas opções e se assustou com os preços, não que ele não pudesse arcar, mas aquele jantar ia consumir uma boa parte de seu orçamento mensal, a bolsa que recebia do hospital era suficiente, mas o

jovem separava uma parte para doar à clínica comunitária onde prestava serviços voluntários sempre que podia.

- Posso sugerir? Nosso faisão ao molho provençal está excelente e para acompanhar um vinho bordô - disse o maître suavemente.

- Para mim está bom - respondeu Marcos resignado, imaginando que teria que sacar algum dinheiro da poupança para cobrir as despesas do mês.

- Excelente Jacques - disse Sthefany com um sorriso.

- Perfeitamente - disse o maître retirando-se.

- Você vem muito aqui? - perguntou Marcos observando Sthefany.

- Sim, meu pai gosta muito de vir jantar aqui - respondeu.

Foram interrompidos por um garçom que apresentou uma garrafa de vinho, em seguida abriu-a e serviu duas taças.

O jantar foi agradável, o vinho e a comida eram realmente excelentes. Sthefany contou algumas passagens de sua vida de estudante e seu relacionamento com o pai, sobre sua infância e a morte da mãe, assassinada em um assalto.

- Sinto muito - murmurou apertando suavemente as mãos dela sobre a mesa mesa.

- Não tem problema, faz muito tempo, eu era apenas uma criança de cinco anos, mas sinto muitas saudades dela - respondeu com um sorriso triste.

Marcos contou-lhe sobre seu tempo na faculdade. Ela percebeu que ele era reticente em falar sobre sua família e passado, mas esse ar misterioso somente aumentava a atração que sentia.

Usando o pé esquerdo ela tirou sua sandália direita, e levou seu pé entre o meio das pernas dele, que se assustou com o movimento, encarando-a com ar de interrogação.

Ela sorriu de forma sensual e passou a acariciar o membro dele por cima

da calça, utilizando seu pé até senti-lo ereto. Sorriu ao perceber seu desconforto e que seu rosto parecia corar.

- Que tal pedirmos a conta? - murmurou Sthefany.

- Não quer sobremesa? - perguntou Marcos sentindo o rosto arder, enquanto o pé dela passeava por seu pênis.

- Quero, mas é esse tipo de sobremesa aqui - respondeu pressionado com mais força o membro dele, o que o fez quase saltar da cadeira.

Quando a conta chegou Sthefany fez menção de pagar, mas Marcos não permitiu.

- Fui eu quem convidou - protestou a jovem.

- Mas é nosso primeiro jantar juntos, então faço questão - respondeu entregando o cartão de débito para o maître.

Após pagarem a conta saíram do local, onde encontram o conversível que um valete trouxera. Sthefany deu uma gorjeta generosa ao jovem que lhe entregou a chave após abrir a porta para que ela entrasse.

Sthefany dirigiu em alta velocidade pelas ruas da cidade até chegarem ao bairro onde ela residia, sempre seguida pelo carro preto dos seguranças.

Antes de entrar no condomínio ela estacionou ao lado de uma árvore que estava na calçada, o veículo preto estacionou metros atrás e apagou as luzes. A rua estava deserta e silenciosa, uma leve brisa soprava na rua, sendo sentida no interior do veículo que estava com a capota abaixada.

Após desligar o carro pegou ela pegou a mão direita de Marcos e guiou-a por dentro de seu vestido.

Com surpresa Marcos percebeu que ela estava sem calcinha e totalmente molhada.

- Você é louca - murmurou enquanto acariciava a vagina e o clitóris com a ponta dos dedos.

- Sou mesmo - concordou Sthefany semicerrando os olhos e soltando um gemido ao sentir um dedo de Marcos deslizar para dentro de sua vagina.

- Eles podem nos ver - murmurou Marcos indicando os seguranças metros atrás e fazendo menção de parar a carícia.

- Não seja por isso - respondeu apertando um botão e a capota do conversível fechou-se, em seguida ela ligou o ar condicionado. Os vidros da Ferrari eram escuros o que impedia que alguém observasse o que ocorria em seu interior.

Marcos aproximou-se abraçando a jovem com seu braço esquerdo, puxando-a para perto de si, quando então beijou-a na boca lentamente, ao mesmo tempo em que continuava as carícias em sua vagina.

- Como você é quente - murmurou introduzindo dois dedos no interior dela que gemeu ainda mais alto se contorcendo no banco de couro do carro.

- Delícia! - sussurrou segurando a mão dele entre suas pernas.

A carícia continuou por alguns minutos até que Sthefany ergueu seu vestido acima da cintura e agachou-se no espaço apertado do carro até a braguilha da calça dele, abrindo o zíper e liberando o pênis ereto dentro da cueca.

Em seguida ela segurou-o com uma das mãos guiando-o até sua boca, passando a chupá-lo lentamente, sentindo-o pulsar a cada sucção.

Marcos sentia-se inebriado, concentrava-se para não ejacular dentro da boca dela. Sthefany levantou-se e ajeitou-se em sua cintura, lentamente desceu no membro ereto, até encaixar-se totalmente, passando a galopá-lo.

Segurando-a pela cintura com ambas as mãos, para impedir que o movimento os desconectassem, Marcos ergueu-se o suficiente para alcançar-lhe os seios, os quais passou a sugar com vontade após abaixar o vestido dela até o abdômen e retirar seu sutiã de renda vermelha.

Sthefany movimentou-se requebrando sensualmente, sentindo toda a virilidade dele em seu interior. A sensação do perigo de serem surpreendidos fazendo sexo em um carro, a certeza de que os seguranças estariam se

perguntando o que ocorria no interior do carro, o movimento do membro entrando e saindo de dentro de sua vagina, a forma como ele sugava seus seios e brincava com seus mamilos, a deixavam cada vez mais excitada, em um prazer que subia exponencialmente, até que sentiu que teria um orgasmo.

- Vai, isso, mais rápido, mais forte...aiii, ahhhhhh! - gemeu alto sentindo um orgasmo profundo arrebatando seu corpo e mente.

Marcos sentiu os músculos internos dela contraindo-se em volta de seu pênis, apertando-o de forma dolorosamente deliciosa, com uma estocada final gozou com força.

- Ahhhh! - gemeu alto apertando-a contra si.

Ambos ficaram em silêncio por uns minutos recuperando o fôlego, ainda conectados e abraçados. Encararam-se mutuamente com sorrisos de satisfação.

- Que loucura - afirmou rindo Sthefany.

- Você é louca - respondeu Marcos sorrindo.

- E você tem um sorriso lindo, devia sorrir mais - murmurou beijando-o na boca.

Beijaram-se longamente, até que se separaram.

- Acho melhor irmos embora - disse Marcos - É tarde e daqui a pouco seus seguranças vem bater na janela para saber se eu ainda não a matei.

- Tudo bem - respondeu rindo da piada dele, enquanto sentava-se no banco do motorista e ajeitava o sutiã e o vestido.

Marcos também se ajeitou e logo o carro estava em movimento entrando no condomínio, seguido do carro dos seguranças. Ao chegarem em frente ao muro da mansão desceram.

- Tenho que ir - afirmou Marcos.

- Não quer entrar? - perguntou enlaçando-o pelo pescoço.

- Melhor não - respondeu imaginando que o velho Avelar não ficaria muito feliz em vê-lo.

- Então nos vemos amanhã - murmurou dando-lhe um longo beijo.

Após se despedirem ele esperou que Sthefany entrasse na mansão e, após pegar sua motocicleta, se dirigiu para sua casa.

Durante o percurso um meio sorriso não saía de seus lábios. Nunca conhecera uma mulher como Sthefany.



Sthefany entrou em casa e ao passar pelo hall encontrou seu pai. sentado em uma luxuosa poltrona, na sala de visitas.

- Pai, ainda acordado? - perguntou surpresa.

- Estava preocupado - respondeu Avelar encarando a filha fixamente - Com quem você saiu?

- Um amigo - respondeu a jovem não querendo contar que saíra com Marcos.

- Aquele medicozinho que eu devia ter demitido? - perguntou com um esgar de desprezo.

- Pai! - protestou Sthefany - Estou cansada, amanhã nós conversamos - disse beijando-o no rosto e subiu a escadaria que dava acesso ao andar superior e ao seu quarto.

Avelar ficou observando a filha subir as escadas, quando fora informado da motocicleta que entrara no condomínio, fora fácil ligar para um amigo da cúpula da Polícia, que pesquisou a placa do veículo informando o nome do proprietário. Para sua surpresa era o nome do médico que desejara demitir.

Ficara irritado, sua princesa tinha que se relacionar com pessoas de categoria e não com um médico recém-formado, que somente conseguira uma chance no programa de residência graças a indicação de um renomado cirurgião plástico que, eventualmente, usava as modernas salas de cirurgia do hospital.

Não sabia muita coisa sobre o jovem, por isso não recusara o oferecimento de seu amigo para levantar "a ficha corrida" dele, como eles falavam no jargão policial.

Amava sua filha e faria de tudo para protegê-la, mesmo contra a vontade dela.

Capítulo IX

A semana foi corrida para o casal, graças à influência de Avelar, as escalas de Marcos e Sthefany não coincidiram, estando ela geralmente no plantão diurno e ele no noturno. Mas isso não impedia a jovem de o procurar e, nos raros momentos de folga, transar com ele.

Foram dias de loucura, pensava Sthefany sorrindo quando se recolhia a seu quarto tarde da noite, cansada, mas feliz. "Sequestrara" Marcos levando-o para salas de depósitos, estacionamento e uma vez no vestiário dos residentes, onde faziam um sexo rápido, mas prazeroso.

Ela sentia-se feliz, nunca tivera um amante tão bom, mas não era somente sexo que a atraía, o jovem médico era competente e atencioso com os pacientes, educado com os colegas e funcionários e gentil e carinhoso com ela.

Naquela sexta-feira finalmente a escala de ambos coincidiria e teriam o fim de semana de folga. Fizera vários planos e, foi com um sorriso nos lábios, que entrara no hospital dirigindo-se ao vestiário dos residentes onde Marcos e outros médicos já estavam, uns saindo outros entrando no turno.

- Bom dia - disse feliz se aproximando dele, que terminava de colocar os tênis hospitalares, dando-lhe um longo beijo, sem se importar com os demais colegas.

- Bom dia, tudo bem? - perguntou sorrindo constrangido.

- Melhor agora - respondeu retirando o vestido azul que usava, deixando a mostra um conjunto de lingerie azul turquesa que logo escondeu por baixo de seu uniforme de residente.

Marcos observou-a se trocando, não cansava de admirar seu belo corpo.

- O que temos para hoje? - perguntou animada enquanto sentava-se ao lado dele para calçar seu tênis.

- Uma cirurgia de emergência na pediatria oncológica - respondeu Marcos.

- Quem? - perguntou Sthefany empalidecendo.

- Lúcia Albuquerque, parece que o tumor dela cresceu e se espalhou, a Doutora Suzete decidiu pela cirurgia, está marcada para daqui duas horas - respondeu Marcos - Você está bem? - perguntou percebendo a palidez dela.

Sthefany meneou a cabeça afirmativamente, mas estava arrasada, a menina Lúcia, de apenas oito anos, praticamente vivia no hospital desde os seis, quando descobriram um raro tumor maligno em seu fígado. Ela se afeiçoara à menina, talvez pelo fato de ambas serem órfãs de mãe, e a menina retribuía com carinho.

Lúcia perdera a mãe por causa do câncer e seu pai, um empresário do ramo metalúrgico, se desdobrava para cuidar da menina e da empresa.

- Tudo bem? - perguntou novamente percebendo a preocupação de Sthefany.

- Tudo, é só que eu conheço bem a menina, alguns meses antes de começar a residência eu já fazia serviço voluntário na pediatria - respondeu pensativa.

- Vamos, então? A equipe vai se reunir para se preparar - avisou Marcos levantando-se.

Caminharam pelos corredores do hospital, que mesmo àquela hora, já estava movimentado. Dirigiram-se até a sala de reunião da ala da pediatria oncológica, vários monitores de sessenta polegadas estavam ligados com imagens em 3D dos exames da paciente.

A Doutora Suzete estava em frente a uma mesa, negra, baixa, com cinquenta e cinco anos, era a chefe da oncologia do hospital há cinco anos. Dentro da sala a equipe de enfermeiras e médicos assistentes já estavam reunidos.

- Agora que estamos todos reunidos, vamos analisar os exames e traçar a estratégia - começou a médica.

Durante quase duas horas os médicos reunidos examinaram os exames e traçaram a estratégia da cirurgia.

- Podem preparar a paciente - ordenou Doutora Suzete satisfeita, todos sabiam o que fazer na cirurgia.

- Vou supervisionar doutora - afirmou Sthefany.

- Eu irei com ela - ofereceu-se Marcos.

Saíram da sala de reuniões e dirigiram-se até o quarto da menina. Duas enfermeiras já estavam no local. A menina estava de camisola cirúrgica, deitada em uma maca. O pai dela ao seu lado segurando-lhe as mãos.

- Doutora Fany! - disse a menina com um sorriso.

- Oi minha linda, pronta? Lembra o que te falei? Vamos levar você pra uma operação para que você melhore - disse enquanto acariciava o rosto da menina.

- Estou pronta, não estou com medo. Papai que parece com medo - respondeu sorrindo.

Sthefany curvou-se na maca e beijou a testa de Lúcia delicadamente.

- Vou estar do seu lado - afirmou a médica.

- Esse é seu namorado que você me disse? Ele é bonitão - disse Lúcia com um sorriso para Marcos.

Sthefany corou e deu outro beijo na menina cochichando algo em seu ouvido, o que a fez rir.

Em seguida levou o pai de Lúcia para a porta e conversou com ele em voz baixa.

Lúcia fez um sinal para que Marcos se aproximasse. O jovem se curvou com um sorriso.

- Ela é minha melhor amiga sabia?

- Verdade? - perguntou de forma simpática.
- Na verdade é a única que tenho. Se eu morrer não deixa ela ficar triste - pediu.
- Você não vai morrer - afirmou sorrindo, tentando encorajá-la.
- Não precisa mentir, eu sei que tou bem doente - disse a menina.

Marcos sorriu tentando passar confiança, mesmo sabendo a gravidade da situação. O tumor se alastrara por vários órgãos e as chances não eram favoráveis.

- Ela gosta muito de você, sabia? Ela mesma que me disse - afirmou a menina piscando um olho.

Marcos corou e sorriu, quando ia responder as enfermeiras entraram no quarto em companhia de Sthefany e do pai da menina.

- Está na hora, vamos? - disse a médica fazendo um sinal para as enfermeiras.

- Até daqui a pouco meu docinho, vou estar aqui te esperando - disse o pai da menina dando-lhe um beijo na testa.

Dirigiram-se todos até a sala de cirurgia, Sthefany caminhou o tempo todo ao lado da maca segurando a mão de Lucia.

Marcos e Sthefany entraram na antessala de esterilização e após vestirem os aventais, toucas cirúrgicas e colocarem as luvas entraram.

As enfermeiras entraram com a maca e colocaram a menina na mesa cirúrgica. O anestesista aplicou a anestesia e, antes que a menina fechasse os olhos Sthefany se curvou sobre ela.

- Vou estar aqui o tempo todo - sussurrou enquanto Lúcia fechava os olhos com um sorriso nos lábios.

- Estamos prontos? - perguntou Doutora Suzete observando todos à sua volta - Então vamos começar.

A operação se iniciou com Doutor Fernando fazendo uma incisão do abdômen ao tórax. Ao afastarem a pele e músculos Marcos ficou chocado com a extensão do tumor.

Vários médicos operaram ao mesmo tempo. Marcos auxiliou o Doutor Fernando nos traumas provocados pela remoção do tumor. Tivera que ajudar na sutura da aorta abdominal e em um trauma no fígado.

Trabalharam durante mais de seis horas, lentamente foram retirando o tumor e reconstruindo os órgãos danificados. Eventualmente o jovem observava Sthefany que auxiliava no monitoramento dos sinais vitais da paciente.

Finalmente, após sete horas de cirurgia, Doutora Suzete deu-se por satisfeita.

- Parece que conseguimos senhoras e senhores. Podem fechar - ordenou.

- Doutor Marcos - indicou Doutor Fernando.

Marcos se preparou para suturar o grande corte. Nesse momento os equipamentos começaram a apitar.

- Saturação de oxigênio caindo - disse com voz alarmada Sthefany.

- Fibrilação ventricular - afirmou Doutora Suzete - Injetem cinco mm de Noradrenalina e preparem o ressuscitador!

Uma enfermeira entregou as hastes do ressuscitador ao Doutor Rubens, cirurgião cardíaco, que as encostou no coração da menina.

- Carregado! - afirmou a enfermeira.

- Afastem! - ordenou Doutor Rubens e o aparelho descarregou uma corrente elétrica que fez o pequeno corpo tremer.

- De novo! - ordenou.

Outra carga foi aplicada e Marcos percebeu que algo havia se rompido no interior do pequeno corpo.

- Os batimentos retornaram, mas ainda estão erráticos! - exclamou Sthefany.

- Sucção! - ordenou Marcos examinando o interior do corpo, enquanto um enfermeiro utilizando uma cânula sugava o excesso de sangue que inundava os órgãos expostos.

- Merda! A aorta abdominal se rompeu - disse Marcos fechando com os dedos a abertura.

- Segura Doutor Marcos, vou suturar - ordenou Doutor Fernando.

O equipamento de monitoração cardíaca voltou a apitar.

- Massagem cardíaca manual - ordenou Doutora Suzete - Rápido senhores!

Durante quinze minutos lutaram para salvar a menina. Os monitores apitavam loucamente. Enquanto Marcos e o Doutor Fernando tentavam conter um rompimento do baço. Parecia que cada vez que fechavam um sangramento outro aparecia.

- Doutor Marcos, basta - ouviu uma voz que parecia vir de longe.

- Vou conseguir, só um segundo - respondeu concentrado em suturar o trauma.

- Doutor Marcos! Já chega! - ouviu novamente a voz, dessa vez mais incisiva.

- Pronto! Consegui! - disse retirando as mãos ensanguentadas protegidas pelas luvas.

Marcos olhou em volta, os monitores emitiam apenas um apito constante e regular, uma linha reta no monitor cardíaco indicava que o coração da menina não batia mais.

- Horário do óbito: 18h27minutos - disse Doutora Suzete olhando para o grande relógio na parede.

Marcos olhou em volta, médicos e enfermeiras começavam a sair da sala após desligarem os aparelhos. Sthefany o encarava com olhos marejados de lágrimas.

- Merda - murmurou para si mesmo.
- Vou dar a notícia ao pai - disse com voz trêmula Sthefany.
- Falarei com ele daqui a pouco também - afirmou Doutora Suzete.

Sthefany saiu da sala de cirurgia, Marcos observou a menina estendida na mesa, tão jovem, pensou consigo mesmo.

Após sair da sala e retirar as luvas e o avental manchados de sangue, se dirigiu até o quarto da menina. Observou que Sthefany conversava em pé, com o pai dela, que, após uns minutos, sentou-se no sofá ao lado da cama vazia e colocou as mãos no rosto.

Ao assomar na porta percebeu que o homem chorava convulsivamente, enquanto Sthefany apertava levemente seu ombro. Ao encara-lo Marcos percebeu que ela tinha lágrimas escorrendo pela bela face.

Pedindo desculpas Sthefany se retirou do quarto passando ao lado de Marcos que fez menção de detê-la, mas ela precisava ficar sozinha e correndo se dirigiu ao elevador e, após as portas se abrirem, ela bateu desesperadamente no botão do Heliporto. Enquanto as portas se fechavam ela observou que Marcos vinha correndo atrás dela.

Sthefany saiu no heliporto, naquele momento deserto, e correu até o beiral do edifício apoiando-se na grade de proteção onde passou a chorar copiosamente, seu corpo se convulsionando.

Por que Lúcia tinha que morrer? Não bastava ela ter ficado órfã? A menina crescera solitária sem o carinho e o amor de uma mãe, assim como ela. Sabia que cometera um erro primário se afeiçoando à ela e agora sofria sua perda. As vagas recordações de sua mãe: um tom de voz suave, um toque carinhosos, um sorriso, passaram em sua mente, misturando-se com as brincadeiras e conversas que tivera com a pequena Lúcia, que apesar de ser apenas uma criança, fora sua amiga.

A jovem sentiu uma mão em seu ombro e ao se virar Marcos encarava-a com olhar compungido.

- Por quê? - sussurrou ainda em pranto.

- Shhh, vem aqui - respondeu Marcos abraçando-a e acariciando seus cabelos.

Nesse momento ela abandonou-se nos braços do médico, estava cansada e triste, e abraçada a ele chorou. Quando não tinha mais lágrimas encarou-o com os olhos vermelhos.

- Não havia nada que pudéssemos fazer, fizemos o possível e o impossível, mas infelizmente nem sempre vencemos a morte - afirmou Marcos enxugando suas lágrimas com o toque de seus dedos.

- Não quero ir para casa, quero esquecer, me leva para sair e beber? Só por hoje, preciso esquecer tudo - pediu a jovem com olhar triste.

- Levo sim, venha, vamos embora - respondeu abraçando-a.

Após saírem do hospital no conversível da médica, Marcos levou-a para um barzinho nas proximidades onde ela pediu uma bebida, e logo depois outra. Depois de duas horas ela resolveu que queria dançar e ele levou-a em uma casa noturna.

Sthefany dançava como se possuída, com olhos fechados requebrava-se no ritmo da música eletrônica, às vezes com uma lágrima solitária escorrendo pelo rosto, enquanto eles ficava por perto a observando. Não ingerira nenhuma bebida alcoólica e estava disposto a cuidar dela a noite inteira, se ela assim desejasse.

De madrugada saíram da casa noturna, Sthefany já estava embriagada e ele teve que praticamente carregá-la.

- Sabe que você é lindo? Gosto muito de você, acho que tou apaixonada por você! Não me leva pra casa não - murmurou a jovem com voz embargada enquanto se apoiava nos braços dele e, em seguida, vomitou em direção ao solo.

Enquanto a amparava um homem usando um terno negro se aproximou.

- Ela está bem? – perguntou.

Marcos o observou, o homem era alto e musculoso, de sua orelha direita um pequeno fio descia entrando por dentro do terno apertado, provavelmente um radiocomunicador. Era um dos seguranças de Sthefany, que como fantasmas mantinham-se à distância.

- Ela está bem, vou leva-la até um hotel – respondeu colocando-a no conversível que o manobrista estacionava a Ferrari.

- É melhor leva-la para casa, ou se preferir nós a levamos – sugeriu com um sorriso frio.

- Ei! Vão embora, xô, bando de corvos – falou com voz embolada Sthefany, enquanto tentava se manter em pé – Eu vou onde quiser, me deixem em paz ou faço meu pai mandar vocês embora.

- Sim senhorita – respondeu o homem com cara amarrada e um olhar irritado para Marcos.

Sthefany cambaleou e ele a sustentou.

– Ficaremos à distância, se não se importar – disse o homem se afastando sem esperar resposta.

Marcos a colocou no conversível, e ficou em dúvida, queria fazer a vontade dela, mas não sabia onde levá-la, sua casa na comunidade era impossível, ele ainda não contara que residia lá e os seguranças jamais permitiriam, então se decidiu e a levou para um hotel.

Após se registrarem Marcos a pegou no colo, já que ela estava praticamente desmaiada, e a carregou até o quarto.

Ao entrar no aposento depositou-a gentilmente na cama e retirou seu vestido e sapatos, deixando-a apenas de calcinha e sutiã.

- Você vai abusar de mim? Pode abusar eu deixo - murmurou a jovem abrindo os olhos com um sorriso feliz e vomitou ao lado da cama.

- Shhh, calma, deite-se - ordenou sorrindo ajeitando-a na cama.

Sthefany tentou falar algo, mas logo caiu de lado inconsciente.

Marcos limpou a sujeita e depois passou a noite inteira velando por ela, que agitava-se constantemente como se assombrada por pesadelos. Até que, ao alvorecer, percebeu que ela ressonava em um sono profundo e se permitiu dormir um pouco, ainda sentado em uma poltrona em frente à cama.

Acordou dolorido e ao abrir os olhos Sthefany o observava deitada na cama.

- Bom dia - disse levantando-se, seus ossos estalaram quando ele se espreguiçou.

- Aiii, minha cabeça -murmurou Sthefany colocando as mãos nas têmporas.

- Vou pedir o café e um analgésico - disse discando para a portaria.

Enquanto aguardavam Marcos sentou-se na cama ao lado dela.

- Como você está? - perguntou atencioso.

- Tirando o fato de que minha cabeça parece que vai explodir? - perguntou com uma careta.

- Isso acontece quando bebemos muito - respondeu sorrindo.

- Aiii - murmurou deitando novamente e cobrindo o rosto com o braço - Fiz ou disse alguma coisa inconveniente ontem à noite? Não me recordo de nada.

- Não, nada com que se preocupar - respondeu, não sabia se o que ela dissera sobre se apaixonar era verdade ou apenas dissera em razão da embriaguez.

- Obrigada - murmurou Sthefany abrindo os olhos - Eu precisava disso.

- Não tem problemas - respondeu levantando-se ao ouvir a campainha do quarto - Deve ser o café.

Tomaram um café reforçado, Marcos a obrigou a comer um "croissant" e beber um copo enorme de suco de laranja, apesar dos protestos dela.

- Preciso ligar pro meu pai - disse pegando seu celular dentro de sua bolsa.

- Vou tomar uma ducha - avisou caminhando para o banheiro, deixando-a a vontade para conversar com o pai.

A água estava gelada, excelente para reanimar o corpo depois de uma noite mal dormida. Ele ouviu o som da pia sendo usada e escovação de dentes. De repente a porta do box se abriu e Sthefany entrou. Seu corpo nu se aconchegou junto ao dele.

- Não quero voltar hoje para casa, podemos passar o fim de semana aqui?
- sussurrou Sthefany.

- Podemos, estamos de folga até segunda - respondeu abraçando-a.

- Que bom - afirmou encostando seu rosto no peito dele.

- Como você está? - perguntou atencioso.

- Acho que bem, tinha uma mensagem no meu celular do pai da Lúcia, ela vai ser enterrada hoje à tarde - murmurou sentindo vontade de chorar, enquanto passava sabonete pelo corpo.

- Você quer ir? Eu te levo - ofereceu desligando a ducha após terminarem o banho.

- Preciso trocar de roupa antes, mas não quero ir em casa - respondeu Sthefany enrolando-se em uma toalha - E você?

- Tenho roupa extra em meu armário no hospital - respondeu, temeroso de que a jovem quisesse ir em sua casa.

- Então tá, vou ligar pra casa e pedir que me levem uma roupa no hospital - decidiu.

Sthefany fez uma ligação e orientou Josué, o mordomo, a enviar pelo motorista uma muda de roupa, após explicar o que desejava.

Por volta das quatorze horas estavam no hospital. Marcos trocou sua roupa colocando uma calça jeans e uma camisa polo preta, em razão dos horários extensos da residência, propensa a emergências que poderiam durar horas, ele sempre deixava varias mudas de roupas em seu armário.

Sthefany vestiu um conjunto de saia e blusa preta, usava uma maquiagem suave e os cabelos loiros presos em um elegante coque. Parecia a atriz Audrey Hepborn, no filme antigo Bonequinha de Luxo, que assistira em um canal de filmes clássicos durante o intervalo de dois plantões.

O funeral seria às dezesseis horas, em um cemitério privado afastado da cidade. Marcos dirigiu a Ferrari, sempre seguido á distância pelo carro preto, pararam para almoçar em um agradável restaurante na estada. Sthefany estava introspectiva e ele respeitou seu silêncio, às vezes tocava suas mãos apenas para mostrar que estava ao lado dela.

Depois do almoço foram para o cemitério, era um lugar amplo e arborizado. Gramado verde e bem cuidados estendia-se por todo lado, pontilhados por varias árvores e alguns caramanchões. Pequenas trilhas de pedra cruzavam o local. Na grama pequenas placas de bronze fixadas no solo indicavam se tratar de um lugar de repouso eterno. Era um lugar bonito.

O dia estava ensolarado, algumas nuvens cruzavam o céu azul, escondendo o sol por alguns minutos.

Sthefany caminhava de mãos dadas com Marcos, em seu rosto um óculos escuro de grife escondia suas emoções.

Estava triste, quando conhecera Lúcia sabia que sua doença era grave, mas a menina. mesmo praticamente vivendo no hospital, possuía uma alegria e vontade de viver que acabara conquistando-a.

Agora ela estava morta, vencida pela cruel doença. Sthefany após a morte da mãe fora uma criança solitária, sabia que seu pai a amava mais do que tudo, mas fora criada por babás, empregadas e pelo mordomo, até os dez anos, quando fora enviada para o internato na Suíça.

Tivera pouquíssimos amigos de verdade, nunca quisera se apegar à ninguém, com exceção de seu pai. Vivera intensamente, se divertira de todas as formas que o dinheiro podia permitir. Tivera inúmeros casos, nunca se permitira

apaixonar por nenhum deles. Mas nesses últimos meses, desde que começara a residência, algo mudara, afeiçãoara-se à pequena Lúcia, conhecera Marcos e admitia que sentia algo muito forte por ele, algo que nunca sentira por ninguém.

Agora perdera Lúcia e temia também perder Marcos. Sentia-se segura e protegida ao seu lado, ele não parecia interessado em seu dinheiro ou nome, ele não a julgava e agora caminhava à seu lado.

Aproximaram-se de um toldo azul com o símbolo do cemitério. No centro, em uma mesa de metal desmontável, um pequeno caixão de carvalho com a pequena Lúcia dentro, flores a cercavam, deixando apenas seu rosto descoberto. Ela parecia dormir, pensou consigo mesma.

- Obrigado por ter vindo doutora, minha filha gostava muito da senhora - disse o Senhor Albuquerque, apertando suas mãos.

- E eu dela senhor, sinto muito por sua perda - disse a jovem sentando-se em uma cadeira indicada por ele.

A cerimônia foi curta e singela, ministrada por um padre católico. Após o enterro, Marcos e Sthefany voltaram para o hotel.

- Você quer sair? Ir a algum lugar? - perguntou enquanto subiam pelo elevador.

- Não, quero apenas ficar quietinha na cama - respondeu - Você se importa?

- Claro que não. Você quer ficar sozinha? - perguntou abrindo a porta do quarto.

- Não, a não ser que você tenha algum compromisso - respondeu sentindo o rosto corar.

- Nenhum - afirmou se aproximando e beijando suavemente a boca dela.

Passaram a noite deitados na cama assistindo filmes na televisão à cabo do quarto, até mesmo a comida foi servida nele.

Conversaram a noite inteira. Sthefany contou sobre o que se lembrava de

sua infância feliz, até o assassinato de sua mãe.

- Ela ficara até tarde no hospital e quando foi pegar o carro no estacionamento foi surpreendida por um homem que tentou assalta-la. Ele não levou nada e a matou - explicou com os olhos marejados de lágrimas.

- Pegaram ele? O homem que matou sua mãe? - perguntou.

- Sim, mas eu nunca quis saber detalhes - respondeu enquanto acariciava o peito dele.

- E você? Como é sua família? - perguntou encarando-o com seus belos olhos verdes.

Marcos pensou antes de responder, Sthefany abria seu coração contando coisas íntimas de sua vida, se ele nada dissesse, talvez ela nunca mais confiasse nele e seria o fim do relacionamento que tinham e isso era algo que ele não desejava.

Desde o primeiro dia que a vira não conseguia tira-la do pensamento, nas primeiras semanas tentara sufocar o que sentia, afinal ela era a filha do dono do hospital, um dos homens mais ricos do Brasil e ele era apenas um médico residente, morador de uma comunidade, que somente chegara onde estava por méritos próprios e devido à ajuda do Doutor Junqueira.

Mas se queria que o relacionamento desse certo não devia mentir. Criando coragem contou que nascera em uma comunidade carente, que graças ao empregador de sua mãe, conseguira estudar medicina e se formar com louvor. Que não conhecera seu pai, que seu irmão envolvera-se com criminosos e que sua mãe, após uma vida de trabalho duro, padecia do mal de Alzheimer e estava internada em uma clínica.

Sthefany ouviu tudo em silêncio.

- Essa é minha história, se você quiser que eu vá embora vou entender - concluiu Marcos.

Sthefany aproximou seu rosto do dele. Sabia que Marcos era diferente dos demais homens que conhecera, agora sabia por que, ele tivera uma vida dura e conseguira vencer por méritos próprios, diferente dos inúmeros rapazes da alta

sociedade que conhecera a vida toda, sem dizer que era excitante se relacionar com alguém como ele.

- Se eu quiser que você vá embora eu aviso - murmurou beijando-lhe a boca demoradamente.

Marcos abraçou-a puxando-a para si, ela se aninhou em seu peito enquanto ele deitava-se na cama.

- Obrigada por ter ficado ao meu lado - sussurrou Sthefany e logo estava ressonando suavemente.

Acordaram domingo de manhã e após pagarem a conta do hotel seguiram de carro até a clínica onde a mãe de Marcos estava internada.

O lugar era amplo e possuía instalações modernas, após serem recepcionados foram até um jardim florido onde Dona Mirtes estava sentada.

- Oi mãe - cumprimentou Marcos ajoelhando-se em sua frente.

- Quem é você? Sou muito jovem pra ter filhos - respondeu sorrindo com um olhar vago.

- Essa é Sthefany - disse apresentando a jovem.

- Como você é linda - disse Dona Mirtes acariciando o rosto da jovem enquanto a encarava com um olhar vago.

Passaram o dia na clínica, apesar de Dona Mirtes não reconhecê-lo conversou amigavelmente com eles. No domingo, tarde da noite, Sthefany deixou Marcos no estacionamento privativo dos funcionários do hospital. A noite estava fresca e as lâmpadas dos postes iluminavam o local, que com exceção dos vários veículos estacionados estava deserto.

Sthefany saiu do veículo e acompanhou Marcos até sua motocicleta, observando-o prender sua mochila na garupa. Ao se virar ele sorriu-lhe.

- Obrigada - disse a jovem aproximando-se ainda mais.

- Não precisa agradecer - respondeu sentindo o suave perfume dela.

Ambos se encararam fixamente, Marcos tomou as mãos de Sthefany entre as suas, passara o dia inteiro com um pensamento dançando em sua mente e agora estava tentando criar coragem para dizer o que sentia em seu coração.

- Escuta...olha... - falaram ambos ao mesmo tempo e riram.

- Diz você primeiro - pediu Sthefany.

- Eu... olha, sou meio antiquado, nunca entendi muito bem esse negócio de "ficar", culpa da Dona Mirtes que me ensinou que um homem tem que assumir compromissos, veja eu... - disse indeciso.

- Sim? - incentivou Sthefany sorrindo.

- O que eu quero dizer é; quer namorar comigo? - perguntou sem jeito.

- Sim! - respondeu Sthefany enlaçando-o pelo pescoço.

Beijaram-se demoradamente debaixo da luz mortiça de um poste de iluminação.

Dentro do carro os seguranças sentados no banco da frente trocaram um olhar, teriam muito que relatar para o velho Avelar.

Capítulo X

O namoro de Marcos e Sthefany não era um relacionamento fácil, enquanto o médico possuía um temperamento calmo, introspectivo e era avesso às festas, a jovem era movida à paixão, possuía um temperamento explosivo, era extrovertida e adorava festas e badalações, acostumada como era desde a adolescência a frequentar os melhores ambientes do "jet set"^[9] internacional.

Marcos ao contrário se preocupava mais em concluir sua especialização, uma vez que achava indigno se aproveitar do dinheiro de sua namorada, embora ela fosse liberal em seus gastos tentando, sem sucesso, presentear-lo constantemente com objetos caros e dispendiosos.

Da mesma forma, em matéria sexual Sthefany era exigente e adorava transar em locais pouco ortodoxos, para alguém criado por uma mãe católica e que passara a infância e adolescência mergulhado em livros a paixão dela era algo arrebatador e desconhecido para ele.

Às vezes se imaginava como Odisseu, amarrado em um mastro de navio, desejoso de ouvir o canto das sereias, um risco que poderia fazê-lo naufragar no mar tempestuoso que era o espírito dela.

As transas rápidas em salas de depósito e no vestiário dos residentes, era agora algo comum durante o dia a dia, e já não o surpreendia mais.

Sthefany sempre o convidava para viajar no jato particular da família para conhecer Nova York, Paris, Roma, Milão ou Londres, geralmente com o objetivo de comparecer em alguma festa da elite mundial, mas ele sempre se recusara, primeiro porque não se imaginava frequentando tais "baladas privês", como Sthefany se referia às festas, que eram frequentemente organizadas em ilhas particulares, mansões nos mais diferentes países do primeiro mundo ou em boates exclusivas dos ricos e poderosos.

Segundo, porque ele se sentia constrangido em permitir que Sthefany

arcasse com as despesas sozinha, nem mesmo na mansão da família dela ele havia entrado, pois sabia que o Avelar era contra o relacionamento de sua filha com um morador de uma "favela" como ele se referia à comunidades carentes, e deixara isso bem claro, dias depois do início do namoro, na sala do diretor do hospital.

Ocorrera quando ele estava fazendo a ronda da tarde com o chefe da cirurgia pediátrica, ele fora convocado à sala do diretor. Marcos estranhou, eram quase dezoito horas, geralmente o diretor ia embora por volta das dezessete e trinta.

Ao subir para a área administrativa se dirigiu a sala da direção e foi recebido pelo próprio diretor que estava ao lado da mesa da secretária na sala de espera, ela o olhou de soslaio com ar assustado.

Afonso abriu a porta convidando-a a entrar e sem uma única palavra fechou-a assim que ele atravessou o batente. Marcos ficou surpreso ao avistar Avelar que estava em pé observando a cidade pela janela, ao ouvir o som da porta fechando virou-se o encarando fixamente.

- Quais suas intenções com minha filha? - perguntou de forma direta apontando um charuto aceso que estivera em sua boca segundos antes.

- Como é? - retorquiu Marcos sentindo a irritação inflar seu ânimo.

- Você é surdo ou o que? O que você quer com minha filha? Dar o golpe do baú? - rosnou Avelar jogando o charuto no chão acarpetado e esmagando-o em seguida com seu sapato de couro italiano.

- Eu não quero nada dela, sou apenas seu namorado, e o senhor me ofende com essa insinuação - respondeu sustentando o olhar de Avelar.

- Se você pensa que ficando com ela vai conseguir ser contratado pelo meu hospital, ou dar o golpe do baú, você está enganado rapaz, você não sabe do que eu sou capaz! Quero que você a deixe em paz ou vou demiti-lo e você não vai conseguir exercer a medicina nem na favela onde vive! - gritou Avelar avançando alguns passos.

- Quem diabos você pensa que é? Acha que tenho interesse na porra do seu dinheiro? Por mim você pode enfiá-lo onde bem entender, se quiser me

demitir me demita, mas somente Sthefany pode me dizer se quer ou não continuar namorando comigo - devolveu Marcos cerrando os punhos de raiva.

- Seu moleque favelado - rugiu Avelar com as veias do pescoço saltadas de tensão.

No momento em que ele avançava com os punhos fechados em direção a Marcos, pronto para agredi-lo, a porta subitamente se abriu e Sthefany entrou no local.

- Pai? Marcos? Que gritaria é essa? Dá para ouvir na sala de espera - disse a jovem interpondo-se entre os dois.

- Não é nada - resmungou Avelar.

- Marcos? - perguntou Sthefany encarando-o.

- Pergunte para seu pai, agora vou voltar para minha ronda médica, o senhor faço o bem entender - disse Marcos encarando Avelar, em seguida virou as costas e saiu da sala.

- Pai? O que foi isso?

- Você viu como esse seu namoradinho é arrogante e petulante? Quando você vai dar um basta nessa brincadeira? - perguntou Avelar afundando-se na espaçosa poltrona do diretor.

- Ele é meu namorado pai! O que foi isso tudo? Fiquei sabendo que você estava no hospital e vim lhe dar um beijo, quando cheguei ouvi a gritaria da sala de espera - disse Sthefany se aproximando e sentando no tampo da pesada mesa de carvalho ao lado do pai - Por que você ameaçou demiti-lo?

- Você não percebe que ele não é para você? Ele já te contou que vive em uma favela? Esse medicozinho deve estar querendo te usar para conseguir um contrato com o hospital ou dar um golpe do baú - afirmou Avelar sentindo-se aflito.

- Eu sei onde ele vive, e se chama comunidade pai, não favela! E acho que sou bem grandinha para saber se um homem está interessado em mim ou em nosso dinheiro - respondeu exasperada.

Avelar resmungou algo ininteligível, sua vontade fora quebrar o médico em dois, mas não queria discutir com sua filha, conhecia seu temperamento rebelde, quanto mais ele proibisse, mais ela o desobedeceria. Mas uma coisa era certa, faria de tudo para impedir que ela continuasse esse namoro.

Fora simples descobrir onde Marcos morava, seu endereço constava dos registros. Mas precisava saber mais e, por isso, passara as informações que os seguranças de sua filha descobriram seguindo-os e as repassara ao seu amigo na cúpula da Polícia Civil.

- Me desculpe minha princesa, acho que me excedi, mas é preocupação de pai, você é meu único tesouro, desde que sua mãe partiu - disse Avelar com um semblante triste, mas por dentro estava irritado. Devia agir com cautela e inteligência se quisesse afastar sua filha daquele juvenzinho arrogante.

Sthefany encarou-o indecisa, não tinha dúvidas de que seu pai a amava muito, mas não podia permitir que ele interferisse em seu relacionamento amoroso. Quando seu pai chegara de surpresa, no fim da tarde, sem avisá-la, Paola, a secretária do Diretor a quem a tratava bem, presenteando-a, inclusive com perfumes e roupas importadas que ganhava e não usava, ligou avisando da visita surpresa e de que Marcos fora convocado à sala do diretor.

A médica logo desconfiara das intenções de seu pai, pois pelo horário ela já deveria ter terminado seu turno, mas resolvera ficar no hospital para poder jantar com Marcos no refeitório. Resolvera então subir para verificar o que seu pai queria com seu namorado, ao chegar ouvira a discussão acalorada de ambos.

Marcos deveria estar se sentindo irado e não era para menos, seu pai o acusara de golpista e o humilhara por ser morador de uma comunidade carente.

- Está bem papai, só te peço que não se intrometa mais no meu namoro e, se o senhor demiti-lo, eu me demito também e largo de vez minha residência - ameaçou com voz suave, ao mesmo tempo em que beijava o rosto do pai.

- Tudo bem meu tesouro - respondeu Avelar com seu melhor sorriso.

Enquanto a observava sair da sala Avelar jurou para si mesmo que impediria àquele namoro.

Marcos voltou para sua ronda médica sentindo-se ainda irritado, sua

vontade fora dar uma surra em Avelar e, se ele o houvesse atacado, era isso que faria. Não iria se demitir, o programa de residência era muito importante para ele, vinha aprendendo muito, se o velho Avelar quisesse demiti-lo teria que fazê-lo, não iria lhe dar o gostinho de pedir demissão.

Seu turno de estenderia até meia-noite e resolvera revisar os prontuários médicos do setor de cirurgia traumática, era um trabalho entediante, mas pelo menos ajudava passar as horas, já que as cirurgias raramente eram marcadas durante o período noturno e até o momento nenhuma emergência aportara no hospital.

Não queria encontrar com Sthefany no momento, embora desconfiasse de que ela o estaria procurando para se desculpar pelo pai. Por isso se dirigiu até a recepção da unidade de terapia intensiva com vários prontuários debaixo do braço, acomodando-se em uma cadeira que uma das enfermeiras lhe cedeu e passou a revisar os relatórios médico dos pacientes, se ocorresse alguma emergência ele seria bipado no celular.

Após uma hora lendo os prontuários uma voz se fez ouvir no alto falante:

- Doutor Marcos Silva, compareça no heliporto, Doutor Marcos Silva, compareça no heliporto.

No mesmo instante seu celular bipou e ao acessar a tela a mesma mensagem apareceu. Deve ser uma emergência pensou consigo mesmo.

- Enfermeira, por favor, leve estes prontuários para a recepção da ala cirúrgica - disse entregando os documentos.

- Sim doutor - respondeu a enfermeira com um sorriso.

Com andar apressado dirigiu-se até o elevador e rapidamente estava no terraço do hospital. As luzes do heliporto piscavam em um ritmo cadenciado, assim como alguns holofotes que iluminavam o local de pouso diuturnamente, mas o restante das luzes do terraço estavam apagadas, o que era estranho, já que em emergências noturnas todo o terraço ficava iluminado.

Marcos observou o céu iluminado pelas luzes da metrópole, não ouviu nenhum som de helicóptero se aproximando, estava quase ligando para o setor de emergência para questionar quando ouviu uma voz suave.

- Você é difícil de encontrar - disse Sthefany se aproximando das sombras.

- Mas, o que? Cadê a emergência? - perguntou intrigado.

- Fui eu que mandei te chamarem e bipar - explicou com um sorriso maroto nos lábios.

Marcos ficou sem palavras, não sabia se se irritava com Sthefany ou se ria de sua loucura, somente ela para usar o sistema de emergência do hospital para encontrá-lo.

- Olha, se for sobre seu pai...

- Shhhhh - disse colocando um dedo nos lábios dele - Meu pai é muito protetor e já mandei ele não interferir em meu namoro.

- Eu... - começou Marcos, mas nesse momento a jovem enlaçou seu pescoço aproximando seus lábios dos dele e em seguida o beijou com volúpia.

- Estou de plantão Sthefany - murmurou tentando se desvencilhar de forma débil do abraço dela.

- Se eles precisarem eles te bipam - sussurrou Sthefany colando seu corpo ao dele.

Marcos sentiu o perfume delicado que ela usava e o calor de seu corpo junto ao dele, ela vestia uma camisa branca de seda com mangas longas e uma saia preta, quatro dedos acima dos joelhos que acentuava as curvas de sua nádega e coxas, além de um par de sapatos de salto alto.

Ele ficou excitado e Sthefany sorriu intimamente ao perceber o volume que se destacava no uniforme de residente, pressionado contra sua pélvis.

- Venha - ordenou puxando-o pela mão até a parte mais afastada das luzes do heliporto.

Ela se encostou à grade de proteção do terraço, a cidade se descortinava abaixo e acima deles, com sua miríade de luzes que substituíam as estrelas que quase não eram vistas em razão da poluição, embora o céu estivesse sem nuvens.

Um vento frio soprava no terraço fazendo os cabelos dela esvoaçarem. Com sofreguidão ela puxou Marcos para junto de si, fazendo com que o corpo dele a pressionasse contra a grade de proteção.

Beijaram-se com sofreguidão por alguns minutos, o membro dela pressionado sua pélvis, até que ela não resistiu e desceu sua mão até ele, massageando-o por cima do fino tecido da calça do uniforme e da cueca, com satisfação ela ouviu-o gemer em sua boca.

- Você é louca - murmurou Marcos sentindo os resquícios de sua razão evaporarem.

- Sou, louca por você - respondeu Sthefany enfiando a mão por dentro da calça, enquanto que com a outra abaixava-a, juntamente com a cueca, em um movimento brusco.

Marcos gemeu novamente sentindo a mão suave dela massageando seu pênis e escroto, uma parte de sua mente gritava que aquilo era loucura, ele estava em seu local de trabalho, se fossem surpreendidos ele seria desligado do programa de residência e nunca conseguiria um emprego de médico em hospitais renomados.

Mas outra parte de sua mente, aquela que sempre desejara se rebelar desde a infância, abraçava a loucura dela com prazer, e foi essa parte que venceu quando ele percebeu que ela ajoelhava-se em sua frente e colocava seu membro dentro da boca sugando-o delicadamente, enquanto ele segurava com força a grade de proteção do terraço.

- Deus! - sussurrou de contorcendo de prazer.

Sthefany lentamente se ergueu ao mesmo tempo em que puxava sua saia para cima da cintura, deixando à mostra a meia sete oitavos que usava e uma minúscula calcinha de renda preta. Marcos segurou a coxa esquerda dela que o enlaçou pela cintura.

Após se abaixar alguns centímetros, afastou o tecido da calcinha, encaixando seu pênis na entrada da vagina dela. Com um movimento lento, enquanto segurava com a outra mão as nádegas de Sthefany, ele penetrou em seu interior molhado.

Com um gemido de prazer, sentiu-o preenchendo-a e apertou sua pélvis de encontro a ele, ao mesmo tempo em que abraçava seu pescoço e puxava sua cabeça para colarem os lábios em um beijo voluptuoso.

Os movimentos lentos dele se aceleraram cada vez mais, a cada estocada ela gemia de prazer, mordendo seus lábios. De repente ele ergueu sua outra perna elevando-a do solo enquanto segurava com ambas as mãos suas nádegas e pressionava-a contra a grade de proteção.

A sensação de perigo de serem encontrados, as luzes noturnas, o barulho da cidade rabugenta nas ruas abaixo deles, o vento gelado da noite e o movimento intenso do pênis em seu interior encharcado, levaram-na rapidamente ao ápice do prazer.

- Vem, vem, mais rápido! - exclamou com a mente e o corpo afogueado de prazer.

Marcos sentia as coxas tremerem com o esforço de sustentar o corpo de Sthefany, as coxas dela estavam entrelaçadas em sua cintura firmemente, ele penetrou-a com mais rapidez e força, ao mesmo tempo em que apertava suas nádegas.

- Vou gozar - grunhiu entredentes.

Em seguida sentiu seu membro explodir em um gozo prolongado enquanto continuava estocando-a com força e rapidez.

- Deus! Ahhhhhhh! - gemeu alto Sthefany sentindo seus músculos internos se contraírem em volta do membro que despejava sua semente em seu interior e uma onda de prazer se espalhar por todo seu corpo, fazendo com que seus músculos das pernas tremessem incontrolavelmente.

Exausta ela deixou-se ficar na posição em que estava, suas pernas entrelaçadas na cintura dele, seus braços em volta de seu pescoço, sua cabeça descansando nos ombros fortes dele, enquanto sentia seu coração batendo loucamente no peito.

Após alguns minutos, quando recuperaram o fôlego, Marcos gentilmente desfez o contato molhado entre os dois e se recompôs.

- Me desculpe por meu pai - disse Sthefany após ajeitar sua calcinha e sua saia - Ele pode ser bem desagradável quando quer.

- Não se preocupe, já ouvi coisas piores na vida.

- Está tudo bem entre nós? - perguntou ansiosa. .

- Ei, está tudo bem - respondeu abraçando-a. .

- Não quero que ele interfira em nosso namoro - afirmou Sthefany com uma rusga de preocupação na testa.

- E não vai, não me importo com seu dinheiro ou minha residência, se seu pai quiser me demitir que ele o faça, só me afasto de você se você pedir - afirmou encarando-a fixamente.

- Pois eu não quero me afastar de você - respondeu e beijou-o delicadamente na boca.

Durante algum tempo de beijaram longamente, enquanto os sons da cidade chegavam até eles, trazidos pelo vento, esquecidos de tudo. Até que se separaram com sorrisos nos lábios.

- Eu queria lhe pedir uma coisa - começou cautelosa - Sei que você não quer ir nas baladas fora do Brasil, mas fui convidada para a festa de noivado de uma velha amiga e queria muito que você fosse comigo - convidou pensando no e-mail que recebera mais cedo de sua amiga americana Candy, contando que se casaria com o filho de um "sheik" dos Emirados Árabes Unidos e a convidara para a festa de noivado na cidade de Dubai.

- E onde seria? - perguntou Marcos incomodado, nunca aceitara os convites de Sthefany para ir a festas fora do país, nem mesmo fora do Estado de São Paulo, mas agora a situação era outra, era uma festa de noivado de uma amiga e por mais que se sentisse desconfortável não desejava decepcioná-la, afinal ela enfrentara o pai por ele.

- Em Dubai - respondeu mordendo os lábios de uma forma que ele achava encantadora.

- Nossa...é bem longe - respondeu com um sorriso constrangido.

- Sem você eu não vou, mas ela é uma de minhas únicas amigas e gostaria muito apresentá-lo para ela.

- Quando? - perguntou Marcos com um suspiro resignado.

- Daqui duas semanas, eu posso ajeitar tudo, pegamos uma folga no hospital, saímos na quarta de madrugada, o voo dura quatorze horas, vamos ficar em um hotel, o noivado tradicional vai ser na sexta e no sábado à noite eles vão dar uma festa, podemos voltar no domingo e na segunda estaremos de volta ao hospital - respondeu animada.

- Deve ser caro uma viagem dessa, além da hospedagem.

- Não se preocupe, minha amiga me mandou as passagens e vamos ficar em um hotel da família do noivo, só preciso de seu passaporte para providenciar os vistos - continuou animada. E era verdade, sua amiga lhe enviara uma passagem, a outra ela compraria sem Marcos saber.

- Tudo bem, desde que eu consiga a folga irei com você - concordou sabendo que não podia recusar sem magoá-la.

- Jura?! - exclamou animada quase pulando em cima dele que a abraçou sorrindo.

- Sim, se é importante para você eu aceito o convite, só não sei o que eu posso dar de presente para um sheik das arábias - respondeu rindo.

- Não se preocupe com isso!

Nesse momento o bip do celular de Marcos apitou, após olhar a mensagem que dizia que uma ambulância avisara que se dirigia ao hospital com um caso grave de fratura o jovem se dirigiu à Sthefany,

- Parece que agora a emergência é verdadeira - disse sorrindo. - Tenho que ir, você vem?

- Vou ficar mais um pouco

- Ok, nos vemos amanhã então - despediu-se com um rápido beijo correndo em seguida para o elevador.

Sthefany ficou observando-o partir, estava decidida a não permitir que seu pai atrapalhasse seu namoro, pela primeira vez na vida sentia-se plenamente feliz e realizada, estaria apaixonada? Pensou consigo mesma enquanto observava as luzes cidade.

Capítulo XI

O voo foi em uma empresa de aviação árabe na primeira classe, Marcos ficou impressionado, as poltronas eram espaçosas e permitiam inclusive, transforma-las em cama, o serviço de bordo se assemelhava ao de um restaurante cinco estrelas, a garrafa do champanhe servida custava uma pequena fortuna.

Havia serviço de som e vídeo para cada poltrona, aeromoças sempre com um sorriso nos lábios caminhavam entre os passageiros solícitas aos menores desejos.

Durante o voo o casal conversara horas seguidas, discutiram sobre medicina e política, Marcos percebeu que Sthefany tinha orientação política voltada à direita enquanto ele tendia para a esquerda.

Sthefany estava feliz em ter Marcos ao seu lado e sorria mentalmente ao vê-lo surpreso com o que o dinheiro podia oferecer, algo que para ela era natural, mas o que mais desejava era estar com ele em um local reservado, ficar ao seu lado tanto tempo sem ao menos se beijarem a estava deixando louca de tesão, tentara beija-lo, mas ele ficara envergonhado com o constante movimento das aeromoças.

Horas depois ele levantou-se avisando que iria ao toalete, Sthefany olhou em volta e percebeu que a maioria dos passageiros dormia. Com um impulso levantou-se seguindo-o, ele já entrara e ela esperou na porta, uma aeromoça passou e gentilmente informou que o outro toalete estava vago. Sthefany agradeceu sorrindo enquanto a aeromoça se afastava.

Quando a porta se abriu ela empurrou um Marcos atônito para o interior novamente.

- Mas o que!? - começou aturdido.

- Shhh - ordenou enlaçando o jovem pelo pescoço, beijando-o sufregamente após trancar a porta.

Sthefany o pressionou-o contra a pia ainda com seus lábios colados ao dele, enquanto que com a mão desabotoava o cinto da calça jeans que ele usava libertando seu membro que já estava ereto.

- Deus! Você é insaciável - murmurou Marcos.

Com movimentos rápidos Sthefany se desnudou da calça de viscose azul e da camisa de seda creme que usava deixando à mostra o conjunto de lingerie branco. Marcos retirou rapidamente a calça e a camisa polo que usava, em seguida retirou a cueca.

Com um sorriso Sthefany encostou-se na parede e puxou-o de encontro a si, ele a pressionou ao mesmo tempo em que apertava seus seios e beijava seu pescoço fazendo sua pele se arrepiar. Quando Marcos ajoelhou-se na sua frente, ela colocou uma perna em volta de seu ombro, a língua áspera dele percorria sua virilha e acariciava seu clitóris por cima do tecido fino da calcinha.

Quando a língua dele entrou por baixo da calcinha, invadindo sua vagina, Sthefany mordeu os lábios para impedir que um gemido alto escapasse de sua boca, enquanto segurava a cabeça dele tentando se equilibrar.

Marcos sugava o clitóris e a vulva com vontade, introduzindo sua língua no interior molhado dela, sentindo seu gosto levemente salgado. Ele se comprazia com as contorções e os gemidos abafados dela. Com um movimento súbito ele ergueu-se e virou-a de costas para ele, fazendo-a curvar as costas e arrebitar as nádegas.

Algo nela despertava seus instintos mais selvagens.

- Você quer? - sussurrou Sthefany sensualmente enquanto rebojava no membro duro dele.

- Quero - respondeu com voz rouca, ao mesmo tempo em que abaixava a calcinha dela com um movimento brusco, quase rasgando-a.

Por um momento ele observou as nádegas nuas que se movimentavam sensualmente em seu pênis, agarrando-as com ambas as mãos puxou-as para si, encaixando seu membro na entrada da vagina, onde ficou roçando-a levemente, provocando Sthefany, fazendo-a provar do próprio remédio.

- Vem, me come gostoso - suplicou empinando ainda mais as nádegas enquanto se apoiava na parede.

Com um golpe certo Marcos penetrou-a de uma só vez, seu pênis deslizando no interior molhado dela, que deixou escapar um gemido alto. Segurando as nádegas com firmeza ele passou a penetrá-la com estocadas firmes e profundas.

Sthefany mordia os lábios para não gemer de prazer, a sensação de tê-lo preenchendo-a totalmente em movimentos contínuos e firmes, era levemente doloroso e incrivelmente prazeroso, fazendo com que ela empurrasse suas nádegas de encontro a ele, como se desejasse sugá-lo por inteiro para dentro de seu corpo.

Com uma das mãos ela deslizou por seu próprio corpo, primeiro apertando os mamilos túrgidos, em seguida desceu por seu abdômen até que alcançou sua vulva, passando a acariciar seu clitóris, usando a ponta dos dedos. O prazer chegou a níveis insuportáveis e os músculos de suas coxas começaram a tremer.

- Eu não vou aguentar, goza dentro de mim - implorou com um sussurro.

Marcos ao ouvir o pedido e os gemidos abafados dela penetrou-a com mais força, fazendo seu membro entrar e sair cada vez mais rápido.

- Vou gozar! - exclamou em voz baixa sentindo que o prazer chegara ao máximo.

Quando Sthefany contraiu seus músculos internos apertando seu pênis de uma forma incrivelmente prazerosa ele não resistiu e, em uma arremetida final, ejaculou no interior dela, enquanto apertava as nádegas dela de encontro a sua pélvis, em uma estocada profunda.

- Aiiii! Gostoso! - gemeu Sthefany sentindo que gozava de forma violenta, seus músculos se contraindo e tremendo em seu interior, enquanto ondas de prazer se espalhavam por seu corpo, quase a fazendo desfalecer.

Ficaram parados por um momento, Marcos sustentando o corpo de Sthefany de encontro ao seu, até que ela recuperou o fôlego e desfez o contato íntimo, virando-se para ele.

- Gostoso - disse beijando-o e mordiscando seus lábios.

Marcos sorriu feliz e retribuiu ao beijo, nunca tivera uma namorada tão fogosa como Sthefany. Nunca se sentira tão desconcertado ao lado de uma mulher, ela tinha um poder sobre ele e seu corpo que ele não entendia. Ela o fazia ignorar seu senso de segurança, fazendo-o correr riscos que ele nunca imaginara correr.

Após se vestirem voltaram a suas poltronas, cruzando com uma aeromoça que os encarou com um meio sorriso nos lábios.

Dormiram o restante da viagem.

Desceram em Dubai às 21h00min no horário local, embora no relógio de Marcos ainda fossem 15h00min horas por causa do fuso horário.

Foram recepcionados no aeroporto por um jovem árabe trajando túnica e turbante, brancos como a neve. Em um inglês com sotaque britânico, ele explicou que seria o cicerone e motorista do casal enquanto estivessem em Dubai. Com um sinal dele, dois carregadores se aproximaram e se encarregaram da bagagem de Marcos que era relativamente pouca, e da pesada mala de Sthefany.

Entraram em uma limusine com ar condicionado e logo estavam cruzando as largas avenidas de Dubai, até que chegaram à impressionante Palm Jumeirah. Ela era a menor das três ilhas que formam a "Palms Island", um arquipélago artificial em forma de palmeiras, localizada sobre a área costeira de Jumeirah, sendo junto com as outras ilhas do complexo, as maiores ilhas artificiais criadas pelo homem.

Logo em seguida pararam em frente a um luxuoso hotel, Sthefany animada comentou que ele pertencia à família do noivo. Após ela fornecer seu nome, uma recepcionista sorridente chamou um funcionário que se encarregou das malas e, gentilmente, os acompanhou até o elevador.

Marcos nunca vira um local tão elegante como aquele, no lobby diversas pessoas conversavam sentadas em poltronas e sofás confortáveis. Garçons circulavam pelo local servindo taças de champanhe.

Hospedaram-se em um amplo quarto no vigésimo andar, Marcos pensou

em dar alguns dólares ao funcionário como gorjeta, mas lembrara-se de que Sthefany o avisara que essa prática não era usual no hotel, que pagava muito bem seus funcionários.

Enquanto ele circulava no quarto, Sthefany avisou que ligaria para sua amiga. Era impressionante, a suíte era enorme, uma espaçosa cama estava no centro dela, em um canto havia uma escrivaninha de madeira nobre em tom escuro com uma luxuosa poltrona, no outro canto uma pequena sala com um sofá de quatro lugares e quatro poltronas estavam em volta de uma mesa baixa com um grande vaso de cristal com um belo arranjo de flores.

Um bar com uma grande quantidade de bebidas estava localizado perto da janela panorâmica, que dava acesso a uma varanda. Existia ainda uma central de entretenimento com televisão de sessenta polegadas e um moderno aparelho de som, além de um espaçoso closet, todo o chão era coberto por grossos tapetes persas e as paredes decoradas de quadros.

O banheiro era quase do tamanho de sua casa, pensou Marcos com um sorriso torto, dentro de um box de vidro dois enormes chuveiros prometiam uma ducha revigorante. Em um canto, dos dois vasos sanitários e bidês, do outro lado, uma enorme banheira de hidromassagem, além de uma bancada com pias duplas e armários embutidos, além de um grande espelho.

Marcos se dirigiu até a varanda e ouviu o final da conversa de Sthefany, em inglês, na qual ela combinava se encontrar com sua amiga na tarde seguinte para tomarem um drink no lobby do hotel.

- Minha amiga está em uma correria insana, mas está feliz por eu ter vindo e amanhã à tarde vamos nos encontrar aqui no hotel - explicou enlaçando-o pela cintura, enquanto ele observava a cidade da altura do vigésimo andar.

Marcos concordou com um movimento de cabeça.

O mar cintilava com a luz do luar e as luzes dos enormes edifícios que havia em volta do hotel. Uma suave brisa soprava fazendo com que o cabelo de Sthefany caísse constantemente em seu rosto.

- O que você está pensando? - perguntou encarando-o fixamente.

- O quanto esse lugar é lindo, mas apesar de tudo ele não se compara com

sua beleza - respondeu puxando-a para si e sorrindo ao vê-la corar.

- Obrigado por ter vindo - sussurrou beijando-o levemente nos lábios - Quer sair para conhecer a cidade?

- Se você não se importar preferia comer no quarto e dormir, nunca fiz uma viagem tão longa assim.

- Ótima ideia - respondeu Sthefany puxando-o pela mão para o interior do quarto - Que tal um banho de banheira antes?

- Seria bom - respondeu sorrindo ao perceber o olhar maroto que ela lhe lançara ao convidá-lo.

Após uma ducha nos chuveiros duplos, entraram na banheira que deixaram enchendo, depois de jogarem um pouco de sais aromáticos. Marcos sentou-se com as costas apoiada no mármore enquanto Sthefany sentava na sua frente, recostando-se em seu peito.

Com uma esponja suave ele começou a desliza-la pelas costas e braços de Sthefany, em seguida começou a acariciar seus seios o que a fez gemer de prazer. Abandonando a esponja, que ficou a boiar em meio à espuma, desceu sua mão direita entre as pernas dela, enquanto que, com a outra mão, alternava-se apertando e friccionando ambos os seios e mamilos.

Sthefany gemeu alto quando sentiu os dedos de Marcos acariciar seu clitóris, em movimentos lentos e circulares, fazendo com que ondas de prazer se espalhassem por todo seu corpo. Jogando a cabeça para trás beijou os lábios de Marcos, enquanto segurava as mãos dele para que as carícias não fossem interrompidas.

Em meio ao prazer que afogueava sua mente, um pensamento cruzou rapidamente: nunca fora tão feliz e realizada como quanto era com ele. As carícias se intensificaram, ela se contorceu de prazer quando um dedo e, logo em seguida outro, foram introduzidos em seu interior movendo-se lentamente, indo e voltando, em um ritmo cadenciado, enquanto sentia o membro ereto dele roçando seu ânus.

- Ahhh que delícia - murmurou sentindo que atingiria o clímax a qualquer momento - Não para, assim...

Marcos sorriu e aumentou o ritmo, alternando carícias no clitóris com a introdução de dois dedos na vagina dela, cada vez mais rápido até que ela se contorceu gritando.

- Assim! Tou gozando! Ahhhhh!

Sthefany se contorceu sentindo o gozo fazer seus músculos tremerem incontrolavelmente. Recostou-se no peito musculoso de Marcos enquanto recuperava o fôlego.

- Eu te adoro - murmurou virando-se para ele.

Marcos encarou-a fixamente, sentia que estava apaixonado por ela, nunca conhecera uma mulher que mexesse tanto com ele como ela fazia, mas temia revelar seus sentimentos, afinal ele não tinha muito a oferecer a alguém como ela, que podia ter tudo que quisesse.

- Eu te adoro também - respondeu beijando-a em seguida.

Em meio ao beijo, ela virou-se encaixando-se no pênis de Marcos, sentindo-o se introduzir lentamente em sua vagina, preenchendo-a por completo, fazendo-a se excitar novamente, apesar de ter gozado momentos antes.

Marcos suspirou de prazer ao sentir que todo seu membro entrava no interior dela, que passara as pernas por sua cintura, prendendo-o. Segurando-a pelas nádegas a ajudou a se movimentar, enquanto sugava ambos os seios e mamilos alternadamente.

Sthefany segurou a borda da banheira com força, enquanto cavalgava no pênis de Marcos em um ritmo acelerado.

- Como você é gostosa - ouviu Marcos dizer entredentes.

A jovem sorriu, aumentou o ritmo, sentindo com prazer as mãos dele que agora a segurava com força pelas nádegas, fazendo com que a penetração fosse mais profunda.

- Ahhhh! - grunhiu Marcos apertando-a de encontro a si enquanto gozava de forma intensa.

Sthefany sentiu o líquido quente espalhando-se em seu interior e aumentou ainda mais o ritmo até que explodiu novamente em um gozo profundo.

Depois que relaxaram e recuperaram o fôlego saíram da banheira e após se enchugarem em meio à brincadeiras, deitaram na confortável cama e logo estavam dormindo.

Marcos acordou ao amanhecer e sentou-se na cama, ficou observando Sthefany dormindo placidamente ao seu lado. Seus cabelos longos estavam espalhados no travesseiro ficou embevecido, ela era linda, inteligente e ele temia estar apaixonado por ela, pensou consigo mesmo.

Quando Sthefany acordou, deu-lhe um largo sorriso.

- Bom dia - disse sorrindo.

- Bom dia - respondeu Marcos e juntos foram ao banheiro onde tomaram uma ducha.

Desceram ao restaurante onde tomaram um laudo desjejum, a quantidade de comida impressionou Marcos, era até difícil escolher.

O motorista, Ahmed, estava esperando-os no lobby, após cumprimentá-los, a pedido de Sthefany, levou-os até o shopping The Dubai Mall^[10]. Marcos ficou abismado, fora à alguns shoppings na zona sul de São Paulo, geralmente frequentados pela elite paulistana, mas comparados com este, eles pareciam lojinhas do comércio popular do Brás.

Lojas de grife internacional espalhavam-se pelo espaçoso lugar, que possuía uma temperatura amena. Sthefany caminhava com desenvoltura pelo local, entrando de loja em loja, observando os produtos sem se importar em ver as etiquetas de preço, com espanto observou os preços em dólar, havia produtos que custavam o sustento, de várias famílias da comunidade onde vivia, durante um ano.

Sthefany, enquanto visitava as lojas, observava de soslaio seu namorado, sua vontade era cobri-lo de presentes, mas sabia que tinha que ser cautelosa, percebera que ele se sentia incomodado com a fortuna do pai dela, o que demonstrava sua nobreza de caráter.

Passaram o dia no shopping, almoçaram em um restaurante luxuoso, enquanto comiam Marcos observou Sthefany, ela usava um conjunto de calça e blusa creme, feito de tecido macio que realçava discretamente suas curvas, um xale de seda cobria seus cabelos, dando-lhe uma aparência exótica.

- O que foi? - perguntou Sthefany corando ao perceber o olhar fixo do jovem.

- Você é linda - respondeu tocando levemente os dedos dela.

- E você é um galanteador, se não fosse o risco de ser presa por atentado ao pudor, o beijaria aqui e agora - respondeu com um sorriso de felicidade.

Durante a tarde e após muita insistência convencera Marcos a aceitar um blazer, sapatos e um relógio de presente, além de uma túnica tradicional para ser usada na festa de noivado, que ocorreria no deserto, em um acampamento beduíno.

Percebia que ele estava constrangido em permitir que ela arcasse com o almoço, mas ela tinha dinheiro e não se importava em gastá-lo em sua companhia.

- Meu amor, depois do noivado na sexta, vai ter uma festa em uma boate no sábado, quero que todas minhas amigas morram de inveja quando te conhecerem - disse fazendo beicinho tentando convencê-lo a aceitar os presentes.

- Está bem, se isso te faz feliz - concordou resignado, embora ainda se sentisse incomodado em aceitar presentes tão extravagantes, nunca imaginara que uma roupa custasse tão caro, e um relógio valesse mais do que um veículo popular no Brasil.

No final da tarde Ahmed os deixou no hotel, após subirem para a suíte tomaram uma ducha e se arrumaram para encontrar a amiga dela no lobby do hotel.

Marcos vestiu o blazer que ela o presenteara e uma camisa branca, enquanto amarrava os sapatos de couro, Sthefany saiu do closet trajando um vestido bege que realçava suas curvas o que fez com que ele parasse o que estava fazendo, apreciando-a boquiaberto.

- Como estou? - perguntou com um sorriso maroto ao perceber o olhar dele.

- Maravilhosa, não vai ter problemas com essa roupa? - perguntou lembrando as rígidas leis muçulmanas.

- Aqui dentro do hotel? Não... - respondeu sorrindo.

Desceram até o luxuoso lobby e entraram no bar, sentando-se em uma mesa. Como todo o hotel, era um lugar requintado, em um palco no fundo do salão uma banda tocava blues, diversas mesas estavam ocupadas com hóspedes e visitantes, homens usando ternos, blazers e alguns, túnicas árabes, as mulheres usando vestidos longos, algumas com xales cobrindo os cabelos.

Sthefany pediu champanhe, meia hora depois ela deu um gritinho animado e levantou-se, correndo até uma mulher ruiva, com curvas e seios generosos, que estava acompanhada de um árabe, vestindo um terno de grife. Marcos observou-as conversando animadamente em inglês.

Sthefany abraçou sua amiga Candy, desde que deixaram o internato sempre mantiveram contato.

- Amiga, este é Omar, meu noivo - apresentou a ruiva.

- Enchanté - cumprimentou o árabe.

- Prazer, este é Marcos, meu namorado - apresentou-o, enquanto ele se levantava.

Apertaram as mãos firmemente e sentaram-se à mesa, junto com as mulheres que continuavam conversando animadamente.

O árabe parecia tão desconfortável quanto Marcos e conversaram amenidades. Omar era filho de um sheik^[11] do petróleo e se formara em administração em Oxford, na Inglaterra. Logo estavam em um mutismo completo, ele observando a banda que agora tocava jazz e Omar compenetrado em seu celular.

- O que você faz? Administra alguma empresa? - perguntou de repente a americana.

- Sou médico - respondeu sem graça.

- Ele é modesto, é um excelente médico, logo será um dos maiores traumatologistas do mundo - concluiu Sthefany segurando as mãos dele.

- Sério? Meu pai é um dos maiores doadores do Hospital Jhons Hopkins, quem sabe não nos encontramos lá um dia? - perguntou Candy com um sorriso afetado referindo-se à um dos melhores hospitais do mundo.

Depois de tomarem seus drinks foram até o restaurante para jantarem. O espaço era amplo, com teto alto, uma decoração sóbria dava um ar elegante ao local, piano de cauda estava posicionado no centro do salão e um jovem trajando smoking tocava magistralmente músicas clássicas.

Omar continuou com seu mutismo, enquanto Marcos ouvia a conversa das duas jovens, participando da conversa somente quando elas lhe dirigiam a palavra, entretanto a noite transcorreu com ambas conversando entre si.

Entediado ele ouviu-as falarem dos colegas do internato da Suíça, quem herdara o que dos pais, quem casara com quem e quem traíra quem. Conversaram sobre viagens à lugares exóticos, sobre festas da alta sociedade e outras amenidades.

Tarde da noite se despediram, Marcos e Sthefany subiram para a suíte em que estavam hospedados. A jovem bebera um pouco além da conta e estava com a voz embargada, após ajuda-la a se despir colocou-a na cama e logo ela estava ressonando suavemente.

Fcou observando-a dormir, ele não pertencia àquele mundo, embora Sthefany tivesse feito o máximo para deixa-lo confortável, observara que a americana o considerava inferior à amiga, percebera um leve desdém por parte dele, mas eram amigas e, por Sthefany, engolira a vontade de lhe dar uma resposta mais rude.

Pela centésima vez na noite se perguntou o que estava fazendo ali

Capítulo XII

Ao alvorecer acordaram e, após colocarem as roupas que usariam no casamento em uma mala, vestiram uma roupa no estilo safári e desceram ao lobby onde Ahmed já os aguardava.

Entraram em um veículo 4x4 e se dirigiram ao deserto de areia fina que circundava a cidade. A vista era espetacular, o sol da manhã incidia na areia fazendo-a brilhar. Ahmed dirigia com habilidade e logo avistaram entre duas enormes dunas, um grande acampamento cercado.

Na entrada do local foram recepcionados por seguranças armados e por uma "hostess" que verificou o nome de ambos na lista, com um sinal dela, outra se aproximou e os acompanhou até uma tenda particular montada em meio a outras dezenas.

- Fiquem à vontade, ao meio dia será servido um almoço e as dezoito começará o noivado - explicou a hostess com um sorriso simpático, mostrando as acomodações.

O chão da tenda era forrado de tapetes, no centro uma grande cama, havia uma pequena sala com poltronas e uma mesa baixa, ao lado dela um frigobar. Por uma abertura no canto da tenda entraram em um banheiro com uma ducha e uma banheira. Marcos ficou se imaginando como teriam construído um sistema de água, esgoto e energia no meio do deserto.

Apos se instalarem, caminharam pelo acampamento, no centro dele estava montado um grande tablado de madeira coberto por uma tenda, onde provavelmente ocorreria o noivado em volta funcionários arrumavam baixos tamboretos estofados. Muitos convidados já circulavam pelo local em pequenos grupos, garçons serviam bebidas e aperitivos.

Sthefany circulou com desenvoltura, muitos dos convidados ela conhecia, haviam sido apresentados por seu pai, outros eram ex-colegas de internato e vários que conhecera quando frequentava o "jet set internacional". Marcos ao

seu lado observava tudo atentamente, visivelmente desconfortável, ela entendia, afinal ele nunca saíra do país e fora criado em uma comunidade carente, mas torcia para que ele se acostumasse.

Por volta do meio dia o acampamento estava repleto de convidados, garçons, orientados por um "chef" de cozinha de nível internacional, começaram a colocar no centro do tablado de madeira, após cobri-lo com tapetes, diversos fogareiros sobre eles enormes panelas contendo a comida tradicional dos beduínos, composta de carne de carneiro, frango, e legumes assados, em outros recipientes havia tabule, babaganuche^[12], e outras iguarias.

O "sheik", que estivera no interior da maior tenda do acampamento, saiu de seu interior, vestia a tradicional túnica negra, em sua cintura uma faixa bordada com fios de ouro e um punhal, a cabeça estava coberta por um turbante, ao seu lado direito vinha Omar, trajando a mesma roupa e, ao lado esquerdo, a noiva Candy. A americana movimentava-se de forma desinibida com a tradicional roupa árabe. Junto a ela caminhava um casal, que, pela aparência, Marcos imaginou serem os pais dela.

- Bem vindos nobres convidados, aceitem nossa hospitalidade - afirmou o "sheik" fazendo um gesto para que todos se sentassem nos tamboretes estofados, enquanto ele, os noivos, e os pais de Candy, sentavam-se em tamboretes um pouco maiores e mais altos.

Todos se sentaram, logo garçons circulavam pelo local servindo-os. A comida estava realmente deliciosa, e a conversa logo aumentou de volume, regada pela farta bebida servida.

Sthefany percebeu que Candy, que estava em pé, próxima a mesa de seu noivo, lhe fazia sinal chamando-a.

- Vou falar com ela e já volto - disse para Marcos beijando-o rapidamente no rosto e indo em direção a amiga.

Antes de alcança-la teve que se deter duas vezes para cumprimentar dois conhecidos.

- Candy! Que festa incrível! - exclamou Sthefany.

- Realmente, meu sogro não poupou despesas - respondeu com um

sorriso afetado.

Conversaram amenidades até que a americana perguntou de forma direta:

- Por que você está com ele? É bonito e parece gostoso, mas não é do nosso nível, um simples médico? “Mon cher”^[13], você merece coisa bem melhor - afirmou com um sorriso.

Sthefany ficou surpresa e sem reação com a pergunta. Gostava da ruiva, haviam sido grandes amigas no internato onde chegaram a manter uma relação mais íntima que a simples amizade, mas isso não lhe dava o direito de criticar sua escolha.

- Sabe quem vem na festa e está louco para te encontrar - continuou Candy tomando o silêncio da amiga como anuência - Bert, ele assumiu as empresas do pai, você não vai acreditar como ele melhorou depois do internato - concluiu com um sorriso malicioso.

Candy continuou sua conversa sobre futilidades e mexericos do "jet set" internacional. Sthefany procurou Marcos com o olhar, ele estava longe da mesa dos convidados aparentemente conversando com Ahmed e outros motoristas e seguranças que estavam afastados aguardando ordens de seus patrões.

Ele parecia mais a vontade com os empregados do que com os convidados, desperdiçando assim a chance de fazer importantes contatos, por um breve momento um pensamento passou em sua mente: realmente Marcos não estava preparado para a alta sociedade. Mas sorriu intimamente, ela o ensinaria e, com o poder e fortuna que sua família possuía, faria com que ele enveredasse pelo tortuoso caminho da "high society"^[14].

Após ouvir por mais alguns minutos Candy, se separou da amiga aconselhando-a a ficar perto do noivo que conversava em uma roda de jovens, onde duas beldades jogavam descaradamente charme para cima dele.

- “Bitch”^[15]! - rosnou Candy e pedindo licença indo até ele, dando-lhe o braço e fuzilando as jovens com o olhar.

Sthefany sorriu e voltou para seu lugar. Marcos poderia não ser rico, mas era um gentleman, pensou sentindo um princípio de excitação e desejo, precisava urgentemente transar com ele, concluiu procurando-o com o olhar.

Marcos a observou indo em direção à mesa e foi até ela sorrindo, conversara com Ahmed e ele prometera arrumar camelos para irem ao deserto para verem o pôr do sol.

- Oi gostoso! - exclamou puxando-o para sentar ao seu lado.

- Depois do almoço vamos andar de camelo para ver o por do sol? Ahmed disse que consegue alguns e nos leva até as dunas - perguntou animado.

- Claro, adoraria - respondeu tentando esconder a frustração que sentia, imaginara que passariam algum tempo na tenda fazendo sexo, antes do noivado oficial que aconteceria às vinte horas.

As horas passaram, e quando o "sheik" voltou para sua tenda, dando a entender que o almoço terminara, eram quase dezoito horas. Correram para a tenda, onde vestiram roupas mais confortáveis para andar de camelo e logo se encontraram com Ahmed, que conseguira três camelos. Com a ajuda dele e após muitas risadas, conseguiram montar nos animais.

Na companhia do árabe saíram do acampamento ganhando as dunas em volta. Sthefany se sentiu desconfortável, o animal balançava muito e fedia, mas nada disse, pois Marcos parecia feliz e animado, pela primeira vez na viagem ela não sentia a tensão que o acompanhara desde o início.

Com o andar bamboleante dos camelos, subiram uma enorme duna parando no topo. A visão era magnífica, um mar de dunas se espalhava no horizonte, o sol, agora um enorme círculo amarelo-avermelhado, começava a se pôr, do outro lado o acampamento era visto em meio às dunas.

Desceram dos animais com a ajuda de Ahmed que, solícito, estendeu um tapete na areia e, tirando de uma cesta que carregava em sua montaria, serviu aos jovens uma garrafa de champanhe "Goût de Diamants", uma das mais caras do mundo, duas taças de cristal, um pote de caviar Beluga^[16] e um pacote de torradas.

- Temos cerca de uma hora antes do pôr do sol, me afastarei para dar-lhes privacidade e retorno em uma hora - disse fazendo uma mesura - Não saiam desse local, por favor.

- Obrigado - disse Marcos.

Após o árabe se afastar ele abriu a lata de caviar e, com uma pequena faca passou a iguaria nas torradas, depois abriu a garrafa de champanhe e encheu as duas taças, sentando-se no tapete.

- Há que brindamos? - perguntou Sthefany com um sorriso sensual.

- A nós?

- Uma ótima ideia - murmurou tomando um gole de sua taça.

Marcos também tomou um gole e observou-a, ela retirara o xale que lhe cobria os cabelos, deixando-os caírem pelos ombros, e lhe sorria sensualmente enquanto bebericava de sua taça. Como ela podia ser tão bela e sensual? Pensou consigo mesmo, nunca sentira nada parecido na vida. Não era apenas atração sexual, embora ela exalasse sensualidade, e possuísse um magnetismo animal que o atraía, era algo mais profundo, que fazia seu coração se confranger no peito, com uma dor quase física.

Durante os últimos dias pensara muito e chegara à conclusão que estava apaixonado por Sthefany, como ela reagiria se ele se declarasse? Pensava constantemente.

Em silêncio comeram o caviar e beberam a champanhe observando o espetáculo da natureza.

Marcos olhou para o sol se pondo no horizonte, metade dele já se escondia no horizonte, as nuvens que cobriam o céu tinham vários tons de rosa ao violeta. Era uma paisagem magnífica, tão bela quanto Sthefany, que aconchegou-se em seu colo, encarando-o fixamente.

- O que você está pensando? - murmurou acariciando seu rosto com a ponta dos dedos.

Marcos beijou-a delicadamente nos lábios e levantou aproximando-se na beirada da duna. Sthefany se ergueu e foi até ele, abraçando-o por trás, sentia que algo o incomodava e desejava que seu namorado se abrisse, ele sempre fora introspectivo desde que o conhecera, e esse ar de mistério a fascinava, mas ainda assim gostaria que ele fosse mais aberto. Ele virou-se para ela de repente, encarando-a fixamente.

- Eu te amo.

Sthefany foi pega de surpresa, seu coração disparou no peito, nunca esperara algo do gênero, ela nunca usara essa frase e nunca ouvira algo assim antes, embora constatasse que nunca permitira que um relacionamento seu se estendesse tanto tempo como o atual. Agora observava-o com um ar de interrogação no rosto, estaria esperando uma resposta?

- Eu.... - gaguejou indecisa sobre o que dizer.

- Desculpe, não precisa dizer nada - afirmou Marcos e ela percebeu uma sombra atravessando seu olhar.

- Não, eu te adoro, mas é que nunca disse isso para alguém antes, não sei se existe isso de amor...adoro você, sou louca por você, isso não basta? - perguntou sentindo-se confusa, percebendo que Marcos corava.

- Ei...não se preocupe, deixa pra lá, só queria dizer o que eu sinto, mas talvez tenha razão, sou antiquado - respondeu visivelmente constrangido - Olha ali, Ahmed está voltando.

- Marcos... - chamou estendendo a mão.

- Venha, não vamos deixa-lo esperando - desconversou levando-a até os camelos.

Voltaram para o acampamento direto para a tenda privativa. Sthefany chamou-o para tomarem banho juntos na banheira, mas ele disse que precisava fazer um telefonema para saber notícias de sua mãe e saiu do local.

Enquanto aproveitava a água tépida na banheira, Sthefany pensava no que acontecera, Marcos dissera que a amava, mas o que significava aquela palavra? Para ela, amor era apenas algo que os poetas usavam e que era utilizado em filmes e livros, mas a vida real era diferente, isso não existia, o que havia era desejo, paixão e afinidades, e isso ela tinha de sobra por ele.

Deveria dizer que o amava mesmo entendendo que tal palavra era vazia? Não desejava mentir e engana-lo afirmando que sentia algo que nem acreditava existir.

Enquanto ela se banhava Marcos caminhava pelo acampamento, a grande tenda que cobria o tablado onde fora servido o almoço fora retirada, e agora ele podia observar uma miríade de estrelas reluzindo no firmamento. Estava se sentindo um tolo, abrira seu coração e fora rejeitado, como pudera imaginar que Sthefany o amasse? Agora, mais do que tudo, desejava voltar para o Brasil.

Quando ele voltou para a tenda ela já estava vestida, ele tinha que admitir que ela estava linda, uma túnica creme no estilo árabe tentava esconder suas curvas, mas sem sucesso, um delicado xale cobria sua cabeça caindo pelos ombros, mas parte de seu cabelo era visto, uma delicada maquiagem realçava seus olhos e lábios.

- Você está linda - elogiou constrangido.

- Obrigada...Marcos, eu... - começou visivelmente desconfortável com a situação criada por ele.

- Ei, deixa disso, vou tomar um banho e me trocar, te encontro lá fora - disse dirigindo-se até banheiro.

- Marcos, estamos bem? - perguntou segurando a mão dele.

- Sim, não se preocupe - respondeu beijando-lhe a mão que o segurara e após soltá-la dirigiu-se ao banheiro.

Quando terminou seu banho e se arrumou olhou-se no espelho, usava uma tradicional túnica árabe negra, sentia-se estranho na roupa, mas nada comparável com o desconforto que sentia pela situação que criara.

Ao sair caminhou pelo acampamento, observou que no centro do que fora o tablado agora havia uma enorme fogueira que ardia. Grupos de convidados conversavam animadamente enquanto garçons corriam para atendê-los com uma variedade de bebidas.

Ao longe Marcos observou Sthefany conversando com quatro homens, todos bem apessoados e bem vestidos, todos sorridentes e atenciosos com ela.

Indeciso ficou a distância observando-a, aquele era o mundo dela, dos ricos e poderosos, como pudera conceber trazê-la para sua realidade? Somente os gastos que provavelmente custara o noivado dariam para sustentar mais de

cem famílias da comunidade em que vivia por um ano inteiro.

Sthefany estava cercada pelos quatro homens, eram antigos colegas do internato, dois deles empresários bem sucedidos do ramo de tecnologia, um era um filho de um nobre inglês e o outro era Bert, o alemão com quem perdera a virgindade. Tinha que admitir os anos haviam feito bem a ele, estava mais musculoso e com um ar másculo.

- Você está ainda mais linda "darling" - elogiou o inglês com ar afetado.

- Ah, Rupert, sempre um gentleman - agradeceu sorrindo. Não era segredo que desde o internato ele era homossexual.

- Tenho saudades daquele tempo - afirmou Bert de forma insinuante e com um sorriso.

- Meu caro acho que você está perdendo tempo, nossa querida Sthefany está acompanhada - brincou Johnny, um belga que construíra sua própria firma de tecnologia, apontando discretamente para Marcos que os observava à distância.

- Devo admitir que ele é um espécime admirável - interveio Rupert com um sorrisinho - Sempre ouvi falar que os brasileiros são excelentes amantes.

- Rupert! - exclamou escandalizada, mas por dentro estava ficando irritada com o rumo da conversa.

Nesse momento foram interrompidos pelas "hostess" que percorriam o local avisando que a cerimônia iria começar.

- Se me dão licença - disse Sthefany fazendo menção de ir até Marcos.

- Ei, nos vemos amanhã na boate? - perguntou Bert tocando as mãos dela levemente.

- Claro, nos vemos todos amanhã - enfatizou.

Marcos percebeu o toque que o homem dera nas mãos de Sthefany e sentiu-se incomodado, ele não era ciumento, mas nessa noite estava especialmente inseguro, principalmente depois do que acontecera no deserto.

Fora tolo em expor seus sentimentos daquela forma. e agora se arrependia, como ousara imaginar que ela o amasse, pensou amargurado e irritado consigo mesmo.

- Vamos no sentar? - perguntou Sthefany ao se aproximar, puxando-o pela mão.

Quando se acomodaram em um dos tamboretos estofados, ele perguntou tentando parecer descontraído.

- Amigos seus?

- Eles? Sim, do tempo do internato.

- Parece que um deles não tira os olhos de você - disse Marcos apontando com o olhar Bert, que sorriu ao perceber que Sthefany o observara.

Ela sorriu constrangida quando o alemão ergueu uma taça de cristal em um brinde em sua direção.

- É um velho amigo - disse constrangida - Olha! Vai começar - desconversou.

Com todos os convidados acomodados em seus lugares, diversos homens com trajes típicos e armados de espingardas, caminharam vindo do interior do acampamento cantando e circulando a grande fogueira. Depois de alguns minutos várias mulheres avançaram dançando e cantando.

A família do noivo e da noiva, liderados pelo "sheik" ocuparam o local de honra, todos vestindo trajes típicos.

De repente todos ficaram em silêncio, a noiva, vestindo uma túnica branca e com as mãos e rosto cobertos de figuras geométricas feitas com tinta hena, entrou com passos comedidos se aproximando do local de honra. O "sheik" e o pai dela conversaram entre si e depois se abraçaram e se beijaram no rosto.

- É uma forma simbólica de entrega da noiva e do dote - murmurou Sthefany.

Em seguida o "sheik" chamou seu filho com um gesto e, quando este se

aproximou, pegou as mãos do casal juntando-as. Nesse momento as mulheres começaram a gritar de forma gutural enquanto os beduínos começaram a disparar para o alto.

- São de festim - explicou um convidado ao lado.

Com o fim da cerimônia um lauto jantar foi servido aos convidados, enquanto grupos de danças tradicionais se apresentavam em volta da fogueira. Logo os convidados começaram a circular no local, formando grupos que conversavam em pé ou sentados, nos vários sofás espalhados.

Segurando o braço de Marcos, a jovem caminhava por entre os grupos parando para conversar com um e outro, sempre o apresentando como seu namorado e médico. De repente o casal encontrou um grupinho no qual estavam os noivos, todos jovens, na maioria amigos de internato de Sthefany. Ao avistar Bert entre eles tentou mudar de direção.

- Amiga! Vem aqui! - disse em voz alta Candy.

Sem escolha Sthefany se aproximou e apresentou Marcos ao grupo. A maioria o cumprimentou com um aceno de cabeça ou um sorriso frio. Bert foi mais desdenhoso e não se dignou a olhar em sua direção, enquanto Rupert, imitando as mulheres do grupo, o mediu de cima abaixo, após apertar sua mão languidamente, em seguida cochichou algo no ouvido de duas delas fazendo-as rirem.

Omar, o noivo, tão deslocado quanto Marcos foi o único simpático e puxou-o de lado para conversarem. O médico se interessou pelas tradições beduínas e o árabe ficou feliz em explicar-lhe, enquanto Candy e Sthefany se tornavam o centro da atenção dos demais.

Em meio à conversa, um homem vestindo um terno bem talhado se aproximou e cochichou algo no ouvido de Omar.

Marcos percebeu que ele empalidecia.

- Você poderia vir comigo? - murmurou Omar constrangido.

- Sim, claro - respondeu Marcos intrigado.

Pedindo licença Omar se afastou com Marcos ao seu lado, que antes de segui-lo encarou Sthefany que o encarava com ar de interrogação. Ele deu de ombros discretamente, dando a entender que não sabia o que estava acontecendo.

Seguindo o árabe foram até a cozinha onde um grupo de funcionários, na maioria imigrantes indianos, formavam um círculo.

- Uma prima distante está passando mal, nós temos uma ambulância com equipe médica, mas eles saíram há uma hora para levar um convidado que se excedeu na bebida e ainda não retornaram. Sei que você é um convidado, mas ficaria grato se nos ajudasse - pediu Omar encarando-o.

Marcos concordou meneando a cabeça e se agachou. Uma menina, usando trajes típicos, de cerca de doze anos estava caída no solo encarando-o com um olhar de medo, sua respiração era um chiado, suas mãos apertavam a garganta. Ele examinou-a rapidamente, e constatou vermelhidão na pele, inchaço da boca, olhos e nariz e um suor intenso.

Olhando em volta ele percebeu um pequeno pote de porcelana branco ao lado dela.

- Do que é feito isso? - perguntou em voz alta pegando o objeto e percebendo que em seu interior havia restos de alimento.

- Camarão - respondeu um cozinheiro.

- Ela está em choque anafilático, deve ser alérgica à camarão. Preciso de espaço, uma faca afiada que deve ser esterilizada no fogo e um canudo, pode ser de caneta esferográfica - ordenou arregaçando as mangas da túnica que usava - Ligue para a ambulância e ordene que se apressem! Preciso fazer uma cricotireoidotomia de emergência!

Omar e os funcionários encararam-no confusos.

- Preciso abrir a traqueia dela para que ela respire! E tem que ser agora! - gritou.

Omar gritou ordens em árabe e logo um maître se aproximou com uma faca, ainda com a lâmina quente, e uma garrafa de conhaque, outro entregou uma

esferográfica já sem o tubo de tinta. Marcos despejou conhaque em suas mãos, na caneta, no pescoço da jovem e na faca, esfriando-a.

- Vai dar tudo certa querida - murmurou sorrindo para a jovem enquanto apalpava seu pescoço.

Enquanto com movimento firme iniciava a incisão, mentalmente repetia para si mesmo o procedimento aprendido: incisão na membrana cricotireóide, entre a cartilagem tireóide e a cricóide, agora introduzir com cuidado a cânula, pensou introduzindo o tubo da caneta.

Com alívio ele percebeu que o rosto, antes azulado da menina, agora retornava à cor normal e podia sentir o ar entrando e saindo pelo tubo da esferográfica.

Ao olhar em volta encontrou o olhar de agradecimento de Omar e surpreso percebeu que Sthefany e os amigos dela o observavam, agora com olhar de respeito e admiração, com exceção de Bert que estava com fisionomia fechada.

- Muito bem, vamos voltar para festa - ordenou Omar gentilmente.

Todos começaram a se afastar com exceção de Sthefany, que se ajoelhou ao lado dele.

- Ela vai ficar bem - afirmou encarando-a.

- Ótimo a ambulância acabou de chegar - disse Omar que ficara ao lado da prima ao avistar dois enfermeiros e um médico se aproximando carregando uma maca.

Marcos rapidamente informou o que fizera e o médico árabe concordou com seu diagnóstico e ações, enquanto aplicava uma injeção de adrenalina, que retirara de sua maleta, e outro enfermeiro preparava uma máscara de oxigênio. Com rapidez e eficiência socorreram a jovem e saíram pelos fundos, por onde entraram.

- Obrigado, Fátma é uma prima distante, se ela morresse em pleno noivado traria má sorte para nossa família, além do escândalo que isso causaria. Você tem minha eterna gratidão, se um dia precisar de algo basta ligar e pedir

que farei - afirmou Omar entregando para Marcos um cartão dourado onde havia apenas um número de telefone.

- “Darling”^[17], foi apenas azar que a ambulância tivesse saído antes - disse Candy que voltara.

- Azar ou sorte, não importa, o que importa é que “Alá”^[18] colocou você aqui - respondeu encarando fixamente Marcos.

- Obrigado - respondeu Marcos com um sorriso constrangido, guardando o cartão.

- Agora vamos voltar para a festa - ordenou Omar animado.

A comemoração avançou pela madrugada, agora Marcos era o centro da atenção, pois logo, o que fizera, se espalhou, até mesmo os amigos de Sthefany que antes o olhavam com desdém agora disputavam sua atenção. Com exceção de Bert.

Sthefany estava orgulhosa dele, mesmo tendo formação médica não sabia se conseguiria agir com rapidez e precisão como ele fizera.

Estava com uma vontade insana de beijá-lo na frente de todos, sentia que sua calcinha estava úmida em razão da excitação. Quando se sentaram em uma pequena mesa, em um bar montado em um canto do acampamento, onde a luz era mais difusa, na companhia de Candy e Omar, que agora tratava Marcos com familiaridade, aproveitara para guiar a mão dele entre suas pernas, apertando-a contra sua vagina que pulsava dolorosamente e quase tivera um orgasmo, sob o olhar atônito do jovem que rapidamente retirou a mão com um sorriso constrangido.

O sol estava quase para nascer, quando se dirigiram para a tenda. Ao entrarem Sthefany jogou-o contra a cama.

- Sthefany, eu... - começou a protestar, tentando empurrá-la gentilmente de cima

- Shhh, meu herói, fica quietinho e aproveita o espetáculo - murmurou no ouvido dele erguendo-se em seguida, ficando sobre a cama.

Dançando sensualmente no ritmo lento de uma música imaginária, ela começou retirando o xale que cobria seus cabelos, e após girá-lo, jogou-o em seu rosto. Em seguida, lentamente, ainda requebrando o corpo, retirou a túnica jogando-a em um canto.

Marcos ficou extasiado com a visão, o corpo curvilíneo de Sthefany estava pintado com inúmeras figuras geométricas com tinta hena, usava um minúsculo conjunto de lingerie azul turquesa, ainda dançando, ele observou-a primeiro retirar o sutiã, jogando-o para ele, que o agarrou no ar, depois dançou alguns minutos simulando retirar a calcinha fio dental, até que finalmente a tirou rodando-a entre os dedos e jogando-a para o alto.

Ele fez menção de se erguer, mas Sthefany o impediu colocando seu pé direito sobre seu peito, empurrando-o de volta para a cama. Depois ela se ajoelhou encaixando-se no membro, agora ereto, que se destacava na túnica árabe. Com um sorriso ela retirou a veste dele deixando-o apenas de cueca, enquanto ele se quedava imóvel, hipnotizado pela beleza e ousadia dela.

- Sthefany, eu... - Marcos tentou inutilmente protestar, ainda se sentia magoado com o que ocorrera no deserto, mas não tinha forças para resistir à ela.

- Shhh - ordenou pedindo silêncio, enquanto retirava a cueca dele e passava a massagear seu pênis com a outra mão.

- Deus! - exclamou se contorcendo com o toque macio dela.

Sthefany sorriu ao vê-lo com os olhos fechados, durante a noite temera que ele terminasse o namoro por causa do que ocorrera nas dunas, mas ela provaria para ele que "eu te amo", era apenas uma frase e nada mais, o importante era o compartilhavam, era o prazer que proporcionavam um ao outro.

Em seguida colocou o pênis na boca e passou a sugá-lo, alternando leves lambidas com sucções violentas e profundas, fazendo com que ele gemesse alto, ao mesmo tempo em que a prendia com suas mãos, empurrando a cabeça dela de encontro a sua pelve.

Após alguns minutos de deliciosa tortura Marcos percebeu que não aguentaria muito tempo mais.

- Assim eu vou gozar - sussurrou entre um gemido.

- Goza dentro de mim - respondeu levantando-se e se encaixando no membro ereto.

Por um momento ela manteve-se imóvel, permitindo que a glândula do pênis apenas roçasse sua vagina, enquanto apertava o peito musculoso dele. Então, lentamente, foi descendo, sentindo cada centímetro dele invadindo-a e preenchendo-a, deslizando facilmente, tamanha era a lubrificação produzida pela excitação. Com um suspiro e um gemido profundo de prazer ela introduziu o membro em sua totalidade. Ficou imóvel por um segundo, sentindo o prazer que isso lhe causava, enquanto Marcos a segurava firmemente pelas nádegas.

Lentamente ela começou a se movimentar ritmicamente, subia até quase retirar o pênis de dentro de si, para então descer, engolindo-o por inteiro, rebolando em cima da pelve dele, esfregando seu clitóris de encontro à seu corpo, em uma fricção dolorosamente prazerosa. Ela aumentou o ritmo gradativamente, enquanto sentia as mãos fortes dele, ora apertando suas nádegas, ora apertando seus seios.

O ritmo se tornou frenético, com os olhos fechados Sthefany agora cavalgava em cima dele, retirando e introduzindo o pênis com movimentos violentos.

Marcos se esforçou para não gozar enquanto segurava fortemente a cintura dela, para que o contato quente e molhado não se desfizesse, as unhas dela feriam a pele de seu peito, mas em vez de dor, isso lhe causava prazer.

Sthefany sentiu que o gozo estava vindo, e aumentou ainda mais o ritmo, até que sentiu os espasmos incontrolláveis de sua vagina espalhando onda após onda de prazer, em uma sensação prolongada e indescritível.

- Ahhh! Deus! - murmurou debruçando-se sobre Marcos e mordendo seus ombros para não gritar de prazer.

- Deus! - sussurrou Marcos puxando a cintura dela com força para junto de si, como se quisesse penetrá-la ainda mais, enquanto jorrava seu sêmen no interior dela, por meio de espasmos incontrolláveis de seu pênis.

Ficaram imóveis por alguns minutos, aguardando os batimentos de seus corações diminuírem e a respiração voltar ao normal.

Sthefany deixou-se cair ao lado de Marcos, encarando-o com olhos semicerrados.

- Você é maravilhoso, eu te adoro - murmurou e logo estava ressonando suavemente.

- E eu te amo - sussurrou Marcos, mais para si mesmo, sentindo uma ponta de tristeza na alma.

Estava amando, mas temia que não fosse correspondido ou que não se mostrasse à altura de Sthefany. Demorou muito para dormir pensando no que acontecera nas dunas.

Capítulo XIII

Quando acordaram já era quase meio dia, após se trocarem tomaram o desjejum em mesas montadas debaixo de uma grande tenda. Vários convidados já haviam partido e, após se despedirem de Omar e Candy que, como anfitriões, aguardavam todos, prometeram se encontrar durante a noite em uma boate onde ocorreria uma festa para "os jovens", como Candy dissera.

Voltaram então para o hotel no veículo conduzido por Ahmed, que durante a viagem não cansou de elogiar a atitude de Marcos, que apenas sorria constrangido.

Passaram o resto da tarde nas luxuosas piscinas do hotel, ao entardecer subiram para a suíte para se prepararem, quatro massagistas orientais, trajando uniformes brancos, aguardavam-nos pacientemente na pequena sala de estar em frente à porta do quarto, carregavam macas desmontáveis.

- Você pediu? - perguntou intrigado Marcos.
- Não...
- O sheik Omar nos enviou - explicou uma das jovens.

Dando de ombros Sthefany permitiu que elas entrassem, com eficiência montaram as duas macas em frente à janela panorâmica.

- Se puderem se despir - solicitou a que parecia a líder, entregando duas toalhas brancas.

Com desenvoltura Sthefany logo se despiu no banheiro e retornou enrolada na toalha deitando-se em uma maca. Marcos ficou um pouco reticente, nunca experimentara uma massagem, mas após insistência de Sthefany se despiu no banheiro e voltou enrolado na toalha imitando-a.

Duas massagistas começaram a trabalhar em suas costas com vigor, ele

não conseguiu impedir um gemido de satisfação. Realmente, a massagem era excelente e logo estava cochilando de tão relaxado. Não percebera quando as massagistas discretamente saíram da suíte.

Acordou com Sthefany roçando seus seios em sua boca.

- Acorda, belo adormecido - sussurrou em seu ouvido mordiscando-o.

- O quê? - espantou-se.

- Você impressionou Omar, essas massagistas são privativas da família dele - afirmou enquanto ele se sentava na maca.

- Que horas são?

- Hora de se trocar pra ir à boate - respondeu sorrindo, puxando-o pela mão até o banheiro, onde entraram debaixo das duchas duplas.

Sthefany ligou a água gelada e abraçou Marcos.

- Acho que ainda dá tempo para uma rapidinha - murmurou acariciando seu membro que logo ficou ereto.

Marcos pressionou-a contra a parede erguendo as mãos dela acima de sua cabeça enquanto a beijava com volúpia e roçava seu pênis contra a vagina dela. Deus, ela tem a capacidade de despertar em mim instintos que nunca imaginei que tivesse, pensou consigo mesmo, em um último pensamento racional.

Sthefany o empurrou e virou-lhe as costas arrebitando as nádegas de encontro ao membro dele.

- Vem me come com força - pediu apoiando as mãos na parede, enquanto a água fria caía sobre seu corpo e sentia a respiração entrecortada dele em sua nuca e pescoço, arrepiando ainda mais sua pele.

Quando o pênis deslizou por seu ânus, encostando na entrada de sua vagina ela gemeu alto.

Por um minuto, o membro duro ficou bailando na entrada, torturando-a com uma antecipação prazerosa.

- Você quer? - perguntou Marcos, surpreso com sua própria ousadia, sempre fora uma amante conservador, mas com Sthefany, ele agia movido pelo instinto.

- Sim... - respondeu com um gemido mordendo os lábios.

De repente, o membro incrivelmente duro, a penetrou com força até o fim, deslizando em seu interior, tão encharcado quanto sua pele, molhada pela ducha, fazendo-a gemer alto.

Marcos segurou-a pela cintura com a mão direita, prendendo-a firmemente contra si, enquanto que, com a mão esquerda acariciava seu clitóris, fazendo-a gemer, rebolando com seu pênis dentro dela.

- Enfia com força, me fode! - ordenou Sthefany arquejando e empurrando suas nádegas de encontro à pelve dele, sentindo todo o volume preenchendo-a por completo, em uma sensação extremamente prazerosa.

Marcos não resistiu e começou a penetra-la com força, em movimentos rápidos. Agora a segurava pela cintura com ambas as mãos, pressionando-a contra a parede.

Sthefany, com o corpo e a mente afoguedo de prazer, gemia cada vez mais alto, sentindo a penetração profunda, o movimento rápido do pênis entrando e saindo com força, como se quisesse parti-la ao meio. De repente, sem aviso e sem controle, ela explodiu em um gozo profundo, que estremeceu todo seu corpo.

- Vai, me fode! Tou gozando! - gritou desvairada, sentindo os músculos de suas pernas tremerem, somente não caindo no chão molhado do banheiro por que Marcos a segurava firmemente pela cintura, ainda penetrando-a com vigor.

- Deus! - gritou penetrando-a mais duas vezes com força, atingindo um orgasmo profundo, seu membro se contraindo loucamente enquanto ejaculava fundo no interior dela.

Exaustos deixaram-se cair no chão, a forte ducha os golpeando sem parar. Ambos ficaram deitados, ainda conectados, enquanto seus corações batiam aceleradamente em seus peitos.

Sthefany, de olhos fechados, sentiu Marcos relaxar dentro de si. Ao abrir os olhos encontrou o olhar dele.

- Você é maravilhoso - elogiou levantando-se com dificuldade, seus músculos da coxa ainda tremendo.

Marcos ajudou-a e, após terminarem o banho, foram ao closet se trocar. Enquanto ele vestia um blazer cinza perolado, mocassins e uma camisa salmão, comprados por Sthefany em lojas de grife, ela vestiu um tubinho vermelho, que deixava à mostra as costas e possuía um generoso decote na frente, além de um rasgo que subia pelas laterais, deixando a mostra parte das belas coxas torneadas, que estavam protegidas por uma meia 7x8 transparente. Seus cabelos volumosos estavam soltos caindo por seus ombros, enquanto duas franjas ameaçavam cobrir seu rosto, uma maquiagem noturna arrematada com um batom vermelho a deixava ainda mais sensual.

Desviando os olhos em uma vã tentativa de impedir um começo de ereção, Marcos se olhou no espelho e admirou-se novamente em como simples roupas, poderiam ser tão caras, ao se recordar dos preços dos trajes.

- Estou pronta - afirmou Sthefany terminando de colocar um pequeno brinco de ouro.

- Você está linda - elogiou observando-a.

- Obrigada, você também está um gato - respondeu sorrindo.

Por volta das vinte e uma horas o casal desceu até o lobby onde Ahmed já os esperavam. Em seguida partiram em uma limusine para uma das boates mais badaladas da cidade, que fora fechada para os noivos e seus convidados.

O veículo estacionou em frente à boate “White Dubai”, a fachada era marrom, com uma enorme porta dupla com cortinas de ambos os lados, que se prendiam nas laterais. “Hostess” na entrada, tendo ao lado seguranças, confirmavam a lista de convidados em um pequeno tablet. O casal teve sua entrada imediatamente permitida.

O ambiente interno possuía uma área aberta com várias mesas com luminárias vermelhas e uma pista de dança de madeira de lei, comandada por um “DJ” que tocava tecno. Na área interna, as mesmas mesas, além de um enorme

bar, um palco para shows e alguns ambientes “lounge” com confortáveis sofás, localizados em um mezanino de onde podia se avistar todo o ambiente.

Na pista de dança, jovens já dançavam ao ritmo dos últimos sucessos, tocados por outro "DJ" que comandava também o jogo de luzes que iluminava a pista.

Sthefany circulou com desenvoltura tendo Marcos ao seu lado, pararam no bar onde pediram drinks com nomes exóticos escolhidos por ela, que bebeu rapidamente três copos, enquanto Marcos mal tocara no seu. Depois foram para a pista de dança onde ela requebrou-se animadamente enquanto Marcos, em um arremedo de dança, movimentava sem graça, os braços e pernas.

Depois de meia hora ele decidiu ir ao banheiro, localizado no mezanino superior.

- Te espero aqui gato - disse ela beijando-o nos lábios.

Marcos subiu e foi ao luxuoso toalete, maior que sua casa, pensou com um sorriso amargo.

Após terminar ele encostou-se à balaústra do mezanino observando a pista onde Sthefany dançava requebrando-se sensualmente, cercada por vários amigos de seu tempo de internato, entre eles Bert.

- Sabia que ela e Bert tiveram um caso? - uma voz feminina perguntou.

- O quê? - perguntou demorando alguns segundos para processar o que a jovem falara em inglês.

- Bert e Sthefany, tiveram um caso no internato - falou novamente a jovem, uma loira platinada com seios fartos e olhos violetas, apontando para o casal na pista.

Marcos ficou em silêncio não sabendo o que responder.

- Prazer, Jackie - se apresentou com um largo sorriso aproximando-se ainda mais.

- Marcos - respondeu secamente.

- Parece que ele ainda está interessado nela - ronronou a mulher correndo as unhas bem feitas e pintadas de branco pela mão dele, que descansava na balaústra.

- Eu não me importo com o passado dela - respondeu retirando a mão.

- Não? E com seu futuro? Sabia que meu pai é um dos maiores empreiteiros da América?

- E? - respondeu erguendo uma sobrancelha.

- Alguém habilidoso como você deveria estar clinicando na América, meu pai conhece muita gente, inclusive o dono de uma das maiores clínicas médicas dos Estados Unidos, com unidades em todo país. Eu poderia conseguir uma vaga para você em Nova York, eu moro lá e tenho um apartamento em frente ao Central Park, poderia hospedá-lo até você alugar um lugar - afirmou de modo insinuante, agora correndo as unhas pelos ombros dele, constrangendo-o.

- Darling, sua “bitch”, o jovem não está interessado, você não percebe que ele só tem olhos para Sthefany? - interveio Rupert com voz macia se aproximando com um copo de whisky na mão.

O inglês usava um terno azul com um corte impecável, em seu pescoço, ao invés de uma gravata, havia um lenço de seda.

- Nunca se sabe bicha - gargalhou Jackie - Me liga se mudar de ideia - disse colocando um cartão no bolso interno do, não sem antes deslizar a mão sobre seu peito e sair rebolando despudoradamente no micro vestido verde de que usava.

- Não ligue para ela, é uma cadela mimada e egocêntrica que sempre implicou com Sthefany - afirmou o inglês - Deve estar se corroendo de inveja por minha amiga estar tão exuberante, mas o amor faz isso conosco, até nossa pele melhora.

Marcos olhou interrogativamente para Rupert. Amor? Ele declarara, mas Sthefany não retribuíra.

- "My God"^[19]! Você não percebeu que minha amiga o ama? - perguntou

incrédulo.

- Se ama ela não quer dizer - afirmou sem se conter.

- Você não a conhece como eu, nunca a vi tão radiante e feliz como quando esta ao seu lado - afirmou de modo afetado, juntando ambas as palmas da mão na altura do peito.

- Parece um jeito estranho de demonstrar - afirmou com desgosto apontando com o olhar Sthefany, que dançava sensualmente, com ambas as mãos no ombro de Bert, que acompanhava seu ritmo segurando sua cintura.

- Não tire conclusões precipitadas, darling!

- Com licença - respondeu descendo em direção a pista de dança.

Sthefany dançava animadamente, seus antigos colegas de internato à sua volta tentando atrair sua atenção. Ao olhar para o mezanino vira Jackie encostada em seu namorado. Um sentimento de raiva borbulhou em seu íntimo, como aquela puta se atrevia a dar em cima de seu homem?

Jackie e Sthefany foram inimigas declaradas no internato, a loira se achava superior por ser americana e desprezava quem não era. E por que Marcos estava conversando com ela? A cadela ordinária ainda tivera a ousadia de colocar a mão dentro do blazer dele! E ele não fez nada! Se não fosse Rupert era capaz daquela sem vergonha ataca-lo ali mesmo. Pensou corroendo-se por dentro, um sentimento que nunca experimentara antes.

Nervosa requebrou ainda mais na pista de dança lançando um olhar sensual para Bert, que se aproximou e a pegou pela cintura dançando junto a ela, enquanto a jovem colocava suas mãos em seus ombros.

De esguelha percebeu que Marcos descia a escada do mezanino, para provoca-lo enlaçou Bert pelo pescoço e gargalhou alto, mas para sua surpresa ele passou por ela dirigindo-se para a área externa.

Que desaforo! Pensou consigo mesma, empurrando Bert para longe de si.

- O que você está fazendo darling? - murmurou em seu ouvido Rupert que se aproximara e a puxara para fora da pista de dança.

Sthefany encarou o inglês, gostava muito dele, foram amigos no internato e a jovem o incentivara e ajudara a assumir sua homossexualidade.

- Aquela cadela deu em cima de meu namorado e ele não fez nada, no mínimo deve ter gostado! - respondeu fazendo beicinho e tomando o copo de whisky dele entornando-o de com um único gole.

- My God! Quem diria que um dia veria minha amiga autossuficiente com ciúmes! - gargalhou o inglês.

- Ciúmes? Eu? Não seja ridículo - respondeu emburrada.

- Darling, só lhe dou um conselho, não estrague o que aquele belo jovem sente por você, ele esnobou a Jackie de uma forma que nunca ninguém fez - afirmou de forma séria encarando-a.

- Eu fui uma idiota, não é? - murmurou Sthefany sentindo vergonha do que fizera.

- Foi! Mas agora vá atrás de seu bofe amiga - incentivou com um sorriso.

Sthefany agradeceu sorrindo e saiu à procura de Marcos.

Marcos sentara em um banco no bar externo e, apesar da festa ser open bar, pediu apenas uma água mineral. Estava irritado com a atitude infantil de Sthefany, se ela pretendia causar-lhe ciúme e humilha-lo conseguira. Deus! Somente viajariam na segunda de madrugada, estava cansado da viagem e do mundo da alta sociedade dela, errara ao aceitar acompanhá-la e errara ainda mais em se apaixonar.

Mergulhado em seus pensamentos não percebeu Sthefany se aproximando.

- Oi gostoso - sussurrou em seu ouvido, enquanto enlaçava-o pelo peito com os braços.

- Quero voltar para o hotel – respondeu de forma seca, encarando-a fixamente.

Sthefany se irritou, se ele estava esperando um pedido de desculpa poderia ficar sentado onde estava, pois isso não aconteceria.

- A festa só começou e quero dançar e me divertir com meus amigos - respondeu afastando-se.

- Não estou obrigando você a vir junto, vou pedir para Ahmed me levar ao hotel e depois voltar - afirmou encarando-a.

- Ótimo, faça isso, nos vemos depois - respondeu e saiu batendo os saltos altos em direção à pista de dança.

Marcos ficou observando-a se afastar e suspirou resignado, ela estava agindo de forma imatura, pensou irritado. Em seguida saiu da boate e pediu para que o manobrista da boate chamasse Ahmed.

Cinco minutos depois a limusine encostou e ao entrar pediu para um surpresa Ahmed leva-lo até o hotel e voltar. O árabe percebeu o humor de Marcos e manteve-se em silêncio.

Ao chegar ao hotel, Marcos subiu para o quarto, onde tomou uma ducha e se deitou tentando dormir, mas o sono não veio e ele ficou remoendo seus pensamentos, que tipo de relacionamento teria com uma mulher tão intempestiva como Sthefany?

Enquanto isso Sthefany em vez de ir para a pista de dança foi até o bar interno da boate, onde pediu uma garrafa de uísque, passando a beber imoderadamente. Quem Marcos pensava que era para trata-la daquela forma? Por um acaso ela teria feito algo de mais a não ser dançar? Se quisesse poderia dormir com qualquer homem daquela boate, pensou, enquanto entornava copo atrás de copo, mas desejava apenas um, e acabara por magoá-lo.

Foi assim que Rupert a encontrou, em estado de semiembriagues.

- Venha "darling", eu a levo até o hotel - murmurou abraçando-a e levando-a para fora da boate.

De madrugada Marcos, que estivera cochilando, acordou com o barulho de Rupert e Ahmed entrando no quarto, carregando uma desacordada Sthefany.

- Ela bebeu demais - explicou o inglês ajudando-o a deita-la na cama.

Ahmed pediu licença e se retirou.

- Vou cuidar dela - afirmou para Rupert.

- Sei que vai "darling", se não nos virmos mais foi um prazer conhecê-lo - afirmou estendendo a mão languidamente para que Marcos a apertasse.

- O prazer foi meu - respondeu com sinceridade.

Rupert se dirigiu até a porta acompanhado de Marcos, antes de partir o inglês virou-se para ele.

- Lembre-se do que eu te falei, minha amiga o ama, embora não tenha descoberto ainda - aconselhou sorrindo.

Marcos concordou em silêncio enquanto observava o inglês partir.

Sthefany acordou somente depois do almoço com uma tremenda dor de cabeça. Marcos estava ao seu lado sentado em uma poltrona, no criado mudo uma bandeja com um bule de prata cheio de café, jarra de cristal com suco natural, "croissants", frutas e outras iguarias.

- Minha cabeça dói - murmurou constrangida cobrindo os seios com o lençol, já que ele a despira.

Marcos entregou uma aspirina e um copo de suco de laranja, que já deixara preparado, com um sorriso divertido observou-a tomando o remédio com uma careta. Apesar de tudo, sua irritação sumira quando a colocara na cama e ficara observando-a.

- Me perdoa - murmurou embaraçada.

- Não se preocupe - respondeu sorrindo.

Sthefany se levantou, deixando cair o lençol e, nua, abraçou Marcos aconchegando-se em seu peito.

- Eu sou uma completa idiota - murmurou.

- Tenho que concordar - respondeu rindo.

Sthefany socou seu peito de leve sentindo-se feliz em estar ao lado dele.

Passaram o domingo no hotel e na segunda de madrugada embarcaram de volta.

Capítulo XIV

As semanas correram rapidamente enquanto Marcos tentava conciliar sua residência médica, seu trabalho voluntário e o namoro com Sthefany.

O mês de novembro chegou e com ele o aniversário de seu irmão Rafael.

Marcos estava indeciso, seu irmão o convidara para comemorar seu aniversário e dissera que queria conhecer Sthefany. Se ele não a levasse, ele pensaria que Marcos tinha vergonha da comunidade, mas apesar de já ter contado onde morava, nunca tivera coragem de levá-la para conhecer sua casa, embora ela constantemente pedisse.

Agora tentava criar coragem para convidá-la enquanto caminhava para o refeitório. Sthefany estava sentada em uma mesa, conversava com Paulo e Jonatas, outros dois residentes. Marcos sabia que Paulo, que considerava um amigo, namorava com Letícia, também uma residente. Mas Jonatas era esnobe, vinha de uma família de médicos que possuíam uma franquias de clínicas espalhadas pelo Brasil. Era alto, loiro, de olhos azuis e bem apessoado, estudara nos Estados Unidos, assim como Sthefany, e já se conheciam das rodas sociais da alta sociedade que frequentavam e tinha certeza de que ele estava interessado nela.

Incomodado percebeu que Sthefany ria de algo que ele dissera.

- Você é muito engraçado Jonatas - afirmou rindo.

- Posso? - perguntou Marcos de fisionomia fechada, sentando-se em frente à Sthefany.

- Claro! - respondeu Sthefany.

- Bom, vou indo, a Doutora Suzete é muito rígida com atrasos - disse Jonatas referindo-se a chefe da oncologia, enquanto se levantava - Precisamos repetir nossos passeios de lancha, você pode levar o Doutor Marcos também -

concluiu com uma piscadela.

- Você é muito gentil - respondeu Sthefany enquanto tocava a mão de Marcos que a retirou pegando uma faca para cortar a carne em seu prato.

Ele concentrou-se de cabeça baixa em seu almoço, mas comia maquinalmente, perdera o apetite.

- Deixa eu ir também - disse Paulo levantando-se.

- O que foi? - perguntou Sthefany encarando-o ao ficarem a sós.

- Nada - respondeu laconicamente sem tirar os olhos do prato.

Marcos estava com ciúmes, sua imaginação dava voltas sem parar, pensando em como eram os passeios de lancha. Os dois, belos, jovens e ricos se divertindo em casas de praia da elite, o ciúme o corroía, assim como fizera quando vira o alemão Bert interessado nela.

- Você está com ciúmes? - perguntou rindo - Não tenho nada com ele, tivemos um namorico anos atrás.

- Me poupe dos detalhes - resmungou mal-humorado.

- Marcos, olhe pra mim - disse Sthefany segurando suas mãos.

Ele encarou-a constrangido, estava com ciúmes, mas não queria admitir. Desde que se declarara para ela em uma duna no deserto de Dubai e ela não correspondera sentia-se constantemente inseguro. Nunca mais dissera que a amava, não queria força-la a dizer algo que não sentia e, por esse motivo, tentava esconder seus sentimentos.

- Eu estou com você, você é meu namorado, não precisa ter ciúmes - afirmou apertando suas mãos.

- Desculpa - disse sorrindo sem graça - Tenho um convite para você.

- Um convite? Vai me levar para algum lugar exótico para fazermos amor?
- sussurrou sorrindo.

- Menos - riu, agora bem-humorado - Meu irmão vai dar uma festa sábado para comemorar o aniversário dele, vai ser em uma quadra na comunidade, ele praticamente me obrigou a convidá-la, além do mais vou realizar seu desejo e mostrar o palacete onde moro - concluiu com certa ironia.

- Aceito! - respondeu de imediato.

- Não precisa aceitar, não é um ambiente que você esteja acostumada - disse cautelosamente.

- Não me importa, faz tempo que quero conhecer sua casa.

- Não tão rápido, preciso te contar algo sobre meu irmão, mas depois nós conversamos - pediu terminando seu almoço.

- Está bem - concordou Sthefany se levantando também.

O turno terminou às dezenove horas e Marcos encontrou Sthefany no vestiário. Saíram juntos e pararam em um café nas proximidades, onde ela pediu um suco e ele uma água, sentaram-se em uma mesinha na calçada.

- E então. ... - começou Sthefany tocando as mãos dele, que aparentava estar nervoso.

- Eu te disse que meu irmão tem problemas com a lei. Na verdade ele tem atividades ilícitas - afirmou de forma direta.

- Como assim? - perguntou franzindo o cenho.

- Ele é envolvido com o tráfico de drogas na comunidade - respondeu constrangido - Desde pequeno ele se envolvia com coisas erradas, agora é um tipo de chefe na comunidade. Já tentei de tudo para ele sair dessa vida, mas ele se recusa a me ouvir.

Sthefany apertou as mãos dele, aquilo era novidade para ela, o que seu pai diria se soubesse que o médico tinha um irmão traficante? Se isso chegasse aos ouvidos da imprensa sensacionalista seria um prato cheio: filha de multimilionário namora com o irmão do chefe do tráfico.

- Se você não quiser ir vou entender, eu mesmo tenho vergonha do que ele

se tornou - disse Marcos tomando um grande gole de sua água.

- Não me importo, quero saber tudo sobre você, tenho certeza que você não tem envolvimento com coisa errada - respondeu curvando-se sobre a mesa para dar um beijo na boca de Marcos.

- Então tá bom, tá combinado - decidiu com um meio sorriso.

No sábado Sthefany acordou cedo e, após um demorado banho, colocou um jeans e um top, o dia amanhecera ensolarado e prometia ser quente.

Ela estava excitada, a visita à comunidade onde Marcos residia era uma experiência nova, fora criada na riqueza, estudara em um internato na Suíça e depois nos Estados Unidos. Sempre tivera tudo que desejara, nunca trabalhara, o mais próximo de um trabalho que tivera era a residência no hospital.

Sempre frequentara locais seguros, ambientes sofisticados destinados aos ricos, nunca estivera em uma comunidade pobre, à conhecia apenas pelos noticiários da televisão. E isso a excitava.

Quando entrou na comunidade, abraçada a Marcos que conduzia sua motocicleta, seu coração estava disparado. As ruelas esburacadas, algumas com esgoto a céu aberto, as casas com reboco aparente, outras coloridas, muitas sobrepostas uma em cima da outra, em um desafio à engenharia moderna, tudo era novo e excitante.

Marcos estacionou em frente a um bar, varias pessoas estavam sentadas em mesas de metal com propagandas de cervejas, na calçada, do lado de fora um idoso assava carnes espetadas em palitos de madeira. Ao descer da motocicleta Sthefany sentiu os olhares masculinos fixados nela, trajava uma calça jeans de lycra colada ao seu corpo e um top vermelho que deixava sua barriga à mostra, além de sandálias de salto alto que a deixavam mais alta.

Marcos ao ir buscá-la observara sua roupa com olhar atravessado, mas nada dissera. Agora subiam as escadas em direção ao apartamento dele, algo que ela sempre desejara conhecer.

Ao chegarem ele mostrou o local, uma cozinha pequena, mas limpa e bem cuidada, com uma mesinha, uma geladeira, um fogão e um pequeno armário pendurado na parede. A sala possuía um sofá e uma televisão em cima de um

rack, uma estante encostada em uma parede estava abarrotada de livros. Sthefany passou o dedo por eles, havia de tudo, de livros de história e romances à livros médicos, de clássicos gregos à peças de Shaekespeare.

- Sobre amor e lobos?^[20] - perguntou curiosa retirando um volume - Ane Cross?

- “Nós ansiamos por um amor como o inferno; um amor que queima do inferno até a superfície, um amor que desafia as ondas do mar e atira centenas de mares ao fogo” – declamou encarando-a fixamente – É um poema que tem no livro.

Sthefany corou.

- É uma autora nacional, escreve romance medieval, esse é uma versão do mito de Robin Hood. É muito bom - respondeu Marcos imaginando como Sthefany conseguia ser tão sensual, mesmo em um ato tão simples como passar os dedos em livros empilhados em uma estante.

Sthefany deixou o livro na estante e deu mais dois passos analisando o ambiente.

- O banheiro é naquela porta - apontou com um sorriso constrangido - Não espere encontrar uma banheira de hidromassagem.

A jovem concordou com a cabeça e aproximou-se dele sorrindo.

- E o quarto? - murmurou insinuante roçando suas unhas no peito de Marcos que trajava uma camiseta branca, jeans azul e tênis.

- É naquela porta - respondeu.

Sthefany puxou-o pela mão até o quarto, como os demais cômodos, era simples e limpo, paredes pintadas em cores claras, uma cama de casal, dois criados mudos com vários livros em cima e um guarda-roupas.

- Parece confortável - disse empurrando-o para a cama.

Em seguida ela subiu encaixando sua pélvis na cintura dele, com movimentos lentos começou a requebrar, até que sentiu o membro ereto por

debaixo da calça jeans.

- Acho que ainda temos tempo - disse debruçando-se sobre Marcos, seus lábios roçando as orelhas dele.

Em seguida ela desceu até os lábios, onde o beijou longamente. Sentia uma das mãos dele segurando sua cintura, enquanto a outra apertava suas nádegas, presas na apertada calça de lycra.

Ela ergueu-se e lentamente retirou seu top, deixando à mostra uma lingerie vermelho vivo. Sensualmente desfez seu rabo de cavalo e com um movimento de cabeça espalhou seus cabelos.

Curvando-se novamente passou a beija-lo, até que, subitamente, ele a virou na cama colocando-se por cima e passando a beija-la no pescoço, seus lábios descendo lentamente até seu ventre. Sthefany percebeu que ele desabotoava sua calça e com movimentos firmes a retirou, deixando à mostra a calcinha também vermelha que usava.

A língua de Marcos acariciou seu clitóris por cima do tecido fino, em movimentos circulares lentos, o que a fez arquear o corpo, enquanto soltava um gemido profundo de prazer.

Sentiu que os dedos dele passeavam por entre o tecido da calcinha e sua pele, até que ele introduziu um em seu interior molhado.

- Ahh! Delícia - sussurrou sentindo as carícias do dedo e da língua dele ao mesmo tempo.

Ele continuou por minutos, ignorando os pedidos dela para que a penetrasse.

- Vem, vem, quer sentir você dentro de mim - murmurava com a voz rouca, enquanto se contorcia, sua cintura segura firmemente por uma das mãos dele, que continuou ignorado suas súplicas.

O prazer atingiu o ponto máximo e Sthefany agarrou com ambas as mãos a cabeça de Marcos forçando-a de encontro a sua vagina. Ele percebeu e suas carícias se tornaram mais voluptuosas, sua língua sugava diretamente seu clitóris, após afastar a calcinha com a boca, seu dedo a penetrava fundo, cada

vez mais rápido, até que ela explodiu em um clímax intenso, seu corpo estremeceu com ondas de prazer.

- Ahhhhhhh, delícia! - gemeu alto apertando-a de encontro a sua pélvis.

Marcos levantou-se satisfeito observando Sthefany que estava com os olhos fechados e os lábios entreabertos. Seus belos seios subiam e desciam no ritmo acelerado de sua respiração.

- Estou com fome - disse ela sorrindo e abrindo os olhos de repente.

- Posso te fazer a especialidade da casa, omelete - respondeu com um meio sorriso.

- Pra mim está ótimo - afirmou sentando-se na cama enquanto se enrolava no lençol.

- Já volto - disse com um sorriso, dirigindo-se para a cozinha.

Sthefany aproveitou e observou o quarto, uma luz difusa do dia iluminava o ambiente através da cortina branca que estava em frente à janela aberta. Uma leve brisa a fazia tremular, arejando o ambiente.

Era um quarto simples em uma casa simples, embora limpa e arrumada. Somente a sala de estar de sua casa era maior do que a casa inteira dele, pensou.

Era excitante conhecer onde seu namorado residia, ainda mais porque nunca vira um bairro daquele tipo de perto. Seus amigos nunca teriam coragem de ir até lá e seu pai ficaria horrorizado.

Enquanto ouvia o barulho de panelas na cozinha, observou os títulos dos livros empilhados nos criados mudos. A maioria compêndios sobre cirurgia, com exceção de um livro de contos. "Contando Contos, de Zéfira Maia"^[21], leu para si mesma.

Abriu uma página aleatória e começou a ler um conto, a autora tinha talento, pensou consigo mesma, antes de ser interrompida por Marcos que colocou uma bandeja de madeira na cama, sobre ela dois pratos brancos com uma grossa fatia de omelete, duas latas de refrigerante e talhares ao lado.

- Omelete com tomates cereja, queijo e presunto - explicou dobrando um braço no qual tinha pendurado um pano de prato branco.

- O cheiro está delicioso - afirmou Sthefany aspirando o aroma que se desprendia dos pratos.

Comeram em silêncio, Marcos ficou satisfeito ao observar que ela comia com apetite, mesmo sendo algo tão simples, apesar de estar acostumada com comidas requintadas.

Depois de comerem, bebericaram o refrigerante, enquanto Marcos brincava encostando a lata gelada nas coxas dela.

Após terminarem ele levou os pratos até a cozinha e os lavou. Ao retomar encostou-se no batente da porta e ficou observando-a, que agora estava nua, deitada de bruços, folheando um livro de contos que ele deixara no criado mudo para ler antes de dormir.

Ele sentou-se ao lado dela e começou a correr suas mãos or seu corpo, começando pelas panturrilhas, subiu lentamente, até alcançar suas nádegas firmes. Passou então a massageá-las, subindo depois pelas costas, roçando apenas a ponta dos dedos e percorrendo novamente o caminho inverso.

Sthefany deu um meio sorriso enquanto fingia que tentava ler. As mãos dele tinham um toque suave e às vezes forte, o que a excitava. Sentia a umidade entre suas coxas, mas quando os dedos dele deslizaram por sua vagina e roçaram seu ânus, ela não resistiu e deixou escapar um suspiro de prazer.

Fechando o livro deitou a cabeça no colchão esticando os braços para frente. Maliciosamente empinou as nádegas um pouco. Percebeu movimento na cama e o som de roupas sendo retiradas.

Ainda de olhos fechados sentiu o peso de Marcos sobre si, seu membro ereto espremido entre suas nádegas, que, em conjunto com seus lábios beijando e roçando seu pescoço, fizeram sua pele arrepiar e seu coração disparar.

O peso dele mudou de lugar e Sthefany sentiu seus lábios percorrerem lentamente suas costas até chegarem às nádegas. Gentilmente ele as afastou, ela gemeu alto quando sentiu a língua áspera e quente deslizar entre sua vagina e seu ânus, em um movimento constante que a fazia delirar de prazer.

Lentamente ele introduziu um dedo em sua vagina molhada acariciando-a por dentro, causando uma sensação de prazer que a fazia se contorcer desejando mais. De repente o dedo saiu e passou a deslizar por seu ânus, lubrificando-o com o próprio líquido de sua vagina.

Sthefany gemeu alto, a sensação era algo que nunca sentira antes. Jamais experimentara sexo anal, nunca permitira que nenhum parceiro a penetrasse, embora vários tivessem se insinuado, mas agora, com o coração disparado, permitiu que ele a tocasse naquele lugar, sentindo o coração disparar loucamente de antecipação.

Gentilmente ele introduzia o dedo em sua vagina retirando-o molhado, para então pressioná-lo em seu ânus, cada vez mais ele forçava lentamente, até que o o dedo deslizou abrindo passagem em seu ânus.

A jovem gemeu mais alto sentindo uma mistura de dor e de prazer. Marcos ficou com o dedo imóvel em seu interior.

- Quer que eu pare? - sussurrou.

- Não - respondeu com voz rouca, ao mesmo tempo em que movimentava lentamente sua cintura, rebolando.

Ele introduziu um dedo da outra mão em sua vagina, o que a fez arquejar e gemer. Lentamente ele movimentou ambos, acariciando-a por dentro.

Sthefany gemia e apertava o lençol da cama, a sensação de ser penetrada em ambos os locais a estava quase levando a ter um orgasmo. De repente sentiu movimento na cama, os dedos dele saíram de seu interior, em seguida Marcos estava sobre seu corpo, sua respiração em seu pescoço arrepiando sua pele.

Ela estremeceu ao sentir a cabeça do pênis pressionando seu ânus, forçando a entrada, por um momento sentiu uma pontada de dor e medo, mas ao invés de recuar empinou sua nádega de encontro a ele. Lentamente ele penetrou-a. Sthefany arquejou quando ele introduziu a cabeça do pênis, soltando um gemido alto, o que o fez parar, mas a dor logo foi substituída por prazer quando sentiu que ele acariciava suavemente seu clitóris.

Apesar da dor inicial, ela gemeu alto de prazer, quando o membro deslizou inteiro dentro de seu corpo. Por um momento ele ficou imóvel

permitindo que ela se acostumasse, então ele introduziu dois dedos em sua vagina e, lentamente, começou a se movimentar em seu interior, a penetração em seu ânus, combinada com a movimentação dos dedos em sua vagina a fizeram murmurar palavras desconexas, a mente afogueada de prazer.

- Como você é gostosa- sussurrava ele em seu ouvido, o peso de seu corpo pressionando-a contra a cama, aumentando ainda mais seu prazer.

Sentia-se como um animal no cio.

- Vai gostoso, me come, me fode! - exclamou elevando a voz e empurrando as nádegas com força de encontro a ele, fazendo com que ele a penetrasse ainda mais fundo.

Marcos tentava se controlar, enquanto se movimentava cada vez mais rápido no interior apertado dela.

- Ahhhhhh, vem, mete gostoso que eu vou gozar! - gritou descontrolada apertando com força a beira do colchão, sentindo ele arfar em seu pescoço com o esforço, seu pênis penetrando-a com força, o saco escrotal batendo em suas nádegas e seus dedos apertando sua vagina e clitóris.

- Deus! - grunhiu Marcos retesando o corpo em uma arremetida, explodindo em um gozo intenso, penetrando-a com força mais cinco vezes.

- Ahhhhhhhhhhhhhh! - gritou Sthefany ao sentir o sêmen quente dele se espalhando em seu interior com as penetrações profundas, fazendo com que ela atingisse o clímax em um orgasmo violento, como nunca sentira antes, no qual ondas e mais ondas de prazer faziam seu corpo inteiro tremer descontrolado.

Marcos deixou seu peso cair sobre ela, seu pênis ainda em seu interior.

Por alguns minutos ficaram imóveis naquela posição, enquanto seus corações acelerados diminuíram o ritmo. Até que ele saiu de seu interior e deitou-se ao lado dela, que se virou e ajeitou-se em seu peito aninhando-se.

Sthefany sentia uma pequena dor no ânus, mas o orgasmo que tivera compensava qualquer desconforto.

- Foi minha primeira vez - afirmou com um sorriso encarando-o.

- Foi bom? - perguntou acariciando as costas dela.

- Foi maravilhoso - respondeu Sthefany beijando-o longamente na boca.

Acabaram dormindo abraçados, quando acordaram o sol já estava se pondo e Marcos a convidou para tomar um banho.

Acostumada com banheiros espaçosos e com banheiras de hidromassagem, Sthefany gostou da experiência de utilizar uma ducha pequena, em um local apertado, fazendo-os ficarem quase colados um ao outro, ainda mais porque ele se encarregou de deslizar a bucha por seu corpo provocando-a.

Para Marcos o fato dela ter aceitado conhecer seu lar era um mistério, mas ainda existia a parte mais complicada, apresenta-la à seu irmão.

O que ela diria quando o visse cercado de homens armados?

Capítulo XV

Quando a noite chegou o casal saiu da casa. Subiram na motocicleta e Marcos dirigiu pelas ruelas mal iluminadas, até que chegaram a uma grande quadra esportiva.

A rua estava lotada de carros e motocicletas estacionadas no meio fio. Conseguiram uma vaga e entraram de mãos dadas no local abarrotado de homens, a maioria usando bermuda e camisetas e mulheres, usando calças jeans apertadas ou minúsculos shortinhos, muitos com copos plásticos nas mãos.

Com esforço Marcos foi abrindo caminho até um grupo de camarotes, montados em palanques de madeira no fundo da quadra. Na frente da pequena escada de madeira que dava acesso ao local, dois rapazes estavam com fuzis a tiracolo e copos na mão.

- E aí doc? Beleza? - disse um dos jovens se dirigindo à Marcos.

- Beleza, meu irmão está lá em cima? - perguntou Marcos.

- Tá sim, pode subir - disse o outro rapaz fazendo um gesto para que o casal subisse as escadas.

No alto do palanque diversas mulheres e homens dançavam ao som da música alta com copos na mão, em uma mesa de som, um "DJ", um rapaz de menos de dezoito anos, com o cabelo pintado de azul e verde, comandava a aparelhagem, luzes coloridas e raios laser, iluminavam a quadra, dando à impressão que as pessoas dançavam em câmera lenta.

Um rapaz alto, com longos cabelos negros e olhos castanhos, com cerca de um metro e oitenta e usando uma bermuda de marca e uma camiseta aberta, que deixava ver uma pesada corrente ouro pednurada no pescoço, e uma pistola na cintura, se aproximou com um sorriso e braços abertos.

- Maninho! Que honra! Meus parças disseram que você nunca viria, que

não iria se misturar com o povão, mas eu tinha certeza que meu brother não me faria uma desfeita dessas - afirmou o jovem abraçando Marcos com força.

- Oi Rafa, parabéns - respondeu visivelmente constrangido.

Sthefany observou Rafael, dava para perceber como ele e Marcos eram parecidos, quase a mesma altura, a diferença era o corte de cabelo, enquanto Marcos usava baixo, seu irmão deixara o cabelo crescer quase até altura dos ombros. Era um belo rapaz, pensou a jovem, enquanto observava tudo atentamente, homens armados de fuzis, música alta, pessoas dançando freneticamente, tudo era intenso e excitante.

- E essa mina? É tua namorada? Aquele que você fala tanto? Sthefany né?
- disse Rafael olhando de Marcos para ela com um olhar avaliador.

- Rafa! - disse Marcos constrangido.

- É um prazer te conhecer - disse Sthefany estendendo a mão.

- O prazer é meu cunhadinha - respondeu Rafael ignorando a mão estendida e abraçando-a com força e dando-lhe dois beijos em ambas as faces - Venham, tô com uma mesa ali no fundo pra diretoria - concluiu rindo alto.

Se aproximaram da larga mesa, onde várias garrafas de uísque importado estavam dispostas, além de garrafas de cerveja protegidas por invólucros de isopor e jarras com caipirinha e batidas.

- Bebe o que cunhada? Temos de tudo, é só pedir - perguntou Rafael com um largo sorriso.

- Uma caipirinha de limão, se tiver - respondeu Sthefany pegando na mão de Marcos ao seu lado.

- Beleza, ô Janice - gritou para uma mulher de cerca de cinquenta anos que preparava bebidas em um balcão - Me traz uma caipirinha no capricho!

Sentaram-se em cadeiras com estofados no centro da mesa, um jovem trouxe uma garrafa long neck de cerveja para Marcos que tomou um grande gole.

Ele sentia-se constrangido, até o momento Sthefany parecia encantada com tudo o que via, conversava animadamente com Rafael, que sabia ser simpático quando queria, mas será que ela tinha consciência de que seu irmão era um chefe do tráfico, provavelmente responsável pela morte de várias pessoas?

Marcos nunca se intrometera nos negócios do irmão, e mesmo que quisesse ele nunca permitiria. Mas ouvi os boatos nas ruas e no bar embaixo de sua casa, seu irmão dominava o tráfico e o crime na comunidade com mãos de ferro, assaltos, estupros e outros crimes praticados dentro dela eram severamente punidos, alguns até mesmo com o desaparecimento do autor.

Algumas vezes seu irmão mandava homens feridos por disparos de arma de fogo, até a clínica onde ele prestava serviço voluntário, escoltados por homens armados. Marcos atendia e quando necessário operava o ferido, mas após o fim da cirurgia, os homens levavam-no embora, sabiam que ele avisaria a polícia caso deixassem-no na clínica.

A primeira vez que Rafael enviara um ferido, Marcos operou-o extraindo uma projétil do abdômen. Mas assim que terminou ligou para a polícia que veio ao local e prendeu o rapaz, levando-o para fora da comunidade em uma ambulância. Meia hora depois seu irmão, cercado de cinco homens pesadamente armados apareceram na clínica.

- Porra! Quem foi o filho da puta cagueta! - disse Rafael invadindo a sala de triagem com seus capangas, apavorando funcionários e pacientes.

Marcos que estava dentro de uma sala examinando uma mulher saiu e calmamente se dirigiu ao seu irmão.

- Fui eu, cumpri a lei, e toda vez que você enviar homens feridos por disparos de arma de fogo para a clínica eu avisarei a polícia - afirmou desafiadoramente encarando o irmão.

- Caraio mané! Eu devia te cobrir de porrada, aquele homem era do meu conceito - ameaçou Rafael avançando irritado, até encostar seu rosto no do irmão, gesticulando com uma pistola na mão direita.

Marcos sustentou o olhar dele. Não se recusaria a dar atendimento médico, mas cumpriria a lei, não seria conivente, já se sentia culpado o

suficiente por não denunciar seu irmão às autoridades.

Rafael encarou o irmão, estava irritado, se fosse outra pessoa a estória seria diferente, mas era seu irmão mais novo, a quem amava, tinha orgulho dele, conseguira se formar médico, apesar de todas as dificuldades, sem dizer que se fizesse algo contra ele a mãe deles nunca o perdoaria.

- Beleza mano, dessa vez eu vou te perdoar, mas da próxima você vai levar um corretivo, mesmo sendo meu irmão - rosnou Rafael.

- Então não deixe nenhum homem ferido aqui na clínica - devolveu Marcos.

Rafael encarou o irmão por um momento, brincando com a pistola na mão, então virou as costas e saiu.

- Vamo embora rapaziada - ordenou saindo do local seguido por seus capangas.

Marcos e Rafael ficaram quase três meses sem se falarem, e quando outro homem ferido por disparos de arma de fogo fora levado à clínica, Marcos foi escoltado de sua casa até o local onde operou-o, mas assim que a cirurgia terminou os homens levaram o ferido embora.

Assim era Rafael e, observando Sthefany conversando alegremente com ele, ficou melancólico, desejava que seu irmão se regenerasse, mas sabia que isso jamais aconteceria.

A festa continuou animada, Sthefany puxou-o para dançar na pista improvisada no camarote, ela requebrava sensualmente na frente dele, enquanto Marcos, em um arremedo de dança, balançava os braços e as pernas mecanicamente.

- Vou pegar uma caipirinha - disse ela sorrindo - Não fuja daqui! - concluiu se afastando.

Marcos ficou observando-a se dirigir até o balcão de bebidas, seu irmão se aproximou abraçando-o pelos ombros.

- Que gata, hein mano, tirou a sorte grande - disse Rafael apontando uma

garrafa que tinha nas mãos em direção à jovem.

- Verdade - respondeu.

- Como tá a véia - perguntou agora sério Rafael.

- Na mesma, raramente ela me reconhece, você devia ir visitá-la, eu posso te levar - disse.

- Não dá brother^[22], você sabe disso - respondeu contraindo o maxilar.

Seu irmão raramente saía da comunidade, quando o fazia era em segredo. Uma triste vida, pensou Marcos, mesmo na rua ele não tinha liberdade para ir onde quisesse, não sem arriscar-se a ser preso ou confrontado por rivais ou pela polícia.

- Mas tou feliz por você ter vindo, aproveite a festa, e curta com sua namorada, deixe de ser tão encucado - disse saindo em seguida, dançando ao som do funk alto.

Nesse momento sentiu uma mão em seu ombro e ao se virar deparou-se com uma bela mulher de corpo curvilíneo e fartos seios, trajava uma bermuda agarrada e um top verde. Tinha cabelos loiros, e pele morena. Ao seu lado um homem, baixinho e careca, sorria feliz.

- Marcos! Quanto tempo - disse a mulher beijando-o nas faces.

- Tamires! - respondeu surpreso. Há anos que não via, desde que ela se casara e fora morar com um fazendeiro em Mato Grosso.

- Esse é meu marido Oscar - disse apresentando o homem baixinho, que o cumprimentou apertando sua mão com um sorriso - Benzinho me pega uma caipirinha de frutas - ordenou para seu esposo que saiu deixando-os a sós.

- Você está muito bem - afirmou Marcos com um sorriso.

Ele gostava dela, foram amantes e ela lhe ensinara tudo que sabia sobre sexo. Ficara feliz quando ela se casara e deixara a comunidade.

-Você também, médico! Quem diria, sabia que ia conseguir. Sabe às vezes

me pego pensando em nossos encontros - disse Tamires passando sua mão pelos ombros de Marcos, tirando um grão de poeira imaginário.

Marcos sentiu o rosto corar, nesse momento sentiu que era abraçado pela cintura e ao olhar Sthefany estava ao seu lado com um copo de caipirinha na mão.

- Não me apresenta amor? - perguntou com um sorriso.

- Ah, Tamires minha namorada Sthefany, Sthefany, minha amiga Tamires - apresentou constrangido.

- Prazer - disse Sthefany com um sorriso simpático - Marcos nunca me contou ter uma amiga tão bonita - concluiu com ironia.

- O prazer é meu, faz tempo que não encontro ele, fomos grandes amigos - respondeu Tamires com um sorriso irônico também - Ah! Eis meu esposo - concluiu pegando um copo que Oscar lhe trouxera.

Marcos sentiu as unhas de Sthefany apertarem sua cintura em um beliscão.

- Foi um prazer revê-la - disse Marcos.

- O prazer foi meu, quem sabe um dia não podemos nos encontrar para conversar sobre o passado? - disse com um sorrisinho insinuante.

- Ah eu adoraria ouvir essas histórias! - interveio Sthefany.

Tamires com um sorriso se afastou com o marido ao lado. Sthefany pegou o rosto de Marcos com uma das mãos e lhe deu um demorado beijo.

- Velhos amigos hein? - perguntou com um sorriso irônico.

Marcos apenas sorriu constrangido.

A festa continuou, Tamires eventualmente lançava um olhar para ele que fingia não perceber, mas Sthefany percebia. Ela sentia-se um pouco enciumada, a loira falsa, pois aquilo era tintura, ou ela não era uma médica, pensou consigo mesma, era muito bonita e tinha um corpo maravilhoso. Teriam sido namorados ou algo assim? Pensou curiosa, mas de uma coisa tinha certeza, não deixaria que

ela se aproximasse de Marcos.

Perto da meia noite Rafael anunciou um concurso de dança, escolhendo dez belas mulheres para subirem ao tablado, além de Tamires, em um impulso Sthefany correu até ele, antes que Marcos pudesse impedir.

- Posso participar? - perguntou.

- Claro cunhadinha - respondeu rindo Rafael - "DJ" toca aí!

O som alto do funk aumentou, as concorrentes dançavam e ao final de cada música uma era desclassificada de acordo com a vontade popular. Marcos ficou impressionado, Sthefany dançava requebrando o corpo, às vezes descendo até o chão, parecia ter sido criada na comunidade.

Ao final restaram apenas Tamires e Sthefany que dançaram sob os gritos de incentivo dos presentes. Ela admitia que sua concorrente era incrível, mas tinha uma vantagem, estudara balett e jazz, e mesclou alguns passos dessas danças com o requebro do funk, o que levou à loucura os espectadores.

Sthefany suava profusamente enquanto dançava, sentia-se eufórica, a bebida que ingerira, o calor, a música a inebriavam. Sempre que podia lançava olhares para Marcos que a admirava espantado logo atrás. Ela sentiu-se excitada, queria amá-lo imediatamente.

Ao término da música a plateia explodiu em gritos de vivas e Sthefany foi considerada campeã.

- Parabéns! Não imaginei que uma patricinha como você dançasse tão bem - disse Tamires vindo cumprimentá-la.

- Você não imagina nem metade do que consigo fazer - gargalhou Sthefany e correu pulando nos braços de um espantado Marcos - Vem meu gostoso, quero te amar agora - murmurou em seu ouvido.

Em seguida saiu puxando-o, após lançar um beijo para Rafael e fazer um gesto de despedida. Rafael sorrindo ergueu um copo que tinha na mão retribuindo o cumprimento.

Desceram até a quadra e abriram passagem pelas pessoas que voltaram a

dançar após o concurso.

- Vou te levar embora - disse Marcos enquanto lhe entregava um capacete.

- Não! Eu quero fazer amor com você em uma ruela - disse de forma imperiosa.

- Você é louca - afirmou rindo da ideia descabida.

- Sou, louca por você - respondeu mordendo os lábios dele.

Rindo subiram na moto e enquanto seguiam pelas ruelas da comunidade Sthefany acariciava o membro dele por cima da calça jeans que usava.

- Você vai me desconcentrar e vamos cair - gritou Marcos por cima do ombro.

- Então para em algum lugar - ordenou Sthefany.

Subiram uma ladeira e chegaram a uma torre de energia na parte alta da comunidade, existia poucas casas no local. Marcos estacionou sua moto ao lado da torre. A vista era bonita, a comunidade e a cidade se descortinavam com suas luzes brilhando em todas as direções.

- Eu costumava vir aqui ver a paisagem e estudar - disse Marcos após descenderem da motocicleta.

- E namorar? Você costumava vir aqui também? - insinuou Sthefany.

- Não, não tinha muitas namoradas - respondeu sorrindo.

- Não? Aquela Tatiane parecia bem íntima sua - disse encarando-o com um sorriso irônico.

- Tivemos um relacionamento, mas não chegou a ser um namoro - explicou Marcos sem entrar em detalhes.

Sthefany se aproximou dele abraçando-o e puxando-o ao seu encontro, se encaramaram por um instante, e Marcos a beijou demoradamente, suas mãos fortes percorreram sua nuca, descendo pelas costas até as nádegas, as quais apertava

com força, para novamente subirem, dessa vez pela frente, concentrando-se em seus seios os quais apertava suavemente.

- Você me deixa louca - murmurou Sthefany no ouvido dele.

Ela sentiu o membro pressionando sua pélvis e rapidamente desceu a braguilha libertando-o da cueca apertada, agora ele pulsava em sua mão.

- Você que é louca - murmurou Marcos com um suspiro.

A jovem sorriu e continuou a massagear o pênis ereto em sua mão, enquanto beijava Marcos que a apertava de encontro a seu corpo. Em seguida desceu roçando seus lábios pelo peito dele até alcançar o membro, abocanhando-o em seguida, sugando-o gentilmente, e movimentando-o para frente e para trás com a mão, às vezes brincava com a cabeça dele lambendo-a suavemente, às vezes o colocava inteiro na boca sugando-o com vontade, enquanto ele se contorcia segurando Sthefany pela cabeça e cabelos.

- Deus! Você é louca - murmurou com voz rouca.

Após alguns minutos nessa carícia ela se levantou e caminhou até a motocicleta, sensualmente tirou o top que usava colocando-o pendurado no guidão do veículo, ficando apenas com o sutiã vermelho.

Em seguida desabotoou a calça e desceu-a lentamente até as canelas, enquanto requebrava, deixando à mostra a calcinha, da lingerie, também vermelha, que usava.

Sentiu o olhar de desejo dele que se aproximou e suspendendo-a do solo a colocou sentada de lado no banco da motocicleta. Sthefany abriu as pernas para que ele se encaixasse nela. Marcos beijou-a com sofreguidão, ao mesmo tempo sua mão esquerda acariciava seu seio por cima do tecido suave da lingerie, a outra descia até suas coxas apertando-as e subindo lentamente até sua vagina.

Por cima do tecido os dedos dele acariciavam seu clitóris, fazendo-a se contorcer de prazer, às vezes os dedos ousadamente eram introduzidos em seu interior molhado, o que a fazia suspirar de prazer na boca dele.

Os lábios de Marcos desceram pelo seu pescoço arrepiando ainda mais sua pele, até alcançar seus seios, seguros pela mãos fortes dele. Em seguida sentiu a

língua quente e áspera lambeu seus mamilos por cima do tecido, a fricção era prazerosa e ela apertou a cabeça dele contra seus seios. Quando ele livrou-os do sutiã o contraste entre o frio noturno e a língua quente e úmida a fez estremecer.

Os dedos dele continuavam brincando em sua vulva, ora introduzindo-se no interior dela, ora acariciando-a por cima da calcinha e pelos lados. Sthefany passou as pernas pela cintura dele prendendo-o a seu corpo, enquanto o abraçava e arranhava suas costas.

- Como você é gostoso - murmurava no ouvido dele.

Ele encarou-a por um momento com um sorriso maroto, desceu lentamente pelo ventre dela, sua língua deixando um rastro de fogo em sua pele.

Quando se ajoelhou-se e aspirou sua vagina, Sthefany estremeceu. Lentamente a língua dele fez círculos em volta de sua vagina, ora por cima do tecido, ora introduzindo-se pelas laterais da calcinha, fazendo-a contorcer o corpo para que ele alcançasse seu clitóris e parasse com a deliciosa tortura.

Quando sentiu a língua introduzir-se em seu interior, gemeu com força apertando a cabeça dele de encontro a si, ele então passou a sugá-la com força.

- Ahhh, meu Deus! Que delícia - murmurava com a mente afogueada de prazer.

Em seguida a língua dele se concentrou em seu clitóris acariciando-o, ora lentamente, ora com força. Sthefany sentia o coração disparado no peito e a respiração ofegante, a cada investida da língua pensava que iria ter um orgasmo, mas Marcos parava por um momento ou se concentrava no entorno de sua vagina, impedindo-a de gozar.

- Vem, vem, não aguento, quero você dentro de mim - murmurou em meio às carícias.

Marcos se ergueu colocando-se entre suas pernas, com um movimento suave penetrou-a lentamente até o fim.

- Ahhh! Como você é gostoso - murmurou prendendo a cintura dele com mais força com suas pernas.

- Você é linda - murmurou Marcos encarando-a enquanto lentamente movimentava-se em seu interior, segurando-a firme para que ela não caísse da motocicleta.

Sthefany encarou-o sentindo o delicioso movimento em seu interior, o membro ereto penetrava-a até o fundo e saía lentamente até a entrada de sua vagina, para novamente ser introduzido com cada vez mais força e velocidade.

- Eu te adoro - murmurou Sthefany puxando-o para mais perto de si, beijando-o com violência, enquanto suas pernas o prendiam com força redobrada de encontro a seu corpo.

Os movimentos aumentaram de velocidade e intensidade. Marcos agora suave com o esforço. Sthefany sentia as arremetidas cada vez mais fortes e profundas, gemendo de prazer, controlando-se para não gozar, queria que aquela tortura demorasse por toda eternidade.

- Vou gozar, Deus, como você é gostosa! - murmurou Marcos.

- Vem, vem, meu gostoso! - respondeu contraindo seus músculos internos, apertando o membro que se movimentava cada vez mais rápido.

- Ahhhhh! - exclamou Marcos enquanto ela sentia-o ejacular fundo em seu interior, ao mesmo tempo ela estremeceu em um gozo profundo.

- Deus!!!! - gritou sentindo o prazer acumulado explodindo em seu interior, com ondas de prazer que fizeram seus músculos estremeecerem, enquanto apertava-o em um abraço apertado, mantendo-o preso em seu interior pela força de suas pernas entrelaçadas na cintura dele.

Ficaram alguns minutos arfando pesadamente, tentando acalmar a respiração e os corações, que batiam acelerados.

- Você é louca - disse encarando-a, quando acalmou a respiração, após alguns minutos.

- Já te disse, sou, louca por você - respondeu Sthefany com um demorado beijo.

Acabaram voltando para a casa de Marcos onde, após novamente se

amarem, dormiram aconchegados um ao outro até o dia seguinte.

Fora a primeira vez que Sthefany dormira em uma comunidade. Para quem conhecia o "jet set Internacional" era uma experiência e tanto, o que sua amiga Candy e seus colegas de internato pensariam disso? E seu pai? Avelar ficaria possesso, pensou consigo mesma, antes de adormecer.

Capítulo XVI

As festas de fim de ano chegaram, Marcos imaginou que poderia passar o natal e o ano novo na companhia de Sthefany, mas ao receber a escala dos plantões médicos constatou que estava escalado em ambos os feriados.

Obra do velho Avelar com certeza, pensou, afinal Sthefany não fora escalada para plantões por duas semanas seguidas, ao invés disso ela fora escalada para participar de um congresso médico em uma luxuosa estação de esqui em Vermont, patrocinada por empresas do ramo farmacêutico. Não fora surpresa para Marcos descobrir que as empresas do pai dele também estavam patrocinando o congresso.

- Quer que eu fale com o diretor? Ou mesmo meu pai? Eu posso conseguir que a escala seja mudada - ofereceu Sthefany ao saber da escala.

Haviam se encontrado para tomarem café da manhã no refeitório do hospital, Marcos trabalhara a noite inteira e Sthefany assumiria o plantão de manhã. Desde que retornaram de Dubai as escalas estavam constantemente incompatíveis, ele tinha certeza que era mais uma obra de Avelar.

- Não, nossos colegas já fizeram planos e não quero parecer um bebê chorão - respondeu sorrindo, embora por dentro estivesse irritado.

- Uma pena, queria tanto passar nosso primeiro natal e ano novo juntos, seria maravilhoso estar com você em Vermont^[23], é alta temporada e as pistas de esqui estarão perfeitas - afirmou sorrindo animada.

- Não tem problema, não gosto de frio mesmo, vá, aproveite o congresso e se divirta.

- Tem certeza? – perguntou encarando-o.

- Claro! – sorriu tentando disfarçar.

- Você é um amor, quero te ver hoje à noite – murmurou passando o pé na coxa dele, por debaixo da mesa.

- Você é louca – respondeu o jovem olhando em volta preocupado, mas não deixando de rir – Vou te levar para jantar hoje à noite - afirmou animado.

- Te espero aqui as dezenove então –concordou sorrindo.

- Está bem, agora vá para seu plantão que eu vou para casa descansar - disse se despedindo dela com um rápido beijo.

Ao anoitecer Marcos chegou ao hospital. Sthefany já o aguardava no lobby de entrada, usava um vestido de tecido fino e estampado até a altura dos joelhos, e uma pequena bolsa vermelha que segurava nas mãos. Estava com os cabelos soltos e uma maquiagem discreta, enquanto ele usava um jeans e uma camisa polo verde escuro.

Ele estava nervoso, comprara uma correntinha de ouro com um pingente em forma de coração, chegara a pensar em mandar gravar “eu te amo”, mas depois do que acontecera em Dubai, preferiu não gravar nada. Era uma joia simples, mas bonita e elegante e custara um bom dinheiro de suas reservas, pensou com um sorriso, enquanto apalpava a pequena caixinha no interior do bolso dianteiro de sua calça.

- Você está linda – disse beijando-a levemente nos lábios.

- Quanta timidez – riu Sthefany agarrando seu rosto com ambas as mãos lhe dando um demorado beijo, sem se importar com as pessoas que estavam no lobby do hospital.

Dirigiram-se até o estacionamento onde Marcos deixara sua motocicleta ao lado da Ferrari vermelha dela. Ela pegou a chave do interior de sua bolsinha e entregou-a a Marcos que sempre ficava constrangido em ter que dirigir aquele carro luxuoso, mas não podia negar que prazeroso.

Com um sorriso ele abriu a porta do passageiro para a jovem.

- Obrigado gentil cavalheiro – brincou Sthefany com um sorriso.

Marcos entrou e ligou o potente veículo, o ronco do motor era fantástico, e

acelerando saiu do hospital, pelo retrovisor opercebeu que eram seguidos pelo carro preto dos seguranças, mas como ela dissera, acabara se acostumando, eles realmente mantinham-se afastados.

- Aonde vamos? – perguntou curiosa.

- Você vai ver – respondeu sorrindo.

Logo estavam no centro da cidade e Marcos estacionou no Edifício Itália, em seu quadragésimo primeiro andar existia um restaurante italiano com vista panorâmica para a cidade, chamado Terraço Itália^[24].

Após guardarem o carro no subsolo e chamaram um elevador com destino ao restaurante, enquanto aguardavam observaram dois seguranças sentando-se em um sofá em uma pequena saleta no subsolo, ao menos eles não os acompanhariam até o restaurante, contentando-se em aguardar na portaria.

- Você conhece esse restaurante? – perguntou Marcos desviando os olhos dos homens que fingiam ler uma revista, enquanto entravam no elevador.

- Não, ouvi dizer que tem uma bonita vista, mas nunca vim aqui – respondeu se aproximando dele, envolvendo-o pelo pescoço com seus braços.

Ele sorriu feliz e beijou-a longamente apertando-a de encontro a seu corpo. O vestido que ela usava era fino e ele podia sentir as curvas dela enquanto deslizava uma das mãos por suas costas.

De repente o elevador parou abrindo as portas, eles se afastaram um pouco, rindo, quando um casal de meia idade entrou no elevador.

- Boa noite – disse Marcos com um sorriso enquanto Sthefany soltava um risinho.

- Boa noite – respondeu o senhor com um sorriso de compreensão.

Ao chegarem ao restaurante o “maître” consultou a lista de reservas e os levaram até uma mesa próxima da grade de proteção da vista panorâmica.

A noite estava agradável e uma leve brisa soprava, a cidade iluminada pelas milhares de luzes noturnas se descortinava na frente do casal. Nuvens

corriam no céu e às vezes encobriam a lua cheia.

Marcos pediu um prato de massa e uma garrafa de vinho para acompanhar.

Sthefany achou a comida excelente e o vinho, embora não fosse igual aos que ela estava acostumada beber da adega de seu pai, era muito bom. Mas o mais importante era ter Marcos ao seu lado, ele parecia descontraído e conversaram sobre as festas de fim de ano e da viagem que ocorreria dentro de alguns dias.

Quando terminaram de comer haviam ingerido quase uma garrafa inteira de vinho e Sthefany sentia-se levemente zozza e feliz, fitou o rosto de Marcos, que sorria para ela. De repente ele retirou algo do bolso da calça colocando-o na mesa, e diante do olhar dela empurrou lentamente em sua direção.

Surpresa, a jovem observou, era uma caixinha preta de camurça, ansiosa ela pegou e abriu-a, em seu interior havia uma correntinha de ouro e um pequeno pingente em formato de coração, também de ouro.

- Marcos... não precisava – murmurou admirando a joia.

- É presente antecipado de natal – respondeu e levantou-se, para gentilmente coloca-la em seu pescoço, enquanto ela segurava os cabelos acima da nuca.

Quando ele fechou o gancho depositou um cálido beijo em seu pescoço causando-lhe um arrepio que a excitou.

- Adorei – murmurou segurando as mãos dele – Vamos embora, quero lhe dar um presente também – sugeriu com um sorriso maroto.

Marcos rindo chamou o garçom e pediu a conta, após pagar com cartão de crédito saíram do restaurante. Entraram no elevador, o jovem apertou o botão do subsolo, mas Sthefany apertou o botão do trigésimo andar.

- O que... – começou a perguntar supresso.

- Shhhh, é surpresa – respondeu com um sorriso.

Quando as portas se abriram Sthefany puxou Marcos pela mão, percorreram alguns metros do corredor até a porta da escadaria de emergência, entrando nela em seguida. O local era escuro, somente uma fraca luz vermelha, posicionada acima do batente da porta e que servia para indicá, iluminava precariamente o local, deixando-o na penumbra perto da porta, enquanto a escadaria estava mergulhada na mais profunda escuridão.

Em seguida ela empurrou Marcos de encontro à porta e enlaçou-o pelo pescoço beijando-o com volúpia.

- Sthefany eu... – tentou protestar.

- Shhh, se entrega gato... – respondeu apertando o membro dele, já ereto, por baixo do tecido da calça.

Marcos tentou resistir, provavelmente era contra lei e eles poderiam ser surpreendidos, mas foi um pensamento débil que logo desapareceu afogado pelo desejo que sentia por ela.

Correspondendo ao beijo apertou-a contra si, enquanto uma de suas mãos descia até a coxa e subia empurrando no caminho o tecido leve do vestido, até que alcançou as nádegas firmes dela, apertando-as com força e fazendo com que ela gemesse em sua boca.

- Delícia... – murmurou Sthefany e rapidamente, sem interromper o contato dos lábios, utilizou as mãos para desafivelar o cinto e desabotoar a calça de Marcos, fazendo com que ela caísse aos seus pés.

Com a mão direita ela desceu percorrendo o peito e abdômen dele, até que colocou a mão por dente da cueca apertando o membro ereto, passando a massageá-lo em um movimento rítmico.

- Deus... – murmurou contorcendo-se com o toque e apertando com mais força as nádegas dela.

Com um sorriso maroto, Sthefany deslizou os lábios pelo pescoço, descendo pelo tronco e ajoelhando-se à sua frente. Em seguida abaixou sua cueca até as canelas pegando o membro que pulsava em suas mãos, encarando-o passou lentamente a ponta da língua na cabeça dele e com satisfação percebeu que Marcos fechara os olhos, soltando um gemido baixo, ao mesmo tempo em

que acariciava seus cabelos, forçando-a lentamente de encontro a ele.

Sthefany abriu a boca introduzindo-o em seu interior, passando então a chupá-lo, alternando movimentos lentos e rápidos, com toques de sua língua em toda a extensão da glândula e do pênis, que parecia ter aumentado de tamanho, enquanto com uma mão, com firmeza segurava a base dele e com a outra massageava o saco escrotal, apalpando delicadamente as duas bolas.

Marcos entreabriu os olhos, o olhar que ela lhe dera antes de abocanhar seu pênis era de pura sensualidade e de travessura, agora a observava chupando-o com vontade, fazendo com que ele se contorcesse de prazer.

Não entendia o poder que aquela mulher tinha sobre ele, seu magnetismo animal o atraía de uma forma que ele nunca experimentara antes. No começo ainda tentara impedir que cometessem a loucura que estavam fazendo, mas fora uma débil tentativa, ele sabia que estava perdido que ela tinha total poder sobre seu corpo e seu coração.

Após alguns minutos nessa deliciosa tortura ela se ergueu novamente beijando-o com sofreguidão.

- Vem, quero você – murmurou com voz rouca.

Marcos ergueu-a do chão encaixando-a em seu colo, com uma das mãos segurou suas nádegas enquanto que com a outra afastou a calcinha sentindo-a encharcada. Passou os dedos pelos grandes lábios da vagina provocando-a, enquanto ela tentava se encaixar nele, o que ele impedia.

- Não me torture – implorou baixinho Sthefany mordendo-lhe os lábios.

Marcos sorriu mentalmente e introduziu um dedo na vagina dela, deslizando-o suavemente no interior molhado e fazendo com que ela gemesse em seus lábios, o que o excitou ainda mais. Após alguns segundos em um vai e vem que a fazia se contorcer presa ao seu corpo, ele retirou o dedo molhado.

Segurando ambas as nádegas com as mãos, ele ajeitou-a de encontro a seu membro que parecia que ia explodir de tão duro, encostou então a cabeça do pênis na entrada da vagina e lentamente penetrou-a até a totalidade, fazendo com que ele gemesse alto, enquanto o abraçava com mais força pelo pescoço.

Agora estavam colados um ao outro, a jovem sentiu a totalidade do membro em seu interior e quase teve um orgasmo, por alguns segundos ficaram imóveis, então lentamente ela começou a movimentar sua cintura, mantendo os corpos sempre colados, não querendo que nenhum centímetro do pênis saísse de dentro de si.

As mãos fortes dele apertavam com violência suas nádegas e passaram a afastá-la um pouco do corpo dele, retirando o pênis, para puxá-la novamente com força, fazendo com que o membro entrasse e saísse em um movimento que a fez delirar de prazer, fazendo-a desejar que ele a penetrasse mais fundo.

- Me fode, me come... – murmurou ensandecida com a mente afogueada de prazer.

Marcos atendeu seu pedido e passou a movimentá-la de encontro a ele mais rápido e com mais força, cada estocada em seu interior fazia-a gemer de prazer, enquanto suas cochas em volta de sua cintura apertavam-no de encontro a si.

Marcos estava com o coração batendo violentamente pelo esforço físico, os músculos de suas pernas agora tremiam pelo esforço de sustentar o corpo dela, colado ao seu, movimentou-se em seu interior molhado com mais velocidade e força, enquanto beijava-lhe a boca e o pescoço.

- Aiii, não aguento, vou gozar – disse Sthefany elevando o tom de voz.

Com um movimento rápido, ele virou-se, sem desfazer o contato e prensou-a de encontro à porta de emergência, ainda utilizando ambas as mãos para segurar suas nádegas, penetrou-a com força, fazendo seu pênis entrar totalmente dentro dela em um movimento cada vez mais rápido.

- Deus!...- arfou sentindo que não aguentaria mais, os músculos de suas costas e pernas implorando por alívio, assim como seu pênis, que latejava absurdamente com a aproximação do orgasmo.

- Vem! Mete com força! – gritou Sthefany que se contorceu de encontro a ele, enquanto os músculos internos dela apertavam seu membro de uma forma dolorosamente prazerosa.

- Como você é gostosa! – disse elevando a voz, e penetrando-a com força

mais duas vezes, profundamente, enquanto seu pênis liberava um jato de esperma no interior dela.

- Deus! – gritou Sthefany, fazendo com que Marcos a beijasse na boca com força para que ela não chamasse a atenção de alguém do outro lado da escada.

Sthefany, com as últimas estocadas, que pareciam quase atingir seu útero, explodiu em um orgasmo longo e profundo, todos os músculos de seu corpo se contraindo e tremendo, se não estivesse apoiada na porta e colada ao corpo dele, que ainda a segurara firme pelas nádegas, ela teria desfalecido e caído no chão.

Por alguns minutos ficaram em silêncio, somente o som de suas respirações era audível na escadaria. Marcos desceu-a gentilmente desfazendo o contato, sentia as pernas trêmulas e os músculos queimando. Sthefany se apoiou nos ombros dele, ainda buscando forças para se recompor.

- Eu te adoro – disse ela beijando-o suavemente na boca.

- Eu... também te adoro – respondeu com um sorriso triste, escondido na penumbra do ambiente, pensara em dizer que a amava, mas sabia que nunca falaria isso novamente, não se Sthefany não lhe dissesse primeiro, as lembranças do que ocorrera nas dunas de Dubai sempre apareciam quando ele pensava em se declarar novamente.

Depois de se recompor voltaram ao hospital onde Marcos pegou sua motocicleta. Estava um pouco triste, durante o jantar Sthefany avisara que viajaria dentro de dois dias e não se veriam mais até ela voltar após o ano novo.

- Vai sentir saudade? – perguntou acariciando o rosto dele que se abaixara ao lado do carro para se despedir.

- Muitas – respondeu sorrindo.

- Vai pensar em mim? – perguntou novamente.

- Em todos os segundos do dia, até sua volta – respondeu beijando-a levemente na boca.

- Cuidado com essas enfermeiras piranhas – orientou com um sorriso maroto.

- E você cuidado com esses médicos velhos e tarados que vão à conferência, só querem escapar das mulheres para poderem correr atrás das novinhas – respondeu rindo.

- Vou sentir saudades – murmurou, e Marcos imaginou ter visto uma lágrima se formando nos olhos dela, mas ela virou-se para o volante e ligou o carro que respondeu com um ronco potente.

- Eu sei – respondeu.

E a jovem acelerou deixando-o sozinho no estacionamento do hospital, seguida pelo carro preto dos seguranças.

Capítulo XVII

No dia vinte e três, por volta das dez horas, Sthefany e Avelar desceram de um jatinho particular, na cidade de Ludlow, no estado americano de Vermont, um vento frio levantava nuvens de neve acumulada ao lado da pista. Uma limusine que se aproximara quando o avião desligara os motores estacionou e o motorista abriu a porta para pai e filha.

Após uma hora trafegando por uma estrada nas montanhas, chegaram ao Okemo Mountain Resort. O hotel era constituído de um amplo prédio em estilo colonial americano, cercado de bosques, agora cobertos de neve, ao longe se avistava as pistas de esqui onde hóspedes se divertiam descendo a montanha. O hall de entrada era um amplo espaço com pé direito triplo, com inúmeras janelas panorâmicas, tapetes grossos cobriam o chão e espaçosas poltronas de couro negro estavam espalhadas.

No setor de registro de hóspedes, atrás de um enorme balcão de mogno escuro, atendentes uniformizadas recepcionavam os clientes com sorrisos nos lábios. Tão logo se registraram, empregados se encarregaram das malas e bagagens.

Avelar reservara dois quartos nos andares superiores, um ao lado do outro. Sthefany já conhecia o hotel-resort, viera várias vezes com seu pai quando criança e adolescente, fora ali que aprendera a esquiar e patinar no gelo.

O salão de eventos, onde ocorreria a conferência de quatro dias, logo após o natal era ampla e moderna. Quadros emoldurado em vidro anunciava o evento, que contaria com alguns dos melhores médicos do mundo. Seu pai também trouxera uma equipe de representantes comerciais que se encarregariam de anunciar os novos medicamentos fabricados pela empresa Avelar.

Após desfazerem as malas, pai e filha descansaram da viagem, ao anoitecer desceram para a ampla sala de jantar com vista para as montanhas onde jantaram. Avelar era constantemente cumprimentado por médicos e empresários que haviam comparecido à conferência e não deixava de apresentar

a filha, como uma excelente médica e futura diretora de seu hospital.

Após a ceia se dirigiam para a sala de estar do hotel, um amplo espaço com poltronas e sofás, além de quatro lareiras, duas a gás e duas a lenha. Sentaram em espaçosas poltronas perto de uma lareira a lenha, que aquecia o ambiente.

Garçons circulavam pelo local oferecendo conhaque e outras bebidas. A jovem pegou seu celular, pela décima vez, para ver se havia alguma mensagem de Marcos no whatsapp, mas ele não enviara nada.

De repente ouviu seu nome ser chamado.

- Sthefany?

A jovem ergueu os olhos, para sua surpresa Bert a encarava. O alemão vestia um elegante pulôver verde, calças jeans e mocassins. Seus cabelos loiros estavam penteados para trás e seus olhos brilharam de contentamento em vê-la.

- Bert? - respondeu levantando-se - o que está fazendo aqui?

- Férias - respondeu rindo e beijou-a em ambas as faces – Cheguei há dois.

- Que coincidência - disse olhando de esguelha para seu pai que aparentava estar ocupado com o celular. Seria armação dele?

- Herr^[25] Avelar, que prazer revê-lo - disse o alemão estendendo a mão para Avelar que imediatamente se levantou de sua poltrona correspondendo ao cumprimento.

- Bert que prazer, seus pais vieram?

- Não herr Avelar, eles foram fazer um cruzeiro pelo mediterrâneo, eles não gostam de frio - respondeu rindo.

- Junte-se a nós para um drink - convidou Avelar apontando para uma poltrona.

- Não vou incomodar? - perguntou olhando para Sthefany.

- Imagina, será um prazer - respondeu resignada.

Bert sentou-se e logo estava em uma conversa animada com Avelar, falavam sobre negócios, e logo ela, apesar de ser fluente em inglês, desligou-se da conversa pensando em Marcos e no que ele estaria fazendo.

- Sthefany! - Avelar chamou de forma incisiva tirando-a de seus devaneios.

- Pai?

- Bert está falando com você!

- Desculpe estava distraída - respondeu encarando Bert que a olhava - Sim?

- Perguntei se você não gostaria de ir até a boate - disse se referindo a uma luxuosa casa de shows localizada em um anexo ao lado ao hotel e que se alcançava por um corredor de vidro de onde se avistava a paisagem e a neve que caía desde o início da tarde.

- Não sei, estou cansada e estava pensando em ir dormir - respondeu olhando para o celular.

- Não seja tola minha filha, vá se divertir eu vou ficar aqui lendo e tomando meu uísque - afirmou Avelar.

Sthefany ficou indecisa por um momento, ela adorava dançar e a boate do hotel era nova e muito badalada. Que mal faria dançar para espantar a ansiedade? Não estava se reconhecendo, a ausência de Marcos a deixava angustiada e entediada, começara a achar que não fora uma boa ideia aceitar participar do congresso, ainda mais por que ficaria sem encontrá-lo nas festas de fim de ano.

- Está bem, mas não vou me demorar muito, estou realmente cansada.

- Ótimo, no encontramos aqui daqui duas horas - disse Bert animado.

- Vou para o quarto me trocar, você vai ficar aqui papai? – perguntou observando o pai.

- Sim querida, vou ficar por aqui, parece que mais tarde vai ter uma roda de pôquer e talvez eu jogue um pouco antes de me retirar, mas vocês jovens divirtam-se – afirmou.

- Está bem, não abuse da bebida papai – despediu-se – Nos vemos na boate Bert.

- Eu a acompanho, acho que meu quarto é no andar acima do seu – afirmou Bert – Gutten night^[26], herr Avelar – despediu-se.

- Divirtam-se.



Avelar sorriu satisfeito enquanto observa sua filha e Bert se dirigindo aos quartos, seu plano estava saindo conforme o planejado. Interferira na escala de plantão para que Marcos fosse escalado nas festas de fim de ano e convidara Bert para encontra-los em Vermont.

Quando o pai do alemão, comentara por telefone o encontro dos jovens em Dubai, e como seria bom se eles se casassem unindo assim as fortunas, Avelar ficara animado, ele conhecia os pais de Bert, a família dele tinha vínculos até com a nobreza alemã, e considerava o jovem um pretendente digno de sua amada filha.

Quando conversara com Bert pelo telefone, este se mostrara animado com o convite e aceitara os conselhos que recebera, afirmando que possuía um enorme carinho e amor por Sthefany.

Contratara então, um paparazzo americano, famoso por conseguir fotos comprometedoras, se desse sorte, e tudo corresse conforme os planos, mandaria as fotos para uma amiga, dona de uma revista dedicada a mexericos da alta sociedade. Quem sabe assim o médico entenderia que não era digno de sua princesa.

Avelar olhou para o balcão do bar onde o paparazzo estava bebendo, e fez lhe um sinal. O homem meneou a cabeça discretamente concordando.



Sthefany entrou na banheira que enchera e esticou-se confortavelmente. A água estava quente e os sais aromáticos ajudavam-na a relaxar. Pegou uma bucha macia e começou a passar em seu corpo.

Sentia saudades de Marcos e desejava muito que ele estivesse com ela naquele hotel, sabia que ele nunca vira a neve antes e o imaginava tentando esquiar, soltando seus raros sorrisos.

Ao pensar nele sentiu um calor se espalhando de entre suas pernas, tocou seus seios com a mão esquerda, eles estavam turgidos e os massageou pensando que eram as mãos dele. Com um gemido, usando a outra mão, tocou seu clitóris suavemente, e com a ponta dos dedos fez movimentos circulares e lentos, sentindo-se cada vez mais excitada.

Arfando introduziu dois dedos em seu interior molhado e, em movimentos rítmicos, enquanto imaginava Marcos fazendo amor com ela, fantasiou seus lábios e língua percorrendo seu corpo, suas mãos apertando-a como somente ela sabia fazer.

O prazer aumentou e ela apertou com mais força os seios e os mamilos, ao mesmo tempo em que aumentava o ritmo de seus dedos em seu interior, até que mordendo os lábios explodiu em um gozo profundo, sentindo os músculos das pernas tremerem.

Satisfeita terminou o banho e enquanto passava a toalha macia pelo corpo, novamente pensou em como sentia falta dele.

Trocou-se rapidamente vestindo um pulôver vermelho por cima de uma blusinha de manga comprida, calça jeans justas e uma bota até o meio da canela, prendeu seus cabelos em um rabo de cavalo, e maquiou-se então discretamente. Pendurou no pescoço a correntinha que ganhara de presente e que sempre usava. Olhou-se no espelho, estava elegante, mas sem estravagância.

Apesar de exclusiva, a boate do hotel era frequentada por jovens milionários americanos e turistas, que se vestiam de formas simples, como se quisessem demonstrar que não se importavam com as fortunas de seus pais.

Ao descer para o hall avistou seu pai em uma mesa com vários empresários, conversavam animadamente em meio à um jogo de cartas. O hotel estava repleto de médicos e representantes de indústrias farmacêuticas, além dos

turistas americanos e estrangeiros que vieram aproveitar a alta temporada.

De repente avistou Bert vindo ao seu encontro, ele usava calça jeans, camisa polo e um blazer esportivo creme. Estava com os cabelos penteados para trás, e uma mecha caía displicente na testa. Realmente os anos fizeram bem para ele, pensou consigo mesma, se recordando do adolescente cheio de espinhas e inepto que tirara sua virgindade.

Teria melhorado nesse quesito também? Imaginou, mas afastou esse pensamento, Bert poderia ser rico e ter frequentado os mesmos círculos sociais que ela, mas em nada se comparava com Marcos.

- Você está “wunderbar mein liebes”^[27]! – exclamou Bert beijando-a no rosto.

- Você é gentil – respondeu com um sorriso.

Dirigiram-se ao piano-bar do hotel, um local amplo, com uma grande lareira acesa na parede dos fundos, cercadas de poltronas confortáveis, várias mesinhas de mogno com iluminação intimista estavam espalhadas. Em um palco, um homem de meia idade tocava de forma magistral em um grande piano negro.

Em um longo balcão de carvalho envelhecido, diversas pessoas sentavam-se em tamboretas estofadas, enquanto do outro lado vários “bartenders” habilidosos serviam bebidas, que preparavam utilizando uma infinidade de garrafas, expostas em uma longa prateleira que possuía acima dela um espelho da mesma largura do balcão, cobrindo toda a parede.

Sentaram-se em uma mesinha perto da lareira, Bert pediu drinks e por duas horas conversaram animadamente, o alemão lhe contara o que fizera depois que deixara o internato da Suíça e Sthefany lhe contara sobre a faculdade de medicina e a volta ao Brasil.

- E o rapaz que estava com você em Dubai? – perguntou Bert com um sorriso.

- Meu namorado? – enfatizou a jovem – Não pode vir, está de plantão no hospital durante as festas.

- Uma pena, ele iria gostar daqui, ele já conhece Vermont?
 - Não, ele nunca esteve nos Estados Unidos – respondeu incomodada.
 - E você, onde está sua namorada? – perguntou desviando de assunto.
 - Não tenho namorada – respondeu erguendo as palmas da mão com um sorriso maroto.
 - Como não? Deve haver várias pretendentes – afirmou Sthefany rindo.
 - Alguns casos, aqui e ali, mas nenhuma que conquistasse meu coração, somente uma mulher conseguiu isso em toda minha vida – respondeu encarando-a seriamente.
 - E quem é essa? – perguntou tomando um gole de seu drink.
- Bert se aproximou de Sthefany debruçando-se um pouco na mesa.
- Somente você “mein liebes” – murmurou tocando as mãos dela com a ponta dos dedos, enquanto colocava seu copo na mesa.
 - Bert...
 - É verdade, eu juro! Nunca a esqueci, sei que fui afobado e inexperiente naquela ocasião, era minha primeira vez também, eu me apaixonei por você naquele dia e nunca mais a tirei de minha mente e coração.
 - Por favor, Bert, isso foi há muito tempo...
 - Me desculpe, mas eu precisava te contar – respondeu com um sorriso triste, encostando-se na cadeira.
 - Não podemos ser apenas amigos? – perguntou. Sentia-se lisonjeada com o que ele dissera, mas não sentia nada por ele a não ser amizade.
 - Nada me daria mais prazer – respondeu tomando ambas as mãos dela nas suas, beijando-as em seguida – Amigos então?
 - Sim – murmurou Sthefany corando.

- Então não falemos mais disso, só queria que você soubesse, e agora que tal irmos dançar? – perguntou animado fazendo um gesto para que o garçom se aproximasse.

- Ótimo.

Após pedir que o garçom colocasse as bebidas em sua conta, se dirigiram á boate do hotel.

A boate era espaçosa, possuía enormes janelas panorâmicas voltadas para as montanhas, iluminação de última geração criava o ambiente perfeito para dançarem. Um “DJ” comandava uma mesa eletrônica tocando músicas tecnos, ao mesmo tempo em que luzes de raio laser percorriam a pista de dança.

Sthefany adorava dançar, a música era alta, a bebida era farta e o "DJ" excelente. Bert mostrou-se um excelente companheiro e, ao contrário de Marcos, sabia dançar muito bem. A noite foi animada, e ela acabou mudando de ideia sobre ficar pouco tempo. Quando o "DJ" anunciou a última música, ele se aproximou dela e, inesperadamente, lhe beijou a boca.

Ela foi pega de surpresa e demorou alguns segundos para reagir, empurrando-o lhe desferiu um tapa no rosto.

- Nunca mais faça isso! – exclamou irritada, saindo em seguida da boate.

Bert correu atrás dela e a alcançou no corredor de acesso ao hotel, segurando-a pelo braço.

- Sthefany, me perdoa, não sei o que aconteceu, mas dançando do seu lado, sentindo você perto de mim não resisti. Eu te amo! Me dê uma chance – pediu segurando-a.

Sthefany olhou para a mão dele e depois o encarou erguendo uma sobrancelha, o jovem retirou a mão rapidamente.

- Eu tenho namorado! Gosto de você, mas somente como amigo, se não for suficiente é melhor não nos vermos mais! -exclamou irritada.

- Me perdoe, por favor – murmurou com ar arrependido.

- Está bem Bert, mas que isso nunca mais se repita, gosto de você, mas apenas como amigo – disse e continuou caminhando em direção aos quartos.

- Posso te acompanhar? – perguntou Bert caminhando ao seu lado.

- Sem mais atrevimentos? – perguntou desconfiada.

- Prometo – respondeu sorrindo, cruzando dois dedos na frente da boca e beijando-os em seguida duas vezes.

- Está bem – suspirou resignada.

Bert a acompanhou até a porta de seu quarto, onde se despediu educadamente beijando-lhe a mão, como um cavalheiro.

- Mais uma vez me perdoe, não quero perder sua amizade e juro que nunca mais vai acontecer, não sem sua autorização – afirmou solenemente.

- Está bem Bert, boa noite, depois nos falamos – respondeu entrando em seu quarto.

Após se trocar ela deitou em sua cama, sentindo a cabeça rodando por causa da bebida. Será que deveria contar para Marcos o que acontecera? Decidiu que não, seu namorado era muito inseguro e resolveu nada falar, afinal nada demais acontecera e imporia respeito ao amigo alemão.



Enquanto Sthefany caia em um sono tranquilo, Avelar estava no bar do hotel aguardando o paparazzo, quando este chegou sentou-se em um tamborete ao lado dele.

- Conseguiu?

- Yes^[28], foi melhor do que eu esperava – respondeu entregando um cartão de memória com as fotos.

- Obrigado – respondeu Avelar entregando um envelope com um maço de dólares.

O brasileiro voltou para seu quarto, que era ao lado de sua filha. Ligou então seu notebook e colocou o cartão de memória. As fotos, embora não possuem uma qualidade excelente em razão da distância e da pouca luz ambiente, eram perfeitamente claras. Avelar separou uma do casal conversando no bar do hotel, no momento em que Bert segurava as mãos de sua filha e outra dentro da boate, na qual o alemão a beijava.

O jovem seguira à risca suas recomendações, pensou com satisfação, era realmente um golpe de sorte que ele estivesse apaixonado por sua filha, ou ao menos alegasse isso. A junção das duas famílias e possivelmente a junção das empresas tornariam sua fortuna ainda maior, e o que mais um pai desejaria a não ser garantir o futuro de sua amada filha? Que melhor partido do que o jovem alemão? Um rapaz que estudara nas melhores escolas do mundo, filho de uma família tradicional, descendente da nobreza alemã, alguém digno, não aquele medicozinho favelado, pensou consigo mesmo começando a se irritar com a lembrança de sua filha namorando ele.

Anexou as melhores fotos em um e-mail e enviou para sua amiga, dona de uma revista de fofocas no Brasil. A imprensa especializada na vida dos ricos e famosos iria se esbaldar. Avelar sempre fora cioso em manter-se e a sua filha fora dos holofotes, mas agora valeria a pena, com um pouco de sorte acabaria com o namoro de sua filha abrindo caminho para a investida de Bert.

Orientara até mesmo que as revistas fossem compradas e espalhadas nas dependências do hospital, alguém com certeza a veria, isso se o próprio Marcos não a visse.

Satisfeito consigo mesmo, encheu um copo de uísque, agora poderia aproveitar a viagem mais tranquilo, sabendo que o romance de sua filha provavelmente estaria com os dias contados.



Marcos passou o natal sozinho, seu irmão aparecera às dezesseis horas, escoltado por seus "soldados" para desejar boa festa, ele ainda tentou convencê-lo a participar de um baile funk, mas o médico agradeceu, primeiro porque não gostava do estilo de música e segundo porque estava escalado para assumir o plantão às dezoito horas.

A noite no hospital estava tranquila, tirando um caso de intoxicação alcoólica, nada grave chegara o movimento geralmente começava após a meia noite. Ele aproveitou a calma da noite e deitou em uma cama na sala dos residentes, estava com saudades de Sthefany e pretendia ligar para ela antes das três da madrugada, quando então, pelo pelo fuso horário em Vermont seria meia noite.

A meia noite chegou e os barulhos dos fogos de artifício o acordaram, ele dormira assistindo um filme na televisão. Olhou para o celular, mas não havia nenhuma ligação ou mensagem no whatsapp, nem do serviço de emergência.

Marcos resolveu tomar uma bebida no refeitório, cruzou com algumas enfermeiras que desejaram feliz natal. O refeitório estava vazio, se serviu de uma caneca cheia de café fumegante. Não demorou e seu bip tocou avisando que uma ambulância estava chegando, um jovem de vinte e três anos colidira com um poste, visivelmente embriagado.

A operação durou horas, Marcos teve que fechar uma ruptura do baço do jovem, que ainda tivera duas pernas fraturadas.

Ao sair da sala de operações já eram mais de três da madrugada e ligou para o celular de Sthefany para lhe desejar feliz natal, ela atendeu, mas a ligação estava péssima, para piorar sons de uma festa atrapalhavam a conversa, provavelmente ela estava comemorando o natal com o pai.

- Feliz natal! – quase gritou ao telefone.

- Pra você também! – ouviu-a responder com voz distante, encoberta pela algazarra – Tentei te ligar no fuso horário, mas não consegui – explicou.

- Não tem problema, a festa está animada por aí? – perguntou tentando disfarçar a tristeza por não estar com ela.

- Sim, o hotel está dando uma grande festa, queria muito que você estivesse aqui ao meu lado – respondeu.

Marcos ouviu algumas vozes distantes, como se Sthefany estivesse conversando com alguém.

- Amanhã te ligo, deixa eu ir que chegou uma emergência – mentiu.

- Está bem, beijos, te adoro – respondeu Sthefany e em seguida desligou.

- Eu te amo - murmurou para o celular desligado, sentindo-se um idiota, pensara em terminar a mensagem com um "eu te amo", mas não sabia a reação dela, não suportaria outra rejeição como a que recebera nas dunas do deserto de Dubai, e mais uma vez não tivera coragem de dizer o que sentia.

Dois dias depois Marcos estava novamente no hospital, acabara de operar o fígado de um idoso e estava tomando a quinta caneca de café do dia.

Jonatas entrou no refeitório e ao avistá-lo se aproximou e com um sorriso cínico se dirigiu à ele.

- Você viu quem saiu nas revistas de fofoca? - perguntou estendendo uma famosa revista que se especializara em falar dos ricos e famosos.

- Não tenho o menor interesse nesse tipo de leitura - respondeu Marcos irritado, odiava aquele tipo de publicação e não entendia porque Jonatas de repente estava se dirigindo à ele, desde o início a antipatia entre os dois fora mútua,

- Mesmo se for sua namorada? - perguntou sorrindo e jogou a revista na mesa.

Marcos olhou a capa e seu sangue ferveu, nela Sthefany estava ao lado de Bert, seu antigo colega de internato, pareciam bem íntimos, sorrindo felizes com taças de champanhe nas mãos. Irritado folheou a revista e encontrou a matéria, havia mais fotos, em uma as mãos de sua namorada estavam entre as do alemão, outra mostrava ambos dançando no que parecia uma boate e, a pior de todas, eles se beijando no mesmo local. A manchete perguntava se aquele era o novo "affaire"^[29] da filha do bilionário da indústria farmacêutica.

Com amargura, Marcos levantou-se após arrancar as páginas da revista.

Capítulo XVIII

A semana fora um inferno para ele, não atendera mais as ligações de Sthefany nem suas mensagens no whatsapp. Seu sangue fervia toda vez que pegava as folhas da revista que guardara e olhava-a. Sthefany estava linda vestindo um pulôver vermelho, calça jeans justas e uma bota até o meio da canela, seus cabelos estavam presos em um rabo de cavalo, usava uma maquiagem discreta e parecia bem à vontade com o alemão.

Será que ela sabia que o alemão estaria em Vermont? Teriam marcado para se encontrarem lá? O ciúme, como uma cobra, espalhava seu veneno intoxicando sua alma, para evitar falar algo que pudesse se arrepender não atendera aos telefonemas dela, decidira esperar seu regresso, para então terem um conversa definitiva.

Na estação de esqui em Vermont, Sthefany passara o natal com seu pai no hotel, que dera uma grande festa aos convidados. Alguns minutos antes da meia noite Marcos lhe telefonara, mas a ligação estava péssima e seu pai a chamara para se juntar aos demais convidados, ficara constrangida, esquecera o fuso horário e não ligara para o Brasil quando dera meia-noite, e por isso mentira, dizendo que não conseguira completar a ligação. Também havia o peso do beijo que Bert lhe dera, pensara em contar para Marcos, mas mudara de ideia, teria que dizer isso pessoalmente.

Após o natal os dias transcorreram em meio a conferências médicas, passeios pela montanha, descidas de esqui e jantares animados. Seu pai parecia relaxado e feliz, algo raro, por isso ela não voltara ao Brasil quando Marcos não atendera suas mensagens e suas ligações. Desde a noite de natal não conseguira mais falar com ele e se preocupara, mesmo quando ligava no hospital ele não atendia.

Conversara com Letícia, uma médica residente que namorava Paulo, o qual parecia ter mais afinidade com Marcos, e ela dissera que aparentemente ele estava bem e prometera pedir para que ele lhe telefonasse, mas a ligação nunca

viera.

A jovem ficou intrigada, o que teria acontecido? Enquanto isso Bert mostrara-se um cavalheiro, sempre atencioso e gentil e não tentara mais nada impróprio. Tinha que concordar com Candy, realmente os anos fizeram bem para ele. Estava mais confiante, parecia em forma, era espirituoso e um excelente ouvinte.

Na passagem do ano, pelo fuso horário brasileiro, tentara ligar para Marcos, mas ele não atendera novamente, nem lhe telefonara ou deixara mensagem.

Após o ano novo, Bert se despedira de Sthefany e Avelar, colocando-se à disposição da jovem sempre que ela quisesse um ombro amigo.

Dias depois pai e filha embarcaram de volta ao Brasil.

Sthefany chegou de viagem no domingo à noite e tentou ligar mais uma vez para Marcos, mas sem sucesso. Estava irritado, o que teria acontecido? Como ele ousava não atender seus telefonemas? Ele nunca fizera isso antes.

Ligou para o hospital e conseguiu a escala dos residentes, Marcos estava trabalhando e sairia do turno às nove horas do dia seguinte, cogitou em ir ao hospital procura-lo, mas estava cansada da viagem e queria ter tempo para conversar com calma, o que somente seria possível na saída do turno dele.

No dia seguinte às oito horas já estava no hospital e descobriu que Marcos estava no refeitório tomando café, antes de deixar o turno.

Com passos decididos se dirigiu até o refeitório, vestia o uniforme de residente, já que teria que compensar os dias que ficara no congresso em Vermont. Ao entrar avistou Marcos sentado sozinho em uma mesa, com um copo de café na mão e olhar distante dirigido à grande janela de onde se avistava o mar de prédios que existia em volta do hospital.

- Marcos? – disse Sthefany se dirigindo ao jovem.

Marcos encarou-a surpresa, sabia que ela retornara no dia anterior, mas não imaginara que ela viria trabalhar no mesmo dia.

- O que aconteceu? Te liguei e deixei um monte de mensagens, aconteceu alguma coisa? – perguntou sentando-se de frente para ele.

Marcos a encarou indeciso, estava irritado e com ciúmes, imaginara essa conversa um monte de vezes, mas agora não sabia como começar.

- Senti saudades, o que aconteceu meu amor? – perguntou estendendo as mãos e tocando as mãos dele.

- Sentiu mesmo? - perguntou irritado retirando as mãos - Não parece – concluiu tirando do bolso do jaleco que usava as folhas da revista, jogando-as na mesa.

Em seguida se levantou e foi em direção aos elevadores.

Sthefany desdobrou as folhas e ficou surpresa. Uma fotografia mostrava-a conversando com Bert no hotel, além de outras, mas a pior de todas era de Bert beijando-a, como aquilo fora parar em uma revista de mexericos no Brasil? Perguntou-se, enquanto tentava encontrar as palavras certas para não ofender seu suscetível namorado, que se levantara e saíra pisando duro do refeitório.

Sthefany foi atrás dele e o alcançou dentro do elevador, onde ele já apertada o botão do heliporto, duas enfermeiras e um paciente sentado em uma cadeira de rodas os observavam.

O elevador subiu e ficaram em silêncio se encarando, as enfermeiras desceram no penúltimo andar, empurrando a cadeira de rodas.

- Foi uma coincidência! E eu estava acompanhada de meu pai. Fui apenas dançar na boate do hotel pra me distrair e ele me beijou de surpresa – se explicou entregando as folhas para Marcos quando a porta se fechou.

- Bela diversão, percebe-se - rosnou exasperando-se e ignorando as folhas estendidas em sua direção.

A porta do elevador se abriu e Marcos caminhou com passos rápidos para uma das grades de proteção, o sol brilhava e um vento forte soprava fazendo com que seu cabelo se despenteasse.

- O que você quer dizer com isso? - perguntou ofendida alcançando-o.

Ele parara em frente à grade de proteção, suas mãos estavam sobre ela apertando-a até que os dedos ficaram brancos pelo esforço. Sthefany começou a se irritar com o ciúme dele, embora uma parte de sua mente achasse aquilo encantador.

- Vocês parecem bem íntimos, você e seu novo "affaire" – afirmou voltando-se para ela com um brilho duro no olhar.

- É uma revista de fofocas! Não sabia que você gostava desse tipo de literatura – respondeu de forma irônica, irritando-se com a insinuação.

- E não gosto, mas seu antigo "affaire" Jonatas me jogou na cara. Me pergunto quantos outros "affaire" você não teria, seria eu apenas mais um? - acusou irritado, mas arrependendo-se imediatamente do que dissera.

- Idiota! Babaca! - exclamou Sthefany e desferiu um tapa no rosto dele.

Com os olhos marejados de lágrimas ela se virou e, pisando duro, se dirigiu ao elevador, enquanto ele ficou observando-a.

- Merda - murmurou para si mesmo passando a mão no rosto que ardia.

Estava arrependido, deixara-se levar pelo ciúme e insegurança.

Insegurança, pensou amargurado consigo mesmo, esse era seu maior defeito. Desde criança fora inseguro, não conhecera o pai, nem sabia quem ele fora, sua mãe nunca quisera contar. Quando cursara o colegial, estudara em uma escola particular fora da comunidade, graças ao Doutor Junqueira, e sofrera com o preconceito dos colegas quando descobriram onde ele residia.

Na faculdade de medicina convivera com colegas vindos de famílias classe média alta e alta, e ressabiado com o que passara no colegial, dessa vez não contara a ninguém onde morava, isso, somado ao seu jeito introvertido o impedira de se enturmar.

Por isso se dedicara ao estudo com tanto afinho e nas poucas horas vagas, praticara karatê em uma academia perto da faculdade. Essa era sua válvula de escape, se tornara amigo do sensei^[30] que lhe dera uma chave da academia e passara horas intermináveis quando ela estava fechada, espancando o saco de pancada, como se isso pudesse acalmar a ira que às vezes sentia arder em sua

alma. E assim ele lutava e estudava, tentando conciliar seu espírito dividido.

Agora namorava a filha de um dos homens mais ricos do país, uma mulher que além de linda e sensual era extrovertida e confiante, estudara nos melhores colégios do mundo, frequentara sempre os melhores lugares, poderia ter qualquer homem à seus pés. O que ela vira nele era um mistério.

A ida dela à comunidade onde morava o deixara inseguro, embora ela tenha afirmado que adorara e se divertira, ainda assim tinha dúvidas, será que ela apenas gostara, como turistas estrangeiros gostam quando visitam comunidades no Rio de Janeiro? Um programa exótico para conhecer os nativos em seu habitat? O que ela diria se a revista de fofocas anunciasse em primeira página que o "affaire" dela era um "favelado"?

Com esses pensamentos sombrios ele voltou ao trabalho.

Capítulo XIX

Três dias transcorreram sem conversarem, Sthefany o ignorava e Marcos retribuía na mesma moeda, ambos fazendo um cabo de guerra para ver quem daria o primeiro passo.

Embora tivesse ciência de que agira movido pelos ciúmes e não dera à ela a chance da dúvida, não encontrara uma forma de se desculpar. Para piorar seu humor e insegurança fora convocado com os outros residentes para assistir uma craniotopia.

Um paciente importante fora internado ao descobrir um tumor agressivo, e como o neurocirurgião, Doutor Vicente, estava em um congresso nos Estados Unidos, fora convidado um médico carioca que chegara naquela manhã de sexta feira, acompanhado pelo próprio Avelar e da filha.

Na apresentação para os residentes, ficou sabendo que o Doutor Augusto^[31] era médico no Hospital São Salvador e, apesar da aparente pouca idade, era considerado um dos melhores neurocirurgiões do Brasil.

Ele mostrou-se simpático com todos, em especial com as mulheres, a quem conquistou esbanjando charme. Com cabelos loiros até os ombros, rosto quadrado, e em excelente forma física, logo conquistou a admiração das enfermeiras e médicas.

Com desgosto observou Sthefany sorridente e atenciosa, juntamente com o pai, mostrar as dependências do hospital.

Durante o almoço ela e o médico carioca sentaram juntos, cercados pelos demais residentes, enquanto ele sentava-se um pouco mais afastado, comendo em silêncio. Às vezes surpreendia Sthefany observando-o, mas ela virava o rosto ao perceber seu olhar.

Depois do almoço foram todas para a sala de reuniões pré-operatória, onde o Doutor Augusto se dirigiu a todos:

- Boa tarde, como vocês sabem fui convidado para fazer essa cirurgia complexa e agradeço ao Doutor Avelar pela oportunidade, para nós neurocirurgiões cada caso é único e este, pela complexidade, é extremamente desafiador – começou com um sorriso simpático para Avelar que se sentava em uma poltrona ao lado da mesa e retribuiu ao sorriso.

Sthefany também sorriu para o Doutor Augusto, bem como as demais residentes.

- Como podem perceber o tumor está em um local complexo no cérebro do paciente – continuou apontando para com um laser para o exame de tomografia que aparecia no grande visor pendurado na parede atrás da mesa.

Todos observaram atentamente a mancha que indicava o tumor.

- Sei que vocês são médicos formados, mas deixe-me explicar sobre o procedimento que adotaremos. Iremos utilizar a técnica da craniotomia que consistirá na abertura cirúrgica do crânio para tratamento do tumor. Deixarei a Doutora Paola, que pretende se especializar em neurocirurgia, abrir a calota craniana para que possamos visualizar o cérebro e realizar o procedimento de forma segura – disse com um sorriso dirigido a Paola, uma morena de um metro e oitante com cabelos longos e negros, que sorriu embevecida.

- Depois utilizando uma cânula com micro pinças e uma micro câmera acoplada, a introduziremos por entre o tecido cerebral até o tumor, onde então pretendo seccioná-lo e usar da sucção para removê-lo.

- Esse procedimento não afetara às áreas sensíveis em volta? – perguntou Sthefany com um sorriso.

Marcos contraiu o maxilar, será que todas estavam flertando com o médico carioca? Essa situação estava ficando ridícula, pensou incomodado.

- Existe o risco, por isso, durante o procedimento a encarregarei de efetuar a estimulação cortical intraoperatória – explicou – Alguém poderia me dizer no que ela consiste? – perguntou dando um largo sorriso professoral para os residentes.

Várias mãos foram levantadas, Marcos apesar de saber foi o único que não ergueu a mão.

- Você, Doutor, que parece não estar gostando da apresentação – disse Augusto com um sorriso irônico apontando para Marcos – Poderia, por gentileza me dizer no que consiste.

Marcos sentiu que o rosto enrubescia e percebeu que todos o encaravam, inclusive Avelar, com um sorrisinho sarcástico e Sthefany, com fisionomia séria.

- Nessa abordagem, o cirurgião estimula eletricamente partes do cérebro dentro e ao redor do tumor durante a cirurgia e monitora sua resposta. O uso desta técnica, conhecida como estimulação cortical intraoperatória, reduz o risco da remoção de partes vitais do cérebro – respondeu de forma seca e mecânica.

- Muito bem doutor – elogiou Augusto com um sorriso que fez com que Marcos desejasse pular por cima da mesa e esmurra-lo – Alguém poderia me dizer por qual exame identificamos as funções específicas do cérebro, antes do procedimento cirúrgico?

- Ressonância magnética funcional! - exclamou Paola rapidamente, o que causou risos em todos, com exceção de Marcos que ficou com a fisionomia ainda mais carregada - Esse exame de imagem pode ser feito antes da cirurgia para localizar uma função específica do cérebro. As informações obtidas são usadas para identificar e preservar a região durante o procedimento cirúrgico!

- Muito bem! Vejo que será uma grande neurocirurgiã – afirmou Augusto piscando-lhe um olho, o que fez todos rirem.

Após as demais explicações, Augusto, Paola e Sthefany se dirigiram para a ante-sala preparatória para se trocarem, enquanto o restante sentou-se nas poltronas do pequeno aposento que havia logo acima da sala de cirurgia, de onde poderiam assistir a operação e acompanhar o procedimento por meio de telas de LCD dispostas na bancada, posicionada logo abaixo da janela panorâmica. O som da sala de operações também era audível por um sistema de caixas de som e poderia ser ligado e desligado de dentro da sala de cirurgia à critério do cirurgião.

Apesar de irritado Marcos acompanhou com interesse a cirurgia, embora contraísse o maxilar de raiva toda vez que ouvia o Doutor Augusto flertar com Paola e Sthefany. Mas tinha que admitir, o médico carioca era excelente, com movimentos lentos e precisos ele introduziu a cânula por entre o tecido cerebral e rapidamente seccionou as bordas do tumor, enquanto sugava-o com a cânula. O

procedimento todo levou cerca de três horas.

Após o procedimento, sob sua supervisão Paola e Sthefany colocaram um dreno saindo da incisão para permitir a drenagem do excesso do líquido cefalorraquidiano do crânio.

Quando terminaram e as enfermeiras levaram o paciente, Augusto retirou a máscara cirúrgica e se dirigiu a todos.

- Folgo em dizer que a operação foi um sucesso – disse com um sorriso – E parabeno minhas lindas e adoráveis colegas assistentes – completou fazendo uma leve mesura para Paola e Sthefany, que sorriram encantadas.

Os residentes bateram palmas, menos Marcos que se levantou e se dirigiu para a saída, onde encontrou Avelar encostado no batente da porta encarando-o com um sorriso irônico.

- Com licença – disse Marcos de modo brusco e forçou a passagem.

Ainda tinha que fazer a ronda médica no setor de trauma, antes de seu turno acabar, e estava sem paciência nenhuma.



Sthefany continuava irritada com Marcos, ele fora rude e insensível, que culpa ela tivera que Bert estava em Vermont? Como ele ousara insinuar que ela o traía? Será que não confiava nela? Como ousara insinuar que ela era inconstante? Sim, tivera muitos "casos", nunca namorara sério com ninguém, mas no momento em que ele a pedira em namoro e ela aceitara, não tivera olhos para ninguém mais, gostava muito dele, na verdade o adorava de paixão, faziam um sexo incrível e ele era atencioso e carinhoso.

Será que tudo isso era por que não dissera a ele que o amava, como ele o fizera em Dubai? Afinal o que era amor? Apenas uma palavra inventada pelos poetas, se ela estava com ele era por que gostava dele e de ninguém mais.

Para se vingar flertara com Augusto, não podia negar que o médico carioca era interessante, além de bonito era extremamente competente.

Seu pai convidara os chefes de departamento e os residentes para participarem de um jantar de despedida em homenagem ao médico visitante, e sabia que Marcos também fora convidado, até se surpreendera com seu pai, mas ele garantira que não desejava interferir em seu relacionamento com ele.

Ao terminar a cirurgia ficara conversando com Augusto e seu pai, que o convidara para trabalhar no Domênica Xavier, mas ele gentilmente declinara do convite.

Quando ele se despediu para ir ao hotel se preparar para o jantar, já eram quase vinte horas. O jantar seria às vinte e três horas e todos os residentes foram dispensados às dezenove horas, para que tivessem tempo de se preparar.

Sthefany se dirigiu até o vestiário dos residentes, embora o diretor a autorizasse a utilizar os vestiários dos titulares, ela preferia usar o de seus colegas, para não ser considerada esnobe.

O local estava vazio, provavelmente os demais residentes teriam ido para suas casas se prepararem para o jantar.

Sthefany se despiu e tomou uma ducha rápida, após se enrolar em uma toalha saiu e, para sua surpresa, Marcos estava se trocando, sentado em um banco ao lado dos armários dos residentes. Ele a encarou em silêncio, mas nada disse.

Ela virou-lhe as costas e se desnudou da toalha ficando nua, pelo pequeno espelho fixado na porta de seu armário percebeu que ele a observava. Sorrindo mentalmente, pegou um par de meias e curvou-se para frente, apoiando um pé no banco, expondo suas nádegas e vagina.

Lentamente ela colocou a meio sete oitavos na perna direita, deslizando a mão suavemente para ajeita-la, repetindo o movimento na outra perna. Satisfeita pegou uma calcinha vermelha, vestindo-a lentamente, ajeitando-a para que marcasse suas nádegas. Em seguida ajeitou os cabelos e os penteou, depois colocou o sutiã da lingerie, também vermelho e apalpou seus seios para que o tecido suave se moldasse à eles.

Olhou discretamente pelo espelho e percebeu que seu “striptease” ao avesso estava prendendo a atenção de Marcos que parecia ter empacado na amarração do tênis. Ela vestiu sua calça jeans que moldava suas pernas e

nádegas e, em seguida, uma camisa de seda creme, abaixando-se novamente para deixar á mostra às nádegas na apertada calça, colocou um par de botas de couro italiano de salto baixo.

De um pequeno estojo pegou maquiagem delineando os olhos e passando um batom vermelho sangue, apertando os lábios para espalha-lo, olhou-se no espelho e gostou do que viu.

Pingou duas gotas do perfume “Chanel nº 5”^[32] atrás das orelhas e nos pulsos. Fechando o armário virou-se e encarou-o, ele ainda a observava em silêncio, sem lhe dirigir a palavra pegou sua bolsa e saiu.



Marcos ficou sozinho no vestiário, aquele “strip-tease” ao contrário o excitara, não transava desde antes da viagem de Sthefany e agora percebia o quanto sentira a falta dela.

Recebera o convite com estranheza das mãos da secretária do diretor, mas decidira não comparecer, um dia inteiro vendo-a flertar com o médico carioca fora o suficiente.

Gostaria de se desculpar com ela, assumia que agira movido pelo ciúmes, mas tinha um pouco de razão, e esperava que Sthefany percebesse que ela também errara, pois poderia muito bem ter se recusado à viajar.

Estava confuso e desanimado, sabia que fora um erro se apaixonar por ela, talvez o melhor fosse esquecê-la o quanto antes, o relacionamento deles parecia fadado ao fracasso.

Suspirando ele pegou sua mochila e resignado saiu do vestiário, teria um longo caminho até sua casa, onde o aguardava um jantar composto de lasanha de micro-ondas e uma lata de cerveja.

Não iria no jantar em homenagem o médico carioca, nem que sua residência dependesse disso, pensou amargurado enquanto caminhava até o estacionamento.



Sthefany ao chegar em sua residência tomou um demorado banho, depois vestiu um tubinho vermelho que delineava suas curvas seios. Novamente se maquiou usando um batom vermelho e colocou duas gotas do mesmo perfume atrás das orelhas, já que era seu preferido.

Desceu para o andar térreo da mansão. A movimentação dos empregados, comandados pelo mordomo Josué era imensa.

A enorme mesa de madeira nobre, na sala de jantar, estava arrumada, em frente aos dezoito lugares estavam dispostos pratos de porcelana inglesa, talheres de prata e taças de cristais.

Os lugares de honra das cabeceiras seriam de seu pai e de Augusto.

- Milady, seu pai me orientou que a senhorita se sentará ao lado direito do convidado de honra - disse o mordomo enquanto retirava uma partícula de pó imaginária de uma taça.

- Obrigada Josué, só por curiosidade, qual é o lugar do Doutor Marcos? - perguntou.

- Seu pai orientou que caso ele viesse, o lugar dele seria na quarta cadeira à esquerda de milorde.

Longe de Augusto e dela, mas ao mesmo tempo longe dele. Obviamente seu pai estava querendo que ela se interessasse pelo médico carioca, pensou com um sorriso triste, tinha certeza de que Marcos não compareceria.

Dirigiu-se então para o jardim, a noite estava fresca e o aroma das flores espalhava-se pelo ar. Sentia-se melancólica, estava com saudades de Marcos, sentia falta de sua companhia e desejava tê-lo em seus braços, sentir suas mãos e lábios percorrendo seu corpo. Mas estava magoada com ele, sua própria insegurança o afastara.

- Pensando em algo interessante? - disse uma voz levemente rouca assustando-a.

Ao se virar encontrou o olhar de Augusto encarando-a com sorriso divertido nos lábios. O médico carioca usava calça de brim e uma camisa polo creme, que realçava sua pele bronzeada. Seu perfume era amadeirado e suave.

- Nada de importante - respondeu sorrindo de volta.

- Seu pai pediu para chamá-la - disse dando-lhe o antebraço - Me dá o prazer? - perguntou com um sorriso dançando nos lábios.

- Obrigada, gentil cavalheiro - respondeu sorrindo fazendo uma leve mesura.

O jantar foi animado, seu pai se mostrou um perfeito anfitrião e Augusto um convidado encantador. Ele respondia com entusiasmo as perguntas dos residentes e dos médicos titulares convidados.

Havia apenas um lugar vago na mesa, Marcos não aparecera e ela, às vezes, lançava um olhar triste para a cadeira vazia.

Após o jantar, que consistiu em vitela, salada César, e outros pratos requintados, elaborados por um cozinheiro francês contratado, e regado com excelentes vinhos da adega da mansão, Avelar convidou a todos para irem até a biblioteca onde serviu charutos cubanos, licor, uísque e vinho.

Logo, várias rodinhas se formaram no espaçoso aposento. A maior de todas cercando Avelar e Augusto.

Sthefany discretamente se dirigiu ao jardim novamente. Como sentia falta de Marcos, como desejava que ele tivesse comparecido no jantar, agora se arrependia de não ter tentado conversar com ele e, por pirraça, ter flertado com Augusto. Percebera como isso o afetara, na hora achara engraçado e adorável o ciúme que ele deixara transparecer, além de ser uma boa vingança, pelo modo como ele duvidara dela.

Mas essa guerrinha estava se estendendo demais, há mais de dez dias estavam sem se falar e isso a estava deixando triste.

- Por que uma mulher tão linda está tão solitária e triste em uma noite tão agradável?

Sthefany sorriu e se virou para Augusto.

- Você está me seguindo? - perguntou com voz suave.

- Não, seu pai praticamente me obrigou a vir procurá-la. Acho que ele quer me empurrar para você - respondeu com voz zombeteira.

- E eu sou assim tão desinteressante? - retrucou no mesmo tom zombeteiro, aproximando-se dois passos dele.

- Deus, não! - riu de forma aberta - Você é uma mulher maravilhosa, inteligente, competente no que faz, linda e muito sexy - respondeu agora em tom sério.

- Mas...? - insinuou percebendo certa relutância no médico, não era comum homens não tentarem seduzi-la ou se insinuarem.

- Você não me deseja, percebi seu olhar para o lugar vazio na mesa. Era do residente que estava de mau humor? Percebi a troca de olhares tensa entre vocês no hospital e como ele me encarava, como se eu fosse o próprio anticristo - respondeu com um sorriso maroto.

- Um cavalheiro? Estou impressionada! – desconversou rindo.

- Não chega a tanto - riu Augusto - O que aconteceu? Quer falar a respeito?

- É complicado...

- Não mais do que uma neurocirurgia - disse com um tom afável e um sorriso simpático.

- Alguém já te disse que o amava, e mesmo gostando muito da pessoa você não falou a mesma coisa? Já senti desesperadamente a falta de alguém, mas mesmo assim não sabe definir o que sente por ela? Já foi magoada por essa pessoa? - perguntou com certa amargura na voz.

Sthefany observou que uma sombra cruzou o olhar de Augusto e seu sorriso desapareceu. Com sua intuição feminina percebera que atrás da fachada auto-suficiente e galante do médico, existia um turbilhão de emoções.

- Desculpa, você é nosso convidado e eu aqui o importunando com meus problemas sentimentais - murmurou tocando levemente a mão dele.

- Sei como você se sente, amei, ou pensava amar alguém, e me desiludi. Por muito tempo pensei que nunca sentiria nada tão forte por alguém, mas conheci uma mulher incrível, uma diaba que me deixa louco e desnorteado e também não sei definir que tipo de sentimento é esse.

- E o que o impede de ficarem juntos? - perguntou Sthefany tocada com o tom triste e amargurado do médico, que até aquele momento estivera animado e galante.

- Não sei, talvez medo de me entregar novamente, orgulho, prepotência, só sei que longe dela parece que sou incompleto, que nada tem sentido, que a vida perde sua cor e beleza - respondeu com um ricto de dor cruzando o rosto - E eu posso ter estragado tudo, pois sem querer, em um acesso de ciúmes, machuquei seus braços, me descontrolei e me odeio por isso!

- Pelo pouco tempo que te conheço sei que você não fez de propósito, e ela vai perceber isso, assim como eu percebi.

- Tomara, um brinde a nossos amores complicados- propôs Augusto erguendo o copo de uísque que carregava.

- Acho que preciso de uma bebida - sorriu Sthefany dando o antebraço para ele - Venha, vamos deixar meu pai imaginando coisas – sugeriu rindo, caminhando de braços dados com o médico para o interior da mansão.

A noite transcorreu agradável em meio a animadas conversas, e, apesar da tristeza que sentia, Sthefany acabou se divertindo. Por volta das três da manhã os convidados começaram a partir, após Augusto se despedir de seu pai, ela o acompanhou até a porta da mansão. O motorista particular de seu pai o levaria até o hotel em que estava hospedado, seu voo de volta ao Rio de Janeiro estava marcado para as onze horas.

- Bom, foi um prazer conhece-la – afirmou Augusto pegando sua mão direita e beijando-a delicadamente, em um gesto cavalheiresco – Se um dia for ao Rio de Janeiro não deixe de me procurar.

- O prazer foi meu, espero que tudo de certo para vocês – disse referindo-se à mulher que o atormentava.

- Vou conversar com ela, afinal é conversando que a gente se entende,

como dizem por aí – respondeu sorrindo – E aconselho você a fazer o mesmo.

-Vou tentar – prometeu.

Augusto entrou na limusine que logo partiu em direção à cidade.

Por um momento ela ficou observando o veículo se distanciar, sentiu um aperto no coração, por que relacionamentos eram tão complicados? Pensou consigo mesma, e suspirando entrou na mansão, fechando a porta atrás de si.

Capítulo XX

Apesar da promessa que fizera Sthefany não procurou Marcos para conversar, afinal fora ele quem a acusara, e isso a magoara de uma forma como nunca fizeram antes. Em contrapartida, Marcos também não a procurara e evitava-a, nas poucas vezes em que trabalharam juntos ele se restringia a falar com ela o mínimo necessário, embora percebesse que ele sofria com a situação tanto quanto ela.

Tolo, orgulhoso, pensava consigo mesma, decidida a não dar o primeiro passo, e assim os dias correram.

Um dos programas de residência consistia em um estágio de trinta dias em outro hospital, na área de especialização de cada um. Sthefany, com a ajuda de seu pai, conseguira uma vaga no setor de administração do hospital Jhons Hopkins^[33], onde aprenderia os meandros da difícil tarefa de dirigir um hospital.

Marcos ao contrário, por intermédio do Doutor Fernando, conseguira uma vaga em um hospital estadual no Rio de Janeiro. Por ser localizado perto de um conjunto de comunidades, ele atendia os casos de traumas provocados pela constante guerra entre polícia e traficantes nos morros cariocas.

- Não vou te dizer que vai ser fácil, o diretor é amigo meu e ficou encantado em contar com um reforço de um médico talentoso como você, mas lá não tem um décimo de nossos recursos, e os casos de traumas que você vai atender serão ininterruptos. Está preparado? Vai ser um inferno, mas garanto que você vai apreender em um mês mais do que em dois anos aqui – explicou Doutor Fernando.

- Estou pronto doutor, garanto que não vou decepcioná-lo.

- Ótimo, eles te esperam na segunda-feira de manhã.

Ainda era terça-feira e teria alguns dias para se preparar, pensou consigo mesmo, enquanto se sentava no refeitório para almoçar. Percebeu que Sthefany

já estava no local, junto com outros residentes, e por isso se sentou em uma mesa afastada.

Podia ouvir as conversas animadas, todos conseguiram vagas em hospitais de ponta, mas apenas Sthefany iria para o exterior, pelo que conseguira ouvir. Quem sabe ela não encontrava aquele alemão por lá, pensou com amargura largando o garfo, acabara de perder o apetite.

Na sexta-feira à tarde Marcos estava arrumando seu armário no vestiário, a passagem para o Rio de Janeiro estava marcada para meia-noite e pretendia sair direto do hospital para o aeroporto. Teria um mês pela frente sem a presença de Sthefany, talvez isso fosse bom para esquecê-la, pensou.

- E aí, tudo pronto? – perguntou Paulo entrando no vestiário acompanhado de Letícia, sua namorada e também residente, retirando-o de seus pensamentos.

- Tudo e você?

- Oi Marcos – cumprimentou Letícia retirando uma toalha de seu armário.

- Segunda começo no Instituto do Coração – afirmou Paulo animado.

- E eu embarco hoje para o Rio de Janeiro – respondeu Marcos.

- Você não vai na festinha que a Sthefany organizou? Vai ser no barzinho aqui perto – perguntou Paulo.

- Não – respondeu constrangido.

Todos no hospital sabiam que o casal estava separado, era inevitável em um ambiente em que constantemente passavam a maior parte do dia e da noite.

- Olha, não quero me meter, mas ela está sofrendo com tudo isso – afirmou Letícia, namorada de Paulo e também residente no hospital – Acho que vocês deviam sentar e conversar.

- E por que ela ficaria com alguém sem classe nenhuma? Um morador de uma favela? - perguntou com sarcasmo Jonas que entrara no vestiário naquele momento e ouvira o final da conversa,

- Que porra você tá falando! - exclamou Marcos erguendo-se.

- O que você ouviu, sabiam que nosso colega mora na favela de Heliópolis? - perguntou aos demais com um sorrisinho - O irmão dele é chefe do tráfico – completou sem esperar resposta.

- Filho da puta! - rosnou Marcos acertando-o com um soco na boca.

Jonatas caiu no solo com o golpe, mas ergueu-se rapidamente.

- Seu filho da puta favelado! - exclamou e avançou contra Marcos.

Mas Marcos não treinara horas sem fim em uma academia de karatê à toa, e seu lado selvagem vibrou com a liberdade concedida. Bloqueou o soco com o antebraço, contra-atacando com um soco no estômago seguido de outro no rosto, fazendo Jonatas cair novamente para trás.

Nesse momento Sthefany entrou no vestiário, ao mesmo tempo em que Paulo agarrava Marcos por trás.

- Caralho, para com isso, você vai ser desligado do programa!

- Mas que merda? O que você pensa que tá fazendo Marcos? - perguntou Sthefany se agachando para socorrer Jonatas que sangrava pelo nariz e boca.

- Tou bem! - disse Marcos se livrando do abraço de Paulo.

Sthefany encarou Marcos, não o reconhecia, nunca vira aquele lado selvagem dele.

- Marcos! O que tá acontecendo com você? Não te reconheço!

- Talvez por que nunca quis me conhecer de verdade, vocês se merecem mesmo, fica aí com seu amiguinho e podem continuar curtindo com minha cara, não me importo, quero só terminar minha residência e que vocês se explodam! - rosnou indignado enquanto pegava sua mochila e se dirigia para fora do vestiário, tentando a todo custo trancafiar seu lado selvagem novamente que o impelia a arrebentar com Jonatas até deixa-lo inconsciente.

Enquanto se dirigia com sua motocicleta para o aeroporto, ficou se

perguntando se teria sido Sthefany que contara para Jonatas que seu irmão era traficante. Quem mais poderia ser? Pelo que constava apenas ela sabia, Avelar tinha apenas conhecimento de que ele morava no local, afinal essa informação constava em seu registro de admissão, não tinha como ele saber sobre a atividade criminosa de seu irmão.

Horas depois, enquanto observava as luzes da cidade desaparecendo pela janela do avião com destino ao Rio de Janeiro, pensou em como se enganara com Sthefany, ele era apenas mais um brinquedo nas mãos dela, um "affaire" exótico.

Precisava esquecê-la o quanto antes.



Quando Marcos saíra do vestiário deixara Sthefany incrédula com o que vira.

- Mas o que deu em vocês? -perguntou para Jonatas.

- Apenas comentei com nossos colegas onde ele morava e que o irmão é traficante - respondeu erguendo-se enquanto aceitava uma toalha de papel para limpar o sangue do rosto.

- Cara que doidera - murmurou Paulo.

- Eu devia dar queixa dele - resmungou Jonatas.

- Mas não vai! Por que você tinha que provoca-lo e, afinal, quem te contou? - perguntou desconfiada.

- Ouvi por aí - desconversou dirigindo-se a seu armário.

Sthefany o olhou indecisa, como ele descobrira? Nunca contara a ninguém, nem mesmo os seguranças de seu pai a seguiram naquele dia. Sentou-se em frente a seu armário e tentou ligar para Marcos, mas seu celular estava desligado ou fora de área.

- Você ainda vai no barzinho? - perguntou Letícia sentando ao seu lado.

- Não sei, perdi todo o pique - respondeu largando o celular de forma brusca no banco.

- Vamos, vai ser bom tomar umas pra relaxar – aconselhou abraçando-a.

- Pode ser - respondeu Sthefany com um suspiro enquanto levantava e abria seu armário.

Não entendia o que estava acontecendo, parecia que tudo conspirava para afastá-los ainda mais, talvez fosse melhor que terminassem de vez, cada um poderia seguir seu caminho, agora admitia que eram completamente diferentes, vinham de mundos diferentes.

No final ela foi ao barzinho, ainda tinha esperanças que Marcos aparecesse, mesmo Letícia tendo-a avisado de que ele embarcaria naquela noite, ao menos poderiam conversar antes do mês que ficariam obrigatoriamente separados, mas pelo jeito ele tinha viajado na mesma noite.

Talvez fosse melhor assim, talvez o romance deles tivesse chegado ao fim, pensou consigo mesma, esvaziando um copo de caipirinha.



Quando Marcos desceu do táxi na porta do Hospital Geral da Zona Norte, na manhã de segunda, percebeu a movimentação enorme de pacientes que entravam e saíam. Havia um movimento constante também de viaturas policiais e ambulâncias.

O sol estava quente àquela hora da manhã, fazendo o suor grudar sua camisa nas costas. Não muito longe ele observou um enorme morro, lotado de casebres. Por um instante lembrou com saudade da comunidade em que vivia.

Com passos decididos entrou no local à procura da sala do diretor. O ambiente no hospital era bem diferente daquele que estava acostumado no Domênica Xavier, em lugar de corredores imaculadamente limpos, o local possuía paredes descascando e pisos rachados. Os equipamentos eram obsoletos e havia uma infinidade de pacientes deitados em macas no corredor, algo impensável no hospital paulista.

O diretor, um homem baixo e calvo, com uma barriga proeminente e ar cansado, ficou feliz em recebê-lo.

- O Doutor Fernando me disse que você quer se especializar em trauma - disse Doutor Ronaldo - Você veio ao local certo, não tem um dia que não atendamos ocorrência de traumas graves decorrentes, na maioria das vezes, por causa de tiros de fuzil.

- É verdade, quero ser traumatologista.

- Meu amigo Fernando o elogiou muito, sua ajuda vai ser muito importante, estamos com falta de médicos - afirmou com um sorriso constrangido.

- Eu que agradeço Doutor, vou dar o melhor de mim.

- Tenho certeza disso.

Após um rápido “tour”^[34] pelo prédio, Marcos se trocou no vestiário, até isso era diferente, armários quebrados, banheiros sem chuveiro, onde apenas era possível tomar banho gelado, onde a água caía de um cano na parede, ao contrário do Domênica Xavier no qual os vestiários eram luxuosos.

Mal tinha se trocado quando o alto falante berrou com voz estridente seu nome.

- Doutor Marcos emergência, dirija-se pra sala de cirurgia!

Vamos lá pensou, pensou, enquanto guardava uma fotografia de Sthefany que trouxera dentro da carteira e que tirara para olhar. Estava com uma saudade atroz dela, sabia que novamente agira por impulso e a ofendera, parecia que estava cada vez mais difícil conseguir consertar as coisas, temia tê-la perdido para sempre e, agora, estavam longes novamente, ela viajara para os Estados Unidos, onde faria um estágio de administração hospitalar.

Talvez o melhor fosse admitir que o romance havia terminado, desde o início soubera que eram de mundos diferentes, ele nunca se acostumaria ao mundo dela e, com certeza, ela também não se acostumaria ao dele.

Marcos achava que merecia passar pelo inferno depois do que fizera com

ela, e parecia que seu desejo fora atendido.

A realidade do hospital carioca era terrível, como em uma zona de guerra, todos os dias ele trabalhava sob pressão, atendendo casos de feridos por armas de fogo; policiais, suspeitos e vítimas inocentes de uma guerra civil não declarada. Ou então eram acidentes automobilísticos graves, causados na maioria das vezes por irresponsabilidade de motoristas.

Também haviam casos de quedas de obras ou acidentes domésticos, lesões causadas por brigas domésticas, que muitas vezes levavam ao óbito da vítima e discussões em bares. Um verdadeiro desfile das misérias humanas, bem diferente dos clientes ricos que costumava tratar no Domênica Xavier.

Os ferimentos produzidos por projéteis de fuzil eram os mais terríveis, a munição quando atingia o corpo expandia-se, causando graves danos ao tecido e órgãos, isso quando não os destruíam, deixando um orifício de saída maior do que o de entrada. Quando atingia ossos os esmigalhava, sendo necessária muitas vezes uma amputação.

E Marcos entrou com disposição em uma rotina extenuante, acordava cedo, dormia tarde, muitas vezes dobrando plantões, e quanto percebeu faltava apenas uma semana para encerrar seu estágio. Sentia que aprendera muito mais em um mês do que no tempo que passara no Domênica Xavier.

E o mais importante, o ritmo frenético à que estava submetido ajudava-o a não pensar tanto em Sthefany e seus problemas.

Era quase meia noite de sexta feira, fazia mais de dezoito horas que ele estava no plantão, embora, oficialmente, somente tivesse que trabalhar doze horas por turno. Já atendera um acidente automobilístico grave com cinco vítimas, no qual perdera uma paciente, uma mulher que deixara órfão um filho de cinco anos, depois de quatro horas de cirurgia.

Mal saíra da sala e um senhor de meia idade entrou amparado pelo filho, fora vítima de uma "bala perdida", atingido no ventre, sendo necessária uma cirurgia de emergência, após duas horas conseguiu finalmente estancar a hemorragia interna.

E agora, depois de ter suturado pernas cortadas, cabeças rachadas, em uma típica noite de sexta-feira, terminava de retirar um pedaço de ferro que se cravara

na panturrilha de um operário que caíra do segundo andar de uma obra, e estava há horas esperando pelo procedimento.

- Pronto, tente não movimentar a perna para não romper os pontos - orientou enquanto jogava as luvas no lixo.

- Obrigado dotô - agradeceu o operário.

De repente ouviu uma gritaria no corredor e a porta da enfermaria se abriu com violência.

- Você é o cirurgião? - perguntou um brutamente vestido de negro, usando um colete balístico que parecia apertado em meio à tantos músculos.

- E quem quer saber? - perguntou erguendo uma sobrancelha.

- Porra mermão, tá de caô comigo? Sou polícia! Vamo logo, é uma emergência! - disse o policial mantendo a porta aberta.

- E quando não é? - murmurou para si mesmo e com um suspiro cansado acompanhou o policial.

Enquanto o seguia percebeu que o homem, além do colete balístico preto, carregava uma pistola em um coldre amarrado na coxa e um distintivo pendurado por uma corrente no peito. Sua calça tática e cheia de bolsos também era negra, assim como suas botas e a camiseta de manga curta por baixo, que apertava os bíceps saltados, tinha a pele bronzeada pelo sol e cabelos negros. Mais parecia um ator de filme americano de péssima qualidade do que um policial, pensou consigo mesmo.

- Doutor eu mandei eles esperarem - disse uma enfermeira com ar indignado.

- Sem problemas Maria - disse apaziguando-a com um gesto da mão.

Em uma maca havia outro policial, seu rosto estava pálido, olhos fechados e respirava com dificuldade. Ao lado dele outros cinco policiais, todos vestidos de preto, usando coletes, alguns com fuzis pendurados por bandoleiras atravessado no peito, todos o encararam de silenciosa expectativa com fisionomias fechadas e nada amistosas.

- Todos para fora, apenas um me diga o que aconteceu - ordenou sem esperar resposta.

O policial que invadira a sala falou rapidamente.

- Estávamos em uma incursão no morro e fomos emboscados, nosso colega levou um tiro no peito.

Enquanto ouvia, com a ajuda da enfermeira retirou o colete do policial, havia um orifício de entrada no peito, ao apalpar as costas percebeu um grande sangramento.

- O projétil atravessou o colete e o peito, prepare bolsas de sangue A negativo, e pra cirurgia, agora! - ordenou após verificar o tipo sanguíneo bordado no colete.

Ao olhar em volta percebeu que os policiais ainda estavam na sala.

- Pra fora! Se querem ajudar vão doar sangue! - ordenou elevando o tom de voz.

- Porra, não vou abandonar um parceiro! - disse o policial que parecia ser o líder e invadira a emergência.

- Você vai sair pra que eu possa fazer meu serviço! - exasperou-se Marcos fazendo com que a enfermeira empurrasse a maca.

- Caralho! Não dou sorte com médico mesmo, o raça da porra - resmungou o policial.

Marcos ignorou o comentário e ajudando a enfermeira, rapidamente alcançaram a sala de cirurgia onde uma equipe com anestesista, instrumentalista e duas enfermeiras aguardavam.

- Põe ele pra dormir agora! - ordenou enquanto terminava de vestir um avental e colocar as luvas com a ajuda de uma enfermeira.

Com habilidade advinda da prática, logo o paciente já estava preparado e anestesiado, sangue fluía para seu corpo por meio de sacos pendurados em armações de metal, seus sinais vitais monitorados pelos equipamentos.

- Lâmina dez - ordenou estendendo a mão, recebendo o bisturi.

Por uma fração de segundos ele deteve a lâmina encostada na pele do paciente, respirando fundo esqueceu-se de todos seus problemas, o que importava era a vida do paciente, e ali em seu mundo fechado, sabia que não era inseguro, tinha total confiança em sua habilidade, ali era somente ele, o paciente e a morte, em um jogo que não admitia erros e, embora nem sempre vencesse, sabia que ao final dera o máximo de si mesmo.

A cirurgia durou três horas, o impacto do projétil atravessara o colete e o peito do policial, a onda de impacto causara vários sangramentos internos e quase destruía órgãos vitais.

Marcos reconstruiu o fígado e o baço e cauterizara os vários sangramentos detendo a hemorragia, até que finalmente, os sinais vitais se estabilizaram.

- Muito bom pessoal, podem fechar e levar pra UTI - ordenou sentindo-se exausto.

- Excelente trabalho doutor - elogiou uma enfermeira morena com maia de vinte anos de prática.

- Ele deu sorte, o disparo deve ter sido à longa distância e o colete ajudou a diminuir a velocidade de impacto do projétil - respondeu jogando as luvas no lixo.

Antes de sair retirou o avental a máscara e a touca cirúrgica jogando-a em um cesto de roupas sujas.

O policial mal-humorado aguardava no corredor.

- E aí doutor? - perguntou ansioso.

- Ele vai sobreviver, está na UTI - respondeu sentindo-se miseravelmente cansado.

- Valeu doc, desculpa a grosseria, mas ele é parte da equipe e somos como um bando de irmãos - desculpou-se o policial com um sorriso torto, tentando parecer gentil.

- Sem problemas - afirmou sentando-se no longo banco encostado na parede do corredor.

Ficou observando uma lâmpada piscando no teto e então fechou os olhos. Sthefany como você está? Será que pensa em mim? Sente saudades? Vai me perdoar um dia? Pensou consigo mesmo, sentindo todos os músculos do corpo implorando por um descanso.

Uma voz masculina chegou até ele como se vinda do fundo do mar.

- Desculpa, o que disse? Acho que cochilei - perguntou Marcos encarando o policial que se sentara ao seu lado.

- Disse que você parece bem cansado – respondeu com simpatia - Sei como é viver sob pressão.

- Imagino que sim.

- Bruno - disse o policial estendendo a mão.

- Prazer, Marcos - se apresentou apertando a mão do policial com firmeza.

- Seu sotaque é paulista, você não é do Rio é?

- Não, sou de São Paulo, tou fazendo um estágio de um mês aqui no hospital, especialização em traumatologia - respondeu.

- Veio ao lugar certo - afirmou rindo.

Marcos sorriu também, sentiu simpatia pelo policial, a pressão a que ele deveria estar submetido também devia ser enorme. Ganhar pouco, arriscar a vida diariamente, não saber se voltaria para casa.

- Vai voltar quando?

- Seis dias e contando - respondeu Marcos.

- Não gostou da cidade? – perguntou o policial esticando também as pernas no corredor.

- Não tive tempo, quando não estou aqui estou dormindo no hotel, acho que fui à praia uma vez só, no segundo dia em que cheguei.

- Não conheceu a noite carioca? Tinha que ser paulista mesmo pra só pensar em trabalho - afirmou rindo - Tá de folga quando?

Marcos olhou para o grande relógio pendurado na parede do corredor, eram duas horas da madrugada de sábado.

- Tecnicamente estou de folga há horas - respondeu sorrindo.

- Tranquilo, me passa seu endereço, você é meu convidado, não vou deixar um paulista ir embora sem conhecer a noite carioca pra ficar falando mal da gente, te pego a noite pra te pagar uma cerveja - disse em um tom de voz que não admitia contestação.

- Ok - disse Marcos passando o endereço do pequeno hotel em que estava hospedado perto do hospital.

- Porra mermão, que muquifo você se hospedou – afirmou rindo.

Despediram-se e Marcos finalmente pode ir para o hotel, mas não sem antes suturar a cabeça de um homem que chegara com fortes sinais de embriaguez.

Dormiu a manhã e a tarde inteira, somente quando a noite já caía se levantou e comeu alguma coisa depois de tomar uma ducha gelada. Olhou no celular para ver se havia alguma mensagem, mas a única que tinha era uma de Bruno lembrando-o que iria busca-lo as vinte e um hora. Marcos olhou no relógio, eram quase vinte e uma horas.

Não ligara para Sthefany nem mandara mensagens, embora às vezes a vontade fosse quase insuportável, e ela também não ligara.

Foi o tempo exato em colocar uma calça jeans e uma camiseta preta e o interfone tocou com o porteiro avisando que havia um homem o esperando na portaria.

Marcos desceu e encontrou Bruno que usava calça jeans e uma camiseta verde escura que salientava seus músculos, mas era perceptível a pistola presa à

cintura.

- Não tem medo de perceberem que você é polícia? – perguntou curioso quando entraram no carro e Bruno dava a partida, após colocar a pistola debaixo da coxa esquerda.

- Faz parte do trabalho, tamos aí pro que der e vier – respondeu dando de ombros.

Apesar da aparente truculência, Marcos simpatizou com o policial, ao menos ele era direto e sincero. Dirigiram por quase uma hora até que chegaram a um bairro com vários bares.

- Aqui é a Lapa, bairro boêmio do Rio – explicou manobrando o carro para estacionar em uma vaga ao lado de um bar elegante, com várias cadeiras e mesas espalhadas na calçada e no interior.

Desceram do veículo e logo estavam no interior do bar, a iluminação era suficiente para que homens e mulheres paquerassem abertamente. Havia um bar com um grande balcão, onde atendentes se esforçavam para servir á todos. Várias mesas de madeira estavam espalhadas, a maioria com quatro cadeiras, algumas pareciam terem sido juntadas, para que turmas maiores pudessem ficar juntas.

- E aí mermão – gritou Bruno para um homem calvo atrás do balcão, que ao vê-lo ergueu a mão fazendo um sinal.

O homem se aproximou e após abraçar Bruno o levou até uma mesa no canto que estava com uma placa de reservado.

- Valeu – agradeceu Bruno.

- O prazer é meu – respondeu o homem – O de sempre?

- Pode ser – respondeu fazendo um sinal para que Marcos se sentasse.

- Fez reserva? – perguntou Marcos curioso.

- Só liguei avisando que viria, ele me deve uma, salvei ele em um assalto com refém aqui mesmo – respondeu com um gesto de descaso, como se aquilo

fosse a coisa mais comum do mundo, ao mesmo tempo em que se sentava de frente para a porta de entrada, colocando a arma novamente debaixo da coxa.

O homem voltou com um balde grande repleto de gelo com várias “long neck” de cerveja importada e um prato de frios, com azeitonas, queijo, salame e presunto.

Bruno pegou uma garrafa e abriu, Marcos o imitou.

- A nós e nossos trabalhos extenuantes – brindou rindo.

- À nós - retribuiu e tomou um gole da bebida que estava gelada.

Marcos observou o ambiente, havia casais, e homens e mulheres, em sua maioria jovens, entre vinte e trinta, que circulavam, lançando charme em um jogo de paquera. No fundo um pequeno palco, onde alguns microfones e uma bateria estavam preparados, havia um cartaz anunciando que a meia-noite ocorreria um show de uma banda cover do U2.

Não demorou e duas belas mulheres se aproximaram da mesa, uma loira de quase um metro e oitenta, cabelos platinados e seios volumosos que praticamente saltava do apertado top branco que ela usava, sua calça jeans azul, apertava suas coxas mostrando pernas bem torneadas.

A outra era morena, um pouco mais baixa, mas também bonita, possuía cabelos negros cortados na altura dos ombros e olhos da mesma cor, usava também calças jeans apertadas e um blusinha de botões, sendo que os três últimos estavam abertos, deixando à mostra uma lingerie preta que acomodava seios de tamanho médio.

- Essa é a Paulinha e essa é a Monique – apresentou Marcos à loira e em seguida a morena convidando-as para sentar – Meninas esse é meu amigo Marcos, um paulista perdido na “night”^[35] carioca – concluiu com um sorriso.

A loira cumprimentou Marcos com um beijo no rosto, enquanto a morena deu-lhe um selinho nos lábios que o fez corar.

- Nossa, além de lindo é tímido – gargalhou a morena.

- Prazer – murmurou Marcos desconcertado.

A loira sentou-se ao lado de Bruno e a morena ao lado de Marcos, e passaram a conversar animadamente. O jovem teve que contar como era a noite paulistana e quando afirmou que raramente a saía eles debocharam.

- Rapaz, trabalho sem diversão vai te envelhecer – afirmou Bruno tomando um gole de sua terceira cerveja.

Quase uma hora depois de chegarem ao bar, Marcos percebeu que Bruno ficou tenso olhando para a entrada, preocupado acompanhou seu olhar e para sua surpresa avistou o Doutor Augusto, ele estava em companhia de uma bela mulher loira, que olhou em volta e avistou Bruno.

Com um sorriso ela caminhou com passos rápidos se desviando dos clientes e abraçou Bruno quando esteve levantara para cumprimentá-la.

- Bruno! Não sabia que você viria aqui hoje! – exclamou a mulher.

- Oi – disse Augusto cumprimentando Bruno.

- E aí, firmeza? – respondeu de forma seca – Cristine, esse é meu novo chegado, Doutor Marcos – apresentou com um sorriso.

- Prazer – respondeu Marcos levantando e beijando-a no rosto.

- Prazer, Marcos, que coincidência, meu namorado Augusto também é médico – respondeu apontando para o homem ao seu lado.

- Já nos conhecemos, mundo pequeno não doutor? – disse Augusto com um olhar zombeteiro em direção às mulheres na mesa – Como vai a doutora Sthefany?

- Não faço a mínima ideia – respondeu contraindo o maxilar.

Cristine olhou interrogativamente para Augusto que sorriu e cochichou algo no ouvido dela, que apenas meneou a cabeça concordando.

- Vamos beber alguma coisa, combinamos com um casal de amigos, depois nos vemos – afirmou Cristine e o casal se dirigiu até uma mesa perto do palco onde um casal sentado lhe fazia sinais erguendo os braços.

- Babaca – resmungou Bruno observando-os – Vocês se conhecem? – perguntou curioso voltando-se para Marcos.

- É uma longa história – respondeu tomando um grande gole de cerveja.

- Temos a noite inteira – respondeu rindo Bruno.

Marcos então contou sobre a operação que Augusto realizara no hospital Domênica Xavier e como ele aparentemente flertara com Sthefany. Depois tivera que explicar a relação complicada entre ele e a jovem, mas sem entrar em detalhes.

- Cristine é uma amiga especial, se esse babaca fizer ela sofrer eu vou arrebentar com ele, mas ela tá feliz e é isso que importa, logo depois que ele voltou de viagem começaram a namorar – explicou.

- Também não sei se aconteceu alguma coisa, foi apenas um flerte, se eles tivessem tido algo eu saberia, você não sabe como as fofocas correm dentro de um hospital – respondeu dando de ombros.

- Sei como é, é que nem na polícia, todo mundo sabe quando alguém é corrupto ou viado – disse gargalhando da própria piada.

Após algumas cervejas Marcos precisou ir ao banheiro, além de estar com a bexiga cheia, precisava de um pouco de privacidade, seu pênis estava ardendo, pois a morena sentada ao seu lado, primeiro colocara a mão em sua coxa e depois passara a descaradamente massagear seu membro até que ele ficou ereto, fazendo-a dar um largo sorriso. Constrangido Marcos apenas bebera uma garrafa de “long neck”, enquanto imaginava se a levaria para a cama ou não. Por coincidência encontrou Augusto que estava lavando as mãos.

- E então? Se divertindo no Rio? – perguntou com um sorriso irônico.

- Fazendo estágio em um hospital da zona norte – respondeu de fisionomia amarrada.

- Sei, Sthefany me contou pelo whatsapp que ela iria estagiar no Joan Hopkins.

- Sorte dela – respondeu mal-humorado colocando o pênis para fora, agora

flácido, urinando no bidê. Após terminar foi até a pia lavar a mão, Augusto continuava em uma ao lado, observando-o.

- Algum problema? – perguntou Marcos erguendo uma sobrancelha.

- Nenhum, sei que se conselho fosse bom não se dava, vendia, mas se posso te dar um? De colega para colega, não estrague o que você e Sthefany sentem um pelo outro. Só posso te dizer que eu e ela não tivemos nada, mas percebi que ela é uma mulher incrível e é apaixonada por você, embora talvez nem ela perceba – afirmou e sem esperar resposta deixou o banheiro.

Ao sair do banheiro deu de cara com a morena, que o puxou pela mão até um canto escuro perto da parede dos fundos e tentou beijar-lhe a boca.

- Espera, desculpa, você é uma mulher fenomenal, mas sou comprometido – respondeu constrangido, sentindo-se envergonhado ao mesmo tempo.

- Ah tá de brincadeira? – respondeu ofendida.

- Sinto muito – disse dando de ombros.

A mulher foi até a mesa e cochichou com a loira, que o olhou com curiosidade, quando Marcos se sentou a morena já fora embora.

- Que porra é essa mermão? – perguntou Bruno rindo – Dispensando uma gata daquelas?

- Sou comprometido – respondeu com um sorriso sem graça.

- Que gracinha – suspirou a loira – Um homem fiel. Por que você não é assim Bruno?

- Tá certo então, brindo a isso – disse Bruno estendendo uma garrafa para Marcos e ignorando o comentário da loira.

Eram quase cinco da manhã quando Bruno o deixou no hotel.

A última semana transcorreu em meio a um plantão exaustivo, que terminou na sexta-feira às vinte horas. Doutor Felipe e os demais funcionários agradeceram sua ajuda durante o mês e fizeram uma festinha surpresa com

refrigerante e salgadinhos, que não durou muito, pois uma emergência logo chegou: dois homens discutiram e após trocarem tiros, ambos foram atingidos.

- Não quer que eu ajude? – perguntou Marcos para o diretor.

- Não meu jovem, vá curtir seu último dia, aqui é como um buraco sem fundo, se você ficar nunca vai conseguir sair – disse de forma amistosa empurrando-o para fora.

Nessa noite Bruno o levou até um churrasco de policiais, onde Marcos pode conhecer os parceiros dele, foi uma noite divertida ouvindo os casos policiais enquanto ele contava suas emergências médicas.

Eram quase seis horas da manhã quando Bruno o deixou no hotel, sua partida para São Paulo seria à noite. Trocaram telefone e o carioca o convidara para ficar em sua casa, caso ele voltasse ao Rio de Janeiro.

Até que o inferno tivera seus momentos agradáveis, pensou consigo mesmo, ao menos fizera um bom amigo.

Trabalhara de forma dura, enfrentara a morte em várias ocasiões, às vezes perdia, mas na maioria das vezes vencera. Percebera como a vida humana era frágil e preciosa, em um momento estamos vivos, no seguinte estamos estendidos em uma maca aguardando a hora de ir para o necrotério.

Muitos passavam a vida sem aproveitá-la de verdade, apenas sobrevivendo, e isso ele não queria para si, desejava ser útil e aproveitar a vida em toda sua plenitude.

Percebera que sua insegurança e ciúmes o afastara da única mulher que amara na vida, a distância mostrara para ele como a vida era cinza sem a presença dela ao seu lado, sem ela, sentia que apenas sobrevivia, e não queria isso.

E assim voltou decidido a ter uma conversa definitiva com Sthefany, a ouviria e se desculparia por seus erros.

Sou um idiota, pensou consigo mesmo, enquanto embarcava no avião que o levaria de volta.



Enquanto isso no estado americano de Maryland, Sthefany passou um mês estagiando na administração do hospital Jhons Hopkins. Passava o dia inteiro no setor de administração, o diretor, que era amigo de seu pai, ficara encantado em recebê-la.

Durante a noite ela voltava para o hotel em que estava hospedada. Passava as noites em seu quarto, ou então em jantares organizados pelo diretor do hospital, eventualmente saía com um grupo de médicos residentes para dançar ou ir a bares, mas no fundo estava entediada e triste.

Não gostara da forma que sua estória com Marcos parecia caminhar para o fim. Adorava o médico de paixão, mas sua insegurança o afastara dela. Entendia que ele ficara magoado com a fotografia que fora estampada em uma revista de fofoca, mas ele não lhe dera a chance de se explicar. Agira de forma quase irracional.

Seu pai ao perceber o afastamento não disfarçara a satisfação e a aconselhava a terminar de vez o namoro, alegando que ele não era digno, que ela devia namorar com pessoas de classe e do mesmo nível social.

Mas nas noites solitárias, em que passava rolando de um lado para o outro a cama do hotel, somente desejava estar novamente ao lado dele, de sentir suas mãos e seus lábios percorrendo seu corpo, sentia saudades e se entristecia com isso.

Finalmente o último dia de estágio se encerrou, o diretor oferecera um jantar em sua homenagem e na manhã seguinte ela embarcara de volta para São Paulo.

Sthefany desembarcou no aeroporto internacional de Guarulhos às quinze horas, após passar pela alfândega se dirigiu até o setor de bagagens, quando atravessou o portão que separava os passageiros dos visitantes, olhou em volta, uma infinidade de pessoas aguardavam entes queridos que chegavam de viagem, e quem a aguardaria? Provavelmente os seguranças de seu pai, pensou amargurada enquanto os procurava. Avistou-os à distância, com seus inconfundíveis ternos pretos.

Quando deu dois passos em direção a eles, foi surpreendida por um buquê de rosas vermelhas carregadas por um homem que se colocara à sua frente. Irritada se preparou para afastá-lo, mas então o encarou com perplexidade.

- Marcos...

- Sthefany – murmurou entregando o belo buquê.

- Eu... – começou a jovem indecisa, recebendo o buquê.

- Me desculpe, eu agi como um idiota, me perdoe se a magoei – afirmou com ar triste - Passei pelo inferno nesses últimos trinta dias, somente sua lembrança me ajudou a enfrentá-lo.

Alguns passageiros curiosos pararam para olhar a cena.

- Você foi um idiota – afirmou tentando impedir um sorriso que teimava em aflorar em seus lábios.

- Eu fui, e por isso me penitencio. Ouçam todos! Eu sou um idiota e agora peço desculpas! – falou elevando o tom de voz e causando alguns risos nos passageiros e visitantes que agora em maior número observavam a cena.

Sthefany ficou surpresa, o Marcos que ela conhecia nunca se exporia daquela forma. E ali estava ele, sem se importar com as pessoas em volta.

- Sthefany você me desculpa? Quer voltar a ser minha namorada? – perguntou.

- Sim – respondeu jogando-se nos braços dele beijando-o, enquanto as pessoas em volta aplaudiam e assobiavam.

Capítulo XXI

As semanas passaram e o aniversário de Sthefany chegou. Seu pai fizera questão de dar uma festa, embora a jovem houvesse protestado veementemente, não desejava uma festa, mas no fim chegaram há um meio tempo, ela concordaria com a celebração desde que fosse deixado claro que os presentes para a aniversariante deveriam ser doações à Fundação Domênica Xavier que mantinha algumas clínicas em cidades do interior do nordeste brasileiro.

Com muito custo Sthefany convencera Marcos a comparecer na festa que ocorreria na mansão da família, apesar de seu pai ter demonstrado o desagrado em receber o namorado da filha.

Depois que reataram Avelar interferira mais uma vez nas escalas, tentando afastá-los, mas isso não os impedia de se encontrarem sempre que conseguiam, geralmente nos horários mais inusitados, mas isso apenas reforçava o que sentiam um pelo outro.

Marcos estacionou sua motocicleta na rua, em seguida foi até o portão onde dois guarda-costas mal-encarados o revistaram e analisaram seu convite minuciosamente. Finalmente permitiram sua entrada e o jovem caminhou até a mansão. Uma promoter, elegantemente vestida com um tailleur preto, aguardava na porta ao lado de mais dois seguranças, que novamente examinaram seu convite.

- Bem vindo senhor, a festa é na piscina dos fundos, o acompanharemos - disse fazendo sinal para outra promoter, que gentilmente o conduziu pela mansão até os fundos.

O jovem ficou estático por um momento, observando o local. Um enorme jardim gramado, com diversas árvores e flores, iluminados por lanternas de cores variadas descortinava-se da grande porta dupla de vidro, que dava avesso aos fundos da casa. Havia uma enorme piscina oval no centro do jardim, lanternas japonesas flutuavam nela com pequenas luzes brancas brilhando, contrastando com a cor azul turquesa da iluminação interna dela.

Em volta da piscina estavam dispostas várias mesas de quatro lugares forradas com toalhas brancas, tendo no centro delas pequenos enfeites de flores que lhes davam um ar sofisticado. Cadeiras estofadas estavam disponíveis aos convidados, distribuídos entre as mesas e pequenos grupos que conversavam em pé, servidos por garçons uniformizados que equilibravam bandejas com bebidas e canapés.

No lado norte, em um tablado de madeira, um cantor trajando um smoking branco cantava musicas de Frank Sinatra, acompanhado por uma banda. Na frente, um outro tablado de madeira, um pouco mais baixo, servia como pista de dança, onde alguns casais dançavam.

Marcos ajeitou a gravata do smoking preto que usava, era uma roupa alugada, mas valera a pena, pois a festa era de traje a rigor, os homens usavam smoking e as mulheres vestidos longos.

De repente avistou Sthefany caminhando em sua direção. Ela estava belíssima, seus cabelos loiros caindo por sobre seus seios, seus olhos estavam maquiados e seus lábios vermelhos vivo, da mesma cor de seu vestido, o qual moldava as curvas de seu corpo. Um generoso decote deixava à vista o colo dos seios, onde descasava o pingente preso à correntinha que a presenteara. O decote na parte de trás descia até quase o início das nádegas, da mesma forma que uma fenda do lado direita subia até metade da coxa. A jovem exalava sensualidade e beleza e Marcos ficou-se boquiaberto.

- Oi meu gostoso, você está lindo de smoking - murmurou em seu ouvido, enquanto acariciava seu rosto e depositava um suave beijo em seus lábios.

- Você está magnífica - respondeu sorrindo enquanto beijava o torso da mão dela em um cumprimento à moda antiga, sentindo seu suave perfume.

- Obrigada - respondeu corando enquanto dava o antebraço para Marcos.

Caminharam por entre os convidados. Muitos paravam Sthefany para conversar e parabenizá-la. Ela apresentava-o como seu namorado. Até que chegaram a um pequeno grupo que cercava Avelar.

- Minha princesa! - exclamou Avelar estendendo a mão para a jovem e ignorando Marcos ao seu lado.

- Papai! - respondeu beijando-o no rosto.

- Você conhece o senhor Demétrio? Pai de seu colega Jonatas - disse indicando um homem alto e forte com cerca de sessenta anos. Ao lado dele Jonatas que abriu um sorriso para Sthefany e um olhar gelado para Marcos.

- Muito prazer minha jovem, meu filho fala muito bem de você - disse estendendo a mão para Sthefany cumprimentando-a.

- O prazer é meu - respondeu com um sorriso.

- Você está linda - disse Jonatas cumprimentando-a com um beijo no rosto.

- Esse é Marcos, meu namorado - disse indicando-o para o pai de Jonatas.

- Muito prazer - disse o empresário de forma educada, mas fria.

- Esse é o médico que me causou problemas - afirmou Avelar de forma sarcástica.

- Pai! - exclamou Sthefany.

- Apenas quis cumprir a lei, mas fui impedido - retorquiu Marcos encarando-o.

- Venha, quero te mostrar a casa - disse Sthefany puxando Marcos pela mão, temerosa que ambos comessem a discutir.



Enquanto os jovens se afastavam Avelar os observou, sua filha o apresentara como namorado, era a primeira vez que ela fazia isso, o que significava a seriedade do relacionamento. Preciso achar uma forma de terminar esse namoro de uma vez por todas, pensou consigo mesmo.

Nesse momento um homem se aproximou cumprimentando-o. Era o delegado Bittencourt, chefe da Polícia Civil paulista.

- Doutor Avelar, que bela festa - disse abraçando-o e em seguida sussurrou

- Tenho o dossiê que pediu.

Avelar apresentou o policial para Demétrio e depois o puxou pelo braço.

- Venha, vamos ao meu escritório.

Ao chegarem Bittencourt retirou algumas folhas dobradas de dentro de seu terno e colocou em cima da escrivaninha, enquanto Avelar que servia uísque em dois copos de cristais.

- O rapaz tem ficha limpa, melhor aluno nas escolas que frequentou, se formou com louvor. A mãe sofre de Alzheimer e está internada em uma excelente clínica, graças ao antigo patrão, que pode ser considerado um mentor para ele - começou Bittencourt aceitando o copo que Avelar lhe estendeu.

- Todos temos nossos segredos - disse Avelar tomando um gole enquanto manuseava as folhas.

- É verdade, o irmão dele é envolvido com o tráfico de drogas, suspeito de pelo menos três homicídios, está com mandado de prisão em aberto, mas ele nunca sai da comunidade - explicou Bittencourt - Os detalhes estão no dossiê.

- Mais alguma coisa? - perguntou Avelar.

- Sim, mas ainda estou averiguando - respondeu o policial.

- Muito obrigado meu amigo, sabe que pode contar comigo - disse Avelar.

- Sei disso e estou à disposição - respondeu Bittencourt.

- Agora vamos aproveitar a festa - disse Avelar fazendo um gesto para que o policial o acompanhasse para fora do escritório.



Sthefany levou Marcos para conhecer a mansão, o jovem ficou impressionado, havia vários aposentos, inclusive uma galeria de arte com esculturas e quadros que deveriam valer uma pequena fortuna.

Minutos depois que Avelar saiu do escritório eles entraram. Havia estantes

repletas de livros, alguns eram primeiras edições raras.

Enquanto ele passava os olhos pelos livros, Sthefany passou a chave na porta trancando o escritório por dentro. Com um sorriso nos lábios ela caminhou até Marcos abraçando-o por trás.

- Você está muito sexy, e estou excitada - murmurou no ouvido dele fazendo-o corar.

Marcos se virou encarando os olhos de Sthefany. Ela exalava sensualidade, seus lábios rubros, seus cílios longos, seu perfume almiscarado, tudo nela o fazia perder o controle, para alguém que passara a vida se controlando estar ao lado dela era como viver em uma montanha russa de emoções.

Sthefany entreabriu os lábios enquanto enlaçava-o pelo pescoço, convidando-o a beijá-la. Ele não resistiu e beijou-a com sofreguidão, puxando-a pela cintura, apertando o corpo dela de encontro ao seu.

Ela retribuiu ao beijo sentindo o membro ereto dele a pressionando. Não mentira, sempre que se encontrava com ele ficava excitada, sempre apreciara fazer sexo, tivera vários amantes, alguns bem experientes, mas nenhum a fazia se sentir da forma que se sentia na presença dele.

Ainda com os lábios colados em um longo beijo, Sthefany deu alguns passos para trás puxando-o, até que sentiu a grande escrivaninha de madeira nobre atrás de si.

Com um sorriso dançando nos lábios ela deitou na mesa entreabrindo as pernas para que ele se encaixasse, ao mesmo tempo puxou seu vestido para cima deixando à mostra as meias sete oitavos que envolviam suas pernas, e nada mais.

Marcos surpreendeu-se, Sthefany estava sem calcinha, seus pelos pubianos formando uma linha simétrica perfeita.

- Você não existe - disse com voz rouca, enquanto lutava para manter seus instintos sob controle.

- Vem, me fode com força, quero você aqui e agora! - ordenou erguendo-se e desfivelando o cinto da calça de Marcos, abaixando sua cueca.

Com satisfação Sthefany observou o membro duro que pulsava, novamente ela deitou na mesa estendendo os braços para trás enquanto que, com as pernas, puxava-o para si cruzando-as em volta da cintura dele. Com um suspiro e um gemido ela sentiu Marcos penetrando-a lentamente, preenchendo-a completamente de uma forma dolorosamente prazerosa.

Marcos sentiu seu pênis deslizar no interior quente e molhado de Sthefany até o fim. Por um momento ele ficou imóvel sentindo-a contrair os músculos internos, apertando-o de uma forma que quase o fez ter um orgasmo.

- Vem, mete com força - ordenou novamente Sthefany com voz rouca.

Segurando a cintura dela começou a penetra-la lentamente.

- Me come gostoso, com força – sussurrou com voz rouca, excitando ainda mais ele.

Encarando os olhos semicerrados e os lábios entreabertos de Sthefany, ele perdeu os últimos resquícios de controle e aumentou o ritmo das estocadas penetrando fundo e com força.

- Isso, assim, vai, me faz gozar - murmurou Sthefany enquanto apertava com força as laterais da mesa e travava suas pernas em volta da cintura dele.

O movimento da penetração, forte e profunda a fazia gemer alto, obrigando-a a morder os lábios para não gritar de prazer. Quando Marcos usou uma das mãos para apertar seus seios e a outra para friccionar seu clitóris, ela não aguentou e teve um orgasmo prolongado, seus músculos em espasmos violentos de prazer, enquanto ele continuava penetrando-a com força.

- Goza dentro de mim! - quase gritou, ensandecida pelo desejo e pelo fogo que a consumia.

- Deus! Vou gozar! - exclamou entre dentes Marcos, penetrando-a com força e velocidade, até que explodiu em um clímax prolongado no interior dela, caindo então por cima de seu corpo, sua cabeça descansando em seus seios.

Ficaram imóveis por alguns minutos esperando seus corações diminuírem o ritmo. Até que Marcos se ergueu constrangido.

- Tem lenço umedecido aqui na mesa - disse sorrindo Sthefany enquanto se levantava e abria uma gaveta de onde retirou uma caixinha de lenços descartáveis.

Com um sorriso maroto ela tirou dois e, gentilmente passou no pênis de Marcos limpando-o, ao final deu um beijo na glândula dele.

- Você é louca sabia? - perguntou Marcos enquanto a observava se limpando, ao mesmo tempo em que vestia sua cueca e calça.

- Você não gosta? - perguntou com um sorriso.

- Adoro - respondeu.

- Que bom, vamos voltar pra festa antes que meu pai venha nos procurar. Se ele nos visse teria um infarto - sugeriu a jovem ajeitando o vestido e puxando Marcos pela mão para fora do escritório e em direção ao jardim.

Ao chegarem perceberam que a festa estava animada grupos de convidados conversavam e riam. Marcos percebeu que Avelar o encarava de longe, mas nesse momento Sthefany o puxou pela mão até a pista de dança, no exato momento em que a banda começava a tocar uma música de Frank Sinatra.

"I love you - I love you

Is all - that I can say

I love - I love you

The same old words - I'm saying in the same old way

(Little girl I love you - can't you see I love you)

(I love you - can't you see I love you)

I love you - I love you

Three words - that are divine

And now, my dear - I'm waiting (begging) to hear

The words - that (will) make you mine

Eu te amo – eu te amo

É tudo que eu posso dizer

Eu amo – eu amo você

As mesmas velhas palavras – estou dizendo do mesmo velho jeito

(Garota, eu te amo – não consegue ver que eu te amo).

(Eu te amo – não consegue ver que eu te amo)

Eu te amo – eu te amo

Três palavras que são celestiais

E agora, minha querida – eu estou esperando (implorando) ouvir.

As palavras que farão você minha”.

Ao término da música Marcos abaixou Sthefany segurando-a pela cintura com um braço, enquanto que com a outra mão segurava a mão dela de encontro a seu peito. Com um sorriso ela abaixou a cabeça fazendo seus cabelos quase tocarem o solo, deixando a mostra o colo dos seios. Resistindo à vontade de beijar o local, ele a ergueu novamente colando seu corpo ao dela, seus lábios quase se roçando com a proximidade, seus olhos se encarando mutuamente.

- And now, my dear - I'm waiting (begging) to hear the words - that (will) make you mine...- cantarolou o refrão da música enquanto a observava corar.

Sthefany sentiu o coração disparar, estaria Marcos dizendo que a amava? Depois que ele se declarara nas dunas de Dubai, e ela ficara sem reação, ele nunca mais repetira a frase, nem tocara no assunto. Às vezes se pegava desejando ouvir novamente dos lábios dele aquelas palavras. Mas ele a levantou e levou-a para fora da pista de dança.

A noite transcorreu tranquila, ela mantinha Marcos longe de seu pai. Tarde da noite, a banda tocou o inconfundível "parabens para você", constrangendo-a,

seguido de alguns dicrusos.

Quando o alvorecer se aproximou despediu-se de Marcos na porta da mansão.

- Me liga mais tarde? - perguntou murmurando no ouvido dele, roçando seus lábios em seu pescoço.

- Ligo - respondeu sorrindo – Ah, antes que eu me esqueça, isso é para você – afirmou retirando uma pequena caixinha de veludo preto do bolso interno do skooking.

Sthefany abriu animada, no interior havia um par de pequenos brincos de ouro.

- São lindos – murmurou beijando-o novamente.

- É só uma lembrança – respondeu dando de ombros, mas com um sorriso largo de felicidade.

- Adorei – murmurou e beijaram-se novamente.

Quando entrou na mansão seu pai a aguardava.

- Boa noite papai - disse fazendo menção de subir para seu quarto.

- Poderia falar com você um minuto? - perguntou Avelar convidando-a para segui-lo até a biblioteca.

Sthefany estava cansada, mas mesmo assim seguiu seu pai, ao entrar na biblioteca sorriu ao se recordar do sexo que fizera horas antes naquele aposento. Avelar sentou na poltrona encarando a filha.

- O que você tem com esse rapaz? - perguntou de forma incisiva.

- Estamos juntos pai, já disse que somos namorados, por quê? - respondeu sustentando o olhar carrancudo de seu pai.

- Não creio que ele seja ideal para você - afirmou tomando um gole de seu uísque após se servir de uma garrafa em cima de um aparador.

- Pai! - exclamou indignada.

- Minha filha você é meu maior tesouro, acha que vou deixar algum aproveitador se aproximar de você sem investiga-lo? - pergunto empurrando o dossiê em direção à filha.

- O que é isso? - perguntou irritada enquanto folheava os papéis.

- Seu namorado, além de morar em uma favela, tem um irmão suspeito de homicídio e tráfico - respondeu.

- Eu sei disso e tenho certeza de que Marcos não está envolvido com o irmão - respondeu empurrando a pasta de volta, tentando não demonstrar a surpresa com a acusação de homicídio.

- Quero que você termine esse namoro - afirmou elevando a voz.

- Não pai! Não vou terminar o namoro, eu gosto dele! - exclamou e virou-se saindo da biblioteca irritada.

- Quando a residência dele terminar não quero mais saber dele em meu hospital! - disse elevando a voz enquanto observava sua filha batendo a porta da biblioteca com força.

Avelar afundou na poltrona engolindo todo o uísque de uma só vez. Maldito favelado! Se ele pensa que vai dar um golpe em minha filha está enganado, vou acabar com ele antes, pensou irritado.

Ele não conquistara um Império sem sujar as mãos. Já destruíra muitos homens durante a vida, mas nunca fora pessoal, apenas negócios, entretanto, com aquele medicozinho de merda seria algo pessoal, ele ousara desafiá-lo e vinha colocando sua adorada filha contra ele.

Sabia que errara em manipular a imprensa pensando que algumas fotografias fariam o médico se afastar, se quisesse acabar com aquele romance teria que usar de meios mais drásticos.

Capítulo XXII

Meses depois da festa na mansão de Avelar, Rafael estava em sua fortaleza, uma casa de alvenaria no topo de uma ladeira. Era a mesma casa que pertencera ao finado "Fininho", e quando ele morrera e Rafael assumira o comando do tráfico a casa passara a lhe pertencer.

Ele a decorara de forma espalhafatosa, mandara os melhores grafiteiros desenharem nas paredes temas ligados à comunidade. Instalara um equipamento potente de som e uma televisão de sessenta polegadas, além de outras comodidades modernas.

Eram quase cinco horas e agora observava seus quatro companheiros, que moravam em quartos na casa e serviam como guarda-costas, estavam contando o dinheiro da venda de entorpecentes da noite, os “donos” das várias biqueiras estavam enviando porcentagem das vendas para ele, que separaria uma parte para enviar ao “partido” e a outra ficaria para si.

Considerava que vencera na vida, se tornara o chefe do tráfico na comunidade, sua palavra era lei, somente respondia aos líderes da facção criminosa que estavam espalhados em presídios de segurança máxima.

Sabia que sua mãe, se ela recuperasse a memória, não se orgulharia dele. Ele mesmo às vezes não se sentia orgulhoso, ingressara no mundo do crime quando ainda era criança.

Começara como "olheiro", vigiando as entradas da comunidade, depois fora promovido para "aviãozinho", encarregado de levar recados. Em seguida virou "vapor", vendendo drogas nas "biqueiras".

Mas ele era esperto, estudara e aprendera a ler, escrever e fazer contas e logo se tornara dono de biqueira, sua inteligência o fizera galgar a intrincada hierarquia do crime.

Se tornara chefe, era impiedoso e quando necessário cruel, sabia que seu

irmão Marcos desaprovava sua atividade, mas fora a vida que escolhera.

Amava o irmão, sentia orgulho dele, sempre fora inteligente e esforçado e se formara médico com louvor. Tentara ajuda-lo com dinheiro, mas ele era orgulhoso como a mãe de ambos, e nunca aceirara, sabendo que o dinheiro provinha do tráfico de drogas.

Secretamente Rafael ajudava a clínica comunitária, no começo enviara seus comandados feridos, mas Marcos, após socorre-los, denunciava-os à polícia. Assim, Rafael passara a sequestrar seu irmão levando-o até o local onde o ferido se encontrava, mesmo ele protestando, ou então o fazia atender na clínica e tão logo terminava levava embora o paciente.

Desde a infância fazia qualquer coisa para protegê-lo, apesar de inteligente ele era ingênuo, não entendia as relações de poder que corriam entre o submundo do crime e a sociedade. Os ricos não eram melhores que os pobres, apenas seus crimes eram mais sofisticados, e prejudicavam muito mais pessoas. Rafael tinha uma lista de clientes da alta sociedade que compravam mercadoria "da boa", em um esquema que ele batizou com sarcasmo de "disk drogas".

Sabia que não era santo, desde que entrara no crime fizera muitas coisas questionáveis, espancara e depois mandara espancar clientes devedores, vencera lutas internas pelo poder, assassinara três rivais e mandara matar ao menos mais dois. Não sentia orgulho do que fizera, mas considerava como algo necessário.

Sua única preocupação era Marcos descobrir a totalidade de seus crimes, o que ele diria se soubesse que seu irmão mais velho era um assassino? Não aguentaria o desprezo dele. Sua mãe, infelizmente estava perdida em uma mente destruída, seu pai estava longe, somente sobrara seu irmão, a única pessoa em quem confiava.

De repente o celular tocou retirando-o de seus pensamentos. Olhou o número e percebeu que era seu irmão ligando.

- Fala brother!

- Rafael Silva? – perguntou uma voz masculina com forte sotaque nordestino.

- Quem quer saber, porra? – perguntou desconfiado, aquela não era a voz

de seu irmão.

- Desculpa ligar, eu tava na rua e vi um rapaz sofrer um acidente de moto, ele tá inconsciente, chamamo o SAMU, mas eles não chegaram por isso resolvemo pegar o celular pra ligar pra alguém, tinha seu nome e a palavra irmão – respondeu a voz.

- Caralho, é meu irmão, porra. Onde cê tá? – perguntou se levantando e fazendo sinal para seus “soldados”.

- Óia, tamó perto da clínica comunitária da favela de Paraisópolis – respondeu.

- Cacete, eu tou na favela, tou indo aí, como ele tá? – perguntou preocupado.

- Num sei, parece mal, tá sangrando pelo nariz.

- Tou indo aí! – disse desligando o celular – Bora rapaziada, meu irmão sofreu um acidente! – ordenou seguindo em direção à porta.

- Porra patrão? – perguntou um jovem negro de cerca de vinte anos, levantando-se e pegando um fuzil que estava apoiado na parede.

- Bora pra clínica, porra! – ordenou descendo a escada correndo, sendo seguido pelos quatro jovens armados.

Na rua, entraram em um sedan preto importado, o veículo era blindado e possuía os vidros escuros.

Um dos jovens conduziu o carro em alta velocidade pelas ruelas da comunidade, enquanto Rafael tentava ligar para um médico que atendia na clínica, mas o telefone somente acusava fora do ar.

- Caralho, porra, acelera essa merda! – rosnou batendo com a mão no painel do veículo.

Em poucos minutos chegaram à pequena praça em que a clínica estava localizada.

- Ali, patrão! – disse o motorista apontando com uma das mãos uma motocicleta caída ao solo.

- Porra, as luzes tão tudo apagada – disse outro jovem no banco de trás, referindo-se aos postes de iluminação que estavam apagados.

Com uma freada brusca o veículo parou ao lado da motocicleta, Rafael saltou do carro seguido de seus “soldados”, mas ao se aproximar ficou surpreso.

- Porra, mas que merda!? Cadê meu irmão? – perguntou para si mesmo em voz alta.

A motocicleta estava caída na rua, não havia ninguém nas imediações, somente alguns carros parados na rua.

- Peraí, essa moto não é do Marcos...

Capítulo XXIII

Os meses passaram rápidos após a festa na mansão, apesar da escala incompatível, Marcos e Sthefany faziam de tudo para estarem juntos. No dia dos namorados conseguiram se encontrar apenas durante a madrugada, mas aproveitaram para observarem o sol nascer do heliporto do hospital.

O inverno passou e deu lugar à primavera.

Marcos finalmente conseguira uma folga de dois dias, estava animado, pronto para sair, teria um fim de semana inteiro de folga e planejava passá-lo em uma pousada na cidade de Ubatuba.

Sua especialização estava prestes a terminar, em dois meses seria um traumatologista, enviara alguns currículos para os hospitais mais conceituados do eixo Rio-São Paulo-Brasília e haviam agendado entrevistas para a primeira semana após a residência. O velho Avelar parecia tê-lo esquecido.

Trancou a porta e desceu a escada assobiando, eram seis horas e trinta da manhã e combinara buscar Sthefany às sete horas. Se atrasara, perdera um bom tempo procurando pelo celular privado, já que o outro celular, era um cedido pelo hospital, que funcionava também como “bip”.

Recordava-se que estava com ele quando chegara em casa na noite anterior, mas não o encontrara de manhã, podia jurar que o deixara no criado mudo ao lado da cama, onde sempre o deixava, mas chegara tão cansado que não podia ter certeza.

Intrigado ligou para o número do celular utilizando o aparelho do hospital, mas a chamada acusara fora de área. Ligou na operadora e o bloqueou, por sorte ele duplicara seus contatos no telefone do hospital.

Decidiu que não se preocuparia com isso, queria ter um final de semana de paz, até mesmo concordara, após insistência de Sthefany, de viajarem em seu conversível vermelho, ele deixaria sua motocicleta na casa do velho Avelar,

gostaria de ver a cara dele quando visse sua moto velha ao lado de seus carros importados.

Ao ganhar a rua foi surpreendido por dois jovens armados de fuzis. Vestiam bermudas e camisetas folgadas. Marcos percebeu que tinham pistolas na cintura e rádios comunicadores nos bolsos.

- Aí dotô, cê tem que vir com a gente, tá ligado? - disse o mais velho, um rapaz negro com cabelos pintados de loiro que não devia ter mais de vinte anos.

- Por quê? - perguntou Marcos sem sentir medo. Na comunidade todos sabiam que ele não era envolvido no crime, apesar de seu irmão ser o chefe do tráfico.

- Porra, discute não mermão, bora lá - disse o mais jovem, apontando a boca do fuzil na direção de Marcos.

- Calma aí caralho, ele é irmão do patrão, porra - disse o mais velho abaixando o cano da arma.

- Ok vamos logo - disse Marcos suspirando. Seu irmão o faria se atrasar.

Marcos subiu no banco da moto do rapaz mais velho e logo corriam pelas ruas em alta velocidade até a residência onde Rafael comandava o tráfico.

Quatro jovens guardavam o local, pareciam nervosos, mas deixaram Marcos subir. Ao chegar à sala ficou estarecido. Seu irmão estava estendido no sofá, a camisa manchada de sangue e várias bandagens cobrindo seu peito.

- Porra, que aconteceu? - perguntou se aproximando do irmão que estava com os olhos fechados.

- Ontem a noite os “mike”^[36] armaram uma e tentaram prender o patrão, mas ele trocou tiros e escapou - disse um rapaz de cerca de vinte e cinco anos que reconheceu como sendo o segundo em comando de seu irmão.

Marcos examinou rapidamente o irmão, retirando as bandagens. Havia três orifícios no tórax, provavelmente provocadas por arma de fogo. Ele perdera muito sangue e precisava de uma intervenção médica urgente.

- Ele tem que ir pro hospital agora! - ordenou.

- Tamu com um carro aí fora, só dizer pra onde - disse o mais velho.

Marcos pensou por um segundo, só havia um local excelente suficiente onde seu irmão poderia ter uma chance.

- Sabe onde é o hospital Domênica Xavier? - perguntou.

Um dos jovens concordou com a cabeça.

- Então vamos!

Enquanto desciam a escada ligou para o hospital e se identificou pedindo que preparassem uma sala de cirurgia. A atendente solicita pediu os dados do paciente, tipo sanguíneo e outras informações médicas, enquanto os jovens colocavam seu irmão em um veículo sedan. Marcos acomodou-se no banco de trás enquanto pressionava uma camisa contra o ferimento no peito de Rafael, que respirava com dificuldade.

No meio do percurso seu celular tocou e Marcos percebeu que era da emergência do hospital.

- Doutor Marcos - identificou-se atendendo o celular com uma das mãos, enquanto que com a outra continuava pressionando o tecido, agora encharcado de sangue.

- Doutor, aqui é da emergência, o senhor não foi autorizado a trazer esse paciente para cá, deve procurar outro local - informou uma voz fria do outro lado da linha.

- Por ordem de quem? Você não entende, eu trabalho nesse hospital!

- Sinto muito, são ordens da diretoria - respondeu a voz desligando.

Avelar! Pensou sentindo a ira crescer em seu peito.

- Mudança de planos, toca pro Hospital Geral Estadual - ordenou.

- Cê que manda chefia, mas é mais longe - respondeu o motorista fazendo

uma curva súbita, disparando em uma avenida na saída da comunidade.

- Então acelera! - ordenou, torcendo para que não fosse tarde o suficiente para salvar seu irmão.

Chegaram ao hospital e após os jovens ajudarem a descer Rafael voltaram para o veículo e aceleraram em alta velocidade, abandonando o local.

- Uma maca! - gritou para o segurança que o observava com olhar atônito.

Um enfermeiro saiu correndo empurrando uma maca e com a ajuda do segurança colocou Rafael nela.

- Ele foi baleado e precisa de cirurgia! - ordenou Marcos tentando sentir o batimento cardíaco de seu irmão.

- Olha, o cirurgião ainda não chegou - afirmou constrangido o enfermeiro.

- Eu sou cirurgião e ele é meu irmão, se precisar eu opero - rosnou enquanto empurravam a maca para o pronto socorro.

Um médico e uma enfermeira correram até eles

- O aconteceu? - perguntou o médico, um homem de meia idade com fisionomia cansada.

- Trauma causado por perfuração de arma de fogo, perdeu sangue, precisa de plasma e sangue A-, precisa de cirurgia urgente - respondeu maquinalmente Marcos.

- E quem é você? - perguntou o médico analisando-o.

- Sou o Doutor Marcos, traumatologista, e ele é meu irmão - respondeu fixando seu olhar no do médico e retirando de dentro da carteira seu registro médico.

- Nosso cirurgião não chegou ainda, posso tentar estabiliza-lo e transferi-lo para outro hospital - argumentou examinando o registro.

- Não doutor, ele não resistiria, eu opero ele, só preciso de uma sala e uma equipe - afirmou começando a se preocupar.

- É contra as normas... respondeu o médico indeciso, devolvendo o registro.

- Ele vai morrer e a culpa será de vocês! O doutor pode me assistir, eu assumo total responsabilidade! - exclamou com olhar desesperado.

O médico observou o paciente, seu estado era gravíssimo, depois fixou seu olhar no jovem à sua frente.

- Está bem! Enfermeira leve ele pra sala de cirurgia - ordenou - Vamos lá doutor Marcos, vamos tentar salvar seu irmão.

Correram até a sala de cirurgia e após vestirem aventais, luvas e toucas cirúrgicas adentraram na sala.

Marcos ficou decepcionado, a sala em nada se comparava com as modernas alas cirúrgicas do hospital Domênica Xavier, mas ele fora um dos melhores alunos da faculdade de medicina e iria se formar com louvor em sua especialização, se alguém tinha chance de salvar seu irmão era ele.

- Lâmina dez - ordenou com voz firme.

A enfermeira entregou-lhe o bisturi e Marcos encostou a lâmina no peito de seu irmão, afastando tudo da mente ele se concentrou em apenas um objetivo, salvar a vida de seu irmão.

A cirurgia durou três horas, Marcos extraiu três projéteis do interior do tórax de seu irmão e conseguiu conter a hemorragia que podia levá-lo à óbito.

Finalmente ele suturou o tórax de Rafael, que foi levado para a UTI.

- Foi um prazer assisti-lo meu jovem, nunca vi tamanha habilidade - afirmou o médico.

- Obrigado doutor....

- Felipe, sou clínico geral e também diretor aqui do hospital.

- Obrigado Doutor Felipe, não sei como agradecer.

- Não agradeça ainda, o estado de seu irmão é gravíssimo e nossa UTI não possui necessário, sinto lhe dizer, mas tenho que comunicar a polícia sobre a entrada de um baleado.

- Claro doutor, darei todas as informações sobre meu irmão - respondeu Marcos enquanto retirava a roupa cirúrgica.

- Antes de ir me procure. Agora com licença - disse Felipe saindo da sala de cirurgia.

Marcos foi até a UTI, realmente as condições eram precárias como em qualquer hospital público. Enquanto observava seu irmão pegou seu celular, havia inúmeras chamadas e mensagens de Sthefany que estava preocupada. Discando o número dela aguardou, até que ouviu a voz melodiosa de sua namorada.

- Marcos? O que aconteceu?

- Desculpe, estava saindo pra te encontrar, mas meu irmão foi baleado e tive que socorrer-lo - explicou.

- Meu Deus! Como ele está? Você está no hospital? - perguntou Sthefany referindo-se ao Domênica Xavier.

- Não, estou em um hospital público, não me autorizaram levar meu irmão ao Domênica - respondeu contraindo o maxilar.

- Que absurdo, falarei com meu pai! Eu vou até aí - afirmou.

- Não, não precisa vir, mas se você puder falar com seu pai eu agradeço - disse Marcos odiando-se por ter que se humilhar, pois tinha certeza de que fora Avelar que impedira seu irmão de dar entrada no hospital, mas a vida de seu irmão valia mais que seu orgulho ferido.

- Está bem, falarei com papai, se precisar de qualquer coisa me ligue. Beijos - despediu-se Sthefany.

Marcos procurou o Doutor Felipe e constrangido observou dois policiais

militares com ele.

Após as apresentações, um sargento pediu informações sobre Rafael, resignado Marcos explicou o que acontecera e ficou surpreso quando o outro policial, após fazer uma consulta via rádio, informou que seu irmão possuía um mandado de prisão contra si pelo crime de homicídio.

- Ele ficará sob escolta - avisou o sargento.

Depois que os policiais saíram, Doutor Felipe ofereceu uma cadeira para que Marcos sentasse.

- Sinto muito - disse Felipe.

- Não se preocupe doutor, meu irmão escolheu esse caminho - respondeu com um gesto cansado.

- Bem, ainda recomendo uma transferência para um hospital particular.

- Estou providenciando - respondeu - E agradeço por tudo.

- Sem problemas - disse o médico.

Após se despedirem, Marcos se dirigiu até uma lanchonete em frente ao hospital, onde pediu um lanche, estava faminto, não comia nada desde que fora abordado pelos parceiros de seu irmão. Enquanto comia percebeu que três viaturas chegaram ao local.

Nesse momento seu celular tocou.

- Sim?

- Doutor Marcos, aqui é da residência do Doutor Avelar ele o convidou para vir até aqui para conversar – disse uma voz com sotaque inglês, que ele reconheceu como sendo do mordomo da mansão de Sthefany.

- Agora?

- Se possível - respondeu a voz de forma impassível.

- Estou indo - afirmou procurando um ponto de táxi enquanto pagava a

conta.

Uma hora e meia depois, ele chegava à mansão. O mordomo deixou-o entrar e o levou até a biblioteca. Avelar estava sentado em uma poltrona de couro, em sua mão direita um charuto ardia, na outra um copo pequeno onde havia um líquido âmbar.

- Aceita um uísque?

- Não, obrigado - respondeu secamente.

- Me informaram de que você tentou internar um marginal no meu hospital - disse com um sorriso irônico.

- Ele é meu irmão, mesmo estando à margem da lei.

- É muita ousadia sua, meu hospital é um lugar de classe que atende uma clientela privilegiada, o que eles pensariam se soubessem que um bandido procurado estava internado lá? Ou mesmo que um de nossos residentes é irmão dele? - perguntou com sarcasmo.

- Eu não vim aqui para ser ofendido - levantou-se indignado fechando os dedos.

- Você é bem orgulhoso para quem precisa de ajuda e mora em uma favela - rosnou Avelar de volta, àquele jovem tinha o dom de enervá-lo.

- O que você quer?

- Fazer uma proposta - respondeu em um tom mais ameno.

- Estou ouvindo.

- Aceito seu irmão em meu hospital, desde que você se afaste de minha filha - afirmou com tom suave.

- Como você ousa! Você deve achar que é Deus pra controlar a vida dos outros! - rosnou indignado - Amo sua filha, nunca a deixarei, fique com seu maldito hospital, eu mesmo farei de tudo por meu irmão.

- Seu favelado - gritou jogando o copo na direção de Marcos que se abaixou.

Avelar avançou como um touro enfurecido desferindo uma sequência de socos, Marcos se desviou de alguns e se defendeu de outros, mas um chute desferido por seu adversário o atingiu no lado interno da coxa desequilibrando-o.

O empresário aproveitou e acertou um soco no rosto de Marcos que, apesar de ter se desviado, sentiu o impacto em seu nariz que começou a sangrar.

Com um movimento rápido ergueu-se e atingiu um soco contra o queixo de Avelar, fazendo-o cambalear para trás caindo sobre a escrivaninha e derrubando um abajur com um estrondo no chão.

Marcos avançou com os punhos cerrados, nesse momento Sthefany entrou na biblioteca.

- Pai!? Marcos!? O que está acontecendo? - perguntou correndo até o pai.

- Ele me atacou de graça, somente por que ocorreu um engano na admissão do irmão dele! Eu jamais impediria o socorro do parente de um dos funcionário!

- Maldito mentiroso! - exclamou irritado Marcos.

- Vá embora Marcos! Agora! - pediu Sthefany com lágrimas nos olhos.

- Você não vai acreditar nele vai?

- Por favor! Vá Embora! Depois a gente conversa!

Marcos ficou indeciso, percebia a dúvida nos olhos de Sthefany e isso o magoava mais do que tudo.

Irritado virou as costas e saiu, precisava voltar ao hospital para ver seu irmão.

Capítulo XXIV

Marcos chegou ao hospital, mas as notícias não era animadoras, o estado de seu irmão era gravíssimo, perdera muito sangue, mas estava consciente.

Os policiais o deixaram entrar após se identificar como médico.

O quarto estava na penumbra, apenas as luzes dos monitores cardíacos e de respiração artificial piscavam.

Aproximou-se lentamente da cama.

- Marcos? - sussurrou com voz fraca Rafael.

- Poupe suas forças - respondeu.

- Ontem, alguém armou pra mim, usaram seu celular pra me ligar – disse com voz entrecortada.

- O quê? – perguntou confuso, sem entender.

- Me desculpe por decepciona-lo mano.

- Shhn cala essa boca e descansa - respondeu sentindo um nó na garganta, queria perguntar o que acontecera, mas não era o momento.

- Preciso falar, sempre me orgulhei de você - disse e arquejou buscando respirar fundo - Papai também tem orgulho...

Pai? Marcos nunca soubera quem era o pai, por que Rafael dissera isso?

- Mesmo mamãe não querendo, eu descobri onde tava nosso pai, ele não nos deixou, ele foi preso...

- Cala boca - ordenou preocupado percebendo que o ritmo cardíaco aumentara.

- Vai à merda! - disse com um sorriso feroz apesar da palidez - Mamãe mentiu! Nosso pai chama Maurício Pereira, ele tá preso em Guarulhos por 121.

Marcos ficou estático, 121 era uma referência ao artigo do Código Penal que tratava do crime de homicídio.

- Prometa que vai ver o velho - pediu Rafael tentando erguer a mão que estava algemada à cama.

Os alarmes dos monitores começaram a apitar.

- Prometa! - pediu Rafael com lágrimas nos olhos e voz fraca.

- Prometo porra, mas cala a boca!

Os alarmes passaram a apitar loucamente enquanto Rafael revirava os olhos.

- Enfermeira! - gritou Marcos enquanto apertava o botão de emergência.

O monitor cardíaco apitou mostrando que o coração de seu irmão parara. Marcos passou a massageá-lo, nesse momento duas enfermeiras entraram correndo.

- Parada cardíaca! Peguem o ressuscitador!

As enfermeiras pegaram o equipamento e após colocarem os eletrodos no peito de Rafael passaram as manoplas para Marcos.

- Afastem-se! - ordenou e aplicou um choque, fazendo o corpo de seu irmão dar um pequeno salto na cama - De novo!

Após duas tentativas o ritmo cardíaco voltou de forma errática.

- Ele está com hemorragia interna - concluiu observando as bandagens manchadas de sangue - Precisa ir pra cirurgia, agora!

- Não temos cirurgião no momento - disse uma das enfermeiras.

- Eu opero! Você! - ordenou para um policial que observava atônito - Retire as algemas agora!

Com ordens rápidas e precisas, Marcos seguiu com o irmão até uma sala de cirurgia, onde duas outras enfermeiras e um anestesista aguardavam.

Imediatamente após colocar luvas e máscara cirúrgica ele retirou as bandagens de seu irmão.

- Lâmina dez - ordenou e uma enfermeira lhe entregou um bisturi.

Com um movimento rápido abriu a incisão da operação anterior.

- Afastadores - ordenou e outra enfermeira colocou o instrumento que manteria o corte aberto.

O que viu o deixou chocado, os pontos romperam e sangue inundava o tórax de seu irmão.

Com movimentos precisos começou a suturar novamente os órgãos de Rafael.

- Sucção! - ordenou. Deus! Quanto sangue, pensou consigo mesmo.

O alarme cardíaco disparou novamente.

- Cinco ml de noradrenalina! - ordenou fechando mais um vaso.

- Pronto doutor! - disse uma enfermeira, no mesmo instante em o alarme diminuiu de intensidade.

Por um segundo Marcos respirou aliviado, mas de repente um grande vaso se rompeu e o alarme disparou novamente.

- Merda! Merda! - gritou retirando as mãos manchadas de sangue do corpo de seu irmão - Ressuscitador agora!

Uma enfermeira colocou as hastes no coração de Rafael.

- Agora! - ordenou Marcos e uma carga foi disparada.

- Nada! - avisou uma enfermeira olhando o monitor cardíaco.

- De novo! - ordenou, e uma nova carga foi disparada.

O sangue começou a jorrar com mais intensidade dos ferimentos.

- Deus não! - murmurou Marcos para si mesmo, enquanto tentava suturar um dos ferimentos, quando conseguiu ordenou novamente - De novo!

Uma nova carga foi disparada depois que Marcos retirou as mãos.

- Sem sinal - avisou a enfermeira com voz impassível.

- Merda! Merda! - exasperou-se, massageando o coração do irmão com uma das mãos.

- Sinto muito doutor - disse uma das enfermeiras.

- Porra! Puta que pariu - extravasou retirando as luvas e jogando-as no chão.

- Hora do óbito, 15h47min. - disse a enfermeira encarregada do monitor.

Marcos apoiou-se na mesa de cirurgia observando o irmão morto, ele poderia ter sido um criminoso, mas era seu único irmão, agora estava sozinho.

Após os procedimentos de encerramento, as enfermeiras levaram o corpo de Rafael para o necrotério do hospital.

Marcos saiu da sala e encontrou o Doutor Felipe.

- Sinto muito meu jovem, se precisar de algo é só pedir - disse apertando seu ombro.

- Obrigado Doutor - respondeu desanimado, agora ele teria que tratar da papelada para liberar o corpo de seu irmão.

Quando dera meia noite, finalmente o corpo foi liberado. Marcos acertara com uma funerária para levar seu irmão a um cemitério em uma cidade vizinha, onde seria enterrado às dez horas da manhã.

Estava cansado e desanimado, permitiram que ele usasse o vestiário dos médicos onde tomara um banho, mas vestira as mesmas roupas que colocara de manhã.

Como podia? Era para ele estar na praia com Sthefany, mas agora se preparava para enterrar o irmão.

Lutando contra o sono chegou em casa de madrugada e tentou dormir. Antes de deitar olhou o celular, havia ligações perdidas e mensagens de Sthefany, mas não desejava falar com ela. Como ela pôde acreditar na mentira que Avelar contara?

De repente se recordou das palavras de seu irmão, haviam utilizado seu celular para ligar para ele, seria coincidência seu aparelho privado ter sumido?

Mas estava tão cansado que acabou dormindo, um sono repleto de pesadelos. Acordou às oito horas com batidas na porta do apartamento. Ao atender se deparou com um dos homens de seu irmão, que queria saber como ele estava.

Rapidamente Marcos contou que ele morrera.

- Porra doc, que merda, o patrão era nota dez, vamu senti muito a falta dele.

- Obrigado, me conte o que aconteceu – pediu.

- Cario, távamos contando o dinheiro da noite, o telefone do patrão tocou e ele atendeu, depois disse que você tinha sofrido um acidente e era pra gente ir até a clínica comunitária – começou o rapaz – Chegamu lá, tinha uma moto caída e descemo do carro, porra, não tinha ninguém machucado, de repente um monte de “mike” a paisana saiu de uns carro que tava parado na rua e começaram a atirar.

Marcos ficou chocado com a verdade, haviam furtado seu celular enquanto ele dormia e o usaram para atrair seu irmão para uma armadilha.

- Mano, o patrão e a gente trocam o tiro com os mike, caraio era uma merda só, conseguimos voltar pro carro, ainda bem que ele é blindado, mas antes de entrar o patrão foi atingido, conseguimos colocar ele no carro e eu fugi dali, três parceiro nosso morreram ou foram preso – concluiu – Agora vamo espera o “geral do Estado”^[37] ver quem vai assumir o comando.

- Obrigado - murmurou Marcos se despedindo do jovem, que logo partiu

em uma motocicleta que o esperava na rua.

Uma armadilha, seu irmão fora atraído para a morte, sabia que ele era procurado pela polícia, mas o que eles fizeram era ilegal. Pretendia procurar as autoridades assim que possível, isso era contra a lei. Haviam praticado um crime, furtando seu celular para atraí-lo para uma armadilha.

Inconformado se dirigiu até a funerária com sua motocicleta e a deixou no local, enquanto seguia com o carro funerário que carregava o corpo de seu irmão.

Duas horas depois chegaram ao cemitério, localizado em uma grande colina de onde se descortinava o rio Tietê correndo por entre dois morros. O dia estava ensolarado e pássaros cantavam, uma brisa fresca soprava fazendo as folhas balançarem nas árvores.

Marcos olhou em volta, dois coveiros, que pareciam entediados conversavam em voz baixa, os funcionários da funerária aguardavam junto aos carros.

Era triste, seu irmão que estava sempre cercado de pessoas agora estava só, nem mesmo um padre conseguira para ele.

Com um sinal autorizou que enterrassem seu irmão. Quando os coveiros terminaram deixaram o local.

- Encontre a paz meu irmão - murmurou, por um momento ficou aliviado com a doença de sua mãe, ao menos ela não sentiria a perda de um filho, pensou com amargura.

Virando as costas, caminhou até o estacionamento, para sua surpresa a Ferrari vermelha de Sthefany entrou no local estacionando em uma manobra brusca ao lado dele. O veículo preto de seus seguranças entraram logo em seguida, estacionando no ponto mais distante.

Sthefany pulou do interior do veículo que estava com a capota aberta e foi em sua direção. Ela usava calça e camiseta pretas, seus cabelos estavam presos em um elegante coque e óculos escuros escondiam seus olhos.

Marcos se recordou do dia que a acompanhara no enterro da pequena

Lúcia, mesmo em situações adversas ela conseguia se manter linda, pensou sentindo um aperto no coração.

- Marcos, sinto muito! - disse se aproximando.

- Você descobriu - afirmou de forma seca.

- Você não retornou minhas ligações no seu celular nem no celular do hospital, então liguei onde seu irmão estava internado - respondeu se detendo a um passo dele, retirando o óculos e encarando-o fixamente.

- A culpa é do seu pai! Se ele não houvesse impedido o socorro, eu o teria socorrido mais rápido, tive que ir longe pra conseguir um hospital - disparou, sentindo a ira arder em seu peito.

- Para! Não vim brigar! Papai disse que foi um mal-entendido, você não tinha que agredi-lo daquele jeito!

- Mal-entendido? Seu pai queria que eu escolhesse entre você e autorizar meu irmão ser internado no maldito hospital dele! - rosnou, por um momento chegou a imaginar que Avelar tivesse algum envolvimento com a armadilha, mas considerou essa ideia ridícula e a afastou da mente.

- Não seja ridículo, não tente culpar meu pai, não foi culpa dele que seu irmão foi baleado - respondeu Sthefany na defensiva cruzando os braços no peito.

- Não, mas foi culpa dele meu irmão morrer sem atendimento adequado! Eu tive que operá-lo! Segurei seu coração com minhas mãos! - afirmou mostrando-as.

- Para! Senão vamos acabar brigando - pediu com os olhos marejando.

- É melhor você ir embora - afirmou Marcos.

- Quero ficar do seu lado - murmurou tocando-o no ombro.

- Quer mesmo? Então deixe sua mansão e venha morar comigo, abandone essa sua vida de luxo, enfrente seu pai! - exigiu encarando-a fixamente.

- Não é assim tão fácil, como posso abandonar meu pai? Ele precisa de mim - respondeu Sthefany sentindo os olhos marejarem de lágrimas.

- Eu preciso de você! Escolha, ele ou eu!

- Marcos, não faça isso comigo, por favor - murmurou.

Ele encarou-a fixamente, a amava, gostaria de construir um lar com ela, ter filhos, mas agora percebia que esse sonho era impossível, ela nunca o amaria como ele a amava.

- É estranho o que o desejo faz as pessoas tolas fazerem, eu nunca sonhei que conheceria alguém como você, que amaria alguém como você, e não imaginei que a perderia. Eu não queria me apaixonar, esse amor só partiu meu coração - disse encarando-a, tentando controlar os olhos que teimavam marejar.

- Marcos...

- Que jogo cruel você fez para eu me sentir assim, me fez sonhar com você, me fez amar você, mas nunca disse que sentia o mesmo por mim. Decida Sthefany, ou vem comigo abandonando tudo ou terminamos aqui - exigiu.

- Marcos, por favor...

- Acho que você já decidiu, sou um idiota em continuar com você esse tempo todo, eu deveria ter deixado você livre em Dubai. Você nunca vai me amar como eu te amo. Adeus Sthefany - disse sentindo o coração partido e os olhos marejados de lágrimas.

Virando as costas caminhou apressadamente até o carro funerário que o trouxera, sem olhar para trás, e logo estavam deixando o local.

Sthefany sentindo as lágrimas escorrerem por seu rosto caminhou até seu carro e sentou-se, cobrindo a face com as mãos chorou copiosamente.

Por que Marcos fizera aquilo com ela, e por que ela não o impedira de partir? Quando ele virou as costas quase gritara que o amava, por que nunca dissera isso a ele? Do que tinha tanto medo?

E agora parecia que o perdera para sempre.

Capítulo XXV

Na segunda feira Marcos voltou ao hospital Domênica Xavier, por mais que odiasse Avelar, não podia se dar ao luxo de abandonar a residência. Encontrara com Sthefany nos corredores do hospital, mas a evitara, não desejava conversar com ela, estava magoado e decidido a esquecê-la de uma vez por todas.

Telefonara para o presídio de Guarulhos, o informaram que realmente, um homem de nome Maurício Pereira, estava preso no local, mas o horário de visitas seria somente no domingo e ele deveria comparecer antes para se cadastrar como visitante.

Também fora até a polícia prestar queixa, disseram que seu irmão fora abordado por policiais do serviço reservado da Polícia Militar, mas reagira à prisão. Quando ele acusara os policiais de furtarem seu celular com o objetivo de prepararem uma armadilha, ninguém acreditou.

Ele procurou a corregedoria da polícia e ouvidoria, mas ambos os órgãos disseram que ele não possuía provas.

Na quinta-feira, Marcos conseguiu uma folga e foi até o local, uma agente administrativa atendeu-o gentilmente, apesar do cartão de visita demorar cerca de um mês, por ele se declarar filho e ser um médico, conseguira uma autorização especial para que falasse por dez minutos com seu pai, na sala onde advogados e presos conversavam.

Agentes prisionais o levaram até um cômodo que tinha vários guichês um de frente ao outro, separados por grades de metal. Um deles apontou uma cadeira. Marcos se sentou e aguardou olhando para a grade que o separava de outra cadeira.

Alguns minutos depois agentes prisionais do outro lado fizeram um homem sentar em frente à ele. Marcos o observou atentamente, o homem era alto e parecia em forma, possuía cabelos grisalhos e levemente ondulados, tinha

olhos castanhos e um nariz torto, como se tivesse sido fraturado. Não podia negar que o homem lembrava seu irmão Rafael e ele mesmo.

O homem o encarou com um olhar interrogativo.

- Quem é você? - perguntou finalmente.

- Sou seu filho Marcos, você se lembra? Filho de Dona Mirtes e irmão de Rafael - respondeu com amargura.

- Marcos? Meu filho... - murmurou incrédulo.

- Se lembra de ter dois filhos? - perguntou de forma irônica, sentindo a velha raiva de não tê-lo conhecido.

- Sim...como está sua mãe? - perguntou fungando.

- Internada em uma clínica com Alzheimer - respondeu secamente. Agora se perguntava o que viera fazer naquele local.

- Eu sei, seu irmão me contou e como vai ele? - perguntou o homem.

- Morto – respondeu secamente.

Marcos pensou ter visto os olhos do homem marejarem de lágrimas, mas ele logo disfarçou e pigarreando disse:

- Sinto muito, o que aconteceu com ele?

Marcos então contou tudo, contou que seu irmão enveredara pelo caminho do crime até que morrera em razão de ferimentos ocorridos em uma troca de tiros com a polícia. Contou sobre sua mãe que criara a ambos, sozinha, enfrentando todas as dificuldades e que não pudera vê-lo se formar em medicina, já que sofria de uma doença que degenerava seu cérebro, fazendo-a esquecer de quem eram seus próprios filhos. Contou que sua mãe nunca dissera quem era o pai deles, escondendo a verdade.

- Você abandonou mamãe, você nos abandonou! - afirmou Marcos.

- Sinto muito meu filho - murmurou o homem - Sinto muito pelo que

você, seu irmão e sua mãe passaram. Eu entendo que ela não tenha vindo me visitar nem tenha trazido vocês ou contado sobre mim.

- Você é um assassino! - acusou Marcos.

- Sou, e me arrependo do que fiz e estou pagando por isso, mas deixe-me contar como vim parar aqui - pediu o homem.

Marcos concordou balançando a cabeça.

Maurício Silva contou então que nascera e crescera na comunidade onde conhecera Mirtes e acabaram se casando, que ele era encanador e eletricista, mas que nunca conseguia um emprego que pagasse bem o suficiente. Que quando os filhos nasceram a situação ficou insustentável, pois muitas vezes não tinham o que comer.

- Eu os via chorando de fome e fiz o que qualquer pai faria, saí para buscar o sustento de minha família, infelizmente entrei no mundo do crime e comecei a praticar assaltos - explicou Maurício.

- E assassinou uma pessoa - rosnou Marcos.

- Sim, eu assumo meus erros e estou pagando por isso, fiquei afastado de vocês durante todos esses anos.

- Você nunca nos escreveu ou tentou entrar em contato durante todos esses anos - murmurou Marcos sentindo o ódio abrandar.

- Eu tentei, escrevia quase todos os dias, mas as cartas voltavam, até que um dia sua mãe apareceu e disse para eu não escrever mais, ela não me perdoou por ter entrado no mundo do crime, mas o que eu podia fazer? Vocês precisavam comer, e você precisava de remédios - explicou Maurício estendendo as palmas da mão para cima.

- Mamãe foi trabalhar de empregada doméstica na casa de um médico, graças a ele consegui me formar como médico - respondeu encarando seu pai.

- Eu sei, alguns anos atrás comecei a receber cartas de seu irmão, ele me contou tudo sobre você, fiquei muito orgulhoso meu filho. Há três anos ele me visitou, desde então mantínhamos contato.

- E agora Rafael está morto - murmurou.

- Sinto muito meu filho, eu os amo, nunca deixei de pensar em vocês, sempre que eu podia mandava algum dinheiro para seu irmão - afirmou enxugando uma lágrima.

- Não me chame de filho, você não tem esse direito! – exclamou irritado – Eu só vim até aqui por que Rafael pediu em seu leito de morte.

- Você tem todo o direito de me odiar – sussurrou Maurício abaixando a cabeça.

Marcos ficou indeciso, sempre desejara conhecer o pai, sonhara muitas vezes na infância que ele apareceria cheio de dinheiro que ganhara trabalhando honestamente, mas descobrir que ele era um assassino? Isso fora um choque.

- Quem você assassinou? – perguntou odiando-se pela vontade de saber toda a verdade.

Já não bastara ter um irmão traficante? Agora descobria que tinha um pai assassino.

- Uma mulher, mas foi um acidente, eu estava no estacionamento de um hospital para roubar um carro, enquanto meu companheiro fazia a ligação direta ela nos surpreendeu, eu me assustei e disparei, somente depois vi que era uma mulher e corri, mas trombei com uma viatura dos "mike" que me prenderam com a arma na mão, nunca quis matá-la, nunca havia matado ninguém na vida e me arrependo até hoje do que fiz - disse baixando os olhos.

Marcos sentiu o coração disparar no peito, seria possível? Deus, não! Que não fosse quem estava imaginando.

- Uma mulher? – perguntou temeroso.

- Uma médica, era mulher de um bacana cheio de grana, ele fez de tudo para que eu pegasse a pena máxima – respondeu coçando o queixo.

- Você lembra o nome dela?

Maurício encarou-o fixamente, coçou novamente o queixo antes de

responder.

- Era um nome estranho, Domênia, Domitília, algo assim...você está bem? Parece pálido – perguntou com ar preocupado.

- Domênica Xavier? – perguntou sentindo o coração se confranger no peito.

- Isso, isso mesmo! Você sabe quem é?

Marcos colocou ambas as mãos na cabeça, deslizando os dedos pelo cabelo, desesperado com a verdade. Como o destino podia ser tão caprichoso e cruel? Apaixonara-se pela filha da mulher que seu pai assassinara, como contaria isso a ela?

- Ela era a mãe da mulher que eu amo! Merda! Você conseguiu destruir minha vida duas vezes!

- Sinto muito filho...

- Não me chame desse nome, porra! Por mim você pode apodrecer no inferno! – exclamou levantando-se.

- Marcos, espere, sou seu pai... – pediu Maurício levantando e colando o rosto na grade.

- Vá pro inferno! – rosnou Marcos detendo-se e encarando-o fixamente.

Depois saiu da sala com passos rápidos sem olhar para trás.

Sonhara tanto em conhecer o pai e agora se arrependia amargamente, preferira que seu irmão nunca lhe houvesse contado da existência dele. Um assassino! Para piorar o assassino da mãe de Sthefany! Sabia o quanto ela sofrera com a perda da mãe e agora estava em dúvida se devia contar ou não.

Os dias correram céleres. Finalmente o último dia de residência, marcado para o mês de novembro, chegara. Ao adentrar no Hospital Domênia Xavier, sabia que seria provavelmente pela última vez.

Dirigiu-se até o auditório onde, quase dois anos antes, entrara cheio de

sonhos e conhecera a única mulher pela qual se apaixonara na vida.

O diretor aguardava todos, juntamente com os vários chefes de departamentos em uma comprida mesa colocada no tablado.

O local estava repleto de convidados, além de alguns funcionários do hospital.

Marcos observou Sthefany sentada ao lado de Jonatas e outros residentes, ela o encarou fixamente, mas ele sentou-se afastado das cadeiras reservadas aos residentes, isolado dos demais. Sentia vergonha de encará-la, a verdade que descobrira parecia corroê-lo como ácido, deixando um gosto amargo na boca.

Ela tentara conversar dias antes, mas ele a pressionara, ou ela abandonava tudo e o seguia ou estava tudo terminado. Se ela o seguisse, era sinal de que talvez o perdoasse por seu pai ter assassinado a mãe dela. Mas Sthefany não estava disposta a abandonar sua vida de riqueza, pensou amargurado.

Após alguns minutos o diretor se aproximou do microfone.

- Doutores, com muita honra afirmo que a especialização de vocês está encerrada, foram dois anos de trabalho árduo e incessante, vocês aprenderam muito conosco, mas também nos deram importantes lições...

O diretor estendeu-se por quase dez minutos em um discurso. Até que finalmente começou a chamar os médicos, um por vez, os quais subiam no palco e recebiam das mãos do chefe do departamento em que se especializaram o tão almejado diploma.

Finalmente Marcos foi chamado e recebeu o diploma das mãos do Doutor Fernando.

- Parabéns meu jovem, tentei conseguir sua contratação, mas não consegui, vai ser uma perda grande para o Hospital - murmurou para que apenas Marcos ouvisse.

- Obrigado doutor, agradeço - respondeu estufando o peito, orgulhoso de ter conseguido.

Marcos desceu do palco, vários familiares acompanhavam a entrega dos

diplomas dos residentes, somente ele estava sozinho, o Doutor Junqueira não pudera comparecer em razão de uma emergência médica.

- Você vai na festa que Sthefany vai dar? - perguntou Paulo animado abraçando-o

- Não - respondeu secamente.

- Vocês ainda não se acertaram? Sinto muito - disse constrangido.

- Ei, não se preocupe, foi um prazer trabalhar com você - afirmou retribuindo o abraço.

Finalmente Marcos conseguiu sair do salão após receber os cumprimentos de alguns funcionários e logo estava do lado de fora do hospital.

Agora estava formado em sua especialização, não possuía dinheiro suficiente para abrir uma clínica, mas em alguns dias compareceria em algumas entrevistas, com sorte seria contratado por algum grande hospital.

Mas estava triste, conseguira alcançar seus objetivos, mas de que adiantava se não tinha ninguém com quem compartilhar sua vitória? Sua mãe não o reconhecia, seu irmão estava morto, seu pai preso e a mulher que amava não sentia o mesmo por ele e, ainda que sentisse, com certeza se afastaria quando soubesse que em suas veias corria o sangue do assassino de sua mãe.

Com um suspiro se dirigiu até o estacionamento, montando em sua motocicleta voltou para casa, ao menos havia uma garrafa de sidra na geladeira que ganhara de uma paciente da clínica comunitária o esperando.

Capítulo XXVI

A festa estava repleta de convidados que dançavam animadamente, havia uma mesa comprida, montada em um lugar de destaque no jardim, para todos os médicos residentes, todos compareceram, com exceção de Marcos, seu lugar na mesa estava vazio.

Sthefany observou em volta, tinha esperanças de que ele comparecesse, afinal o convite era para todos os residentes. Mas ele não viera, teimoso e orgulhoso, pensou consigo mesma, irritada.

Estava levemente zonza, bebera champanhe demais, pensou consigo mesma. A festa estava aninada, mas para ela nada interessava.

Agora que terminara sua residência, seu pai a convencera a assumir uma cadeira na diretoria do Hospital, como forma de prepará-la para assumi-lo em breve, mas sentia-se desanimada, nada parecia fazer mais sentido.

Toda vez que imaginava que não mais encontraria Marcos nos corredores do hospital, sentia os olhos marejados de lágrimas. Pensara que após o enterro do irmão ele voltaria ao trabalho e poderiam conversar, se acertando, mas isso não acontecera.

Marcos voltara à residência, mas a evitara de todas as maneiras, quando ela entrava em uma sala ele saía. Para piorar, nas duas últimas semanas, cada residente agira como assistente de seu mentor, em suas áreas específicas, o que os impediam de se encontrar.

Tentara por duas vezes conversar, mas na primeira vez ele se afastara sem ouvi-la, entretanto, na segunda vez, ela o cercara no heliporto durante a hora do almoço, onde agora ele costumava ficar, isolado de todos.

- Marcos, podemos conversar? Por favor? Você está fugindo e me evitando!

- Você sabe o que eu quero Sthefany! Eu quero você! Quero que você diga que me ama e que prove! Abandone tudo e venha morar comigo! - afirmou encarando-a fixamente.

Sthefany desviou o olhar, como poderia largar tudo? Deixar seu lar para trás, abandonar seu pai? Não entendia também por que três simples palavras significavam tanto para ele. Não sabia também, por que não conseguia dizê-las.

- Marcos, acabamos de terminar a residência, por que não deixamos como está? Continuamos namorando, quando estivermos estabelecidos quem sabe não alugamos um apartamento e vamos morar junto?

Ele encarou-a, e Sthefany percebeu que havia sofrimento em seu olhar.

- Nós nunca vamos dar certo, somos de mundos diferentes e pensamos de modo diferente. Eu te amo Sthefany! Nunca amei ninguém antes e não sei se amarei de novo, mas se não for para tê-la por inteiro, então é melhor cada um seguir seu caminho. Adeus! - disse com os olhos marejados de lágrimas, afastando-se em seguida com passos rápidos.

Sthefany apoiara-se na grade de proteção, sentia o coração partido, e a alma dividida. Por isso sentara no chão e chorara.

Isso ocorrera dias antes e Marcos não lhe dirigira mais a palavra.

Agora, sentada em uma cadeira, observando seus colegas e os convidados se divertindo, tudo que mais desejava era estar ao lado dele. De que adiantava toda a fortuna de seu pai? De que adiantava dinheiro se não tinha amor? Sentia falta dele desesperadamente, e para mitigar a dor bebia.

A felicidade de seus colegas e convidados a incomodava e sem que ninguém percebesse, saiu em direção à garagem onde, com dificuldade, conseguiu ligar a Ferrari.

Acelerando ela saiu da mansão quase derrubando o portão do condomínio. Dirigiu em alta velocidade, sem um destino definido, queria apenas sentir o vento no rosto e esquecer a dor que consumia sua alma.

De repente, após um raio cruzar os céus, seguido de um estrondoso trovão, uma chuva forte desabou. A jovem não erguera a capota e por isso

não demorou a ficar encharcada.

E foi assim que, ao entrar em uma curva em alta velocidade, avançou na contramão, percebendo horrorizada que um caminhão vinha em sentido contrário.

Com uma desesperada torção do volante, conseguiu desviar do caminhão, mas avançou contra um poste chocando-se com violência.

- Marcos eu te amo - foi seu último pensamento antes de mergulhar na escuridão.



Marcos estava dormindo quando o celular tocou, estranhou quando percebeu que o número era de Sthefany. Por um momento pensou em não atender, mas por algum motivo, uma sensação ruim, mudou de ideia.

- Sthefany? – perguntou preocupado.

- Desculpa - disse uma voz masculina - Mas a dona desse celular sofreu um acidente e vimos seu número na chamada de emergência - respondeu a voz.

- Como ela está? - perguntou levantando-se imediatamente da cama onde estivera deitado.

- Não sabemos, ela foi levada para o Hospital Regional da Zona Sul - informou o homem.

- Obrigado - agradeceu enquanto começava a vestir uma calça jeans.

Desesperado dirigiu com sua motocicleta até o hospital. Ao se identificar como médico e amigo da jovem, a enfermeira o informou de que apesar da pancada violenta ela estava bem, apenas ficaria sob observação.

- O pai dela já foi avisado e deve chegar logo - afirmou a jovem enfermeira.

- Posso vê-la?

- Não sei...

- Por favor - pediu Marcos com olhar triste.

- Tá bem, cinco minutos, senão eu posso ficar encrocada - autorizou -
Segue esse corredor, sala de emergência cinco.

- Obrigado - respondeu enquanto quase corria pelo corredor.

Marcos entrou na sala de emergência havia cinco camas, duas estavam vazias, em outra uma jovem vestida de negro, inclusive a maquiagem, estava tomando soro. Em outra, um homem obeso estava com a perna erguida, gesso cobria-a do joelho ao tornozelo.

Na ultima cama, encostada na parede, Marcos a viu. Seu coração saltou no peito enquanto se aproximava.

Uma faixa cobria a cabeça dela, e ele percebeu uma pequena mancha de sangue. Um invólucro de soro, pela metade, estava pendurado em uma armação de metal ao lado da cama, de onde descia até o braço de Sthefany.

Lentamente Marcos se aproximou, ficando ao lado dela tocou gentilmente sua mão.

Sthefany abriu os olhos e sorriu.

- Marcos...

- Shhh, não fale descanse, você vai ficar bem.

- Não me deixe, eu te amo - murmurou fechando novamente os olhos.

Marcos ficou estático por um momento, ela estaria delirando? Sentiu a pulsação dela tocando sua carótida, os batimentos estavam regulares e a respiração profunda. Ela estava dormindo, provavelmente por causa da medicação, concluiu após examinar a ficha de atendimento médico, presa em uma prancheta no pé da cama.

Nesse momento Avelar irrompeu pela sala.

- Fique longe de minha filha - rosnou ameaçadoramente.
- Eu fui chamado, e ela está bem - respondeu ignorando o tom de ameaça.
- Suma da vida dela ou vou acabar com você!
- Boa noite pra você também – respondeu impassível retirando-se.



Quando Sthefany acordou estava em uma suíte do Hospital Domênica Xavier. Apesar de tudo recordava-se com clareza de Marcos ter estado ao seu lado na cama de um hospital após o acidente. E o mais importante, recordava-se de ter-lhe dito que o amava.

Tivera certeza disso segundos antes do impacto, em vez de ver sua vida inteira, como diziam que acontecia nos últimos segundos de vida, vira apenas seus momentos com Marcos, pensar que poderia morrer e que nunca mais o veria, encheu-a de certeza de que o amava e não conseguiria viver sem ele.

Agora entendia o significado da palavra, entendia o sentimento que assolava sua mente e alma desde que haviam se separado. Era amor! Era como uma dor quase física, que somente podia ser abrandada ao lado da pessoa amada.

Não era apenas algo sexual, embora isso fosse maravilhoso, envolvia a vontade de estar junto à ele, de ouvir seu riso, de conversar apenas pelo prazer de ouvir sua voz, de conhecer seus pensamentos.

Amava, ah Deus! Como amava! E esse amor era causa da dor que sentia, pois se encontrava afastada dele. Precisava, necessitava de Marcos ao seu lado.

Seu pai viera e quando perguntara sobre Marcos ele desconversara. Uma enfermeira a avisara discretamente de que ele tentara visitá-la, mas Avelar ordenara que ele fosse barrado na portaria. Pensou em lhe telefonar, mas seu pai levava seu celular.

Nos quatro dias em que ficara internada por ordem de seu pai, apesar de seus protestos, ao menos conseguira descobrir, com a ajuda da enfermeira que lhe emprestara seu celular, que Marcos conseguira uma vaga no mesmo

hospital público em que seu irmão morrera.

Na manhã do quinto dia, mesmo sem receber alta, deixou a suíte e após vestir uma calça jeans e uma camiseta branca, emprestada por uma enfermeira, já que somente usara aventais de paciente, conseguiu sair sem ser vista pelos seguranças que estavam na portaria, tomando um táxi em direção ao hospital, ao menos seu pai não levava sua carteira.

A manhã estava escura, pesadas nuvens negras indicavam que um temporal era iminente. O tráfego estava lento, como sempre, deixando-a impaciente. Precisar ver Marcos, precisava falar o que ocupava sua mente desde que saíra dirigindo de forma imprudente na noite em que se acidentara.

Finalmente o táxi parou em frente ao hospital, entregou dinheiro mais do que suficiente para pagar a corrida e desceu sem esperar pelo troco.

Correndo ela entrou no prédio e se dirigiu até a recepção.

- Doutor Marcos Silva, por favor, é uma emergência!

- Sinto muito, ele acabou de sair, se correr você ainda alcança ele no estacionamento - disse apontando para a direção de uma porta lateral à direita da principal.

- Obrigada - agradeceu e correu.



Marcos trabalhara por dezoito horas seguidas, operara duas vítimas de acidente automobilístico, um homem que chegara com uma faca cravada no peito, e outro que fora baleado em uma troca de tiros com a polícia.

Apesar de mortalmente cansado, não conseguia parar de pensar em Sthefany, tentara visitá-la no hospital Domênica Xavier, mas fora barrado na portaria.

Tinha dúvidas se realmente Sthefany quisera dizer o que dissera, ou se falara aquilo por causa dos medicamentos.

Não queria alimentar esperanças, a amava loucamente, mas estava

decidido a se afastar dela, caso ela não sentisse o mesmo por ele. Se o que ela sentia não era forte o suficiente para abandonar tudo e segui-lo, era sinal de que ela não o amava da mesma forma.

Marcos parou para procurar a chave da motocicleta e de repente a chuva desabou de forma violenta.

- Merda... - murmurou quando finalmente encontrou a chave.



Sthefany alcançou a porta que dava acesso ao estacionamento. A chuva caía de forma torrencial, ela observou atentamente, com exceção de cinco carros não havia mais nenhum veículo no local.

Lentamente caminhou até o centro do estacionamento sem se importar em ficar encharcada pela água.

- Marcos... - murmurou para si mesma sentindo-se triste, o perdera novamente.

- Sthefany? - ouviu uma voz masculina chamando-a.

Ela se virou aturdida, Marcos estava à sua frente, usava calça jeans e camiseta branca, e como ela, estava encharcado pela chuva.

A jovem colocou as mãos na boca, como incrédula em vê-lo à sua frente.

- Marcos... - murmurou e jogou-se nos braços dele, beijando-o na boca com sofreguidão.

Marcos ficou surpreso, saíra do estacionamento, mas a chuva estava muito forte e ele deixara a moto na rua abrigando-se na pequena guarita de segurança, que estava vazia, em razão do corte de funcionários.

Vira Sthefany saindo do hospital e caminhando até o centro do estacionamento sem se importar com a chuva. O que ela estaria fazendo ali? Perguntara-se enquanto caminhava até ela. E agora retribuía ao beijo, sem conseguir resistir novamente à sua presença.

Sthefany parou o beijo e encarou-o fixamente.

- Eu te amo! Eu te amo e não tenho medo de gritar para o mundo! - exclamou.

- Então case comigo, venha morar comigo! - afirmou encarando-a com olhar cético.

- Eu caso! - respondeu sorrindo.

Beijaram-se longamente novamente, sem se importarem com a chuva que continuava caindo cada vez mais forte.

- Eu te amo Marcos Silva! - gritou enquanto ele a erguia do solo e girava 360 graus com ela em seus braços.

Marcos desceu-a, após beija-la novamente encarou-a.

- Eu te amo, amo tanto que chega a doer - afirmou.

Sthefany sorriu e correu puxando-o pela mão até a guarita abandonada enquanto ria.

Abrigaram-se no apertado local, que possuía menos de quatro metros quadrados. Uma pequena janela de madeira de frente para a entrada e saída do estacionamento estava fechada, mas por suas frestas ainda entrava água da chuva trazida pelo vento.

Marcos encostou a porta, também de madeira, deixando o ambiente na penumbra. Retirou de sua mochila uma pequena toalha que sempre trazia e gentilmente enxugou o rosto de Sthefany que o observava com um sorriso no rosto.

Sthefany abraçou-o e para surpresa dele ergueu sua camiseta retirando-a.

- O que?!...

- Shhh - murmurou colocando um dedo na boca dele, em seguida retirou a própria camiseta e depois o sutiã deixando livres os seios.

Abraçou então Marcos, sentindo seus mamilos turgidos pressionados no peito dele, beijando-o com ardor.

- Que saudade - murmurou manuseando o cinto, o botão e o zíper da calça de Marcos.

- Sthefany... - suspirou, entregue ao feitiço que ela parecia ter lançado sobre ele desde o primeiro dia, impedindo-o de se controlar em sua presença.

- Eu quero você! Não imagina como eu te quero e te amo! - murmurou descendo os lábios pelo pescoço, peito e abdômen dele, ajoelhando-se à sua frente e, com esforço, por causa do tecido molhado, deixou-o nu, já que abaixara também sua cueca.

Sthefany sorriu com satisfação ao segurar o membro já ereto, passou a massageá-lo lentamente em um movimento de vai e vem que o fez gemer baixinho.

Antes que ela colocasse o membro na boca, Marcos a ergueu segurando-a pelos ombros e com movimentos rápidos desabotoou e desceu a calça dela, deixando-a apenas de calcinha enquanto se ajoelhava à sua frente.

Sthefany suspirou e gemeu de prazer quando sentiu a boca e a língua dele acariciando sua vagina, tentando romper e contornar o tecido molhado e gelado que contrastava com sua língua quente.

Marcos ergueu a perna direita dela e colocou-a em seu ombro após retirar-lhe a calcinha. Sthefany gemeu alto quando sentiu a língua dele entrar em seu interior molhado de prazer.

Com habilidade ele acariciava o interior da vagina dela introduzindo sua língua, alternando com carícias em seu clitóris, usando a ponta da língua para fazer círculos em volta dele ou, para lambê-lo, às vezes lentamente, às vezes com força, quando aproveitava para sugá-lo e a toda vagina dela

Sthefany gemeu ainda mais alto e cravou as unhas no ombro de Marcos, ainda ajoelhado à sua frente. As sensações causadas pelas carícias a estavam deixando ensandecida, seus músculos tremiam e sentia que o orgasmo era iminente.

- Quero você Marcos, faça amor comigo - pediu gemendo baixinho.

Marcos ficou surpreso, era a primeira vez que ela falava em "fazer amor", erguendo-se ele encarou-a.

Ajeitando as pernas dela em volta de sua cintura e segurando-a com ambas as mãos pelas nádegas posicionou a cabeça de seu pênis na entrada da vagina dela.

- Eu te amo - murmurou Sthefany com os olhos semicerrados.

- Eu te amo - respondeu penetrando-a lentamente até que suas peles ficaram coladas.

Sthefany passou seus braços pelo pescoço de Marcos e empurrou sua pélvis de encontro a ele, desejosa de sentir a totalidade do membro ereto que a preenchia.

Com sincronia perfeita se movimentaram, a princípio lentamente, aumentando o ritmo cada vez, até que Marcos, pressionando-a contra a parede da apertada guarita, passou a penetra-la com força, cada vez mais rápido, enquanto beijava-a na boca, pescoço e seios com sofreguidão.

Sthefany sentia que não aguentaria mais, enquanto correspondia aos beijos, mordida no pescoço e arranhava suas costas, querendo cada vez mais, desejando que aquele momento se prolongasse indefinidamente.

De repente ela sentiu um orgasmo violento e profundo, fazendo com que morderesse o ombro dele para não gritar. Onda após onda de prazer varreu seu corpo por inteiro, seus músculos tremiam incontestavelmente e, se não estivesse sendo sustentada por ele, teria caído ao solo.

A penetração continuava em ritmo cada vez mais acelerado, e Marcos passou a sugar seus seios com força, chupando e mordiscando os mamilos, fazendo com que Sthefany delirasse, que, apesar do orgasmo, continuava excitada e sentiu que gozaria novamente.

- Deus! Não para! Não para! Mete gostoso, me ame! - quase gritou, sem se importar que alguém ouvisse.

Marcos sentia os músculos das coxas, braços e costas arderem com o esforço. Seu pênis parecia ter aumentado de tamanho e sentia que não resistiria. Penetrou-a quase beirando a violência, pressionando-a contra a parede, os gemidos de prazer dela deixando-o ainda mais excitado.

- Deus! Vou gozar! - exclamou.

- Vem! Vem! - gritou Sthefany contraindo os músculos internos apertando o pênis em seu interior, sentindo a onda de prazer de um novo orgasmo que a fez desfalecer por um segundo, enquanto sentia o sêmen dele inundando-a.

- Deus! - grunhiu Marcos explodindo em um orgasmo ao sentir a contração dos músculos dela em volta de seu membro.

Por alguns segundos ficaram imóveis, somente o som de suas respirações e a chuva batendo com força no teto de telhas de zinco da guarita eram ouvidos. Então lentamente desfizeram o contato e deslizaram até o chão frio da guarita onde ficaram sentados, com Sthefany se ajeitando em seu colo.

- Eu te amo - afirmou Marcos encarando-a.

- Eu te amo - respondeu Sthefany com um sorriso.

Somente uma hora depois a chuva parou e Marcos pode leva-la para sua casa na comunidade.

Capítulo XXVII

Trabalhar em um hospital público era bem diferente do que se acostumara no Memorial Domênica Xavier. Ali faltava de tudo, menos pacientes, estes se espalhavam pelos corredores apertados, os sortudos em macas, os menos afortunados em colchões estendidos no chão frio.

Mas apesar do estresse diário, as longas horas de plantão, a falta do mínimo necessário, era gratificante trabalhar lá. Marcos sentia-se realizado, estava realmente ajudando quem necessitava.

Fora entrevistado por vários diretores dos grandes hospitais do eixo Rio-São Paulo-Brasília, mas apesar de todos ficarem impressionados com seu currículo, dias depois ligavam informando que não tinham interesse em seus serviços.

Marcos desconfiava de que Avelar estivesse por trás das recusas, pensara em confrontá-lo, mas resolvera não lhe dar essa satisfação, desejava vencer por méritos próprios e graças ao diretor Felipe, ele conseguira um contrato temporário no hospital em que seu irmão falecera.

Agora percebia que seus sonhos de trabalhar em um grande hospital eram insignificantes, diante da possibilidade de ajudar àqueles que nada tinham. Depois de um mês trabalhando no local percebera que não trocaria ele, nem mesmo pelo cargo de chefe da traumatologia, do Domênica Xavier.

Estava realizado profissionalmente e feliz como nunca estivera, desde que reatara com Sthefany, há pouco mais de um mês. Ela passara o natal com o pai, mas o ano novo fizera questão de passar com ele, embora estivesse de plantão, passara a noite ao seu lado e, à meia-noite, subiram para o teto do hospital de onde avistaram os fogos e brindaram com copos descartáveis com suco de laranja.

A única sombra que parecia pairar sobre sua felicidade era a verdade sobre seu pai, estava criando coragem para contar à ela, temia sua reação e por isso

adiava constantemente a conversa.

Apesar dela não ter ido morar com ele, ainda, aceitara seu pedido de casamento.

Marcos sugerira uma cerimônia simples, o mais breve possível e, para sua felicidade, Sthefany concordara. Dentro de quinze dias se casariam em uma pequena capela, em um sítio de um amigo do Doutor Junqueira.

Embora ela não tocasse mais no assunto, contara, logo após reatarem, que o velho Avelar não recebera bem a notícia, e a ameaçara com o corte da mesada mensal que recebia, avisando que não aceitaria Marcos em sua mansão, nem em seu hospital, não que ele se importasse com isso, ambos eram competentes e logo conseguiriam se estabelecer por conta própria.

Sthefany ao contrário não entendia como ele podia gostar de trabalhar em um hospital público e insistia para que procurasse outros hospitais particulares, falara até mesmo em confrontar o próprio pai e exigir que ele o empregasse no hospital da família, algo que Marcos proibiu terminantemente.

Além de trabalhar no hospital, sempre que possível auxiliava na clínica comunitária, consultando os moradores e às vezes fazendo pequenas cirurgias.

Tinha consciência de que Sthefany se ressentia de seus longos turnos de trabalho, que o impediam de estar mais vezes ao lado dela, ainda mais agora que eram noivos.

A jovem merecia um casamento suntuoso, mas ela teria que se adaptar à realidade dele, de para sua surpresa, ela se mostrara encantada com a cerimônia simples, em uma capela com poucos convidados.

Combinaram que depois de um bolo e champanhe para os poucos presentes, viajariam para Ubatuba, onde passariam cinco dias em lua de mel.

Marcos prometera alugar um apartamento fora da comunidade, mas os imóveis que visitaram eram muito caros para o apertado orçamento dele ou longe demais do centro.

Mas, apesar de todas as dificuldades o futuro parecia promissor e Marcos sentia-se feliz, como nunca estivera na vida.



Sthefany conseguira uma colocação em uma grande clínica de obstetrícia na zona sul, o que significava que seu pai, ao menos, tivera a decência de não prejudicá-la, como fizera com Marcos. Entretanto a ameaçara de cumprir a promessa de cortar o crédito de seus cartões, e da vultosa mesada mensal que depositava todo mês na conta dela.

Quando voltara para casa, depois que procurara Marcos após o acidente, tivera uma discussão acalorada com seu pai.

Marcos a levava até a casa dele depois que a chuva amainara, onde passaram o resto do dia e da noite fazendo amor.

Na manhã seguinte ele a levava até a mansão onde a deixara, exausta, mas feliz. Ao entrar pela porta encontrara seu pai furioso.

- Onde você estava! Você fugiu do hospital sem alta!

- Eu o teria avisado se o senhor não tivesse guardado meu celular - respondeu com voz apaziguadora.

- Você estava com aquele favelado, não estava? - rosnou.

- Ele não é favelado pai! É o homem que eu amo e com quem vou me casar - respondeu magoada.

- Só por cima de meu cadáver! - gritou exaltado.

- Pai! - exclamou chocada.

- Se você casar com ele eu corto todos seus cartões, bloqueio suas contas, você pode esquecer sua vida de luxo. E vai ter que morar na favela, não quero àquele maldito em minha casa! - gritou exaltado sentando-se em uma poltrona do hall de entrada.

- Faça o que quiser pai! Somos médicos e vamos conseguir nos estabelecer - respondeu magoada.

- Vão mesmo? Quero só ver quem vai contratá-lo! E você, se continuar

com essa ideia insana, pode procurar outro local pra trabalhar também - resmungou irritado.

- Que seja pai, eu te amo, queria muito tê-lo ao meu lado no altar, mas se você não entende que eu amo ele, assim como você amou mamãe, eu sinto muito, quando nos casarmos eu saio de casa e da sua vida - afirmou enxugando as lágrimas que escorriam por seu rosto com as mãos.

Isso ocorrera dias atrás, desde então a relação entre pai e filha estava estremecida, somente se falavam o estritamente necessário.

Ela deixara de ir ao hospital e passava os dias enviando currículos e participando de entrevistas, tentara conseguir algumas para Marcos, mas sem sucesso.

Dormia na casa de Marcos toda às vezes em que ele não estava de plantão. Quando não ficavam no pequeno apartamento se amando, faziam programas simples: pizza, cinema, passeios em parques e museus. Devolvera a chave da Ferrari para seu pai e dispensara os seguranças, mesmo com os protestos veementes dele, agora circulava de táxi ou na motocicleta de seu namorado.

Marcos ao menos uma vez por semana, atendia voluntariamente na clínica médica comunitária, mantida por uma ONG^[38] e por voluntários.

No sábado se voluntariara para atender na clínica na companhia dele.

Sthefany terminou o dia exausta física e mentalmente. Passara o dia inteiro clinicando. A fila parecia interminável, muitos casos eram facilmente evitados com prevenção, mas a população carecia de informações.

Ao final do dia ela estava tão exausta que pedira para Marcos leva-la direto para casa. Ao chegar jogou as roupas na cesta de roupa suja e foi direto tomar um banho de banheira.

Agora com a morna misturada com sais aromáticos cobrindo seu corpo e uma taça de vinho na mão ela sentia-se relaxada e pensativa.

Estaria preparada para aquele tipo de vida? Uma vida de trabalho extenuante em condições precárias, dinheiro contado, sem condições de gozar

tudo de bom que o dinheiro podia oferecer?

Seu pai fora categórico: Se casasse com Marcos ele cortaria a vultosa mesada que recebia. Nem mesmo um emprego no Hospital que fora de sua mãe ela teria. Conseguira a promessa de uma vaga em uma clínica na zona sul e seu pai não ousara prejudica-la, como tinha certeza de que ele fizera com Marcos, embora negasse.

Sthefany amava Marcos, mas será que seu amor era forte o suficiente?

Em uma semana estaria se casando e sua vida mudaria cento e oitenta graus.

A semana correu com os preparativos. Letícia, que fora contratada juntamente com seu namorado Paulo pelo hospital seria sua madrinha e ele padrinho de Marcos.

Apesar de não sentir vontade Letícia a convencera sair com ela em uma "despedida de solteira", na sexta feira, mas na quinta sairia com Marcos para jantar.



Na quinta feira Marcos a buscou, esperou-a na porta da mansão, não tinha nenhuma vontade de encontrar Avelar pela frente. Após alguns minutos Sthefany saiu, e como sempre ele admirou-a, amava-a com todas suas forças e a achava que ela era a mulher mais linda que conhecera.

Em sua motocicleta se dirigiram até um hotel quatro estrelas, na zona norte de São Paulo, onde fizera uma reserva. Não era como os hotéis que ela estava acostumada, mas era simples, mas confortável.

Sorrindo de antecipação, depois que subiram para o quarto, abriu a porta da suíte, ele já estivera no local horas antes para preparar o ambiente e dar algumas instruções específicas para as arrumadeiras, que ficaram felizes em ajudar, quando ele contou que era uma data especial.

Sthefany sorriu emocionada. O quarto estava com as luzes apagadas, mas dezenas de pequenas velas acondicionadas em vidros transparentes ardiam

deixando o ambiente em uma penumbra agradável.

Incontáveis pétalas de rosas vermelhas forravam o chão, fazendo uma trilha até a espaçosa cama, também forrada de pétalas de rosa. Vasos com buquês de diversas flores estavam espalhadas pelo ambiente.

Música romântica soava em um volume agradável. Um balde com gelo estava na mesinha de cabeceira, em seu interior uma garrafa de champanhe, duas taças e um recipiente de aço inoxidável repleto de morangos.

- Marcos... - disse emocionada.

Marcos a levou pela mão até a beirada da cama fazendo-a sentar. Depois se ajoelhou em sua frente e retirou do bolso da calça jeans que usava uma caixinha de veludo.

- Eu sei que eu devia ter lhe dado antes, mas nunca é tarde - murmurou abrindo a caixinha e mostrando seu interior à Sthefany.

- É lindo - respondeu colocando uma das mãos nos lábios.

Marcos retirou o anel e o colocou gentilmente no dedo anelar da mão esquerda dela. Era um anel de ouro com uma pequena fileira diamantes, custara caro, mas ele não se importava em gastar suas econômicas com ela.

Sthefany apreciou o anel no dedo por uns segundos, depois se levantou puxando Marcos para junto de si, envolvendo-o com os braços.

- Adorei, obrigada - murmurou aproximando seus lábios aos dele - Eu amo você.

- Eu te amo - respondeu Marcos beijando-a ternamente à princípio, mas aumentando o ardor rapidamente.

Correu as mãos pelo corpo de Sthefany, ela usava um vestido em tom claro de tecido leve, e ele puxou-o para cima, apertando-lhe as nádegas.

Sthefany puxou a camiseta que ele usava por cima de sua cabeça, deixando-a cair no chão.

Em seguida, ainda mantendo o contato dos lábios no beijo prolongado, desafivelou o cinto e desabotoou a calça que ele usava, abaixando-a até a canela.

Marcos chutou a calça para o lado, e depois retirou os tênis utilizando os pés. Ela virou de costas para que ele abrisse o zíper do vestido, que caiu aos seus pés com um leve farfalhar, em seguida desabotoou seu sutiã preto. Abraçando-a pela cintura colocou suas nádegas em sua pélvis, onde seu membro ereto a pressionou.

Passou então a beijar o pescoço dela, onde estava pendurada a correntinha de ouro que a presenteara. Suas mãos subiam pelas coxas torneadas até os seios firmes, apertando-os e massageando seus mamilos turgidos.

Sthefany soltou um gemido, os beijos em seu pescoço arrepiavam sua pele, as mãos fortes de Marcos acariciavam seus seios, excitando-a ainda mais. De repente a mão direita dele desceu por seu abdômen até alcançar sua vagina onde a tocou gentilmente por cima do fino tecido da calcinha preta que utilizava, fazendo-a arquejar.

- Gostoso... - murmurou, começando a rebolar sensualmente, sentindo o pênis ereto dele querendo romper o tecido da cueca, por isso resolveu aliviá-lo.

Virando de frente, mordiscou-lhe os lábios, descendo lentamente até a cintura dele. Ajoelhada mordiscou o pênis por cima do tecido, enquanto que, com uma das mãos o massageava.

Lentamente desceu a cueca pelas coxas fortes e musculosas até deixá-lo nu. Agora o membro pulsava em suas mãos e ela passou a masturbá-lo lentamente, o que fez Marcos soltar um gemido alto.

Antes que ela abocanhasse o membro, ele a ergueu gentilmente até que seus olhares se encontraram.

- Eu te amo, mais do que minha própria vida - sussurrou deitando-a gentilmente na cama.

- E eu amo você, como nunca amei nem vou amar em minha vida - respondeu Sthefany puxando-o de encontro a si.

Marcos ajeitou-se por sobre ela, que abriu levemente as pernas para acomodá-lo.

Fixando seu olhar no dela, ele aproximou o pênis da entrada da vagina. Então, lentamente, penetrou-a, sem desfazer o contato com aqueles olhos verdes que lhe lembrava o mar.

Sthefany arquejou o corpo de encontro ao dele, desejando que ele a possuísse por inteira. Com um gemido sentiu a penetração profunda preenchendo-a de uma forma dolorosamente prazerosa.

Puxando-lhe a nuca, colocou seus lábios aos dele em um beijo ardoroso. Ele começou a se movimentar em seu interior molhado, deslizando em um vai e vem delicioso que a fazia gemer a cada estocada profunda. Marcos alternava beijos quentes em sua boca, pescoço e em seus seios e mamilos.

A sensação era maravilhosa e ela deixou-se levar pelo prazer, movimentando sua pélvis de encontro a ele, contraindo seus músculos internos em volta do membro duro, como se quisesse prendê-lo para sempre dentro de si.

Marcos sentia que o orgasmo estava próximo e tentou retirar o pênis, pretendendo lhe dar sexo oral, mas ela o prendeu, envolvendo-o pela cintura com suas coxas fortes.

- Vem meu amor, quero você, goza dentro de mim - sussurrou com os olhos semicerrados abraçando-o com força.

Marcos aumentou o ritmo das estocadas, ao mesmo tempo em que mordiscava-lhes os lábios e seios. Sua mão esquerda apoiada na cama, sua mão direita apertando as nádegas dela, puxando-a ainda mais para si.

- Deus! - grunhiu tentando não ejacular.

- Aiiii, isso, assim, vem, mete com força - pediu enquanto arranhava as costas dele com suas unhas bem cuidadas, pintadas de vermelho, sua cor predileta.

- Ah! Vou gozar - grunhiu mais alto enquanto a penetrava com força, sua pélvis se chocando contra a dela com força.

Sthefany sentiu que o orgasmo era iminente e apertou com mais força suas coxas em volta da cintura dele. As estocadas eram rápidas e profundas fazendo-a gemer de prazer.

Até que de repente seu corpo explodiu em um orgasmo profundo.

- Vem, vem, tou gozando! - gritou sentindo seu corpo estremecer de prazer.

Marcos penetrou-a mais cinco vezes e sentiu um orgasmo violento.

- Deus! - grunhiu alto sentindo o pênis pulsando descontroladamente enquanto despejava jatos de esperma no interior dela.

Exausto deixou-se cair sobre o corpo de Sthefany, afundando seu rosto no pescoço dela, sentindo suas mãos acariciando-lhe a nuca e cabelos.

Ergueu o rosto fixando seu olhar ao dela, onde um sorriso dançava em seus lábios.

- Eu te amo - repetiu mais uma vez.

- Eu sei, eu te amo também - respondeu Sthefany puxando-o para si, colando seus lábios em um demorado beijo.

Passaram a noite no hotel se amando. Ao amanhecer Marcos a deixou em frente ao portão da mansão.

- Agora só nos vemos no casamento - murmurou Sthefany mordiscando lhe os lábios.

- Vou contar os minutos - respondeu sorrindo - Espero te fazer feliz.

- Marcos, você já me faz, nunca fui tão feliz na vida. Eu te amo e sempre vou amar - afirmou beijando-o ternamente.

- E eu amo você - respondeu - Agora vá, vê se não apronta na despedida de solteira - aconselhou sorrindo.

- Você também meu amor.

Enquanto Marcos observava Sthefany entrando na mansão, pensou se tudo aquilo não seria um sonho, pela primeira vez na vida estava completamente feliz.

O futuro parecia promissor ao lado da mulher que amava.

Capítulo XXVIII

Na sexta feira Marcos jantou em companhia de Paulo e do Doutor Junqueira em um restaurante. Ele não possuía muitos amigos e considerava Paulo um deles.

Sthefany na companhia de Letícia e outras médicas e residentes foram até um "clube das mulheres", onde passaram à noite se divertindo.

Ela chegou em casa por volta das duas horas, estava ligeiramente embriagada. Dentro de poucas horas estaria se casando e teria que abandonar sua casa, um sentimento de melancolia ameaçou dominá-la.

Conseguiria viver longe do mundo de riqueza a que estava acostumada? Trabalhar duro um mês inteiro, pagar contas, se preocupar com supermercado, cuidar de uma casa. Como se cuidava de uma casa? Nunca lavara um prato de comida sequer, aliás, não sabia nem cozinhar.

Perguntara para Marcos se teriam condições de contratar uma empregada e ele riu, mas ao perceber que ficara chateada se desculpou e explicou que tão logo estivessem estabelecidos em seus empregos, talvez, conseguissem contratar uma, prometendo em seguida que se encarregaria da casa, afinal Dona Mirtes o ensinara a ajudar nos trabalhos domésticos, inclusive cozinhar.

Mas de uma coisa tinha certeza, amava-o como nunca amara ninguém na vida.

Com um suspiro a fechou a grande porta da sala, ao virar se assustou, seu pai que estava em pé, aguardando-a, ele vestia um robe vinho de seda, e segurava um copo de cristal com uísque.

- Papai? Ainda acordado? - perguntou aproximando-se e beijando-o no rosto.

- Estava te esperando, como foi a festa? - perguntou tentando disfarçar o

desgosto.

- Foi legal, mas estou cansada e tenho que acordar daqui a pouco - disse imaginando se seu pai mudara de ideia quanto a ir ao casamento.

- Você poderia me dar alguns minutos? - perguntou apontando para a biblioteca.

- Papai... - suspirou, imaginando que seu pai tentaria convencê-la a desistir do casamento.

- Por favor, princesa...

- Está bem - respondeu acompanhando-o até o escritório.

Avelar sentou-se no sofá de couro negro no centro do aposento, em uma mesinha em frente havia vários papéis espalhados.

Sthefany sentou-se ao lado dele, após lançar um olhar desinteressado aos papéis, encarou-o.

- Você tem certeza que quer casar com esse rapaz? Você sabe quem é o pai dele? - perguntou de súbito.

- Papai! - exclamou indignada - Eu te amo, mas amo Marcos também, e ele é o homem da minha vida, é com ele que eu quero montar uma família e ter filhos!

- Filhos? Dele? Deus me livre! - irritou-se. Jamais aceitaria netos de um favelado, pensou consigo mesmo.

- Pai! Estou cansada, daqui algumas horas vou casar, não quero discutir com você, já basta não tê-lo ao meu lado no dia que deveria ser o mais feliz da minha vida. Não piore as coisas, não me faça sair de casa sem falar com você - disse tentando manter-se calma, erguendo-se em seguida.

- Espere, só mais uma coisa você tem que saber, se depois disso você ainda quiser acabar com sua vida, não vou impedir - afirmou segurando a mão da filha e fazendo-a sentar.

Sthefany encarou o pai, indecisa, o amava muito, e sabia que com o tempo e a chegada dos netos ele abrandaria o coração, mas não estava com paciência e não queria sair de casa brigada com ele. Com um suspiro sentou-se novamente.

- Ele já lhe contou que o pai é um assassino? - perguntou Avelar com voz suave.

Sthefany encarou-o, sentindo a irritação aumentar, depois olhou de soslaio para os papéis espalhados na mesinha de centro. Marcos nunca falara muito do pai, afirmava que não o conhecia e suas lembranças eram muito antigas, e que Dona Mirtes não tocava no assunto dizendo que o pai os abandonara.

- O quê você quer dizer com isso? - perguntou tentando manter a calma.

- O pai de seu namorado é um assassino - afirmou apontando para os papéis.

- Isso não importa, Marcos não o conhece, ele nem ao menos sabe o nome dele - respondeu franzindo o cenho.

-Será que não sabe? Ou será que tem vergonha de contar quem o pai dele é, ou então, pretende contar depois que estiverem casados, achando que assim pode me influenciar - perguntou Avelar bufando.

- Pai! Agora basta! Boa noite! - irritada se levantou.

- O assassino de sua mãe é seu futuro sogro! - exclamou exaltado.

- O que você quer dizer com isso? - perguntou surpresa sentando-se novamente.

A morte de sua mãe em um assalto a traumatizara, a falta que ela fazia em sua vida, o fato de crescer criada por empregados ou em internatos, sem carinho materno, tudo isso a marcara, odiava com todo seu coração o assassino de sua mãe, embora nunca houvesse procurado saber quem ele era. Mas pai de seu noivo? O homem que amava e com quem casaria em poucas horas? Seria verdade? Se fosse, Marcos sabia disso?

- Veja você mesmo - bufou irritado pegando uma pasta da mesinha e, após abri-la, entregou-a.

Sthefany abriu a pasta e folheou os documentos, o que leu a deixou em choque. Em meio a fotografias e fichas policiais, havia uma cópia da certidão de casamento de Dona Mirtes com Maurício Pereira, o mesmo nome do acusado pela morte de sua mãe, que constava em uma cópia de sentença, presa por um clipe, na qual ele era condenado há trinta anos de prisão pelo assassinato de Domênica Xavier.

- Desde quando você sabe disso? - perguntou incrédula observando a fotografia e percebendo certa semelhança com seu noivo.

- Uns dois dias - mentiu Avelar - Não descobri antes por que na certidão de nascimento de seu noivo consta pai desconhecido.

- Então é capaz de nem ele mesmo saber - disse Sthefany relendo os papéis.

- Creio que não - afirmou, entregando uma fotografia que parecia ter sido tirada de uma câmera de vigilância.

Na imagem, Marcos estava no parlatório de uma sala, dividida ao meio por um vidro. Do outro lado o mesmo homem da foto que identificava Maurício Pereira, que seria pai dele. Parecia que conversavam.

- Não é possível - murmurou.

- E importa se ele sabe ou não? O pai dele é o assassino de sua mãe! Ele destruiu a vida da mulher que mais amei na vida, jamais o aceitarei na família! Como você pode cogitar gerar uma criança com o sangue do assassino de sua mãe? - afirmou forçando uma lágrima nos olhos.

Sthefany afundou-se no confortável sofá enquanto lia pela quarta vez os papéis. Sua mente estava em um torvelinho, nunca quisera saber do homem que matara sua mãe, mas sempre o odiara por privá-la da convivência com ela e, agora, na véspera de seu casamento, seu pai lhe lançava essa notícia.

Sentia-se arrasada, como poderia agora encarar Marcos? Como poderia se casar com o filho do assassino de sua mãe? Será que ele sabia? Teria a enganado? Por que não contara que descobrira quem era seu pai, ou será que sempre soubera? Pensou enquanto lágrimas quentes escorriam por sua face.



Avelar observou a reação da filha, embora por fora sua fisionomia fosse de um homem alquebrado, triste e sentido, por dentro exultava de felicidade, a vitória estava a alguns passos apenas, conhecia muito bem sua filha, ela ficara abalada com a ameaça do corte da mesada, fora criada na riqueza e no luxo, sabia que ela não aguentaria uma vida comum de classe média baixa, privando-se do bom e do melhor com que estava acostumada.

Mas não tinha paciência em esperar ela voltar arrependida para casa, a descoberta de que o pai do jovem era o assassino de sua adorada esposa, embora o fizesse odiar ainda mais o noivo de sua filha, fora um golpe de sorte.

Bittencourt investigara Rafael e Marcos e finalmente descobrira que o pai deles era o assassino de Domênica Xavier.

Quando ele contara, meses atrás, em um primeiro momento Avelar pensou em contar à sua filha e despedi-lo sumariamente do Hospital, mas depois que refletiu percebeu que era uma vingança muito branda, o pai do jovem havia tirado a vida de sua adorada esposa, conseguira que ele fosse condenado à pena máxima de prisão, mas isso não era o suficiente, queria que ele sofresse tanto quanto ele, que perdesse seus entes queridos ou se visse impossibilitado de ajudá-los.

Resolvera aguardar e orientara Bittencourt a manter o preso sob vigilância. Enquanto isso arquitetara um plano para destruir Marcos de uma vez por todas. Contribuía para a morte de Rafael e, quando Marcos visitara o pai, fora filmado e fotografado, agora possuía os meios para continuar sua vingança.

- Pai, preciso dormir, estou muito cansada, depois falamos sobre isso - afirmou Sthefany erguendo-se e, após beijá-lo dirigiu-se para seu quarto, ela parecia atordoada.

- Boa noite filha, desculpa por te contar isso agora, mas você precisava saber - disse retribuindo o beijo.

Enquanto observava sua filha subindo para o quarto, tomou um gole de seu uísque para disfarçar o sorriso, agora era esperar o que aconteceria em algumas horas.

Sua vontade era abrir um champanhe.

Capítulo XXIX

Marcos estava em pé, em frente ao altar da pequena capela, sua mãe em uma cadeira de rodas ao seu lado aguardava, tendo uma enfermeira do retiro onde ela era cuidada como acompanhante e do outro o Doutor Junqueira. Ela sorria de modo vago, sem entender muito bem o que acontecia.

Paulo, que seria seu padrinho, bateu em seu ombro tentando acalmá-lo.

Do lado da noiva não havia ninguém, mas isso era de se esperar já que a Avelar não aprovava o casamento. Letícia ficara encarregada de trazê-la.

Os ponteiros do relógio correram, o casamento estava marcado para as onze horas, depois seria oferecido um bolo e champanhe em um salão ao lado, quando então pretendiam viajar para Ubatuba onde fizera uma reserva em uma pousada para passarem a lua de mel de cinco dias, mas Sthefany estava atrasada mais de vinte minutos.

De ansioso passou a ficar preocupado, os poucos convidados murmuravam entre si, e o padre sorriu constrangido enquanto se aproximava e murmurava em voz baixa.

- Meu filho, estamos atrasados - disse o sacerdote com um olhar piedoso.

Marcos virou de costas para os convidados e ligou para Sthefany, mas o celular dela estava desligado ou fora do ar. Já estava agora trinta minutos atrasada.

Paulo olhou para Marcos com ar de interrogação e este meneou a cabeça dando a entender que não sabia o que estava acontecendo. Nesse momento a porta da capela foi aberta e a organista começou a tocar a marcha nupcial, mas o som da música logo morreu, não era a noiva que entrava, mas sim Letícia, a madrinha de casamento.

Com passos rápidos ela se aproximou e com um olhar constrangido

entregou-lhe um envelope. Marcos pegou-o, era pequeno e delicado, abriu e retirou uma folha de carta dobrada, reconhecendo a letra elegante de Sthefany.

"Marcos

Não há como dizer de forma fácil, não quero me casar, me perdoe, eu te amo, mas aconteceram algumas coisas que me fizeram duvidar sobre a viabilidade nosso casamento, eu preciso de tempo para pensar, não me procure. Eu te amo. Não me odeie.

Sthefany".

Marcos deixou seus braços caírem ao lado de seu corpo, a carta escorregou de seus dedos pousando no chão acarpetado.

Paulo se aproximou preocupado.

- O que aconteceu? - perguntou encarando Marcos.

- Não vai ter casamento - murmurou sentindo o rosto arder de vergonha.

- O que? - sussurrou incrédulo virando-se para Letícia.

- Eu fui buscá-la como combinado, mas ela não me atendeu, ao invés disso o mordomo da casa me entregou o bilhete com ordens de entregar pra você o mais rapidamente possível, era pra eu ter chegado antes, mas teve um acidente na estrada e fiquei parada quase duas horas, tentei ligar pra vocês, mas tava sem sinal - afirmou constrangida.

- Ontem vocês não iam em uma despedida de solteira? - perguntou Paulo para a namorada.

- E fomos, estava tudo bem, nos divertimos muito, Sthefany foi para a casa no carro com motorista depois de me dar carona - respondeu.

Marcos olhou para os convidados que o observavam atentamente.

- Não vai mais ter casamento - disse com voz alta para que todos ouvissem.

Um murmúrio correu pelo pequeno salão. Marcos virou as costas e explicou com voz baixa para sua mãe que não teria mais casamento, mas ela apenas o encarou com olhar apático. Depois empurrando a cadeira de rodas atravessou o salão saindo da igreja.

- O aconteceu? - perguntou Doutor Junqueira.

- Não sei, ela não deu uma explicação - respondeu contraindo o maxilar.

Sentia-se envergonhado e furioso. Como Sthefany pudera fazer aquilo com ele? Enquanto ajeitava sua mãe no carro Paulo correu até ele.

- Cara, como você está? - perguntou preocupado.

- Estou bem, vou levar minha mãe de volta para a clínica - respondeu contraindo o maxilar, tentando abafar a fúria que sentia no peito.

- Se precisar de alguma coisa, se quiser sair pra tomar umas e conversar, sabe que pode contar comigo - ofereceu colocando as mãos nos ombros de Marcos.

- Valeu, mas estou bem - respondeu.

- Se precisar de algo não deixe de me procurar - ofereceu solícito Doutor Junqueira.

Entrando no veículo que alugara para viajar para Ubatuba, dirigiu até a clínica onde ficou com sua mãe até que ela dormisse, ao menos a doença maldita que a afligia a impedia de tomar conhecimento do que ocorrera.

A noite avançava quando Marcos saiu do local. Uma garoa fina começara a cair. Ele olhou para o céu escuro deixando que as gotas de chuva molhassem seu rosto.

O que deveria fazer agora? Procurar Sthefany e pedir satisfação? Esquecê-la e continuar sua vida? Seu irmão estava morto, sua mãe raramente o reconhecia, e agora a mulher que desesperadamente amava o abandonara no altar, deixando-o arrasado até os alicerces da alma.

Por que ela fizera aquilo era um mistério que ele precisava decifrar.

Entrou no carro e dirigiu de volta à cidade, ao avistar um bar aberto estacionou quase em frente. Entrou no local, era um bar de bairro, pessoas simples divertiam-se após uma semana de trabalho pesado e honesto, em um balcão de madeira um homem e uma mulher serviam os clientes, espalhados no salão e na calçada em frente à porta, onde havia várias mesas e cadeiras dobráveis de metal. Grupos de pessoas tomavam cerveja e comiam petiscos, servidos por um adolescente.

Marcos avistou uma mesa vazia e sentou, o adolescente se aproximou e o interrogou com o olhar.

- Cerveja - pediu.

O adolescente assentiu com a cabeça e se dirigiu ao balcão, voltando em seguida com uma garrafa e um copo.

Marcos observou o copo simples, com amargura, lembrou-se das taças de cristais que Sthefany usava para beber champanhe importada que custava quase um ano de trabalho daquelas pessoas.

Enchendo o copo, o virou de uma vez só, enchendo-o novamente. Remoendo suas lembranças com Sthefany e a vergonha de ter sido abandonado no altar o tempo correu, ao se dar conta já havia cinco garrafas vazias na mesa.

Levantou-se se sentindo zonzinho. firmando os passos caminhou até o balcão onde pagou a conta e saiu. Com dificuldade entrou no carro e após duas tentativas conseguiu colocar a chave no contato. Uma parte de sua mente dizia que ele não devia dirigir, já atendera muitos casos de acidentes automobilísticos causados pela bebida. Mas outra parte dizia que mandasse tudo à merda.

Com dificuldades conseguiu chegar a casa sem sofrer um acidente, estava zonzinho, mas a bebida parecia ajudar a abafar a dor que sentia, por isso abriu uma garrafa de champanhe que havia na geladeira e esvaziou metade dela em um único gole. Quando deu por si, já era manhã, acordou deitado no sofá, sentindo o corpo todo dolorido, olhou o celular na esperança de haver alguma ligação de Sthefany, mas não havia nenhuma. Quando se sentiu sóbrio o suficiente devolveu o veículo e cancelou a hospedagem na pousada.

Sentia-se traído, não conseguia acreditar que depois de dizer que o amava, ela o abandonara.



Sthefany acordara na manhã de seu casamento sentindo-se péssima. Não conseguira mais do que alguns poucos cochilos. Remoera o que seu pai contara, não conseguiria encarar Marcos sabendo que ele era filho do assassino de sua mãe, e o pior, ele sabia e nada lhe contara. Teria se aproximado dela ciente de tudo?

Quando Letícia apareceu para buscá-la às oito da manhã, fazia duas horas que estava acordada. Decidira não aparecer no casamento, mas não tinha coragem de ligar para Marcos, por isso escrevera uma carta e torcia para que sua amiga a levasse a tempo de cancelar a cerimônia.

Ordenara ao mordomo para ele a orientasse a entregar a carta o mais rapidamente possível, informando de que ela não compareceria ao casamento. Ficara deitada na cama olhando para o celular, contando os minutos.

- Princesa? - perguntou seu pai batendo levemente na porta.

- Agora não papai! Por favor! Agora não! - pediu tentando controlar o choro.

- Está bem querida - ouviu seu pai dizer e em seguida os passos dele se afastando.

Quando o relógio marcou onze horas começou a chorar, meia hora depois o telefone tocou, era Marcos, na terceira tentativa dele desligou o aparelho.

Avelar estava sentado na sala de estar tentando ler um livro, mas sua concentração estava na escadaria. Apesar de exultante estava preocupado com a filha, trancada no quarto.

De repente ouviu passos, observou-a descendo com uma mochila nas costas. Ela vestia um jeans desbotado e camiseta, seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo e os olhos vermelhos e com olheiras, que ela não tentara disfarçar com maquiagem.

- Amor? - perguntou Avelar tentando demonstrar solidariedade.

- Pai, quero ir pra Floripa, por favor - pediu sentindo as lágrimas se formarem em seus olhos.

Precisava fugir, temia que Marcos a procurasse e não suportaria ver a mágoa em seu olhar.

- Claro, claro - respondeu e pegou o celular ligando para seu secretário.

- Vicente, prepare o helicóptero e avise os caseiros da casa de praia em Florianópolis que eu e minha filha estamos indo pra lá hoje - ordenou, desligando logo em seguida após ouvir a concordância de seu assistente.

- Obrigada pai, mas quero ir sozinha, por favor - pediu sentando-se em uma poltrona ao lado dele.

- Tudo que você quiser princesa - respondeu abraçando-a.

Sthefany começou a soluçar e chorar afundando o rosto nos ombros do pai. Avelar acariciou seus cabelos, enquanto que, com a outra mão a abraçava, mas não conseguiu evitar que um sorriso aflorasse em seus lábios.

Capítulo XXX

Durante duas semanas Marcos ficou remoendo o ódio que sentia arder no peito, ligara para Sthefany, mas ela não atendia e também não o procurara, nem mesmo para se justificar.

Voltara ao trabalho, para surpresa dos colegas, mas não contara a ninguém o que acontecera, embora eles desconfiassem.

Os dias e noite passaram com uma lentidão exasperante, sentia-se cansado e irritadiço, não conseguia dormir à noite, parecia que ouvia passos na casa e frequentemente levantava para verificar se a porta do apartamento estava fechada. Acabou se auto-medicando com um sonífero.

Quando se dirigia ao hospital, tinha a sensação de estar sendo seguido, não tinha apetite e passara a parar no bar para tomar uma garrafa de cerveja antes de subir ao seu apartamento, ao menos isso o ajudava a relaxar e dormir, pensava angustiado.

No segundo sábado, após o casamento que não ocorrera, acordara cedo e ficara a manhã bebendo no bar, remoendo seus problemas, por que ela fizera àquilo com ele? Aceitara se casar e o abandonara sem ao menos dar uma explicação convincente. Sentia-se humilhado e revoltado, será que não era bom o suficiente? Ela teria brincado com seus sentimentos? Sentia seu lado selvagem lutar para se libertar, a vontade era procurar Sthefany para tirar satisfações e, se encontrasse Avelar, este também iria ouvir poucas e boas, pensou consigo mesmo.

Por volta das treze horas resolvera procurar Sthefany, não conseguiria seguir em frente se não ouvisse diretamente dela o que acontecera, tentara ligar algumas vezes durante a semana, mas o celular dela estava sempre fora de área, chegara a ligar na mansão, mas o mordomo dissera que ela estava viajando e se recusara a dizer onde e quando voltaria.

Ligou para Paulo pedindo para que ele descobrisse com Letícia onde

Sthefany estava.

- Cara, você não vai aprontar vai? - perguntou Paulo preocupado do outro lado da linha.

- Não, somente preciso falar com ela, preciso saber o que aconteceu, caso contrário não vou conseguir seguir em frente pediu.

- Ok, vou ver o que consigo - respondeu - Te ligo daqui a pouco.

Marcos esperou quase uma hora, acertara a conta e parara de beber, precisava estar sóbrio, pensou consigo mesmo.

O celular tocou e ele atendeu rapidamente.

- Pronto.

- Descobri, ela vai estar no hotel Hilton Plaza, hoje às vinte e uma horas, o pai dela parece que vai ser homenageado. Ela estava em Florianópolis e voltou hoje de manhã somente para a cerimônia - informou.

- Obrigado, te devo uma - agradeceu.

- Cara, vai com calma e vê se não apronta, a Letícia é amiga dela, se ela souber que eu te contei ela vai arrancar meu fígado - aconselhou antes que Marcos desligasse.

Por duas horas ficou sentado observando a garrafa vazia à sua frente, tentava decidir o que fazer, sabia que não devia ser impulsivo, mas não conseguia controlar a vontade de confrontá-la. Com um esgar de amargura saiu do bar e ligou sua motocicleta que estava na porta, acelerando e cantando os pneus partiu.

Dirigiu-se até o hotel onde ocorreria a homenagem, era um estabelecimento cinco estrelas, durante o percurso pensara em uma forma de entrar nele. Ao chegar já sabia o que fazer, guardou a motocicleta no estacionamento e se dirigiu à portaria onde fez uma reserva de um quarto. Era caro, mas gastaria o dinheiro que pretendia usar na lua de mel, pensou com amargura.

Após se hospedar caminhou pelo lobby e percebeu que havia um cartaz na sala de convenções anunciando que dentro de três horas ocorreria a premiação do "empresário do ano", concedida por uma importante revista de negócios.

Marcos aproveitou para comer um lanche no restaurante, depois subiu para o quarto e deitou-se na cama, pensara em tomar um banho, mas sentia-se exausto demais. Tentara cochilar, mas apesar da exaustão física e mental, estava agitado e resolvera descer até o lobby. Procurou uma poltrona que ficasse de frente para a entrada principal, perto o suficiente da porta da sala de convenções e aguardou.

Os minutos se arrastaram de forma lenta, mas finalmente as portas da sala de convenções foram abertas e os convidados começaram a chegar. Diversos fotógrafos da imprensa especializada já estavam a postos no lobby, toda vez que um empresário chegava eles corriam para fotografá-lo e entrevista-lo, até mesmo uma equipe de televisão estava no local.

Marcos ainda estava tentando decidir o que faria, mas sua mente parecia entorpecida, não conseguia se concentrar.

De repente ele a viu.

Sthefany entrou no lobby do hotel, seus cabelos loiros e volumosos caíam suavemente por seus ombros, usava uma maquiagem discreta e trajava um vestido preto com detalhes dourados que marcava suas curvas. Um decote discreto, mas sensual, deixava o colo dos seios à mostra.

Ao lado dela estava Avelar sorridente, usando um smoking preto sob medida. Ao entrarem os fotógrafos e repórteres os cercaram, dando atenção especial ao empresário, mas sem esquecer a bela filha, ao lado dele.

Marcos sentiu algo se quebrar em seu íntimo, para sua decepção ela não usava o par de brincos ou a correntinha com pingente de ouro, que sempre usava, desde que ele a presenteara.

Falsa, mentirosa, como pudera enganá-lo daquela forma? Ouviu uma voz gritar em sua mente.

Sem medir as consequências se aproximou dos repórteres.

- Por que vocês não perguntam a ela o motivo de ter abandonado o noivo no altar? – perguntou em um tom de voz alta.

Os repórteres de repente fizeram silêncio, encarando-o surpresos.

Sthefany parecia chocada, Marcos podia perceber que ela corava debaixo da discreta maquiagem, seus lábios pintados de vermelho suave tremeram ligeiramente e seu peito arfou no decote apertado.

Sua boca se movimentou sussurrando o nome dele. Avelar ao lado dela ficou vermelho como um tomate, as veias da têmpora e do pescoço saltando.

De repente os repórteres explodiram em uma gritaria, todos fazendo perguntas ao mesmo tempo, quase enfiando microfones nos rostos de Avelar e Sthefany.

- O que você quer dizer com isso? – perguntou a repórter de televisão de um programa noturno especializado em notícias da alta sociedade – Você era o noivo dela?

- Pergunte para ela – rosnou secamente e na mesma hora a repórter virou o microfone para uma aturdida Sthefany.

- Ponha ele para fora daqui – rugiu Avelar para os dois seguranças particulares que os acompanhavam e que ficaram alguns passos para trás na hora da entrevista.

Os brutamontes se aproximaram, um de cada lado, prontos para agarrar Marcos pelos braços, com um sorriso feroz e exultando com a energia violenta que sentia crescer em seu íntimo, desferiu um chute contra o estômago do primeiro que avançara pela direita e quando o segundo segurança o agarrara pelo braço, ele escapara do golpe, ao mesmo tempo em que lhe chutava o joelho, fazendo-o desmoronar.

Mas Marcos não contava com os seguranças dos demais empresários, espalhados pelo espaçoso lobby do hotel, de repente se viu agarrado por várias mãos e, por mais que se debatesse e desferisse golpes, foi dominado, não sem antes receber dois violentos socos no rosto. Sentiu uma dor atroz no nariz e na boca e logo sentiu gosto de sangue.

Os flashes das máquinas fotográficas e da luz das câmeras de televisão iluminavam todo o ambiente, misturado com os gritos dos repórteres ávidos pelo furo sensacionalista.

Antes que os seguranças afastassem Sthefany para o interior do hotel, ela ainda o encarou, lágrimas escorriam por seus olhos, borrando a maquiagem antes perfeita.

- Você me deve uma explicação! Sthefany! – gritou fora de si, antes de ser jogado com violência para fora do hotel.

No dia seguinte jornais e revistas estampavam o escândalo que ocorrera no refinado Plaza Hotel.

Capítulo XXXI

Na segunda feira, Marcos foi trabalhar, ao chegar o diretor Felipe o esperava, convidando-o a ir com ele até o escritório.

- Marcos, não tem palavras fáceis, por isso vou ser direto, você foi exonerado – afirmou constrangido.

- Por quê? – perguntou surpreso. Não era concursado, mas sim contratado emergencialmente até o preenchimento do cargo por concurso público, o qual não tinha previsão de acontecer.

- Não sei, a ordem veio lá de cima, da Secretaria de Saúde, tentei argumentar, dizendo que você é um excelente médico, mas não consegui. Acho que foi por causa do escândalo no hotel – afirmou sem graça.

- Eu, não sem o que dizer, estou arrependido, não sei o que me deu no sábado – murmurou desconsolado – Mas agradeço Doutor, o senhor foi sempre gentil e me ajudou quando meu irmão veio para cá.

- O prazer foi meu, se eu puder fazer alguma coisa por você...

- Agradeço, mas estou bem, obrigado.

Marcos voltou para a comunidade, durante a semana dormia tarde, em razão da insônia, que agora era frequente, e acordava tarde. Precisava se animar e procurar um emprego, mas estava se sentindo esgotado, possuía alguma poupança e resolvera então ficar um tempo sem trabalhar, tentando reconstruir os destroços do que se transformara sua vida.

Não entendia o que estava acontecendo, sua mente parecia a maior parte do tempo nublada, como se estivesse dopado, tinha dificuldades para se concentrar, suas mãos tremiam e suava profusamente, precisava consultar um colega, mas estava desanimado demais para isso.

Resolvera então ajudar na clínica comunitária, e toda a manhã trabalhava no local até o meio dia. Apesar clinicava, evitava fazer pequenas cirurgias, não confiava mais em suas mãos, que constantemente tremiam. Reconhecia os sintomas, parecia estar sofrendo ataques repentinos de pânico: boca seca, coração disparado, suor excessivo, tremores nas mãos. Mas creditava isso ao stress à que estava submetido.

Na sexta feita acordou cedo, e se dirigiu à clínica, poderia estar desempregado, mas continuava sendo médico. Ao chegar ao local ficou surpreso ao avistar alguns rapazes armados de fuzis na porta expulsando os pacientes.

- Mas o que está acontecendo? - perguntou irritado.

- Aí mané, sai fora, tamo fechando essa merda - disse um jovem que não devia ter mais de quinze anos.

- Peraí porra - interveio outro jovem que Marcos reconheceu como um dos antigos parceiros de seu irmão.

- Binho, o que tá acontecendo? - perguntou.

- Aí doc, o patrão mandou fechar a clínica por um tempo, te considero paca, por isso peço pra você cair fora daqui - orientou o jovem.

Marcos observou os jovens, estavam todos armados, não havia nada que pudesse fazer no momento.

Cabisbaixo percorreu as ruas com sua motocicleta até sua casa, ao chegar surpreendeu-se novamente, vizinhos corriam com águas e mangueiras tentando apagar as chamas que ardiam em sua casa. Quedou-se imóvel na calçada, as chamas se restringiram ao interior de seu apartamento, não atingiram o bar que ficava embaixo.

Após algumas horas ele conseguiu entrar no local, desolado percorreu a sala, seus foram destruídos pelas chamas, as fotografias de sua mãe e irmão, todas as lembranças da infância e adolescência queimadas, nenhum móvel escapara, escarafunchara o que sobrara do guarda roupa e no meio das roupas queimadas, cinzas e madeira carbonizada, encontrou sua maleta de médico. Fora tudo que lhe sobrara.

Marcos saiu da casa destruída e, para sua surpresa, sua motocicleta fora furtada.

- Mas que merda! – rosnou irritado encarando as pessoas que estavam na rua, mas nenhuma sustentou seu olhar.

Como tudo isso podia acontecer em apenas um dia? Pensou consigo mesmo, enquanto tomava um ônibus que passava na entrada da comunidade. Conhecia um hotel não muito distante e pretendia se hospedar nele.

Ao chegar à portaria pediu um quarto, estava cansado, com dor de cabeça e com fome, mas ao passar o cartão de crédito a atendente informou que o mesmo fora recusado, quando tentou o cartão de débito a atendente constrangida o informou que também não conseguira passá-lo.

- Mas é impossível - disse Marcos surpreso, ele podia não ser rico, mas tinha crédito no cartão e possuía uma reserva na conta poupança.

- Sinto muito senhor - disse devolvendo o cartão.

Irritado Marcos saiu do hotel, não tinha muito dinheiro na carteira. Havia um caixa eletrônico nas proximidades e para sua surpresa o saldo estava mesmo zerado. Olhou para o relógio, já eram mais de dezesseis horas e o expediente bancário se encerrara. Somente poderia resolver na segunda-feira, se dirigiu então até o centro e encontrou um pequeno hotel que cabia em seu orçamento, ao pagar por dois dias de hospedagem percebeu que não sobrara muito dinheiro.

Se existia um inferno com certeza o hotel era o purgatório. Um prédio decrepito e sujo, frequentado por prostitutas e viciados, mas ao menos era barato.

O hotel não servia refeições, nem mesmo café da manhã, a noite avançava e Marcos encontrou um carrinho de cachorro quente, pensou em pedir um refrigerante para acompanhar, mas mudou de ideia, não podia se dar ao luxo de gastar.

Passou o fim de semana trancado no quarto, não havia televisão ou o que fazer, por isso passava a maior parte do tempo deitado na cama fétida, ou tomava duchas geladas no minúsculo banheiro, que possuía um chuveiro que gotejava sem parar. Comprara algumas frutas que ajudaram a enganar a fome, o dono do

hotel, gentilmente lhe oferecera algumas garrafas de água mineral como cortesia, ao menos não morreria de sede, pensou amargurado.

Na segunda-feira ligou para seu gerente e foi informado de que o dinheiro do banco e o cartão de crédito estavam bloqueados, ao que parecia por ordem judicial. Algo com uma investigação criminal, mas que em breve se resolveria, afirmou o gerente tentando ser gentil.

Precisava descobrir o que estava acontecendo e lembrou-se do policial que conhecera no Rio de Janeiro. Constrangido, ligou para Bruno, que ficou feliz em atendê-lo.

Após explicar o que acontecera, ele prometera investigar com alguns contatos que tinha na polícia paulista. Duas horas depois ele ligou informando que parecia existir uma investigação sigilosa no DEIC, a delegacia de combate ao crime organizado, sobre corrupção e o nome dele fora mencionado.

- Se tiver algo que eu possa fazer – afirmou Bruno do outro lado da linha.

- Não, nada, você já ajudou bastante – respondeu desligando o celular.

Assim que desligou seu celular ele tocou novamente, ao atender ficou surpreso, estava sendo cientificado de que teria que se apresentar no CREMESP^[39].

Marcos usou o metrô para chegar à sede do Conselho, após o fazerem esperar por uma hora, um membro do comitê de ética o atendeu. De forma sucinta, o cientificou de que sua licença para exercer a medicina estava suspensa e seria investigado por suposto assédio sexual.

- Mas quem? – perguntou incrédulo.

- Por enquanto não temos detalhes, mas o chamamos para cientificá-lo que você deve comparecer dentro de uma semana para então conhecer os detalhes da investigação. Se quer um conselho, contrate um advogado, pois dependendo do que a vítima relatar, enviaremos para que a Polícia para que eles o investiguem criminalmente.

- Isso é loucura – rosnou saindo da sala batendo a porta.

Quando chegou ao hotel já eram treze horas, seu estômago roncava forte, reclamando de fome. Marcos sentou-se na cama desanimado, abriu sua carteira, tivera que comprar passagem do metrô e agora estava quase sem dinheiro e ainda teria que pagar a diária do hotel.

Olhou a fotografia que sempre carregava de Sthefany, ela lhe sorria feliz, isso o entristeceu mais ainda, por isso colocou-a de volta no interior da carteira, ver seu rosto, mesmo em uma imagem, só o entristecia.

Pensou em ligar para um amigo, mas percebeu que não tinha um, possuía colegas de trabalho, mas não tinha intimidade com nenhum deles e não os importunaria de forma tão inconveniente, seu orgulho não permitiria.

Havia o Doutor Junqueira, fora seu mentor e um amigo de sua mãe. Engolindo o orgulho ligou para o celular dele, mas o mesmo estava fora de área, tentou na clínica e informaram que ele fora convidado para um simpósio no Japão e somente retornaria dentro de duas semanas.

Marcos deitou desanimado na cama, estava mortalmente cansado, não se alimentava direito há três dias, como médico percebia que estava com um quadro de depressão e stress.

A morte do irmão, o abandono no altar, a descoberta que seu pai era um assassino, o fechamento da clínica, o incêndio de sua casa, o bloqueio de suas contas e por último o processo no CREMESP. Como podia tudo isso ocorrer em tão pouco tempo?

Somente existia uma explicação, alguém estava tentando destruí-lo, e apenas uma pessoa possuía motivos e poder suficiente para isso: Avelar.

Então era isso, era um plano arquitetado por Avelar, Sthefany, os traficantes da comunidade, seus colegas de trabalho e até mesmo Junqueira, todos mancomunados para destruí-lo!

Não! Sthefany, não! Ela dissera que o amava, ela nunca faria isso.

Marcos sentou-se novamente, o colchão era desconfortável e parecia ter pulgas, de soslaio percebeu um rato correndo para baixo do guarda roupa de madeira podre que estava encostado em uma parede. Um idiota no quarto em frente ao dele ouvia uma música funk de péssima qualidade em volume

estrondoso. No quarto conjugado ao seu, um casal fazia sexo, os gritos escandalosos da mulher e os barulhos da cama batendo na parede o impediam de dormir.

Malditos! Todos estavam contra ele, ninguém respeitava seu direito de descansar, não dormia há mais de vinte e quatro horas. Só precisava de algumas horas de descanso, seria pedir muito?

Estou tão cansado! Pensou enquanto se deitava na cama em meio aos lençóis fétidos e manchados, um cochilo de dez minutos, era disso que precisava para se sentir melhor.

"Marcos se levantou e tomou o metrô, depois um ônibus até o bairro nobre onde Avelar residia, um rapaz gentil lhe ofereceu carona e o deixou defronte ao condomínio. Os vigilantes o deixaram entrar, e o mordomo metido à inglês o levou até a biblioteca onde Avelar o esperava. Confrontou-o e após espancá-lo até lhe tirar sangue, ele lhe devolveu tudo que tomara e destruía. Sthefany rejeitou o pai e foi embora com ele..."

Uma batida forte na porta o acordou:

- O rapaz! A diária venceu ao meio dia, me passa mais cinquentinha ou cai fora! - disse uma voz desagradável.

Um sonho, fora apenas um sonho! Pensou enquanto se sentava, a música alta mudara para um sertanejo meloso sobre um homem que fora traído, o casal do quarto ao lado parecia ter terminado o que estavam fazendo.

- E aí mermão! tá surdo? - gritou a voz espancando a porta.



O gerente-porteiro tinha trinta anos, mas aparentava mais, estava quase calvo e uma camisa branca manchada de molho de tomate cobria sua barriga proeminente. Ele não se recordava há quanto tempo trabalhava em hotéis de quinta categoria no bairro da Luz.

Quando hospedara o jovem não imaginara que sua sorte iria melhorar, um homem misterioso, que chegara logo em seguida, lhe dera uma grande quantia

para que ele despejasse um líquido nas garrafas de água que ele sempre entregava aos hóspedes, embora parecessem água mineral ele as enchia da torneira mesmo.

- Aí, não é veneno não, é? Não quero saber de "presunto" no meu estabelecimento - disse desconfiado enquanto guardava o maço de dinheiro no bolso e com a outra mão analisava o tubinho plástico que continha um líquido incolor.

- Não, meu senhor, é apenas um calmante, esse meu amigo precisa de tratamento, mas recusa ajuda. Garanto-lhe que nada de mal acontecerá - afirmou o sujeito bem vestido, que estava acompanhado de um homem mal-encarado. E para melhorar seu dia eles haviam alugado o quarto ao lado do jovem e pagaram o dobro do preço.

Isso fora na sexta feira, e agora a diária estava vencida, precisava receber ou desocupar o quarto para outros clientes.

Se preparou para bater novamente na porta, mas de repente ela se abriu com violência e o jovem hóspede socou seu rosto fazendo-o bater de encontro à parede.

- Quem te enviou? - rosnou apertando-lhe o pescoço.

- Ninguém! - grunhiu o gerente desmaiando logo em seguida.

Se estivesse consciente o homem teria ouvido a última frase do hóspede.

- Vou te pegar Avelar!



Avelar estava na biblioteca em frente à grande janela com vista para o jardim. O dia estava bonito e ele se sentia feliz, meses de planejamento finalmente deram resultado e hoje ele colheria os frutos.

Como uma criança maldosa, que arranca as asas de uma mosca por pura diversão, ele destruíra a vida de Marcos, que para ele nada mais era que um inseto que ousara desafiá-lo.

Não bastara apenas fazer com que sua filha terminasse o noivado, ele precisava destruir qualquer chance de que eles reatassem e também desejava se vingar do que o pai dele fizera à sua amada esposa, por isso o colocara sob vigilância e devassara sua vida particular.

Começara com a descoberta de que ele era filho do assassino de sua esposa.

Guardara a informação e a usara para começar sua vingança contra Maurício, o responsável pelo homicídio. Fora fácil alguém entrar na residência de Marcos e furtar seu celular para ser usado na armadilha contra Rafael, a intenção era prender, mas os policiais se excederam e o resultado fora a morte dele, não que ele se importasse, utilizara o fato dele precisar de socorro médico para humilhar o jovem médico.

Mas isso não era suficiente, quando Marcos fora fotografado visitando o pai após a morte do irmão, ele usou isso para desestabilizar sua filha, a qual acabou não comparecendo no casamento. Logo após, a mesma pessoa que furtara o celular entrara furtivamente na residência dele e administrara, com uma seringa e agulha fina, um estimulante no garrafão de água mineral que havia na cozinha.

O remédio, de uso controlado, tinha um grave efeito colateral, exacerbava sintomas de depressão e agressividade latentes, causava síndrome do pânico, delírios de perseguição e poderia, eventualmente, causar transtornos mentais. Sua intenção era de que Marcos cometesse um erro médico que poria fim à sua carreira.

Para satisfação de Avelar, o remédio fizera efeito, seus investigadores lhe enviavam fotografias, conseguidas por câmeras com lentes teleobjetivas, mostrando a deterioração do médico.

Quando ele não estava no hospital, passara a frequentar o bar, embaixo de seu apartamento. Com prazer ele percebeu que a fisionomia do rapaz, antes sempre bem vestido e com a barba feita, passou a apresentar uma aparência desleixada, com roupas amarfalhadas, cabelos desgrehados e barba por fazer.

Avelar descobrira uma brecha no espírito do jovem, uma revolta e uma ira que lentamente o corroía por dentro, graça ao remédio, levando-o perto da loucura, e que culminou no grotesco espetáculo no hotel em que ele receberia

seu prêmio de “empresário do ano”.

A satisfação de perceber que seu plano produzira um resultado acima do esperado compensava qualquer humilhação que tivera com o escândalo, não que ele se importasse, não precisava de prêmios, ele tinha algo melhor: poder. Poder de fazer o que quisesse e, destruir a vida do jovem, se tornara seu passatempo preferido.

Quando sua amada filha viajara para Nova York, após o escândalo, decidira que era a hora de acertar as contas com o jovem. Não fora difícil conseguir que ele fosse demitido do hospital público, ele não era concursado e bastara apenas um telefone para o jovem de repente ficar desempregado.

Da mesma forma, seus contatos no submundo do crime, possibilitaram que o novo chefe do tráfico da comunidade fechasse a clínica e incendiasse a residência dele, enquanto seus contatos na cúpula da Polícia e do Judiciário, permitiram que as contas e créditos do jovem fossem bloqueados e seu telefone interceptado.

O golpe final fora a ameaça de suspensão de sua licença para clinicar, fora fácil subornar uma enfermeira, que descobrira ser usuária de drogas controladas, furtadas de seu hospital, para que o acusasse.

Agora ele estava desempregado, na miséria, prestes a perder sua preciosa licença de clinicar. Destruíra a vida dos dois filhos do homem que assassinara sua esposa, e impedira o casamento de sua adorada filha.

Uma suave batida na porta o tirou de seus pensamentos.

- Sim?

- O senhor Aldo está aqui, milorde ordenou que ele fosse anunciado imediatamente - explicou o mordomo de forma impassível introduzindo na sala um homem de cerca de quarenta anos que vestia um blazer claro de verão.

- Obrigado, pode se retirar Josué - ordenou encarando o detetive particular que contratara e que eventualmente prestava serviços para ele, em geral espionagem empresarial. Era um ex-policia civil que pedira exoneração, após perceber que seus atos ilícitos seriam descobertos, e resolvera abrir uma agência de detetives. Seu amigo da cúpula da Polícia Civil o recomendara.

- E então? - perguntou erguendo uma sobrancelha.

- Conforme ordenado, segui suas instruções e vigiei o jovem desde o momento em que ele saiu da comunidade. Ele tentou se hospedar em um hotel, mas percebeu que seus cartões estavam bloqueados, por isso se hospedou em um hotel de quinta categoria no centro, por uma módica quantia o gerente concordou, por uma módica quantia em dinheiro, em colocar o remédio que o senhor me entregou - começou Aldo.

Avelar sorriu, o diretor do hospital lhe entregara o estimulante sem questionar, após ele perguntar sobre qual remédio causava os sintomas específicos que ele desejava.

- Durante todo o fim de semana ele ficou no hotel. Na segunda feira ele passou a manhã ligando para bancos e para um policial do Rio de Janeiro, foi quando ele descobriu que seu nome estava envolvido em uma investigação e que sua conta e cartões estavam bloqueados por tal motivo - continuou o detetive coçando uma orelha com o dedo.

Avelar sorriu enquanto se servia de um copo de uísque. Graças à seus contatos na cúpula da polícia fora fácil envolver o nome do jovem e interceptar seu telefone, se alguém descobrisse os investigadores alegariam que ocorrera um mal entendido.

- Continue - ordenou tomando um gole de sua bebida.

- Na parte da tarde ele compareceu no CREMESP e foi cientificado de que sua licença estava suspensa por suspeita de assédio sexual - continuou Aldo aceitando um copo de bebida que Avelar lhe oferecera.

- Excelente - sorriu Avelar.

- Nesta tarde, há menos de duas horas, ele saiu do hotel após agredir o gerente, sua fisionomia estava fechada, parecia irado e após um incidente com viciados e com dois guardas municipais ele entrou no metrô, creio que seu destino seja esta mansão - concluiu.

- Quero os detalhes - ordenou Avelar acendendo um charuto e aproximando-se da janela.

- Muito bem, eu estava com meu associado em um quarto ao lado ouvindo por meio de escutas o som ambiente do local, por volta do meio dia o gerente exigiu a diária de forma agressiva, por um momento pensamos que nosso alvo estivesse dormindo, mas de repente a porta se abriu e ouvimos o som de um baque seco, corremos para a porta e visualizamos o jovem derrubando o gerente, tal qual um saco de batatas. Ainda conseguimos ouvir uma ameaça direcionada ao senhor - explicou.

- Adorável!

- Em seguida ele saiu do hotel, caminhava com passos decididos em direção ao metrô, mas antes de alcançá-lo foi abordado por dois jovens, que pela aparência e roupas demonstravam serem viciados em drogas. Um deles, por meio de um canivete exigiu celular e dinheiro - continuou o detetive fazendo uma pausa e tomando um gole de sua bebida;

- Então? - perguntou Avelar curioso.

- Em suma sua resposta foi breve e violenta.

- Detalhes, por favor - ordenou.

- Com um movimento rápido, o jovem aplicou uma chave no punho do rapaz armado de canivete seguido do som seco de ossos se partindo. Enquanto o infeliz caía ao solo gritando o outro jovem tentou contra argumentar fisicamente atacando meu alvo. Rapidamente ele desferiu um chute, que em minha experiência identifiquei como um golpe de arte marcial, acertando o estomago do outro viciado que caiu ao solo se contorcendo.

- Fantástico!

- Nesse momento dois altivos oficiais da guarda da municipal apareceram e deram ordem de parada, mas nosso alvo estava possesso, e novamente com um movimento rápido chutou o guarda fazendo-o cair sobre seu parceiro. Como uma fera embrutecida, com passos rápidos ele entrou no metrô e o perdemos de vista, achamos por bem vir avisá-lo - concluiu o detetive.

- Eu o invejo, você testemunhou o fim de um nobre jovem, mas nada se comparara com o prazer da visita dele- afirmou Avelar.

- Acha que ele virá para cá?

- Eu tenho certeza - respondeu com um sorriso feroz.

Sem dinheiro, sem emprego, e sem amigos, sofrendo de depressão e delírios de perseguição, em parte causados pelo medicamento que estivera ingerindo por dias seguidos, o jovem finalmente perdera a razão, pensou satisfeito Avelar.

Agora o último ato de seu plano se concretizaria.

Depois que dispensou o detetive Avelar se preparou, ordenou que dois seguranças aguardassem no interior da biblioteca, escondidos entre duas prateleiras de livros. Orientou seus funcionários, os porteiros e os demais seguranças a permitirem que Marcos entrasse.

Uma hora depois a porta foi aberta pelo mordomo que permitiu a entrada de Marcos, fechando a porta em seguida. Realmente o jovem estava destruído. Seus cabelos estavam desalinhados e suas roupas sujas, seus olhos estavam vermelhos e com olheiras profundas em volta, demonstrando o stress a que estava submetido. Suas mãos caídas ao lado do corpo estavam fechadas, prontas para uma luta, seus lábios contraídos.

Avelar se virou e sorriu.

Marcos avançou erguendo os punhos e atacou acertando um soco em seu rosto, seguido de outro no estômago que o fez grunhir de dor. O jovem sabia lutar, mas Avelar não era inexperiente, quando jovem lutara muito nas ruas antes de conquistar sua fortuna e mantinha-se em forma com um “personal trainer”.

Avelar respondeu com dois socos seguidos que atingiram duramente o jovem fazendo-o cambalear e se chocar com a escrivaninha, com um rosnado ele avançou, mas Marcos mesmo caído chutou-lhe a canela desequilibrando-o e em seguida desferiu um chute em seu rosto derrubando-o no tapete persa.

Avelar observou Marcos se erguendo e rapidamente se levantou também, fazendo um sinal aos seguranças.

- Você destruiu minha vida, quero tudo de volta! - gritou Marcos avançando com os punhos cerrados.

Nesse momento os seguranças o agarraram pelos braços.

- Maldito covarde! - gritou Marcos tentando se livrar dos brutamontes.

- Você é muito corajoso vindo em minha residência - rosnou Avelar passando a socar Marcos no estomago e rosto, até que ele caiu ao solo.

Avelar sorriu com satisfação e respirou fundo, ele teria assassinado o jovem ali mesmo, socando-o até a morte, mas controlou-se, matá-lo não fazia parte dos planos e isso magoaria sua filha.

Observou por um momento o rapaz estirado no chão acarpetado, seu rosto já estava coberto de cortes e hematomas, mas seus olhos ainda o encaravam desafiadoramente.

- Não me rendo...nunca! - murmurou dando uma golfada de sangue.

Avelar cerrou os punhos e desferiu um violento golpe no rosto do jovem que desmaiou.

Capítulo XXXII

Marcos acordou sentindo uma dor violenta no corpo, seu olho esquerdo estava fechado devido um inchaço. Com um grunhido sentou encostando-se a uma parede fria.

Observou em volta, estava em uma cela pequena, outros cinco presos o encaravam curiosos.

- Acordou, princesa - disse com sarcasmo na voz um homem de meia idade e acima do peso.

- Onde estou? - perguntou apalpando o corpo a procura de ossos quebrados, mas felizmente não encontrou nenhum.

- Em uma cela, onde mais? - respondeu o homem gargalhando.

- Te jogaram aqui faz cinco dias - explicou outro detento, um rapaz de cerca de vinte anos.

- Você tava doidão mermão – gargalhou um terceiro detento.

- Disseram que era um surto psicótico – completou o rapaz, que parecia ter mais educação.

Marcos concordou meneando a cabeça. Surto psicótico? Fazia sentido, isso explicava suas ações, mas como isso ocorrera? Ele nunca tivera sintomas de problemas mentais, pensou intrigado. Tentou se recordar do que acontecera, lembrava-se do escândalo que armara no hospital, a demissão, a casa queimada, as contas bloqueadas, e o processo no CREMESP, mas parecia que ocorrera com outra pessoa.

Não entendia como pudera agir de uma forma tão descabida, agira como um psicótico, colocara na cabeça que todos estavam perseguindo-o, inclusive Sthefany. Deus! Ela deveria estar magoada com ele, e com razão, ele não lhe

dera chance de explicar por que o abandonara no altar.

Suas lembranças dos dias que passara no hotel pareciam ainda mais nebulosas, como se pertencessem à outra pessoa. Com um choque se recordou que atacara o gerente, duas pessoas na rua e dois guardas municipais, depois fora até a mansão de Avelar disposto a exigir que ele lhe devolvesse tudo.

Era uma insanidade, lutara e fora espancado por Avelar que contara com a ajuda de seus seguranças.

Marcos se levantou sentindo os músculos doloridos, olhou para o antebraço, havia sinal de furos provocados por agulhas, provavelmente injetaram soro nele, pensou envergonhado. Aproximou-se da grade e a segurou sentindo uma vergonha extrema, nunca fora preso na vida, o que sua mãe, se pudesse, diria se o visse naquela situação?

Nesse momento dois carcereiros se aproximaram da cela.

- Eu quero falar com o delegado, por favor.

- Na hora que o doutor tiver tempo ele te chama, agora desencosta e vai pro outro lado - disse batendo com um cassetete na grade da cela quase acertando seus dedos.

Marcos se afastou e observou os carcereiros levarem dois presos embora, após algemá-los.

O dia passou lentamente, foi servido um almoço horrível, o arroz estava duro, o feijão parecia azedo e a carne era dura, ele comeu pouco, sentia que seu estômago estava contraído, deveria ter sido alimentado por tubos durante a semana em que ficara internado.

Marcos se desesperou, os minutos pareciam se arrastar, sem ter o que fazer deitou no banco de concreto que servia de cama e fechou os olhos, como tudo aquilo acontecera com ele? Há alguns meses era um médico com um futuro brilhante pela frente, estava apaixonado e iria se casar.

Mas agora estava em uma cela fétida, sua casa incendiada, suas contas bloqueadas e até mesmo sua licença para exercer a medicina corria risco de ser suspensa.

Não tinha dúvidas, tudo fora obra de Avelar, ele influenciara a própria filha para que ela o abandonasse no altar, deveria ter descoberto que seu pai fora o assassino da mãe dela, um pai que o jovem nunca conhecera antes, e usara isso para influenciar Sthefany, talvez ela o tenha abandonado por ter escondido a verdade, se arrependia, mas não tivera coragem de contar sobre seu pai.

Mas que culpa tinha pelo que seu pai fizera? Será que o amor que Sthefany dizia sentir fora tão frágil?

Finalmente ao anoitecer os carcereiros vieram busca-lo. Algemado, Marcos caminhou pelos corredores até uma sala, ele se sentia sujo, sua roupa estava amarfalhada e cheirava mal.

Ao entrar colocaram-no em uma cadeira e saíram. No local observou um homem que usava camisa social e tinha uma pistola presa em um coldre de axila. Devia ser o delegado.

Sentado na poltrona da escrivaninha de madeira Avelar o encarava com um sorriso irônico nos lábios. Seu rosto possuía alguns hematomas, resultado dos golpes que sofrera.

- Você está encarcerado jovem - começou o delegado - Cometeu seis lesões corporais, invasão de domicílio, ameaça e tentativa de homicídio contra um respeitado empresário.

Marcos pensou em responder, mas percebeu que o delegado estava propenso a não ouvi-lo, senão por que permitiria que Avelar sentasse em sua própria poltrona? Caíra em uma armadilha e não via como sair dela, poderia ter tentado agredir Avelar, mas homicídio?

- Mas você tem sorte, Doutor Avelar é magnânimo e um velho amigo, ele tem uma proposta pra você e é bom que aceite, senão hoje mesmo você vai subir pro presídio - afirmou de forma séria o policial.

O delegado saiu da sala deixando-os a sós. Avelar se levantou e caminhou em volta de Marcos observando-o, conseguira colocá-lo em uma armadilha e bastava sua vontade para enviá-lo para uma cadeia de onde ele não sairia tão cedo, lá ele poderia vir a ser morto facilmente, mas como sua filha reagiria? Sabia que ela amava o jovem, tentaria lhe dar apoio? Pensar em sua filha visitando um presídio causava-lhe enjoo.

Não arriscaria tudo agora que a vitória estava garantida.

- Quero que você vá embora da cidade, se for do país melhor ainda, nunca mais procure minha filha, ela está feliz longe de você, faça isso e eu retiro todas as acusações contra você, inclusive no CREMESP - afirmou Avelar com voz suave, como se estivesse conversando com um velho amigo.

- Foi você então... - murmurou Marcos para si mesmo.

- Sim, com exceção de minha filha o ter abandonado no altar, isso foi decisão dela - afirmou Avelar com um sorriso torto, jogando uma revista de fofocas na mesa em frente.

Marcos observou a capa, a manchete afirmava que a filha do bilionário da indústria farmacêutica estava fazendo um cruzeiro pelas Ilhas Gregas, em companhia do filho de um magnata alemão. A fotografia, tirada à longa distância, mostrava ela em pé, usando um maiô, em um iate observando o mar, e alguns passos atrás Bert, que parecia conversar com um dos tripulantes.

Sentindo como se uma faca o cortasse por dentro, encarou Avelar, não se importava com as acusações, assumiria sua responsabilidade por elas, mas nunca assediara nenhuma enfermeira para ser investigado pelo CREMESP.

Se Sthefany estivesse ao seu lado ele lutaria até o fim para provar sua inocência, mas ela o deixara, estava fora do país em um cruzeiro com Bert. O que lhe restava? Nada a não ser seu amor pela cirurgia. Nada mais o prendia em São Paulo, sua mãe estava internada em uma cidade vizinha, em tal estado que não o reconhecia mais. Não queria envolver o Doutor Junqueira em seus problemas, não tinha mais sua casa ou a clínica voluntária, nem mesmo amigos possuía.

A lembrança de uma propaganda que vira sobre os médicos sem fronteiras passou pela sua mente, talvez essa fosse a solução, ir embora do país e ajudar quem precisava, assim, talvez conseguisse esquecer Sthefany.

- Você venceu, vou embora do país - respondeu sentindo-se derrotado.

- Ótimo, só te dou um aviso, se você voltar a procurar minha filha, não pensarei duas vezes em destruí-lo de uma vez por todas.



O sol invadia, pelas escotilhas a cabine “master” do luxuoso iate de 140 metros, a espaçosa suíte. A luminosidade irritou os olhos de Sthefany, sentia a cabeça doendo e um gosto horrível na boca. Bebera muito na noite anterior, aliás vinha bebendo constantemente desde que chegara há uma semana.

Na noite anterior exagerara, as lembranças dos momentos que passara com Marcos, se misturavam com sua fisionomia selvagem dele, após tê-lo abandonado, as recordações a assombraram a noite inteira e por isso bebera.

Bert era gentil e compreensivo, vinha agindo como um verdadeiro cavalheiro.

De repente se levantou e correu até o banheiro onde vomitou. Agachada ao lado do vaso sanitário Sthefany se sentiu mal: suava frio, e sentia-se enjoada. Estaria doente? Pensou consigo mesma, fazia três dias que vinha tendo constantes enjoos, até mesmo o cheiro de certas comidas embrulhava seu estômago, pensou que fosse em razão do mar, mas ela sempre passara de latese até mesmo veleiros, desde a infância, e nunca passara mal.

Um dia antes desembarcaram na ilha de Santorini^[40] onde passaram o dia e a noite e, mesmo no hotel, continuara enjoando. Bert solícito sugerira procurarem um médico, mas ela recusara.

Depois que decidira não aparecer no próprio casamento viajara para a casa da família em Florianópolis, fora uma semana infernal, desligara o celular para não correr o risco de atender algum telefonema de Marcos ou ligar para ele.

Precisava pensar, conseguiria superar o fato do pai dele ser o assassino de sua mãe? Poderia amar o filho do homem que a privara da convivência dela? Que arrasara seu pai que tanto a amava? Poderia confiar nele? Afinal se ele tinha conhecimento de quem era o pai, e mentira, poderia também saber o crime que ele cometera e, ainda assim, nada lhe contara. Onde estava a confiança?

Voltara para São Paulo no dia em que seu pai receberia um prêmio, não tinha vontade nenhuma de comparecer na cerimônia, mas seu pai insistira, e o prêmio era muito importante para ele. Para sua surpresa Marcos aparecera no hotel causando um escândalo, afinal seu pai cuidara para que ninguém soubesse

de seu casamento, e de repente, sua fotografia estava estampada em revistas e jornais, e seu rosto assutado fora visto em um programa de televisão de celebridades. Nunca se sentira tão humilhada em toda vida.

Mas havia algo estranho nessa história, parecia surreal, acreditava conhecer Marcos, e aquele homem desgrenhado, com olhar selvagem, não era o homem por quem se apaixonara e quase casara, como era possível que em tão pouco tempo alguém mudasse tanto assim?

Desiludida resolvera sair do país e viajara para Nova York, hospedando-se em um hotel cinco estrelas.

Por duas semanas saíra todas as noites com velhas conhecidas, curtindo as baladas mais “privê” da cidade que nunca dormia, entre seu círculo de amizades havia modelos, atrizes, atores além de jovens empresários e investidores do mercado financeiro, alguns eram antigos colegas do internato.

Foram duas semanas de excesso, chegava ao hotel somente quando o sol despontava no horizonte e passava o dia se recuperando da noite. Tentava não pensar em Marcos e trocara o “chip” de seu celular para não cair na tentação de atender as ligações dele, isso se ele ligasse, o que ela começava a duvidar. Mas apesar de tudo não conseguia parar de pensar nele nos momentos em que estava sóbria, como ele estaria? Estaria odiando-a? Será que descobriria o motivo dela abandoná-lo no altar?

Sabia que o magoara, mas fora fraca, não estava preparada para uma vida de privações, dinheiro contado e trabalho duro. Descobrir que o pai dele fora o assassino de sua mãe era algo que a desestruturara completamente. Não tivera coragem de aparecer no casamento e fugira, mas por mais longe que fosse, as lembranças a perseguiam. Recordações dos momentos que tiveram e dos planos que fizeram, e por isso bebia, bebia para poder esquecer e suportar a dor e a saudade que a corroía por dentro.

Quando encontrara Bert em uma festa, ele se mostrara compreensivo, um excelente amigo. Ele afirmou que estava saindo de férias e percorreria o mar Egeu, visitando as ilhas gregas em seu iate. Se ela desejasse apenas paz e distanciamento de seus problemas era bem vinda.

E assim ela aceitara o convite e arrumara sua mala. Bert a buscara no dia seguinte e, em duas horas, embarcaram em um voo de primeira classe para Paris

e de lá voaram no jato particular dele com destino à Atenas onde o iate os esperavam. Isso ocorrera alguns dias antes.

Uma batida na porta a retirou de seus devaneios.

- Liebes? - perguntou gentilmente Bert assomando na porta do banheiro que estava entreaberta.

- Oi - respondeu com um sorriso amarelo enquanto limpava a boca com uma toalha que pegara.

- Mein Gott! Você está pálida, vamos ancorar em duas horas e você vai ver um médico - afirmou Bert ajudando-a a se levantar e ir para a cama.

Enquanto se deitava e cobria o rosto com o braço Sthefany se perguntou pela milésima vez como Marcos estaria.



Marcos dormira mais uma noite na delegacia, mas às dez da manhã fora liberado sem nenhuma explicação. A primeira providencia foi ver se sua conta estava desbloqueada, com alívio constatou que sim e procurou um hotel razoável onde pudesse tomar um banho.

Depois de comprar duas calças jeans, três camisetas e cuecas. Trocou as roupas sujas e ligou para o CREMESP onde o informaram que sua licença não estava mais suspensa e que a sindicância fora arquivada, após a denúncia ser retirada.

Avelar cumprira o prometido, pensou com desgosto. Isso provava que ele estava por trás do pesadelo em que se transformara sua vida em tão pouco tempo.

Sua vontade ainda era lutar por justiça, mas sabia que nada conseguiria provar. Desanimado, após fazer uma pesquisa no computador do hotel, se dirigiu à sede dos Médicos Sem Fronteiras.

Foi atendido por uma mulher com sotaque francês que ficou impressionada com seu currículo e com sua decisão de se voluntariar.

- Você pode trabalhar em várias comunidades aqui no Brasil - explicou.
- Não, eu quero ser voluntário fora do país - respondeu com convicção.
- Estamos desesperados atrás de médicos para trabalharem na Síria, mas adianto que as condições são críticas e os riscos de morte enormes - disse com um sorriso constrangido.
- Para mim está ótimo - respondeu determinado.

Era isso que ele precisava, trabalhar em um local onde ele fosse exigido ao máximo e que não sobrasse tempo para pensar em seus problemas e principalmente em Sthefany.

Tudo que mais desejava era esquecê-la, precisava desesperadamente tirar aquele amor de seu coração.

Apos mais duas entrevistas com diretores do MSF, ao final da tarde Marcos saiu do escritório com uma passagem de avião para Paris dentro de alguns dias, era o prazo que teria para se despedir de sua mãe, providenciar os documentos necessários e para o MSF preparar sua ida para a Síria como voluntário.

Procurou primeiro a clínica onde sua mãe estava, forneceu o novo número de telefone, já que desconfiado de que seu celular fora interceptado, trocou de aparelho e chip, recomendando expressamente que ele não era para ser fornecido a ninguém. Depois ligou para o Doutor Junqueira que ainda estava no Japão, explicando tudo que acontecera, e também sobre a decisão que tomara em se voluntariar junto aos médicos sem fronteiras.

Junqueira ainda tentou convencê-lo a esperá-lo, mas Marcos estava irredutível, precisava sair do país, caso contrário cometeria uma loucura, toda vez que pensava no que Avelar fizera, sentia um ódio insano o percorrendo. Finalmente seu mentor concordou e garantiu que cuidaria de sua mãe e o avisaria sobre qualquer alteração de saúde dela.

Marcos foi até o quarto dela e sentou-se ao lado da cama, conversou em voz baixa contando tudo que acontecera, mas sua mãe tinha o olhar perdido, olhando para o vazio.

- Me perdoe mãe, mas tenho que partir - afirmou sentindo lágrimas se formando em seus olhos.

- Marcos? Meu filho? Onde está seu irmão? Cadê o Rafael? - perguntou sua mãe subitamente encarando-o.

-Mãe? Me reconhece? - perguntou ansioso.

- Não! Quem é você? - perguntou assustada.

- Sou seu filho, Marcos - respondeu segurando as mãos de sua mãe.

- Não! Marcos tem oito anos! Quem é você? - perguntou se agitando e tentando se levantar.

- Ninguém, sou um médico, fique calma vou procurar seu filho - disse tentando acalmá-la enquanto apertava a campainha que chamava uma enfermeira.

- Meu menino é de ouro, sempre estudioso, tão diferente de Rafael, este puxou o pai - murmurou Dona Mirtes se acalmando.

Uma enfermeira entrou no quarto, e sorrindo entregou um copo de água e um comprimido para Dona Mirtes.

- Você vai procurar meu menino? Não gosto dele correndo pelas ruas, ele tem que estudar, ele vai ser um grande médico - afirmava Dona Mirtes sorrindo enquanto lutava contra o sono produzido pelo calmante que tomara.

Marcos saiu da clínica desanimado, sua mãe jamais se recuperaria, mas sabia que ela o amava, ainda que não o reconhecesse.

Agora precisava fazer uma última visita.

No dia seguinte se dirigiu até o presídio onde o homem que o gerara estava preso pelo crime de homicídio, apesar de não ser dia de visita após explicar ao diretor que era médico e que iria para a Síria conseguiu uma hora para conversar com seu pai no parlatório.

Após aguardar alguns minutos no local, agentes prisionais levaram seu

pai e o fizera sentar em uma cadeira em frente à ele, separados pelas grades.

- Oi – cumprimentou Marcos sentando-se na cadeira.

- Oi filho, que bom te ver de novo – cumprimentou Maurício.

Ficaram um momento em silêncio, para Marcos o homem à sua frente era um completo desconhecido, mas era seu pai e, por bem ou por mal, tentara cuidar da família, mas escolhera o caminho errado e agora pagava por seus erros.

- Quanto tempo falta para cumprir sua pena? - perguntou constrangido tentando iniciar uma conversa.

- Vou poder sair em liberdade condicional dentro de dois anos. Peguei a pena máxima, graças ao marido da sua ex-sogra – respondeu tentando ser simpático.

- Você recebeu o que mereceu – resmungou.

- Ei! Sei disso e me arrependo, mas logo terei pago minha dívida com a sociedade.

- Desculpe. Ele é um homem perigoso e vingativo - respondeu contando tudo que ocorrera com ele nas últimas semanas.

- Você acha que pode ter sido ele quem furtou seu celular? - perguntou contraindo o maxilar.

- Não sei, só sei que usaram ele para chamar Rafael para uma armadilha.

- Se você quiser eu posso dar um jeito nele, sou muito considerado no meio dos irmãos - insinuou Maurício.

- Não! Não ouse fazer nada, esse é um problema meu, já não basta passar mais de vinte anos preso? Eu vim aqui apenas para vê-lo e me despedir - respondeu irritado.

- O que pretende fazer?

- Estou indo embora do Brasil dentro de alguns dias, vou trabalhar no

exterior - respondeu sem querer entrar em detalhes - Consegue decorar um número de telefone?

- Sim.

- Acredito que não seja problema ligar de dentro do presídio, certo? - perguntou de forma sarcástica dizendo o número de seu celular - Não me ligue, mas pode me mandar mensagens no whatsapp de vez em quando.

- Farei isso.

Marcos se levantou e encarou Maurício sentado do outro lado, não conseguia chamá-lo de pai, Junqueira fora mais seu pai do que o homem que o gerara. Seus sentimentos eram confusos, seu pai era um assassino, mas errara e pagara pelo erro.

- Cuide-se - aconselhou com um sorriso triste.

- Você também meu filho, saiba que tenho muito orgulho de você - afirmou sem se levantar.

Marcos virou as costas e saiu do presídio. Ao se ver do lado de fora olhou para o céu coberto de nuvens e espiou fundo.

Dentro de alguns dias partiria do Brasil.

Capítulo XXXIII

Um médico veio à bordo do iate e examinou Sthefany, fez-lhe algumas perguntas e retirou um pouco de sangue garantindo que o resultado do exame sairia em menos de vinte e quatro horas.

No dia seguinte o médico apareceu no iate novamente, a jovem estava sentada no deck apreciando o mar azul turquesa e bebericando uma marguerita, a manhã estava quente e o sol brilhava com força, mas ela se sentia melhor, e ainda não sentira enjoo. Bert convidou o médico a se sentar com eles.

- Acho que você não deve mais beber - afirmou o médico com um sorriso enquanto se sentava.

- Por quê? - perguntou surpresa Sthefany.

- Em seu atual estado é melhor não beber mais e começar uma dieta específica - afirmou.

- O que ela tem herr arzt^[41]? - perguntou Bert ansioso.

- Vocês estão de parabéns, vão ter uma criança! - exclamou o médico com um sorriso amplo.

Sthefany deixou cair a taça de marguerita no chão de madeira do deck, que se espatifou espalhando o líquido, enquanto o médico a encarava surpreso.

Grávida! Como não pensara nisso antes? Nos últimos dias antes do casamento deixara de tomar as pílulas, pois desejava engravidar logo no início, sabia o quanto Marcos queria ser pai, e ela também desejava um filho, mas com o que descobrira sobre o pai dele, com o abandono dele no altar e sua viagem apressada para Florianópolis, e depois Nova York, se esquecera completamente, que não tomara mais as pílulas.

Ainda abalada ouviu a voz de Bert.

- Obrigado "herr arzt", cuidaremos de tudo.

O médico saiu do iate, enquanto Sthefany se levantava e se aproximava da balaústra do navio, segurando-a com força enquanto encarava o horizonte distante. Grávida! O que faria agora? Seria uma mãe solteira? Procuraria Marcos? Como seu pai reagiria? Ele odiava o jovem, odiaria também seu neto?

- Você está bem mein lieben? - perguntou Bert tocando seu ombro.

- Preciso voltar Bert!

- Sim, ordenarei ao capitão para voltar para Atenas, de lá iremos até Paris
- respondeu Bert com um sorriso sem graça.

- Você é um doce meu amigo, muito obrigada - murmurou beijando o rosto do jovem alemão.

Preciso encontrar Marcos, ele precisa saber que estou grávida, talvez consigamos nos acertar, pensou esperançosa.

EPÍLOGO

Sthefany mal reparara na viagem de volta, perdida em seus pensamentos, estava ansiosa para chegar ao Brasil e procurar Marcos, precisava conversar com ele, precisava decidir se continuaria com a gravidez ou a interromperia.

O jatinho particular de Bert desceu no aeroporto Charles De Gaulle em Paris e taxiou na pista, enquanto aguardava para desembarcar Sthefany tentara ligar pela centésima vez para Marcos, deixara várias mensagens no whatsapp, mas elas não foram recebidas, da mesma forma quando ligava era informada de que o celular estava desligado ou fora de área.

Finalmente embarcara em um voo de primeira classe com destino a São Paulo. Bert fizera questão de acompanhá-la. Durante a viagem ela se recordou das loucuras que fizera com Marcos em um voo para Dubai, meses antes. Aquela viagem fora especial, fora lá, em uma duna no deserto, apreciando o pôr do sol, que ele dissera pela primeira vez que a amava.

O que teria dado errado? Eram tão felizes, mas a intransigência de seu pai e de Marcos atrapalhara tudo. Reconhecia sua parcela de culpa, sua incapacidade de aceitar o estilo de vida que Marcos lhe oferecia e o pior de tudo, e sua incompreensão causada pela descoberta de que o pai dele fora o assassino de sua mãe.

Isso fora o pior de tudo, e agora estava gerando o neto de um assassino. Sentia-se confusa, deveria levar adiante a gravidez? Como seu pai reagiria?

Desembarcou no aeroporto Internacional de Guarulhos onde o helicóptero de seu pai a esperava.

- Bem vinda senhorita, seu pai a aguarda - cumprimentou o piloto, enquanto o co-piloto cuidava das malas do casal.

- Obrigada Sérgio - respondeu a jovem recordando o nome dele.

Logo estavam sobrevoando São Paulo, iluminada pelas luzes noturnas, não demorou para pousarem no heliporto do condomínio onde o motorista com a

limusine a esperava.

A chegar à mansão seu pai a aguardava.

- Papai! - exclamou abraçando-o e beijando seu rosto.

- Minha princesa!

- O que aconteceu com o senhor? - perguntou apontando para os hematomas.

- Conversamos no jantar, vocês devem estar com fome. Bem vindo Bert é um prazer tê-lo aqui - disse apertando a mão do alemão.

- O prazer é meu Herr Avelar.

Sthefany se acomodou em seu quarto e após um longo banho se trocou e tentou novamente ligar para Marcos, mas sem sucesso.

Ao descer, a grande mesa da sala de jantar já estava posta com três lugares. Avelar sentava na cabeceira, conversando animadamente com Bert, que estava ao seu lado esquerdo.

- Venha minha princesa, sente-se – convidou-a.

Sthefany sentou e observou seu pai, ainda intrigada com os hematomas.

- O que aconteceu pai? – perguntou, indicando com o olhar as marcas.

- Precisamos falar disso? Não podemos deixar para amanhã? Estou com saudades e quero ouvir sobre a viagem – desconversou Avelar – Josué, pode mandar servir – completou dirigindo-se ao mordomo que estava em pé ao lado da mesa impassível.

- Perfeitamente, milorde – respondeu dirigindo-se à cozinha.

- Não, pai, eu quero saber agora! – insistiu Sthefany com uma desconfiança brotando em seu peito.

- Está bem – suspirou Avelar, não havia mais por que esconder algo que ela logo descobriria por conta própria - Seu ex-namorado invadiu nossa casa e

tentou me matar – afirmou secamente.

- O que?! – exclamou surpresa.

- Isso mesmo que você ouviu, acho que ele me culpou por você o ter deixado na igreja e ido viajar. Você viu como ele estava transtornado no hotel Plaza.

- Não, não, não é possível! – exclamou colocando as mãos na cabeça – Quando foi isso?

- Alguns dias atrás. Sinto muito meu amor, é a pura verdade, posso até chamar o delegado para conversar com você – disse solícito.

- O que aconteceu com ele? – perguntou sentindo seus olhos marejarem de lágrimas.

- Não se preocupe, apesar de tudo, eu conversei com o delegado e não fiz queixa, consegui contornar a situação – afirmou com ar magnânimo.

Sthefany encarou o pai, sabia que ele tinha poder e conhecidos na cúpula da Polícia Civil, ele seria bem capaz de interferir e ajudar Marcos, mas acreditar que seu ex-namorado o tentara matar? Isso era loucura, ele nunca fora violento, quer dizer, não a ponto de matar alguém, agredira Jonatas no vestiário meses antes, mas fizera aquilo por que fora provocado. No hotel ele estava transtornado, mas poderia ser por ter sido abandonado no altar. O que acontecera nesse tempo que estivera fora? Precisava saber, e sentia que seu pai não estava lhe contando toda a verdade.

De repente sentiu o estômago embrulhar.

- Com licença – disse e levantou-se com a mão na boca correndo para o lavabo do andar térreo, localizado perto da sala, onde se curvou no vaso sanitário e vomitou a água que ingerira, pois seu estômago estava vazio.

Ficou alguns minutos sentada no chão, suando frio, até que ouviu uma batida discreta na porta.

- Mein lieben? – perguntou gentilmente Bert.

- Estou bem - respondeu se levantando e após lavar o rosto e a boca saiu do lavabo.

- Você precisa contar para seu pai – sussurrou Bert.

- Como posso dizer para ele que estou esperando o neto do assassino da esposa dele? O mesmo homem que o tentou matar? Deus, o que aconteceu com Marcos? Preciso descobrir – sussurrou de volta.

- Eu te ajudo.

- Jura? – perguntou surpresa.

- Sim, você sabe que eu a amo, e o que mais quero é fazê-la feliz, e se descobrir o que aconteceu te ajudar, conte comigo – respondeu o alemão.

- Obrigada – respondeu aceitando o antebraço que Bert lhe oferecia, caminhando ao seu lado de volta para a sala de jantar.

Dois dias depois Bert cumpria o prometido.

Sthefany estava deitada na cama observando o sol da manhã pela janela aberta, estava sem vontade de levantar, seus enjoos estavam cada vez mais fortes e seu pai já parecia desconfiado.

Pensava no que poderia ter acontecido para que Marcos tentasse matar seu pai, mas não encontrava uma resposta. Ligara para Paulo e Letícia, mas o casal não sabia o que acontecera, tentara ligar na clínica comunitária, mas ninguém atendia. Até mesmo ligou para o Doutor Junqueira, mas ele foi evasivo e não deu nenhuma resposta satisfatória.

De repente ouviu uma batida suave na porta.

- Mein lieben?

- Entre Bert – disse sentando-se na cama.

- Como você está?

- Bem... – respondeu com um sorriso triste.

- Consegui o que você queria, contratei um detetive particular – explicou animado sentando-se ao seu lado na cama e entregando uma pasta preta.

Ansiosa Sthefany abriu e olhou, havia duas páginas impressas no interior da pasta.

O que leu a deixou ainda mais estarecida e confusa, segundo o relatório Marcos teria atacado um gerente de hotel, dois guardas municipais e duas pessoas no bairro da Luz, o que ele fazia naquele local, que era conhecido de toda população como “cracolândia”, em razão do grande número de viciados e traficantes de drogas, era um mistério.

O relatório afirmava que Marcos teria invadido a mansão e agredido seu pai, só não o matando em razão da intervenção dos seguranças. As investigações da polícia sugeriam que ele teria agido em razão do uso descontrolado de drogas.

Havia também uma nota de rodapé que afirmava que havia sido instaurada uma sindicância junto ao CREMESP por assédio sexual, mas que fora retirada.

- Não, isso está errado, ele nunca usou drogas! – exclamou irritada jogando as folhas de lado.

- Sinto muito “mein lieben” – respondeu Bert – Mas tem mais, parece que ele conseguiu uma passagem para fora do país.

- Como?

- Sim, ele embarca daqui a pouco rumo à Paris.

- Para fazer o que?

- Não faço a mínima ideia – respondeu Bert com olhar triste.

- Que horas é o voo? – perguntou se levantando e pegando a bolsa.

- As onze, em Guarulhos, por quê?

Sthefany olhou o relógio, ainda eram oito e trinta, se corresse poderia chegar à tempo.

- Obrigada Bert – disse e beijou o rosto do alemão, correndo então em direção à garagem.

- Espere! Aonde você vai? – perguntou espantado.

Ao sair do quarto, Bert parou na balaústra observando-a descer as escadas correndo, um leve sorriso assomou em seus lábios.



Marcos entregou o passaporte e a passagem, após serem conferidas pela gentil atendente ele entrou na área de embarque, sentando-se perto da grande janela panorâmica de onde podia observar a pista e o movimento das aeronaves.

Dentro de meia hora estaria saindo do país, partia sem levar nada, apenas algumas mudas de roupa, um celular e uma maleta preta de couro um pouco queimada, tendo em seu interior um estetoscópio, medidor de pressão arterial, termômetro digital e uma potente lanterna tática.

Os instrumentos médicos e a maleta foram presente de formatura do Doutor Junqueira, os encontrara no que restara de seu apartamento e o carregara por toda parte. Quando fora solto procurara o gerente do hotel, o qual quase teve um infarto ao vê-lo, e após uma breve ameaça o homem devolvera a maleta.

Deixava sua terra natal quase como um foragido, pensava com amargura, enquanto observava os aviões decolando e pousando, a grande aeronave da "Air France" estava posicionada e em minutos começaria o embarque.

Sua vida, antes tão planejada, de repente, em pouco tempo começara a dar errado, de um médico promissor passara à um marginal, tentara contra a vida de um ser humano, quebrara seu juramento como médico:

"Guardarei respeito absoluto pela Vida Humana desde o seu início...".

As palavras do juramento de Hipócrates martelavam em seu cérebro insistentemente, tentara assassinar um ser humano, se transformara em algo que ele sempre repudiara: um criminoso.

Como chegara àquela situação era um mistério que ele ainda não

desvendara, e por isso se penitenciaria saindo de sua terra natal, abandonando todos àqueles que conhecia.

Não existia muitas pessoas de que sentiria falta, sua mãe é claro, mas nada podia fazer por ela, a doença era irreversível e ela vivia em um mundo à parte dentro de sua mente.

Doutor Junqueira era mais um mentor do que um amigo, sentiria falta dele, das conversas que tinham sobre medicina e de seus conselhos.

Seu irmão estava morto e, apesar da vida que levava, sentia falta dele, era seu único amigo e o amava apesar das escolhas erradas que fizera.

Seu pai, que descobrira recentemente, era um presidiário, por uma coincidência terrível assassinara a mãe da mulher que amava, e agora pagava por seu crime. Para Marcos ele era um desconhecido, diferente dos sonhos infantis que tivera, quando ansiara em conhecê-lo.

Abriu a carteira e retirou a fotografia, Sthefany lhe sorria na imagem congelada, Deus! somente pensar nela já fazia seu coração doer, rapidamente guardou-a.

Não a culparia se ela o odiasse, tentara assassinar o pai dela, escondera a verdade sobre o dele, a humilhara em público, não procurara saber os motivos que a fizeram abandoná-lo no altar.

Provavelmente ela teria se arrependido, a vida que ele oferecera, uma vida de trabalho árduo e dinheiro contado, uma vida longe dos luxos à que ela estava acostumada.

Como gostaria de tê-la ao seu lado novamente, mas isso era impossível, e por amá-la tanto resolvera deixá-la em paz, partiria para fora do país, talvez para nunca mais retornar, pensou amargurado, enquanto se levantava.

Um comissário de bordo e uma aeromoça abriram a porta de acesso e os passageiros começaram a embarcar.



Dirigindo perigosamente a Ferrari, Sthefany chegou ao aeroporto, seria mais rápido de helicóptero, mas seu pai jamais permitiria que ela o usasse para procurar Marcos, além disse demandaria tempo em fazer o plano de voo, a aeronave pousar na mansão e depois pousar no aeroporto, e tempo era algo que ela não tinha, pensou enquanto cortava dois veículos na Rodovia Dutra.

Levou um pouco mais de duas horas para chegar ao aeroporto, onde abandonou a Ferrari na rua que dava acesso ao saguão principal, reservada para taxistas e ônibus de passageiros. Sem se importar com os gritos dos funcionários e taxistas entrou no local.

Enquanto corria em direção ao saguão sentia seu coração bater descompassado no peito, nos alto-falantes uma voz feminina, quase mecânica, era ouvida:

- Chamada para o voo São Paulo-Paris, portões fechados.

Finalmente alcançou o portão de embarque, o mesmo que utilizara para embarcar com Marcos para Dubai, meses antes. Sthefany empurrou algumas pessoas que se aglomeram em volta dele, os portões estavam fechados e a aeronave já taxiava na pista.

Com uma lágrima solitária escorrendo pela face ela observou o avião decolando, chegara tarde demais.

AMOR SEM FRONTEIRAS

VOLUME II

CAPÍTULO I

Durante duas semanas, Marcos permaneceu em Paris aguardando a liberação do visto para poder entrar na Síria.

A burocracia era grande, necessitava da autorização do governo Sírio para poder entrar na capital, Damasco, de lá ele acompanharia um comboio de ajuda humanitária até Aleppo, onde voluntários da ONU e dos MSF mantinham um hospital.

Marcos aproveitou o tempo de sobra para conhecer a "cidade Luz", como Paris era conhecida. Desejava que Sthefany estivesse ao seu lado, a cidade era realmente propícia para amantes. Triste ele caminhou pelas ruas e cafés, visitou a Torre Eiffel e o Museo do Louvre, observava os casais felizes e sentia o coração partido.

No segundo dia desistiu de caminhar pela cidade, permaneceu a maior parte do tempo no pequeno apartamento mantido pelo MSF que dividia com dois outros voluntários que aguardavam a liberação do visto. Um alemão de Berlim, com um senso de humor ácido e um Norueguês calado, conversavam entre si em inglês.

Passavam suas horas conversando e estudando árabe com um sírio que seria o guia deles na viagem.

Finalmente no décimo quinto dia o visto foi liberado e puderam embarcar no dia seguinte, em um cargueiro que voaria até Damasco.

A viagem foi em meio a cargas de remédios e mantimentos, o avião chacoalhada como um cavalo indócil. Marcos e outros cinco voluntários, incluindo seus colegas de apartamento seguravam-se nas amarras das caixas e sorriam sem graça à cada nova sacudida.

O voo durou algumas horas, mas finalmente pousaram no aeroporto de Aleppo. A porta do cargueiro abriu e a luminosidade da manhã síria invadiu a

aeronava juntamente com um bafo quente de ar.

Os passageiros desceram esticando os músculos doloridos. Marcos desceu para a pista e colocou um óculos escuro, sentiu uma pontada no coração, ele fora presente de Sthefany quando da viagem à Dubai, e um dos poucos objetos que conseguira recuperar do incêndio em sua casa.

Soldados armados de fuzis os encaravam friamente, enquanto alguns caminhões com o símbolo da Cruz Vermelha e do MSF se dirigiam lentamente até o avião.

Um homem com cabelos loiros cortado curto e pele queimada de sol, desceu de um jeep de capota aberta e se aproximou, trajava calça jeans e camiseta branca com um enorme símbolo do MSF na frente e verso.

- Bon jour, mes amis, estou feliz que estejam aqui, meu nome é Pierre e sou o responsável pelo hospital "Al Quds" e pela ajuda humanitária. Vamos aguardar os caminhões serem carregados na área de desembarque - disse apontando para um grande prédio cinza à centenas de metros de distância.

Caminharam debaixo do sol inclemente até o prédio, onde foram barrados por soldados que os revistaram, enquanto um funcionário civil, com ar de tédio, examinava seus passaportes. Depois de longos minutos foram admitidos em uma sala, separada do restante do complexo.

- Sinto muito pelo tratamento, mas eles não querem que tenhamos contato com os civis de Damasco, já é um milagre permitirem que passemos pelo território controlado pelo governo - desculpou-se Pierre.

Enquanto aguardavam o descarregamento dos caminhões Pierre se apresentou. Ele era um clínico geral de cinquenta anos, voluntário no MSF há seis anos e nos últimos dois era diretor do hospital em Aleppo, agora sob supervisão do MSF e da Cruz Vermelha.

Era simpático e possuía bom humor, quando Marcos disse que era brasileiro ele ficou encantado.

- Estive no Brasil duas vezes, país maravilhoso! Assisti a final da copa do mundo de 98, e apesar de ser francês torci para vocês chegarem na final -

afirmou sorrindo.

Nesse momento um homem entrou de forma intempestiva na sala, era alto e forte, tinha os cabelos cortados rentes, ao estilo militar e usava um conjunto de calça e gandola tática cinza, complementada por um cinto largo e um par de botas também cinza. Uma pequena bandeira da França estava costurada em seu ombro direito e um símbolo do MSF no ombro esquerdo.

- Tas de bâtards! Eles ficaram com quase metade da carga! - resmungou encarando Pierre.

- Paciência mon ami, ao menos temos autorização para voltar à Aleppo? - perguntou Pierre.

- Temos, vamos partir agora, esses são os novos voluntários? - perguntou com um olhar de desprezo.

- Sim, senhores este é Le Clerk, nosso encarregado da segurança - apresentou Pierre.

- Vamos deixar isso pra depois - cortou Le Clerk.

Após quase uma hora esperando dentro dos caminhões finalmente receberam permissão de sair do aeroporto. O comboio de cinco caminhões e dois jeeps, percorreram as ruas de Damasco escoltados por jeeps do exército Sírio, com soldados fortemente armados.

O comboio ganhou a estrada em direção à Aleppo, já passara do meio dia, ainda não haviam comido nada e o estômago de Marcos roncou forte reclamando de fome. Ele tomou um grande gole de água de um cantil do exército que recebera de Le Clerk.

O francês havia orientado à todos para que não conversassem com ninguém e se mantivessem dentro dos veículos.

Agora percorriam a estrada em alta velocidade, o ar quente do deserto invadia a cabine sem ar condicionado, que mantinha as janelas abertas.

Após horas, quando a noite já avançava os jeeps da escolta deram meia

volta deixando-os. Percorreram a vários quilômetros sozinhos, agora, era visível, à beira da estrada, veículos destruídos e incendiados, até mesmo um tanque Marcos avistara.

Quando o alvorecer dava os primeiros sinais no horizonte, o comboio parou. Do caminhão em que estava, no meio da coluna, Marcos tentou ver o que acontecia, mas sem sucesso.

Após alguns minutos o comboio voltou a se movimentar, Marcos olhou pela janela, alguns jovens portando fuzis e lança mísseis acenaram para ele sorridentes, estavam sujos e barbados, alguns poucos usavam uniformes.

Estavam no território dos insurgentes.

CAPÍTULO II

Sthefany ficou observando a aeronave partir, com ela ia um pedaço de seu coração. Sentiu-se vazia por dentro e lágrimas ameaçaram banhar seu rosto.

Como tudo pudera terminar daquela forma? Amava Marcos, não restava dúvidas em sua mente e coração, se perguntava como pudera abandoná-lo no altar? Do que tivera medo? Utilizara a desculpa do fato dele ser filho do assassino de sua mãe, mas na realidade temera o amor que sentia por ele.

Imaginava se sua atitude não fora a causa da queda dele. O olhar que ele lhe lançara no hotel a perseguia noite e dia, até mesmo em seus sonhos; vira dor, desespero e loucura, não era o olhar que se acostumara, cheio de amor e admiração, era algo selvagem e insano.

- O que foi que eu fiz? - murmurou para si mesma, acariciando inconscientemente o ventre, se culpando pelo que ele se transformara.

Desconsolada saiu do aeroporto, sua Ferrari havia sido guinchada, ela ligou para seu pai e aguardou na sala VIP, no interior do aeroporto. Em quarenta minutos o helicóptero da empresa pousou e logo ela sobrevoava São Paulo.

O que diria para seu pai? Pensou consigo mesma. Ele aceitaria o neto? Ela percebera o ódio que ele devotava à Marcos, que se tornara ainda mais feroz e rancoroso desde que descobrira que ele era filho do assassino de sua adorada esposa.

Meu filho, pensou acariciando novamente o ventre. Levava um choque quando descobrira, pensara em retirá-lo, mas agora sentia um amor incomensurável pela pequena vida que se formava em seu interior. Faria de tudo para protegê-lo, mesmo que tivesse que mentir.

Ao descer no heliporto do condomínio Bert a esperava com um veículo.

- Seu pai pediu para buscá-la, ele não conseguiu sair de uma reunião na

sede da empresa - explicou Bert - Você está bem?

- Bert... - começou Sthefany, mas não conseguiu completar e começou a chorar copiosamente, colocando ambas as mãos no rosto.

- Mein lieben, o que aconteceu? - perguntou solícito abraçando-a.

- Ele partiu Bert! Não cheguei à tempo - explicou entre um soluço e outro, enquanto tentava se acalmar.

- Estou aqui liebes - murmurou acariciando lhe os cabelos.

- O que vou fazer? Como posso contar pro meu pai que o neto dele tem o sangue do assassino de minha mãe? Ele vai odiá-lo! Conheço meu pai, ele culpou o filho pelo pecado do pai, com certeza culpará o neto! - exclamou sentindo o coração apertado.

- Case-se comigo mein lieben! Eu a amo desde o internato! - afirmou erguendo o queixo dela delicadamente, fazendo com que o encarasse.

- Oh, Bert... - murmurou - Eu não te amo, não posso pedir isso pra você...

- Eu tenho amor suficiente para nós dois! Criarei seu filho como se fosse meu, farei de tudo para deixá-la feliz! Seu pai não precisa saber! - exclamou com um sorriso franco no rosto.

- Eu preciso pensar - sussurrou.

- Faça isso, mas não demore - disse beijando-a gentilmente na testa.

Seria essa a solução? Não fazia ideia para onde Marcos viajara, aparentemente ninguém tinha o número do celular dele. Como poderia enfrentar uma gravidez com seu pai odiando o próprio neto?

Marcos, o que foi que eu fiz? Pensou pela centésima vez.

(continua)

AMOR SEM FRONTEIRAS, Volume II, está em pré-venda e seu lançamento ocorrerá no dia 19/05/2019.]

<https://www.amazon.com.br/dp/B07RHVRJH8>

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente a autora GIZA R. COSTA pelas dicas e "betagem" do rascunho original.

Agradeço pela paciência das leitoras e leitores desta obra, espero que tenham gostado do primeiro volume, a avaliação de vocês é muito importante.

O volume II está em fase de produção, por isso, para àqueles que quiserem

opinar sobre o desfecho da estória, podem enviar suas sugestões e críticas para o email: "a.g.clark1@hotmail.com". Garanto que as opiniões serão levadas em conta.

Conheça a instituição MÉDICOS SEM FRONTEIRAS acessando o link abaixo:

<https://www.msf.org.br>

[1] "Mas" - Sucção – em árabe

[2] "Musafaha" - Aperte a mão – em árabe

[3] "Misbah ydwy"- Lanterna – em árabe

[4] Médicos sem Fronteiras (MSF, em francês: Médecins sans Frontières) é uma organização internacional, não governamental e sem fins lucrativos que oferece ajuda médica e humanitária a populações em situações de emergência, em casos como conflitos armados, catástrofes, epidemias, fome e exclusão social. É a maior organização não governamental de ajuda humanitária do mundo, na área da saúde. MSF proporciona também ações de longo prazo, na ajuda a refugiados, em casos de conflitos prolongados, instabilidade crônica ou após a ocorrência de catástrofes naturais ou provocadas pela ação humana. A organização foi criada com a ideia de que todas as pessoas têm direito a tratamento médico, e que essa necessidade é mais importante do que as fronteiras nacionais (com base na tese do direito de ingerência humanitária). MSF recebeu o Nobel da Paz de 1999, como reconhecimento do seu combate em favor da ingerência humanitária. Atualmente, a organização atua em mais de 70 países e tem como presidente Joanne Liu. A Carta de MSF indica que as intervenções são realizadas em nome da ética médica universal, e não permite nenhuma discriminação de raça, religião, filosofia ou política.

[5] Apocalypse Now é um de norte-americano de 1979 dirigido por e escrito por . Estrelado por, e, o enredo sobre a segue a história de seu personagem central, o oficial das Operações Especiais do Capitão Benjamin Willard, do, em uma missão para matar o renegado e presumido insano Coronel Walter E. Kurtz, das. Kurtz, no passado um soldado brilhante, aparentemente enlouqueceu e comanda seu próprio exercito como um semideus.

[6] “Cu de Ferro” – termo pejorativo para estudantes dedicados, atualmente mais conhecidos como “nerds”.

[7] Oh meu Deus...delícia...você é uma cadela...coma minha buceta (em inglês)

[8] Ahh meu Deus...estou indo (gozando em inglês)

[9] Jet set (em inglês, literalmente, "conjunto de pessoas que se deslocam de avião a jato") é uma expressão cunhada nos anos 1950, atribuída ao colunista de fofocas do New York Journal American, Igor Cassini, para designar um grupo social com poder aquisitivo suficiente para viajar frequentemente de avião a jato. O termo foi introduzido a década de 1950, quando a companhia aérea britânica BOAC, em 2 de maio de 1952, começou a operar voos comerciais utilizando o avião de Havilland Comet. A primeira rota típica do jet set foi Londres–Nova Iorque, inaugurada em outubro de 1958. Em razão do alto preço dos bilhetes, jet set identificava a elite financeira da sociedade.

[10] O Dubai Mall é o maior centro comercial do mundo. Está localizado no complexo Burj Khalifa, em Dubai nos Emirados Árabes Unidos. Foi inaugurado em 4 de novembro de 2008. O shopping custou 20 bilhões de dólares e possui 1.200 lojas, hotel, 22 salas de cinemas multiplex stadium, uma praça de alimentação com 160 operações fast-food e 120 restaurantes, uma pista de patinação (Dubai Ice Rink) e um dos maiores aquários do mundo com mais de 33.000 animais marinhos em exposição (Dubai Aquarium and Discovery Centre).

[11] Sheik (Xeque ou Xeiue, em português) é uma palavra de origem árabe (xāyḥ) que quer dizer "chefe", "soberano", "ancião", "líder" ou "governador". Na cultura árabe, o título de sheik é considerado uma honra de algo prestígio. Na cultura ocidental contemporânea, a palavra sheik é associada ao indivíduo com grande status social, com bastante dinheiro, famoso e popular no grupo em que

está inserido.

[12] Baba ghanoush (em árabe: بابا غنوج; transl.: bābā ghanūj, baba ganush, baba ghannouj, baba ghannoug), ou babaganuche, é uma salada feita de purê de berinjela assada ou grelhada, tahine (pasta de gergelim) e suco de limão.

[13] Minha querida, em francês.

[14] Alta sociedade, em inglês.

[15] Cadela, em inglês.

[16] O caviar é um alimento, considerado uma iguaria de luxo, consistindo em ovas de esturção não-fertilizadas, sem qualquer tipo de aditivo, corante ou preservante. São extremamente caras.

[17] Querida, em inglês.

[18] Alá ou Alláh (em árabe: Loudspeaker.svg? الله, transl. Allāh, AFI: [ʔalˤːɑːh]) é a palavra utilizada no árabe para designar Deus (al ilāh, literalmente "O Deus").

[19] Meu Deus, em inglês

[20] Anne Cross é uma autora nacional que escreveu a coleção de livros “Sobre Amor e Lobos”, que revisita o mito de Robin Hood, e pode ser encontrado na amazona: https://www.amazon.com.br/Sobre-Amor-Lobos-Vol-1-Locksley-ebook/dp/B01BW29GJA/ref=sr_1_1?ie=UTF8&qid=1547815403&sr=8-1&keywords=sobre+amor+e+lobos

[21] Zéfira Maia, é uma autora nacional e seu livro de contos pode ser encontrado no kindle: https://www.amazon.com.br/Contando-Contos-Z%C3%A9fira-Maia-ebook/dp/B07FQRRM12/ref=sr_1_1?s=digital-text&ie=UTF8&qid=1547816002&sr=1-1&keywords=contando+contos

[22] Irmão, em inglês.

[23] Vermont é um dos 50 estados dos Estados Unidos, localizado na região da Nova Inglaterra. Vermont é o segundo estado menos populoso dos Estados

Unidos. Vermont é também o estado mais rural do país. A capital é Montpelier e a maior cidade é Burlington. É famoso por suas estações de esqui.

[24] O Terraço Itália é um restaurante especializado na culinária italiana que funciona no 41º andar e cobertura do edifício Itália, o segundo maior edifício da cidade de São Paulo e terceiro maior do Brasil. A sua fama está no amplo panorama da capital paulista em todas as direções que a sua posição elevada proporciona, tornando-o um dos maiores pontos turísticos paulistanos.

[25] Senhor, em alemão.

[26] Boa noite, em alemão.

[27] Maravilhosa minha querida, em alemão.

[28] Sim, em inglês.

[29] Caso amoroso, em francês.

[30] Mestre, em japonês.

[31] Os personagens Augusto e Bruno (que aparecerá no próximo capítulo) são personagens do romance ESCOLHA PERFEITA, da autora GISA R. COSTA e pode ser encontrado no aplicativo wattpad: <https://www.wattpad.com/story/150368570-escolha-perfeita-completo>

[32] Foi o primeiro perfume da Maison Chanel, tendo sido lançado em 1921. Coco Chanel pretendia criar um perfume de aroma inimitável, em suas palavras "um perfume com cheiro de mulher" (de matéria prima, baunilha). Seu nome se deu por ser o quinto aroma a ser produzido e por ser o número da sorte da estilista que o apresentou aos seus amigos no dia 5 de maio. O sucesso do perfume deve-se a atriz estadunidense Marilyn Monroe, que eternizou o seu uso ao declarar que dormia despida com apenas com duas gotas do perfume, contribuindo para torná-la o perfume líder de vendas no mundo.

[33] O Johns Hopkins Hospital é um hospital universitário em Baltimore, Maryland (Estados Unidos). Foi fundado com o dinheiro de uma doação

efetuada pelo filantropo Johns Hopkins. É reputado como um dos maiores hospitais do mundo, e tem liderado o ranking de Hospitais Americanos do U.S. News & World Report por 19 anos consecutivos, figurando como o número um da lista desde o início da década passada.

[34] Passeio, em inglês.

[35] Noite, em inglês.

[36] Gíria para Polícia Militar

[37] Na gíria do mundo do crime seria um criminoso da cúpula do PCC encarregado de dar ordens dentro de um Estado da federação.

[38] Organização não governamental

[39] Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

[40] Santorini (Σαντορίνη), chamada oficialmente Tira (em grego: Θήρα) e Tera na Antiguidade, é uma ilha no sul do mar Egeu, a cerca de 200 quilômetros a sudeste da Grécia continental. É a maior ilha de um pequeno arquipélago circular que leva o mesmo nome e é o resto de uma caldeira vulcânica.

[41] Senhor doutor, em alemão.